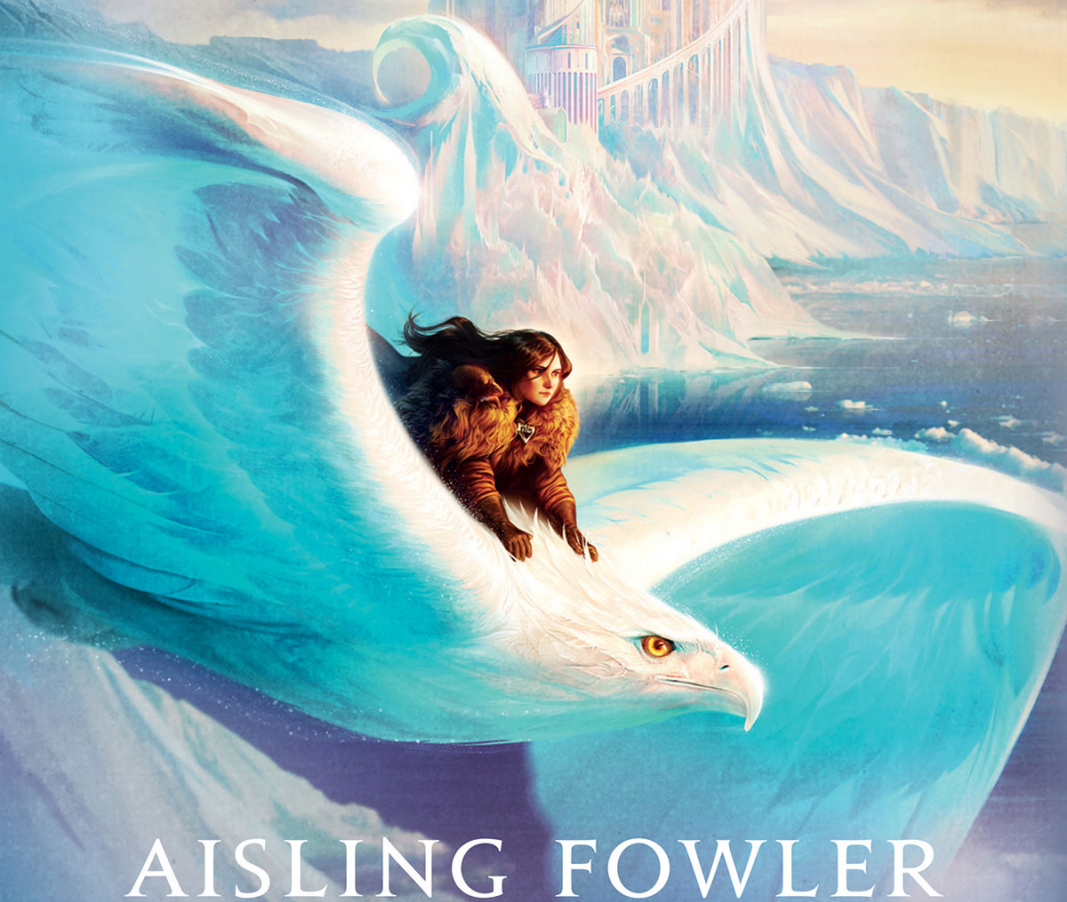


NASCIDA DO FOGO

A FÊNIX E O PALÁCIO DE GELO



AISLING FOWLER

harperkids

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

NASCIDA DO FOGO

A FÊNIX E O PALÁCIO DE GELO



AISLING FOWLER

harperkids

AI SLING FOWLER

NASCIDA DO FOGO

A FÊNIX E O PALÁCIO DE GELO

Ilustrado por Sophie Medvedeva

Tradução
Laura Folgueira



RIO DE JANEIRO, 2024

Copyright © 2023 por Aisling Fowler. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © 2024 por Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados.

Título original: *Fireborn: Phoenix and the Frost Palace: 2*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Publisher: *Samuel Coto*

Editora executiva: *Alice Mello*

Editora: *Lara Berrueto*

Editoras assistentes: *Anna Clara Gonçalves e Camila Carneiro*

Assistência editorial: *Yasmin Montebello*

Copidesque: *Rayssa Galvão*

Preparação de original: *Júlia Vianna*

Revisão: *Alice Cardoso*

Capa e ilustrações: © *Sophia Medvedeva*

Mapa: © *Virginia Allen 2023*

Adaptação de capa: *Guilherme Peres*

Diagramação: *Abreu's System*

Conversão para eBook: *SCALT Soluções Editoriais*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fowler, Aisling

Nascida do fogo : a Fênix e o Palácio de Gelo / Aisling Fowler ; tradução Laura Folgueira. — Rio de Janeiro : HarperKids, 2024.

Título original: *Fireborn*

ISBN 978659801169

1. Ficção de fantasia 2. Ficção juvenil I. Título.

24-199022

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperKids, da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperKids Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

*Para Claire, minha agente brilhante,
sua fé e apoio tornaram esta série possível.*

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Agradecimientos

ENIBER

DESERTOS CONGELADOS



Capítulo 1

As pernas doíam CONFORME Fênix subia mais e mais os degraus íngremes talhados grosseiramente no rochedo. Apesar do esforço físico, seu coração estava leve. Pela primeira vez em dias, as nuvens tinham descido abaixo do Beiral, revelando um céu azul exuberante acima do vilarejo do clã das montanhas, onde os Caçadores estavam hospedados. A chuva finalmente tinha parado, e o clima estava perfeito para uma caçada.

— A gente nunca vai chegar lá em cima! — resmungou Cinco, que seguia atrás dela junto de Sete e Seis.

— V-vamos fazer mais uma pausa — pediu Sete, ofegante.

— Isso — concordou Seis, tão sem fôlego quanto a irmã.

Cinco suspirou de alívio.

— Que ideia genial, Sete.

Com uma rápida olhada para trás, Fênix viu que os três já estavam parando. Eles se apoiavam um no outro, todos com o cabelo molhado de suor, apesar do ar frio mordaz. Fênix engoliu a reclamação (tinham acabado de fazer uma pausa; nesse ritmo, não chegariam ao topo nem tão cedo; em vez disso, apenas assentiu).

— Pode ser uma parada rápida, então.

A verdade é que era mesmo bom recuperar o fôlego.

Em seu ombro, Widge, o esquilo, balançou a cauda, animado, o pelo castanho brilhando ao sol. Estava com os olhos fixos em algo bem acima

da cabeça deles, e Fênix soltou o ar, esticando o pescoço para olhar também. O penhasco se estendia para bem longe, os degraus serpenteando de um lado a outro. O destino do grupo ficava bem no topo, onde uma plataforma vermelha despontava por cima do precipício. Era o ponto de pouso e decolagem dos planadores do clã das montanhas, e parecia que um extremiverme fizera residência ali.

Fênix grunhiu baixinho; o lugar ainda parecia estar a quilômetros de distância.

— Você se deu bem — murmurou para Widge. — Bem que eu queria que alguém me carregasse!

O esquilo guinchou, alegre, satisfeito consigo mesmo.

Ela olhou de relance para baixo, mas logo se arrependeu. Nuvens se moviam lá embaixo, bloqueando a paisagem. Ocultavam até a vista do Beiral, o assentamento colorido do clã das montanhas. A garota sentiu um frio na barriga e desviou os olhos rápido, se concentrando de novo no pontinho vermelho.

— Parece que estamos mais perto — declarou para os outros.

Cinco bufou com desdém.

— Você mente *demais*, Doze!

O cabelo escuro escondia seu rosto corado.

— Agora me chamo Fênix — lembrou a garota, sorrindo. — E a gente só pode estar mais perto! Vamos!

Com um suspiro, seus três amigos a seguiram na escalada, apertando o corpo junto à parede do penhasco. O clã das montanhas não acreditava em cordas de segurança, e aquela queda imensa os assombrava, deixando todos nervosos.

— Vocês dois tiveram mais alguma ideia para o nome de Caçador? — questionou Sete, olhando para Cinco e Seis atrás dela.

Cinco se iluminou na mesma hora.

— Que bom que você perguntou. Eu fiz uma lista das principais opções. — Ele pausou, então lançou um olhar significativo para Seis. — Sim, *mais uma* lista.

— Eu também. — Seis sorriu. — Acho que “Papagaio” seria perfeito para você.

Fênix deu risada.

— Quê? Aqueles pássaros coloridos e arruaceiros?

Seis fez que sim, sem conseguir esconder o quanto estava se divertindo com a revolta de Cinco.

— Q-quem sabe “Pavão”? — sugeriu Sete, com ar de inocência.

— Vocês são péssimos — desdenhou Cinco. — Não, estava pensando em algo tipo... — Ele pausou para dar um efeito dramático. — Falcão Noturno.

Sete encontrou o olhar de Fênix, e as duas desviaram rápido, tentando não cair no riso.

Seis balançou a cabeça, tentando conter a contração reveladora no canto dos lábios.

— Péssimo.

— Sério? — Cinco deu de ombros enquanto todos assentiam vigorosamente. — Tá bom, que tal Empunhador de Espada?

— Não!

— Perseguidor de Grims?

— Com certeza não! — exclamou Seis, revirando os olhos. — E quando foi que você perseguiu um grim, hein?

Fênix não pôde evitar o tremor devido à menção daquela criatura das sombras em particular. Fazia só três meses desde que um grim tirara a vida de Prata, sua mentora, no Pavilhão de Caça.

A expressão de Sete também murchou, e Fênix se perguntou se a garota estava pensando no próprio sequestro, que aconteceu no mesmo dia. Ou na batalha que veio depois, quando Fênix sem querer destruiu o pavilhão com seu poder elementar recém-descoberto...

Ela sacudiu a cabeça para afastar o pensamento e forçou a concentração de volta à conversa.

— Acho que é sua vez, Seis — falou, forçando um sorriso. — Só consigo pensar em “Bode” para você.

— Quê?

O horror de Seis foi cômico.

— Você anda sempre com muita firmeza — explicou Fênix, fazendo esforço para manter a cara séria.

— Verdade! — Sete sorriu. — Ele sempre foi assim!

Cinco assentiu furiosamente.

— Boa, Fênix. “Bode” *com certeza* está no páreo.

— Se gostou tanto, pode ficar — desdenhou Seis.

Juntos, os amigos foram implicando uns com os outros morro acima até, uma hora depois, muito inesperadamente, os degraus ficarem planos, e de repente estarem no topo. O ar era rarefeito, e a vista era tão linda que os silenciou. Bem lá embaixo, um oceano de nuvens se estendia até o

horizonte, e montanhas e mais montanhas despontavam daquelas profundezas ondulantes, os picos cobertos de neve brilhante.

— Graças à geada — resmungou Cinco, se apoiando nas coxas.

— Certo — disse Seis, parecendo decidido. — Vamos repassar o que sabemos do extremiverme?

Ele ofereceu a mão para Cinco e o puxou, ajudando-o a ficar de pé.

— O Ancião Gear disse que, uns três dias atrás, o bicho quase pegou um dos planadores — contou Fênix.

Os planadores eram as pessoas mais respeitadas do clã das montanhas, depois do próprio chefe. Usavam asas artesanais para navegar as correntes térmicas, muitas vezes alertando sobre perigos bem antes de chegarem.

— Ele acha que a coisa ainda deve estar esperando lá no fim da plataforma — comentou Cinco, fazendo careta. — Mas estou torcendo para o bicho talvez ter se cansado dessa chuva toda e ido embora.

— Cinco! — exclamou Seis. — Isso não é atitude de Caçador, ainda mais na nossa primeira caçada de verdade.

— Até eu estou t-torcendo para o bicho ainda estar lá — falou Sete, animada.

— Você não precisa lutar — murmurou Cinco.

— Mas vou aprender t-tanto. — Ela abriu um sorriso doce. — Com seus erros.

— Ei!

— Não vai ter erro nenhum — rebateu Fênix, firme, liderando o grupo na direção do tablado vermelho que se estendia por sobre a queda arrepiante.

Um pouco atrás ficava um prédio em forma de A: o galpão das asas. O telhado era esculpido no formato de um par de asas flexionadas, em pleno voo, o branco brilhante ofuscante contra o céu azul. Degraus levavam da entrada direto à plataforma de planagem. Fênix ficou arrepiada só de olhar as tábuas vermelhas. Pensar em pisar ali, caminhar até a beira, botar uns pedaços de madeira cobertos de pena nas costas e pular, torcendo pelo melhor... Ela se sacudiu e afastou o tremor do medo.

— Sem erros — sussurrou, tentando se acalmar.

Widge guinchou concordando, balançando a cauda animado.

— Segundo *Um bestiário mágico*, extremivermes só são problema para o clã das montanhas, não é? — perguntou Seis.

Fênix fez que sim.

Cinco suspirou.

— Vai, fala. A gente sabe que você decorou.

Fênix sorriu, abrindo mentalmente a página de *Um bestiário mágico* sobre extremivermes. Em seguida, recitou:

— *Extremivermes são pestes desagradáveis das montanhas, que espreitam o topo de quedas íngremes, assumindo a aparência dos arredores. Achatando o corpanzil no chão e se esticando para além da borda verdadeira de um penhasco, essas criaturas podem fazer o caminho até o precipício parecer se alongar por até dois metros. Quem tiver o azar de pisar em um, mergulha direto para a morte, momento em que o extremiverme desce para devorar os restos mortais da vítima.*

— Que *nojo* — comentou Cinco.

Fênix o ignorou.

— *Se atacadas, essas criaturas desagradáveis assumem sua forma verdadeira, de muitas patas. Os maxilares têm força para esmagar um osso, e a cauda de chicote é coberta de farpas venenosas. Evite a cauda a todo custo: o veneno é paralisante.*

— E as estatísticas? — questionou Seis, conferindo a aljava de flechas.

Fênix deu um sorriso.

— *Agressão: quatro de dez. Perigo representado: seis de dez. Dificuldade de incapacitar: quatro de dez.*

— Pfff — debochou Cinco. — Dificuldade quatro de dez? Já enfrentamos coisa *bem* pior. Vamos tirar de letra. — Ele olhou de esguelha para Sete. — Não vamos...?

Fênix franziu a testa para Cinco. Desde que tinham descoberto que Sete era Vidente, estavam sempre tentando resistir à tentação de perguntar o que ela via no futuro. Sabiam o quanto isso a deixava desconfortável.

Sete balançou a cabeça devagar.

— Eu não vi nada, Cinco. D-desculpa.

Ele deu de ombros, tentando parecer despreocupado.

— Vamos, então — disse ele, sacando a espada. — Hora de dar uma aula impecável, para Sete aprender como acabar com um extremiverme.

Ao lado dele, Seis tensionou o arco enquanto Fênix puxava os machados das costas. Ela olhou de relance para Widge.

— Por que você não fica com a Sete?

O esquilhinho fincou as garras no ombro dela, e estreitou os olhos. Ia ficar exatamente onde estava.

— Você que sabe — retrucou a garota, suspirando. Então se virou para os outros: — Vamos.

— Boa sorte! — gritou Sete. — N-não que vocês precisem —

completou, mais que depressa.

Fênix respirou fundo e pisou na plataforma.



Capítulo 2

— Queria que não estivesse pintada de vermelho — murmurou Seis.

— É, meio cafona, né? — concordou Cinco, com uma careta.

— Mais fácil para os planadores verem do céu — murmurou Fênix.

A madeira vermelho-sangue, aplainada e lisa feito ardósia, se estendia diante deles para o oceano infinito e azul.

O estômago de Fênix embrulhou quando a madeira rangeu sob seus pés. Em vez disso, ela se concentrou nos machados, no peso familiar e reconfortante em suas mãos.

Ao seu lado, Cinco assoviou baixinho, antes de comentar:

— Não é muito consolo pensar que só tem estas tábuas entre a gente e o chão. Qual é mesmo a altura, que o Chefe Voar falou?

— Não vamos pensar nisso — respondeu Seis, do outro lado de Fênix, dando um passo cauteloso em frente.

O fim da plataforma ficava a quase três metros dali.

Fênix analisou as tábuas em busca de qualquer alteração de cor ou textura. Cinco usava a espada para cutucar o chão a cada poucos centímetros à frente. Seis fazia o mesmo com uma flecha.

— Nada ainda — sussurrou Cinco, pressionando a ponta da espada em mais uma tábua. Não restava nem sinal de seu humor; cada linha do rosto dele estava tensa e alerta.

Dois metros e meio da borda.

Fênix avançou com cuidado, a visão tomada por um vermelho. Widge, em seu ombro, estava tenso e imóvel, os olhos também fixos na madeira.

Dois metros e duzentos.

A flecha de Seis foi fincada na madeira quase sem fazer som.

Dois metros.

Fênix tentou impedir os olhos de encarar a queda, o azul infinito que os esperava se cometessem um único erro.

Um metro e meio.

Uma gota de suor pairou na testa de Cinco.

— A gente já deve estar *bem* perto — sussurrou o garoto, estendendo a lâmina de novo.

— Ali!

Com uma certeza repentina, Fênix percebeu uma mudança minúscula na aparência da madeira, uma alteração tão ligeira que ninguém notaria sem olhar com muita atenção. Estendeu a mão e agarrou o pulso de Cinco pouco antes de ele encostar a ponta da lâmina bem ali.

— Aqui? — sussurrou Seis. — Sim, estou vendo!

Ao mesmo tempo, os três deram um passo atrás. A borda da plataforma parecia estar a um metro e meio de distância, mas, na verdade, estava a menos de três centímetros. Mais um passo e teriam mergulhado para a morte.

O silêncio ao redor era absoluto; até o vento parecia prender a respiração. Então, numa explosão de movimento, Cinco saltou à frente, fincou a espada fundo na criatura diante de si e saltou de volta quando um guincho furioso quebrou o silêncio.

Lado a lado, Cinco, Seis e Fênix foram mais para trás. Uma enchente de mudanças enlouquecedora se espalhava a partir da ferida que Cinco infligira. As tábuas vermelhas ondularam, cedendo e se contorcendo enquanto a cor e a textura mudavam. Um momento depois, uma criatura áspera e escamosa estava visível na frente deles. Os olhos amarelos miraram os três de um jeito sinistro, e a silhueta baixa e cheia de pernas se tensionava, pronta para atacar.

— Cuidado! — gritou Cinco, quando a cauda chicoteou na direção do grupo.

Fênix se abaixou, sentindo o ar ondular acima da cabeça. Widge, sensato, se enfiou nas roupas da garota.

O extremiverme avançou, a boca arreganhada, os dentes cobertos de mofo, o hálito tão fétido que Cinco, ao lado dela, teve ânsia de vômito.

— Argh — arquejou ele.

Aquele lapso de atenção momentâneo era tudo o que a criatura precisava. Sua cauda chicoteou de novo à frente, rápida como um relâmpago, e teria empalado Cinco se Fênix não tivesse saltado na frente dele, arrancando várias das farpas venenosas da cauda com um machado. Gritando, a criatura girou para longe dela, com sangue verde-escuro escorrendo da ferida.

Dando um salto que a levou mais longe do que pretendia, Fênix de repente se viu bem na ponta da plataforma, com a criatura entre ela e os amigos.

— Não vá para trás! — berrou Seis, o rosto pálido.

Fênix cerrou os dentes para conter uma resposta grosseira, forçando-se a manter o foco na criatura à sua frente. Mas a faísca de irritação dentro dela pareceu pegar fogo e, tomada pelo horror, a menina sentiu a chama de seu poder se atijar.

Não, não, não.

Ajustou os machados em suas mãos e respirou fundo, tentando se acalmar, mas era tarde demais: o calor já subia pelo seu corpo, espiralando e se espalhando. Fênix sentia o fogo aumentando, pulsando com cada batimento cardíaco, exigindo ser libertado.

Francamente, o momento não podia ter sido pior.

O olhar da criatura oscilou entre os três Caçadores, avaliando o alvo mais fácil.

Fênix respirou fundo, técnica que ajudava a dissipar as chamas. Em geral, quando isso acontecia, precisava descansar um tempinho num lugar tranquilo, de olhos fechados... o que não era uma opção no momento, e o fogo parecia saber: foi ficando cada vez mais forte, se elevando dentro dela até as mãos começarem a formigar de um jeito horrível e o suor se acumular na testa.

— Vamos lá, Verminho — chamou Cinco, entre dentes, dando um passo para trás junto com Seis, tentando afastar a criatura de Fênix e dar a ela um pouco mais de espaço. — É a gente que você quer.

Por um momento, pareceu que ia funcionar. A criatura deu um passo na direção dos meninos. Mas então, de repente, voltou-se para Fênix, as muitas pernas pareciam um borrão enquanto a cauda ferida chicoteava à frente, tentando prendê-la pelos tornozelos.

Fênix reagiu devagar, a atenção dividida entre a criatura e o fogo que tentava explodir de dentro dela. Com mais um golpe, conseguiu cortar o

resto da cauda, mas por pouco. Chutou a criatura rastejante que se lançou para cima dela, mas errou o alvo e a peste bateu com tudo em seus joelhos.

— NÃO! — O grito de Sete soou muito distante.

Quase em câmera lenta, Fênix sentiu que perdia o equilíbrio e começou a cair para trás, os braços girando como um moinho. Tudo o que via era o céu enquanto ela e o extremiverme despencavam da ponta da plataforma.

Capítulo 3

— Fênix! — gritou Seis.

Usando toda a força que tinha, Fênix girou em pleno ar e abaixou o machado, cravando-se na ponta da cauda da criatura e na madeira, bem na pontinha da plataforma. Ficou pendurada, os pés tentando firmar o corpo suspenso naquela queda aparentemente infinita, as nuvens logo abaixo.

O fogo dentro dela desapareceu, varrido por uma avalanche de terror. Só seu machado a segurava. Seu coração batia rápido, e o suor ardia nos olhos, mas ela se agarrava ao cabo com todas as suas forças. Logo ao lado, o extremiverme se debatia furiosamente; então, com um som horroroso de madeira lascando, Fênix sentiu a lâmina do machado começando a se soltar das tábuas que a seguravam.

Um pânico reluzente esvaziou sua mente. De soslaio, viu o extremiverme arreganhar os dentes, se contorcendo para atacá-la. Por puro instinto, Fênix atacou com o machado da outra mão. A criatura berrou de novo e se contorceu com ainda mais força, desesperada para se soltar da lâmina que a prendia. Sob o peso combinado dos dois, Fênix sentiu o machado ceder mais um pouco. Com um grito, içou o corpo mais para cima, cada músculo do braço reclamando daquela luta contra a atração mortal da gravidade. Alguém agarrou seu outro braço e a puxou para cima com tudo. Depois, a garota se viu de cara para as tábuas vermelhas aquecidas pelo sol, ouvindo o estrondo de Cinco e Seis despachando

o extremiverme.

Respirou fundo e devagar, tentando acalmar os batimentos estrondosos do coração e o tremor das mãos.

— Fênix, v-você está bem?

Fênix sentiu um puxão para que se sentasse, e ela se viu encarando o rosto apavorado de Sete, o cabelo ruivo esvoaçando numa brisa repentina.

— Acho que sim — mentiu.

Não conseguia acreditar no que acabara de acontecer. Seus poderes tinham aparecido no pior momento possível, distraindo-a, fazendo com que quase fosse morta.

O alívio fez Sete rir de prazer.

— Cinco te puxou b-bem a tempo. Se ele não tivesse conseguido...

Ela não precisava concluir.

— Pela geadal! — Cinco ofegou, seus joelhos surgindo no campo de visão de Fênix quando ele se deitou nas tábuas. — Foi por pouco.

Seis se jogou ao lado deles.

— Por um segundo, achei que você tivesse despencado, Fênix. Eu... — A voz dele estava trêmula.

— Eu também achei — admitiu Fênix, sua voz traindo o quanto estava abalada.

Ela se sentou. Widge enfiou a cabeça para fora da pele de urso, os olhinhos arregalados, indo de um para o outro.

— Ah, Widge! — Fênix suspirou, fazendo carinho na bochecha do esquilo. — Queria tanto que você tivesse ficado com a Sete.

Pelo olhar que deu, ele parecia concordar.

— *Um bestiário mágico* estava *muuuuuito* errado — resmungou Cinco, limpando sangue da espada. — Foi bem mais difícil do que um quatro de dez!

— Eu também fiquei pensando nisso — comentou Seis, franzindo a testa. E olhou Fênix de relance. — Tem certeza de que lembrou direito as classificações?

— É assim que me agradecem por decorar um livro inteiro? — retrucou Fênix.

— Aham — respondeu Cinco, abrindo um sorrisinho irônico. — Quando voltarmos para o Beiral vou fazer questão de verificar essa parte.

— Para que esperar? — retrucou Fênix, fechando a cara. Então apontou com a cabeça para sua mochila, largada perto do galpão das asas. — Está lá.

Seis e Sete ficaram olhando para ela.

— Você trouxe o livro e não conferiu? — perguntou Seis.

— Eu já disse que decorei! — exclamou Fênix, enquanto Cinco arrastava o objeto pesado para fora da mochila.

Cinco soltou o livro sobre as tábuas de madeira com um baque surdo, então se sentou ao lado dos outros, folheando as páginas até a entrada sobre extremivermes, ignorando o olhar bravo de Fênix.

— *Agressão: quatro de dez* — leu. — *Perigo representado: seis de dez. Dificuldade de incapacitar...* — Cinco arregalou os olhos. — *SEIS de dez!*

— O quê?

Seis se debruçou por cima do ombro do amigo para olhar.

— Você disse que era QUATRO de dez! — urrou Cinco.

— Sem chance! — rebateu Fênix, arrancando o livro das mãos dele e analisando a página. — Não tem como eu lembrar errado, então... — Ela parou de falar quando encontrou a linha em questão. — Ah.

Widge olhou para ela com a cara cheia de recriminação.

Fênix fez careta e fechou o livro depressa.

— Ah, bom... Mal não fez — disse ela, tentando um tom casual, mas, até para si mesma, sua voz parecia tensa.

— Mal não fez... — Cinco a encarou, boquiaberto. — Você viu o que acabou de acontecer? Se eu não estivesse lá para salvar sua pele...!

— PASPALHOS PALARABAMBOS!

O rugido irado fez os quatro se levantarem de um salto. O Ancião Gear vinha pisando duro pelas tábuas, os olhos pretos cheios de fúria.

— Como vocês tiveram tanto problema com um extremivermezinho de nada?

Capítulo 4

No meio do caminho de volta ao Beiral, Fênix e os amigos não tinham a menor dúvida de que o Ancião Gear achava o trabalho deles ruim: nenhum detalhe da caçada ficara sem críticas; tudo, da estratégia a como seguraram as armas, tinha sido julgado e considerado insuficiente.

— Nunca vi uma caça tão deprimente — rugiu Gear, por fim.

Fênix estava logo atrás dele, a mandíbula doendo com o esforço de segurar as respostas mal-educadas. Ninguém nunca dera a entender que sua habilidade com o machado fosse menos que magnífica, e ela não estava gostando nadinha daquelas críticas. Para piorar, Cinco não parava de murmurar “*quatro* de dez”, e tinham descido para o que parecia ser uma camada permanente de nuvens em torno do Beiral. Uma chuvinha fraca e persistente ia deixando todos ensopados. Com água escorrendo pelo pescoço, Fênix se sentia infeliz. Tinha saudade da geada limpa e fria das montanhas mais altas onde ficava o Pavilhão de Caça — isso antes de ela sem querer destruir o lugar.

Através da neblina, abaixo deles, os telhados coloridos da aldeia entravam e saíam de vista. O povo do Beiral vivia na vertical. Construções de pedra desordenadas se sustentavam em apoios precários de vigas que saíam direto da encosta. Com sorte, acabariam em uma das construções ligadas por escadas de pedra estreitas; mas, em outros casos, era preciso

encarar escadas e pontes de corda arrepiantes.

Quando chegaram à altura dos prédios mais altos do Beiral, a escadaria ampla em que estavam se dividia em uma multitude de escadas menores e mais estreitas, que se espalhavam pela encosta feito uma teia de aranha, dando acesso a todas as áreas da aldeia. Gear se afastou do grupo com um último olhar irritado, indo para o prédio que tinham cedido para ele. O rosto do Ancião era como um trovão, e Fênix de repente teve a sensação de que aquele mau humor não era só por causa do extremiverme.

— A alguma notícia dos Caçadores que você mandou para os clãs? — perguntou Sete, claramente pensando a mesma coisa.

Gear parou e se virou para ela de cara fechada.

— Nada útil — respondeu, cerrando os punhos. — Nenhum deles encontrou a pele ou os pelos daquela biltre biliosa, Vitória, nem daquele trasgo feiticeiro...

Gear franziu a testa, tentando lembrar o nome certo.

— Morgren — completou Fênix, fazendo careta.

Da última vez que vira o feiticeiro, seu fogo elementar o lançara para o outro lado do campo de treinamento do pavilhão. Não tinha nem certeza de que o cara tinha sobrevivido. Seus sentimentos em relação a Vitória eram ainda mais complicados. A antiga Mestre de Armas do Pavilhão de Caça traía todos eles. Ela ajudara os trasgos a conseguirem acesso ao pavilhão e teria matado todo mundo lá, satisfeita, caso os poderes até então desconhecidos de Fênix não tivessem evitado a chacina. Só que a profundidade da deslealdade de Vitória era ainda maior: a mulher tinha liderado o ataque ao lar de Fênix dois anos antes, um ataque que resultou no massacre de toda a aldeia.

— Isso — concordou Gear, sem saber dos pensamentos ansiosos de Fênix. — Morgren. Nem sinal dele ou daquela criatura Croke. — A carranca dele só aumentou.

Fênix não conseguiu evitar um tremor à menção de Croke: o monstro sem rosto, envolvido por um manto, que invadira sua mente e suas memórias três meses antes. Até mais do que Morgren ou Vitória, Croke assombrava seus sonhos, parecia residir em cada sombra.

— Silêncio total e completo das bruxas, e nenhum dos clãs têm a menor pista do tal “Mestre” — continuou Gear, sem perceber o desconforto de Fênix. — Uns *inúteis*, essa gente! Todo um exército de trasgos simplesmente desapareceu no Ember! — Ele jogou os braços para o alto, mas, por baixo daquela bravata, Fênix notou que o Ancião estava

preocupado. Ele continuou, apegado à conversa: — Ainda por cima, os chefes não só não podem nos ajudar, como também agora estão vindo aqui e exigindo que eu divida os meus Caçadores igualmente entre todas as tribos! Ridículo!

— O Pavilhão de Caça deveria ser imparcial — comentou Cinco. — Mas dá para ver que não é, com todos nós aqui no Beiral.

O rosto de Gear ficou roxo.

— E você acha que eu não sei disso!? O que raios eu devia ter feito, hein? Mandar meus Caçadores para morar em tendas durante o inverno? O clã das montanhas é o mais próximo...

Cinco levantou as sobrancelhas.

— ... geograficamente! — rugiu Gear, notando a cara dele. — Está longe de ser o ideal, oras! — O Ancião inflou as bochechas e balançou a cabeça, dando as costas ao grupo e saindo na direção da aldeia. — Preciso encontrar a Chefe Drósera, do clã dos pântanos. Aquela ali é uma bela de uma megera, isso sim.

Fênix fez careta.

— Boa sorte — disse ela, tentando soar encorajadora.

— Sorte? — resmungou Gear. — Não preciso disso. Sou um diplomata nato.

Por sorte, enquanto se apressava, com a chuva se fechando como uma cortina atrás dele, o Ancião não a ouviu soltar uma risada pelo nariz.

— Vamos visitar o Cão depois do jantar? — sugeriu Seis.

Fênix deu um sorriso.

— Boa ideia — respondeu, animada com a ideia de rever o Guardião do Pavilhão de Caça.

A única forma de entrar no Beiral era ser içado por uma cesta. Nem a cesta, nem as pessoas que puxavam as cordas eram fortes o suficiente para levantar Cão, que foi forçado a ficar na base do grande rochedo, guardando os garrapés — as montarias peludas e robustas dos Caçadores. Ninguém estava muito satisfeito com a situação, mas a única opção era descer para visitá-lo, o que faziam todos os dias.

Mais tarde, quando o sol começou a se pôr, Seis, Sete e Cinco seguiram Fênix pela aldeia, descendo degraus que serpenteavam por cima, por baixo e pelos lados das construções. Fênix ainda achava estranho levantar os olhos e ver a parte de baixo de uma casa suspensa acima de sua cabeça, ainda mais de casas tão lindas: tinta anil cobria as escoras e a base, e as

constelações escolhidas pelas famílias que moravam lá dentro eram pintadas em dourado. O clã das montanhas reverenciava o céu acima de todas as coisas, e isso era especialmente visível na decoração das construções.

Embaixo do Beiral, o penhasco continuava descendo, pura pedra e degraus afunilados na direção da cesta que os carregaria até a penumbra lá embaixo.

— Eu *odeio* esta parte — sibilou Cinco, na luz já minguando. — É pedir demais ter onde segurar?

O caminho se estreitara a menos de noventa centímetros, e o espaço vazio os sugava para além do abismo.

— Pode segurar em mim, se quiser — sussurrou Seis.

— Ah... hum... é... valeu — respondeu Cinco.

Fênix quase conseguia ver o rosto dele ficando vermelho.

Na Floresta Congelada, Martelo de Carvalho, uma das árvores malévolas, forçara Cinco a revelar seus sentimentos por Seis. Os dois continuaram muito amigos, mas Fênix tinha certeza de que, às vezes, Cinco desejava que fossem algo mais. Tinha tentado conversar com ele sobre isso, mas fora evitada com delicadeza.

Lá na frente, um pontinho de luz laranja cortava a escuridão crescente.

— Graças à geada, estão acendendo as tochas — comentou Cinco.

Um homem e uma mulher cuidavam da plataforma da cesta, ambos com ombros impressionantemente largos esticando os casacos de pele.

— Bem-vindos ao Quase-fundo, pequenos Caçadores.

A mulher sorriu, os dentes reluzindo à luz das tochas. Seu cabelo estava trançado com penas de águia e quartzo brilhante.

— Pouca gente de fora do clã gosta dessa escadaria tão perto do anoitecer — ironizou o homem, notando a palidez de Cinco e a forma como Fênix evitava olhar para a beira.

No meio da plataforma, ficava um grande buraco redondo. Duas cordas presas a uma polia desciam para a escuridão. Em algum lugar lá embaixo, havia uma cesta enorme pendurada, e os dois cidadãos das montanhas começaram a girar uma roda enorme para puxá-la.

— Entrem aí — disse o homem, estabilizando a cesta um momento depois. — Toquem a sineta lá embaixo quando quiserem que a gente suba vocês de volta.

Cinco foi o último a entrar; na mesma hora, a cesta começou a descer aos solavancos, caindo alguns metros, depois parando e descendo um

pouco mais devagar. Estavam todos muito sérios, segurando a lateral da cesta com tanta força que deixava os nós dos dedos brancos.

— Esta é a p-parte de que eu não gosto — resmungou Sete, fechando bem os olhos quando a cesta deu outro solavanco.

Seis engoliu em seco.

— Concordo...

Só Widge parecia animado. Como se para provar isso, ele saltitou ligeiro do ombro de um para o do outro, antes de voltar para Fênix.

— Ninguém gosta de quem fica se exibindo — murmurou ela.

Widge trinou, numa resposta que soou muito como uma risada de esquilo.

As luzes da aldeia estavam tão acima que era como se Fênix estivesse olhando uma cidade no céu. O que, de certa forma, quase estava, mesmo.

Alguns minutos assustadores depois, estavam cambaleando para fora da cesta, aliviados, pisando numa superfície irregular e cheia de pedras.

Seis sorriu.

— Muito bem, vamos achar aquele nosso Guardião!

Capítulo 5

— C-Cão? — chamou Sete.

O grupo estava parado no foco de luz junto à cesta, olhando as sombras ao redor, todos muito esperançosos. A lua mal era uma lasquinha, só espiando através das nuvens que tinham se afinado e subido para acima do Beiral, cobrindo a luz das estrelas como um véu.

A escuridão à frente se moveu e rodopiou. Em seguida, veio o som de passos.

No ombro de Fênix, Widge saltitou, animadíssimo, quando uma sombra se mexeu na penumbra, cada vez mais perto, até se revelar na forma do Guardião. À luz fraca, o pelo de pedra meio avermelhado ficava quase preto, e o cachorro parecia ainda mais enorme.

— Fênix — disse Cão, a voz grave e séria. Então cutucou o ombro dela com uma delicadeza surpreendente, antes de se virar para os outros: — Seis, Cinco e Sete — falou, com um sorriso na voz. — Que bom ver todos vocês.

Widge, no ombro de Fênix, soltou um guincho indignado, e Cão deu risada.

— E o pequeno Widge — completou. — Eu não tinha esquecido de você.

Apaziguado, o esquilo tocou seu nariz no de Cão, balançando a cauda de um jeito animado.

— Achei mesmo que a gente fosse se encontrar aqui embaixo — falou uma voz familiar, da escuridão.

Um momento depois, Gear apareceu, os passos ressoando no cascalho.

— Gear estava me contando da batalha com o extremiverme — explicou Cão, balançando a cauda. — Parece que vocês se saíram muito bem. Não esperava menos que isso, claro.

— Nós nos saímos... bem? — indagou Cinco, olhando surpreso para Gear. Então logo se recuperou e começou a assentir, empolgado. — Mais do que bem! — exclamou. — Cão, você tinha que ter visto! Fomos todos magníficos, mas *especialmente* eu. Salvei a vida da Fênix! O Ancião Gear contou isso?

Fênix deu uma cotovelada forte nele.

— Não salvou, não.

— Já chega disso! — exclamou Gear, irritado. — Vocês mataram o extremiverme e sobreviveram à experiência. Foi um desempenho *adequado*.

— Isso não é... — Cinco parou de falar de repente ao ver o olhar irado de Gear.

— Você veio aqui só para contar ao Cão sobre nós? — perguntou Seis.

— Eu falo com o Guardião quando quiser — respondeu Gear, com grosseria. — E sem precisar consultar vocês.

Seis fez careta.

— Lógico, mas...?

Gear suspirou e passou a mão no rosto, de repente parecendo cansado.

— Ainda estou esperando uma águia da equipe do jovem Pinho. Mande o bando dele falar com o clã dos rios, ficar de olho nos trasgos por ali. Já deviam ter chegado notícias. — O Ancião fungou. — Atraso não é do feitio dele.

Cinco hesitou.

— Você não... — Ele parou e balançou a cabeça. — Deixa para lá.

— Desembucha, menino — ordenou Gear, impaciente.

— As bruxas... — Cinco deu de ombros. — Ainda não tivemos notícia nenhuma delas. Você...

— As bruxas! — estrondou Gear, furioso. Cinco se encolheu. — Táí mais uma porcaria de pedra no meu sapato. Era de se imaginar que, quando eu escrevi pra contar o que aconteceu com o Pavilhão de Caça e relatar que a Fênix e a Sete têm alguma mágica, elas fossem reagir com *algum* interesse — terminou ele, jogando as mãos para o alto.

— Ou conselho — sugeriu Seis.

— Ou horror — completou Fênix. — Parece que eu sou o tipo ruim de bruxa.

— Uma precursora da desgraça! — Cinco sorriu, animado. — Eu soube desde o primeiro instante que te conheci!

O soco que Fênix deu no braço dele não foi nada delicado.

— Era de se imaginar que elas teriam ALGUMA reação!

— Uma bruxa elementar, uma Vidente e a volta da magia dos trasgos. — Cinco suspirou. — Se isso não é suficiente para arrancar uma reação dessas bruxas, *é óbvio* que nada mais vai servir.

Gear assentiu a contragosto.

— É isso aí, Cinco.

Em algum lugar acima, houve uma explosão de fogo. Um momento depois, começaram a ouvir o crepitar.

Gear jogou a cabeça para trás, rastreando as faíscas que caíam.

— Mas que...?

— Um sinalizador — explicou Cão, a voz zumbindo de uma urgência repentina. — O sinal de alerta do Beiral. Voltem para a cesta. Rápido. Antes que puxem de volta.

Na mesma hora, Fênix viu que ele estava certo. A cesta já estava sendo içada. Widge soltou um guincho agudo de alarme.

Acima, mais um sinalizador disparou enquanto o grupo corria. Fênix congelou quando algo despontou no céu acima do Beiral, e o brilho do sinalizador lançou uma sombra imensa em forma de pássaro nas nuvens altas.

— O que em nome de Ember... — murmurou Cinco, boquiaberto.

Mais outra explosão de luz, e Fênix conseguiu ver melhor a coisa. *Era* um pássaro: imenso, pálido como uma pérola no escuro.

Os nós dos dedos de Gear estavam brancos, e ele manteve os olhos no céu.

Acima, o grande pássaro recuou as asas para dar um mergulho quase vertical, descendo pela lateral do rochedo direto na direção deles.

— Minha nossa, eu não acredito — sussurrou Gear.

— O que foi? — perguntou Cinco, de olhos arregalados, enquanto pegava a espada. — O que é aquilo?

Foi Cão quem respondeu, maravilhado:

— É uma águia de gelo. Uma bruxa veio.

Capítulo 6

Gear parecia paralisado, e era a primeira vez que Fênix o via tão inseguro.

O pássaro enorme, de um branco que cintilava com um brilho sobrenatural à luz do luar, parou o mergulho no último momento possível e pousou com leveza ali perto. De suas costas, uma mulher deslizou até o chão e foi caminhando na direção deles, com o queixo erguido. Era alta, e seu penteado a fazia parecer ainda mais alta. Seu semblante era todo anguloso, a maçã do rosto proeminente, e a pele de um marrom quente. De seus ombros fluía uma longa capa feita das mesmas penas da ave, brancas como a neve.

— Saudações, Gear — cumprimentou ela, numa voz suave.

De perto, seu cabelo tinha mechas prateadas, e os olhos eram contornados por rugas finas.

— Nara? — Gear franziu o cenho, analisando a bruxa. — É você?

A surpresa dele era óbvia.

A mulher sorriu, aliviada.

— Não sabia se você iria se lembrar de mim.

Cinco cutucou Fênix. *Eles se conhecem?*, perguntou, só mexendo os lábios sem emitir som.

A garota deu de ombros. Empoleirado em seu ombro, Widge estava de olhos arregalados, a atenção indo de um rosto a outro, tentando absorver

tudo.



— Claro que me lembro — retrucou Gear, mal-humorado, parte da arrogância costumeira voltando. — Faz mais de quarenta anos, e posso estar ficando velho, mas isto aqui ainda funciona muito bem. — Ele deu uma batidinha na cabeça e fechou a cara.

Nara assentiu, e seus olhos percorreram o grupo, demorando-se em Cão, interessada.

— Recebemos sua carta — explicou, virando-se de volta para Gear, o rosto mais sério.

O Ancião ergueu as sobrancelhas desgrenhadas.

— A que mandei faz três meses? Ah, e decidiram responder! Que *gentileza*, hein?

A bruxa fechou a linda capa de penas em torno do corpo.

— Precisamos conversar — falou, baixo. — Muita coisa aconteceu. Há motivos para o silêncio dos Jardins de Gelo.

— Silêncio? — desdenhou Gear. — Foi a droga de um sumiço... — Mas ele parou de repente, se recompondo.

— Estou aqui agora — disse Nara, com uma dignidade tranquila. — Vim explicar. E discutir o conteúdo da carta. Você disse que tem uma elementar de fogo no grupo?

Fênix ficou tensa.

Lá em cima, no Beiral, tochas estavam sendo acesas, pés corriam pelos caminhos estreitos. A mulher que cuidava do guindaste gritou para Gear, que rugiu de volta, dizendo que estava tudo bem.

— Talvez seja melhor ficar aqui embaixo por enquanto — falou ele para Nara. — Aqui temos um pouco mais de privacidade. — O Ancião hesitou, mas pareceu chegar a uma decisão. — Esta é Fênix — apresentou, inclinando a cabeça com um tranco na direção da garota. — E, sim, eu diria com certeza que ela é uma elementar de fogo, mas estamos mantendo segredo, por motivos óbvios.

— Claro — respondeu Nara, baixinho. — As velhas superstições perduram por aqui.

Seu olhar em Fênix foi tão intenso que Widge correu para se esconder no casaco de pele. A garota sentiu os amigos se aproximarem de cada lado dela, protetores.

— Se isso diz respeito à Fênix, é bom vocês ficarem — resmungou Gear, levando o grupo a um círculo de pedras onde podiam se sentar.

— Sim, seria útil — concordou Nara, seguindo-o.

Fênix trocou olhares com Seis. A bruxa parecia nervosa. Gear também tinha notado.

Nara respirou fundo, enfim tirando os olhos de Fênix para abrir um sorriso vacilante ao grupo.

— Vocês escreveram pedindo nossa ajuda. Mas, em vez disso, vim aqui para pedir a ajuda de vocês.

Dentre todas as coisas, Gear não esperava ouvir aquilo. Fênix quase podia ver as perguntas e queixas coçando para sair, mas o Ancião só assentiu e falou:

— Diga.

— Morgren — declarou Nara. — O feiticeiro trasgo sobre quem você escreveu.

O grupo ficou imóvel, e Cão rosnou. Cinco encarou Fênix, claramente confuso.

— O que tem ele? — perguntou Gear, cerrando os punhos.

— Ele fez uma visita aos Jardins de Gelo — respondeu Nara.

Fênix encolheu os braços junto ao corpo, tomada pelo choque. Então Morgren *tinha* sobrevivido à batalha no Pavilhão de Caça. Widge saiu do casaco, rosnando baixinho, apertando-se junto ao pescoço de Fênix numa postura protetora.

— Verrumas verrugosas! — Gear ficou de pé num salto. — Ele ainda está lá? Aquele exército dele está junto?

Nara fez que não, parecendo inabalada pela explosão do Ancião.

— Três semanas atrás, ele apareceu do nada em frente ao Palácio de Gelo. Algum portal mágico, imagino. Só passou uns minutos por lá antes de desaparecer de novo, mas, a não ser que tenha mais de um feiticeiro trasgo, com certeza era ele. — A bruxa respirou fundo. — Ele... fez alguma coisa. Agora os Jardins do Gelo estão correndo um sério perigo. — Ela fez uma careta. — Talvez todo o Ember esteja.

— Como assim “ele fez alguma coisa”? — perguntou Cinco, franzindo a testa.

— Ember está correndo perigo? — questionou Cão, ao mesmo tempo.

Nara fez que sim, rápido.

— Para tudo isso fazer sentido, preciso explicar o que aconteceu há quarenta anos. — Ela e Gear trocaram olhares. — Contar por que foi que desaparecemos.

Apesar do choque, Fênix estava intrigada. Seria difícil não estar. Por todo o Ember, as bruxas eram uma história quase esquecida. Às vezes, ela

até imaginava se eram mesmo reais. Mas, agora, uma delas estava sentada bem à sua frente, usando uma capa de penas de águia de gelo que reluzia ao luar, tão real quanto Widge empoleirado em seu ombro. Olhando para os amigos, viu a mesma mescla de admiração e descrença.

— Vá em frente — falou Gear.

Nara respirou fundo, a expressão cheia de dor.

Capítulo 7

— Você sabe que nós, dos Jardins de Gelo, limitamos a magia dos trasgos no fim da Guerra Sombria — explicou Nara, hesitante. — Que nós a guardamos, em segredo e segura, por centenas de anos.

Gear fez que sim.

— Bom, há quarenta anos, uma de nossas bruxas pediu permissão à Bruxa Chefe para estudar e tentar... trabalhar com essa magia.

— Por que tenho um mau pressentimento? — perguntou Gear.

— Nunca saberemos exatamente o que aconteceu... — continuou Nara, como se ele não tivesse falado. — A bruxa estava estudando os portais mágicos dos trasgos. Mas, quando ela tentou seu primeiro feitiço, a Fissura Sombria apareceu nos Jardins de Gelo.

— Fissura Sombria? — repetiu Cinco. — O que é isso?

Nara deu uma risada triste.

— A verdade é que, mesmo depois de tantos anos, não sei responder a essa pergunta. É uma substância obscura. Causou uma doença mágica que nunca tínhamos visto, foi batizada de mal da Fissura. Nenhum dos nossos feitiços de cura funcionou. Antes, éramos quase mil. Em algumas semanas, só sobraram cinquenta das mais jovens. Eu fui uma das mais velhas que sobreviveu.

Houve um longo silêncio. Gear parecia mais abalado do que Fênix já o vira.

— Você estava entre as mais velhas que sobraram? — questionou Gear.
— Mas você mal devia ter... o quê? Dezesseis anos?

O silêncio ficou mais intenso e sombrio conforme o significado das palavras de Nara era absorvido. Widge, no ombro de Fênix, estremeceu e se encolheu.

— Pela geada... — sussurrou Gear.

Todos ficaram em silêncio. Os quatro amigos se encaravam, os olhos arregalados. Gear bateu com o punho no joelho.

— Por que não nos contaram? Que nos chamassem assistência! Nós teríamos ajudado! Os magos da morte teriam ajudado!

— Estávamos apavoradas com a possibilidade de transmitir a doença, espalhá-la por Ember e pelos Desertos Congelados — explicou Nara. — Antes de morrer, nossa Bruxa Chefe decretou zero contato com o mundo externo até que eliminássemos a Fissura Sombria e aprendêssemos tratar a doença. Ela temia que até cartas tivessem um potencial catastrófico.

O ar em torno de Fênix parecia denso; o horror das palavras de Nara era um peso físico.

— Acabou passando — continuou Nara, baixinho. — Mas já tinha levado muitas de nós. Não sobrou ninguém para ensinar as Implumes, muito de nosso conhecimento foi quase perdido. — Ela respirou fundo, estremecendo. — Passamos os últimos quarenta anos reaprendendo nossa própria magia, tentando nos recuperar. Só que nunca descobrimos como destruir a Fissura Sombria. Foi por isso que você não teve notícias.

— Mas o que isso tem a ver com Morgren? — perguntou Cinco, o que lhe rendeu um olhar mortificado de Seis. — *Que foi?* — murmurou. — Ela disse que as coisas estavam conectadas.

Nara soltou uma risada fraca antes de responder:

— Está, mesmo. Por quarenta anos, guardamos a Fissura Sombria dentro de um óculo.

Seis pareceu confuso.

— Dentro... do quê?

— É um tipo de armadilha mágica — explicou a bruxa.

Atrás dela, a grande águia branca estalou o bico de leve e abaixou a cabeça, descansando-a no ombro de Nara. A bruxa levantou a mão para acariciar as penas sob os ferozes olhos cor de âmbar da ave, parecendo tirar forças da criatura.

— Desde que Morgren nos visitou, a Fissura Sombria tem crescido. —

Nara encontrou o olhar de Fênix, e um medo selvagem se espalhava pelos olhos da bruxa. — E não crescia por quarenta anos.

— Vocês estão com medo de a doença voltar? — perguntou Gear.

A risada de Nara foi meio histérica.

— Lógico. Mas temos ainda mais medo de aquela coisa destruir o Palácio de Gelo.

Fênix ficou olhando a mulher.

— Já renovamos o feitiço do óculo quatro vezes — continuou Nara, insegura —, o que é inédito. A Fissura Sombria fica cada vez mais difícil de conter. E está... — Ela balançou a cabeça. — Não sei como, mas está drenando a magia dos Jardins de Gelo, mesmo de dentro da armadilha. *Isso* também devia ser impossível. Um óculo serve justamente para... — Notando a falta de reconhecimento no olhar dos outros, a bruxa deixou para lá e deu de ombros, cansada. — Não devia estar acontecendo. Se continuar assim, os Jardins de Gelo não terão mais muito tempo. É a magia que segura a estrutura do Palácio de Gelo. Sem magia...

— Vai acontecer o quê? Desabar? — perguntou Cinco, impaciente.

Gear olhava fixamente para Nara.

— Não pode ser o que eu estou pensando, né?

A bruxa fez que sim.

— Você já viu os Jardins de Gelo, Gear. Sabe o que são. Se a magia falhar, não são só as bruxas que vão sofrer. Todo o Ember estaria em perigo.

Fênix encontrou o olhar de Sete. A amiga parecia tão confusa quanto ela.

Gear balançou a cabeça devagar.

— O que você acha que os Caçadores podem fazer, Nara? Nós lutamos contra criaturas das sombras. Mas isso aí é outra coisa. É magia pura, isso é conhecimento de bruxa, não nosso.

A voz de Nara estava baixa, mas com uma urgência feroz:

— A Fissura Sombria precisa ser destruída para evitar mais danos ao Palácio de Gelo, antes que cresça o bastante para se libertar do óculo que a contém. — Ela apertou as mãos inquietas. — Se a Fissura escapar da contenção, fica livre para crescer além dos Jardins de Gelo, talvez até cruzar as Caninas até a terra dos clãs. E, se o mal da Fissura voltar, tudo o que fizemos nos últimos quarenta anos, nossos sacrifícios... — Ela fechou os olhos. — Teria sido tudo em vão.

Gear se levantou de repente e começou a andar de um lado para o

outro.

Os olhos de Nara acompanharam o Ancião.

— Você precisa entender que tudo está em jogo, tudo corre perigo. Não só o futuro dos Jardins do Gelo, mas também o dos clãs. O futuro de todo o Ember.

— Claro que entendo — murmurou Gear, ainda zanzando.

— Tentamos de tudo para nos livrar daquela coisa — disse Nara, levantando os olhos para Fênix, que estremeceu. — Na verdade, quase tudo.

De repente, a compreensão brilhou em Fênix.

— Tudo, menos fogo elementar — completou a menina.

— Exato. — O rosto de Nara estava cheio de uma esperança fervorosa. — Você aceita vir comigo para os Jardins de Gelo, Fênix? Ajudar a destruir a Fissura Sombria?

— Espera aí — interrompeu Gear, fechando o rosto de repente, desconfiado. — Você quer que ela faça o quê?

Fênix ficou grata pela interrupção. Seu coração batia num ritmo estranho, e do nada ela estava molhada de suor. Nara queria que ela *usasse* seus poderes? Tinha passado os últimos três meses desesperada tentando suprimi-los.

— Morgren e seus aliados atacaram o Pavilhão de Caça — disse Nara, com firmeza, para Gear. — Agora, estão se virando contra os Jardins do Gelo. Querem tomar meu lar e usar a magia de lá para ameaçar todo o Ember. Vão transformar os Jardins de Gelo numa arma. — A bruxa hesitou. Fênix mordeu o lábio inferior quando todos os olhos se viraram para ela. — Se essa menina for o que você diz, é nossa única esperança de destruir a Fissura Sombria e frustrar os planos inimigos.

Capítulo 8

Pouco depois de fazer seu pedido, Nara se afastou para deixar o grupo pensar.

— Volto ao raiar do dia para saber a decisão de vocês.

Fênix ficou olhando a ave enorme subir, então desaparecer por cima do topo do rochedo, as penas reluzindo ao luar.

— O que você quer fazer, Fênix? — perguntou Gear, virando-se para ela. A expressão surpresa em todos os rostos o fez dar de ombros. — Vocês agora são Caçadores. Quer dizer que conhecem as próprias forças e fraquezas, que tomam as próprias decisões. Nunca forço meus Caçadores a aceitar uma caçada... — Ele parou e franziu a testa. — Não que isso *seja* uma caçada, na verdade, pelo que entendi.

Fênix sentiu os olhos de todos nela, mas não conseguia organizar os pensamentos em palavras. Um medo agudo e amargo se assomava dentro dela. Widge percebeu, então lambeu o lóbulo da sua orelha e se apertou junto à pele. Fênix passara os últimos três meses fingindo que seus poderes não existiam, torcendo em segredo para que sumissem se ela não os usasse, mas parecia que o oposto acontecia. Cada vez com mais regularidade, seu fogo se acendia, exigindo ser usado. E, toda vez que o continha, o medo que tinha dele crescia. Se fosse com Nara, ela *precisaria* usar o fogo. Só de pensar, ela ficava apavorada.

Ergueu os olhos e viu que Sete a observava com preocupação.

Cinco se inclinou para a frente na pedra em que estava sentado, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Acho que temos duas opções — disse ele. — Um: nós vamos. Ou dois: nós não vamos.

Fênix deixou uma risadinha escapar pelo nariz, o que a pegou de surpresa, inclusive enquanto sentia nascer uma esperança: Cinco tinha dito “nós”.

Seis revirou os olhos e perguntou:

— É o melhor que você consegue pensar?

Cinco sorriu e deu de ombros.

— Isso é sério, Cinco — retrucou Sete, franzindo o cenho, pensativa.
— A notícia de Nara muda tudo.

— Muda mesmo, né? — falou Seis, inexpressivo.

— Sete tem razão — grunhiu Cão. — Temos procurado Morgren e Vitória...

— E ficamos imaginando qual vai ser a próxima jogada deles — interrompeu Fênix, levantando a mão para acariciar Widge, cuja cauda se contraía de agitação.

A garota sentia o coração bater mais rápido, e as mãos que acariciavam o esquilo estavam molhadas de suor.

— Exato — concordou Cão, assentindo. — E agora sabemos.

Gear continuou quieto, observando o grupo.

Cinco tinha estava com uma carranca de preocupação.

— Deixa eu entender direito. Morgren fez sabe-se lá o que com essa tal de Fissura Sombria para que ela destruísse os Jardins de Gelo — disse, devagar. — E, se ele conseguir, aí a Fissura estará livre para atacar o Ember também.

— E, se a F-Fissura espalhar aquela doença por aqui, vai sobrar tão pouca gente que os clãs não terão chance contra um exército de trasgos — completou Sete.

— Dois relinchos com uma cajadada — comentou Seis, sombrio. — Eles se livram das bruxas e enfraquecem os clãs. — Ele balançou a cabeça. — Faz sentido, pensando bem. Nara falou que foi um feitiço trasgo que criou a Fissura Sombria, lá atrás. Se alguém sabe de verdade o que é e como manipular essa magia, é Morgren.

Fênix fez que sim, sentindo o coração na boca.

Gear balançou a cabeça, hesitante.

— A ameaça ao Ember é dupla. Se a estrutura dos Jardins de Gelo

falhar, o Palácio de Gelo em si será uma ameaça, mesmo sem a Fissura Sombria. — Ele notou as expressões perplexas. — Vocês terão que acreditar no que estou dizendo. Se virem o Palácio de Gelo com os próprios olhos, vão entender.

Enquanto Fênix ouvia os amigos, seu medo se transformou em raiva; começou devagar, depois virou uma onda quente. Morgren. Vitória. Croke. Os três monstros responsáveis pela morte dos seus pais e da sua irmã. Responsáveis, aliás, pela morte de todo mundo que ela já conhecera. Os três assombravam seus sonhos à noite, e nem um dia se passava sem que ela se perguntasse onde estavam, que horrores estavam planejando. Agora, enfim, sabia.

O fogo dentro dela sentiu sua raiva e, esperançoso, começou a crescer. Fênix o conteve com tudo.

— Eu vou — anunciou, a voz instável. — Quero ajudar as bruxas a destruir a Fissura Sombria. Quero parar seja lá o que Morgren está tentando fazer.

Suas próprias palavras a encheram de temor. E se ela machucasse alguém com seus poderes? E se *matasse* alguém? Se matasse... todo mundo?

Cinco e Seis trocaram olhares rápidos e fizeram que sim.

— Nós vamos junto — falaram, ao mesmo tempo.

Fênix achava que não conseguiria responder, a gratidão tinha formado um nó em sua garganta. Em vez disso, assentiu para os dois, torcendo para seu sorriso ser o suficiente para transmitir tudo o que sentia.

Uma águia mergulhou da escuridão e pousou no ombro de Gear, trazendo um pergaminho amarrado na perna.

— Já estava mais que na hora — murmurou o Ancião para a ave, virando-se para inclinar o bilhete sob o luar.

— Eu q-queru ir também — disse Sete, a determinação em sua voz deixando Fênix impressionada. — Sei que ainda não sou C-Caçadora, mas isso não é uma caçada, pelo menos não no sentido normal. Isso tem a ver com magia e... e a Fênix não é a única que t-tem magia. — Sete arregalou os olhos para cada um deles, a voz cheia de urgência. — Eu talvez possa aprender mais sobre minha Visão nos Jardins de Gelo, quem sabe até melhorar meu dom.

Cinco e Seis trocaram olhares, e Sete continuou falando, agora ainda mais rápido, tentando convencê-los:

— Vou continuar meu t-treinamento, claro, vou praticar armas com

você todos os dias...

— Lógico que você vem com a gente, Sete — falou Fênix. — Você é uma de nós. A gente não vai deixar você para trás!

A alegria no rosto da amiga quase a fez rir, e Widge deu um trinado feliz, balançando a cauda num ritmo alegre.

— LAMBARITAS LAMURIENTAS!

O rugido de Gear cortou a paz da noite, fazendo um bando de arrulheiros de penas alçar voo de uma vez, decolando de um arbusto ali perto. Os garrapés nos cercados bufaram, jogando a cabeça e revirando os olhos. Fênix quase morreu de susto.

— O que foi? — gritou Cão, pulando para o lado de Gear.

Quando o Ancião voltou para o grupo, Fênix estava chocada com a mudança que o tomara. A mão que segurava o bilhete estava trêmula, o rosto pálido e perigoso como um raio.

— Aquela... aquela *abominação*! Aquela *biltre* biliosa!

O veneno em sua voz era assustador.

Cinco encontrou o olhar de Fênix, estupefato. Então, para horror do grupo, Gear se sentou de repente e enterrou o rosto nas mãos.

— Ah, não, eu não acredito — sussurrou, a voz trêmula. — Nunca pensei que... Como ela *pôde*?

Um medo afiado e poderoso se espalhou por Fênix, que viu a mesma inquietação no rosto dos amigos.

— O que aconteceu? — insistiu Cão.

No silêncio logo antes de o Ancião falar, Fênix notou uma mancha escura no papel em sua mão. Tentou dizer a si mesma que era lama, mas a mentira não colou. Widge guinchou, nervoso, e começou a morder uma mecha do cabelo dela.

— A equipe do Pinho encontrou Vitória nas terras dos rios.

Gear arfou, trêmulo.

— E-ela matou todos, não foi? — perguntou Sete, baixinho. — Todos, menos Pinho.

Gear levantou os olhos, e assentiu. Cada traço de seu rosto tensionou e endureceu.

— É — sussurrou. — Todos, menos Pinho. — A voz dele ficou rouca.

— A própria Vitória treinou aquelas crianças. Ela...

O Ancião hesitou e se levantou de súbito, virando de costas para o grupo outra vez.

O pelo de Cão tinha se eriçado, seus lábios tremiam em um rosnado.

— Vitória? — grunhiu. — Vitória atacou uma equipe de Caçadores?

Gear fez que sim, ainda de costas.

— Sim. Eles a viram, tentaram ir atrás. Não funcionou, lógico. A mulher conhece todos os truques deles, ensinou tudo o que sabem. — Ele fez uma careta e se corrigiu: — Tudo o que sabiam.

Fênix viu Seis fechar os olhos e Cinco balançar a cabeça de desgosto. Uma fúria estrondosa a atravessou. Vitória tinha matado sua família, matado sua mentora, Prata, e, agora, estava massacrando os próprios pupilos.

— Tem alguma chance de isso estar c-conectado com o que Morgren fez nos Jardins de Gelo? — questionou Sete.

Todos olharam para ela, que corou.

— Os dois estão t-trabalhando para a mesma... c-criatura — explicou ela. E estremeceu, completando: — O Mestre. T-talvez seja a próxima fase do plano... seja lá qual for.

Fênix se forçou a pensar. Sete tinha razão, claro. Tanto Vitória quanto Morgren tinham se revelado com dias de distância, mas de lados opostos do Ember.

— Talvez estejam torcendo para os Caçadores se dividirem — murmurou ela, se esforçando muito. — E vão tentar vir atrás da gente ao mesmo tempo.

Gear começou a andar de lá para cá, fechando e abrindo as mãos junto ao corpo.

— Você talvez tenha razão, Fênix. Ficaríamos mais fracos divididos. Vitória é uma boa estrategista. Sempre foi. — Ele olhou para a escuridão, e em seguida se virou de novo para o grupo, os olhos grudados em Cão. — Guardião, quero você na terra dos rios. Quero saber o que aquela verme, Vitória, está fazendo, quero saber onde ela está escondida para eu mesmo ir lá capturá-la.

Fênix ficou tensa.

— Achei que Cão iria para os Jardins de Gelo — falou, o coração quase parando só de pensar em se separar dele. — Comigo... quer dizer, com a gente.

Gear negou com a cabeça.

— Ele está sob meu comando, e estou mandando que vá atrás da Vitória. Ninguém mais pode chegar tão rápido. Ninguém mais consegue rastrear o ninho de rato em que ela se enfiou sem correr perigo mortal. — Gear se virou para Cão com uma expressão firme. — Não seja visto,

Guardião. Rastrear só pelo cheiro. Não deixe que Vitória perceba que você está atrás dela, ou não temos a menor chance de pegá-la desprevenida.

A aflição de Cão era igual à de Fênix.

— Eu com certeza deveria ficar com...

— Você é o Guardião do pavilhão, não da Fênix — interrompeu Gear, brusco, olhando de um para o outro. Fênix viu que todos estavam tão abalados quanto ela. — Você não faz parte da equipe deles. Nunca vai fazer. — Cão pareceu assustado e tão angustiado que o olhar do Ancião se suavizou. — Vou deixar que se despeçam. Depois, quero que você saia daqui.

— Hoje? — indagou Fênix, querendo gritar diante de tamanha injustiça. Era muita coisa ao mesmo tempo.

— Sim — confirmou Gear, impiedoso. — Vocês todos vão embora amanhã, de qualquer jeito, e nenhum de nós quer que nossa antiga Mestre de Armas escape. — Ele cravou os olhos nela, desafiando-a a discordar.

Fênix compreendeu que o Ancião estava decidido, nada mudaria isso. Ela e Cão seguiriam por caminhos separados.

Capítulo 9

Quando Gear os deixou, Fênix e seus amigos se jogaram em cima de Cão, abraçando-o pelo pescoço.

— Vai ficar tudo bem — disse Cão, a contragosto, dando uma batida com o focinho em cada um. — Vocês vão ficar bem. Eu vou ficar bem. Vamos nos reencontrar já, já, e com várias histórias para contar.

— É que eu achava que você viria com a gente — falou Cinco, rouco.

— Eu também achava — admitiu Cão. — Mas não é para ser. E, de todo jeito, aquela águia de Gelo teria dificuldade de me carregar.

Fênix deixou uma risadinha escapar pelo nariz, piscando depressa para afastar as lágrimas que ardiam em seus olhos. Widge tinha pulado nas costas de Cão e acariciava um pedaço do pelo de pedra.

O Guardião se virou para Fênix e abaixou a cabeça para encará-la nos olhos.

— O que você concordou em fazer é muito nobre — disse ele, com delicadeza. — As bruxas ajudaram muito os Caçadores, no passado. Nunca pudemos ajudá-las de um jeito tão significativo. Você estará reestabelecendo um relacionamento de séculos.

Fênix fez careta.

— Não aceitei por causa disso — admitiu. — Preciso *fazer* alguma coisa. — A expressão confusa no rosto de todos a fez dar de ombros. — Passamos meses nos perguntando se Morgren está vivo, preocupados com

ele e Vitória e... e o que estão planejando.

Para seu horror, percebeu que não conseguia falar o nome de Croke em voz alta, seu medo daquela criatura era visceral demais. Reparou que olhou por cima do ombro, temendo que o trecho de escuridão mais intensa junto à base do penhasco escondesse a figura sem rosto envolta em uma capa. Andava fazendo essas coisas com mais frequência do que gostaria.

Fênix balançou a cabeça, forçando-se a se concentrar no que estava fazendo.

— Agora a gente finalmente sabe o que está acontecendo. — Tentou parecer contente, decidida. — E talvez dê para fazer alguma coisa para impedir, em vez de só...

— Esperar — completou Sete.

— Exato. — Fênix assentiu, ignorando uma nova onda de medo. — É. Ter a chance de parar Morgren é algo bom. É excelente.

Cinco, Seis, Sete e Cão a encaravam.

— Você está com medo de usar seus poderes, né? — perguntou Seis, que tinha a capacidade bizarra de saber o que Fênix estava pensando. — Mas você não vai estar sozinha. Estaremos junto, o tempo todo.

— *Óbvio!* — exclamou Cinco. Então hesitou, uma pequena ruga em sua testa. — Bom, você talvez fique sozinha durante alguma parte, sabe, já que não somos elementares, mas...

A cotovelada que Seis deu no amigo foi tão forte que arrancou um grito dele.

Fênix reprimiu um sorriso.

— Não uso meus poderes desde a batalha no Pavilhão de Caça — disse, tentando não demonstrar a preocupação que sentia. — E não tenho ideia do que é uma Fissura Sombria. Eu só...

— Nara vai ajudar — falou Sete, cheia de confiança.

A esperança se acendeu no peito de Fênix.

— Você viu isso? Tem certeza?

Sete hesitou, então fez que sim.

— Ela quer ensinar você, quer ajudar a controlar o fogo. Você só vai enfrentar a Fissura Sombria quando estiver pronta.

O alívio de Fênix foi afiado como uma espada. Meio que tinha imaginado que Nara a levaria direto para a tal da Fissura nos Jardins de Gelo, esperando que fosse destruída imediatamente. Mas talvez não fosse assim. Widge, em seu ombro, soltou um barulhinho alegre e fez cócegas com a cauda em sua na nuca.

Um silêncio confortável tomou conta deles. Cão levantou os olhos para a lua; Fênix não pode deixar de notar uma certa tensão nele.

— Você tem mesmo que ir hoje? — perguntou ela.

— Você ouviu o Gear — respondeu o Guardião. — O tempo urge. Vitória precisa ser capturada antes de machucar mais alguém.

— Você vai ficar bem? — questionou Cinco. Então continuou, depressa: — Depois do que aconteceu com Martelo de Carvalho... parece que você passou a sentir dor com mais facilidade.

Fênix fez careta, lembrando como a Árvore do Coração tinha torturado Cão, rido da dor dele. De algum jeito, talvez não intencionalmente, Martelo de Carvalho tinha mudado algo em Cão para sempre. O Guardião dizia que agora *sentia* tudo mais intensamente, não só a dor.

— Passei mesmo — respondeu Cão, baixinho. — Talvez eu seja menos impenetrável do que antes. Menos de pedra. Mas ainda sou mais do que páreo para Vitória.

Fênix não pôde deixar de notar que o Guardião parecia perturbado.

— O que foi? — perguntou ela. — Definitivamente tem alguma coisa que você não está contando.

A risada de Cão soou como um chacoalhar de pedrinhas.

— Não consigo esconder nada de vocês.

— Claro que não. — Fênix fechou a cara. — Somos amigos. Você não deveria conseguir esconder nada de nós.

Por um momento, Cão pareceu atordoado.

— Amigos — murmurou. — Ninguém nunca me disse isso.

— Pare de tentar mudar de assunto — reclamou Cinco. — Com o que você está preocupado?

Cão suspirou e balançou a cabeça.

— Gear quer que eu viaje sem ser visto.

— Você acha que vai ser difícil? — perguntou Fênix.

— Em alguns lugares, sim. Mas estou pensando numa coisa específica. A rota mais rápida para as terras dos rios passa pelo Grande Bosque. E o clã das florestas está mais vigilante do que nunca. Acho que preciso viajar por baixo do Fecho do Rio, por baixo d'água, para evitar que me vejam.

— *Por baixo* do Fecho? — falou Cinco, ansioso.

Os quatro amigos se entreolharam, apavorados, os olhos arregalados. O Fecho era famoso no Ember inteiro por ter as águas imbuídas de poderes estranhos. Diziam que um único gole podia arrancar as memórias de alguém e que se banhar naquelas águas levava à loucura.

— É m-muito perigoso, Cão — disse Sete.

— Ainda mais se você está mais vulnerável depois de Martelo de Carvalho — acrescentou Fênix, a preocupação por ele de repente batucando em seu peito e dificultando a respiração.

— Não dá para em vez disso contornar o bosque? — questionou Seis, fazendo uma careta enquanto falava, porque essa rota adicionaria mais três dias à viagem.

— Preciso chegar o mais rápido possível para ter uma boa chance de pegar Vitória — explicou Cão. Ele se sacudiu. — Não se preocupe comigo. Vou ficar bem.

Então se levantou, olhando para o Beiral lá em cima.

Fênix ficou em pânico.

— Você vai *agora*?

— Tenho que ir — respondeu Cão, com delicadeza. — Vou sentir muita saudade de todos vocês. — Ele se sacudiu outra vez. — Mas é o certo a fazer.

Fênix se apoiou no Guardião, uma tristeza se revirando dentro dela, deixando-a enjoada. Aquilo não parecia certo. Mas dizer isso em voz alta não mudaria a situação. Em vez disso, falou:

— Então é melhor a gente se despedir.

— Sim — respondeu Cão, baixinho. — Vou pensar em vocês todos os dias e esperar ansioso pelo nosso reencontro. Não tenho dúvidas de que vocês serão incríveis nos Jardins de Gelo, que cada um vai fazer tudo o que pode para acabar com Morgren.

Quando o Guardião partiu, Fênix ficou feliz por estar tão escuro que basicamente não dava para ver as lágrimas em seu rosto enquanto ele sumia noite adentro.

Capítulo 10

Cão sumiu na escuridão, afastando-se de Fênix e dos outros com o coração mais pesado do que nunca. O ar da noite tinha cheiro de chuva, pedra e possibilidades, mas ele não conseguia sentir os aromas como sempre. Tudo estava manchado com o odor enjoativo da tristeza.

Prometera a si mesmo que não olharia para trás, mas a tentação era forte demais. Os quatro ainda estavam visíveis, mas por pouco, perto dos garrapés, todos juntos, se consolando como fazem os amigos.

Amigos.

Seus olhos encontraram Fênix, e foi difícil desviá-los. Ela o chamara de *amigo*. Ninguém nunca tinha feito isso, e Cão nunca ousara esperar que alguém o faria.

Ele se forçou a virar o rosto.

Naquele momento, estava sozinho de novo, como tantas vezes antes.

Tinha uma missão e seria bem-sucedido, como sempre.

Cão só conseguiu dar mais dois passos antes de titubear, aparentemente por vontade própria, para poder dar mais uma olhada no grupo.

Seus amigos.

A vontade de uivar era quase forte demais para resistir. Em vez disso, Cão se forçou a dar as costas para eles e começar um longo trote, batendo os pés no chão na direção do silêncio verde e distante do Grande Bosque.

Na direção do perigo desconhecido do Fecho do Rio. E, em algum lugar para além disso, estava sua inimiga, Vitória.

Capítulo 11

Fênix tinha ficado acordada pelo que pareciam horas, os olhos mirando a penumbra do quarto, preocupada com Cão, imaginando como seriam os Jardins de Gelo.

Jardins de Gelo.

Apesar de Vitória e Morgren, apesar da Fissura Sombria, uma parte dela vibrava de animação ao pensar que realmente veria o Palácio de Gelo. O que Poppy diria se soubesse que sua irmã mais velha um dia visitaria esse lugar? Fênix nem precisou pensar muito: Poppy teria explodido de alegria. Sua irmãzinha sempre fora fascinada pelo mundo além de Poa. Ela foi a mais empolgada quando, três anos antes de tudo, o pai disse que as levaria ao mercado flutuante — a primeira vez que Fênix e a irmã saíram dos prados.

Ela fechou os olhos, permitindo-se cair numa lembrança do primeiro dia das duas lá.

— *Aí está você — disse Starling, ofegante, sentada no carrinho do pai, muito aliviada quando Poppy apareceu ali de repente ao seu lado. — Por onde você andou?*

— *Estava dando uma voltinha, lógico.*

Poppy piscou. Atrás dela, o mercado flutuante estava fervilhando de atividade e barulho, as barracas de cores vivas brigando por espaço. Mais além, a água reluzente do lago Ilara se espalhava em todas as direções, cintilando à luz quente da tarde.

Starling tremeu e desviou os olhos. A margem parecia longe demais. Mais cedo,

quando as pontes dos clãs tinham se aberto, desenrolando-se feito bobinas da ilha até a margem, assim que cruzara as pontes com o pai e Poppy, ela estava animada. Aquela sensação tinha desaparecido. Presa com os outros clãs de todos os lados. Presa com toda a estranheza daquelas pessoas.

Ela estremeceu ao sentir o carrinho embaixo de si subir e descer no ritmo da ilha. Antes de chegarem, não tinha entendido que o mercado flutuante não era uma ilha de verdade, era artificial. Feixes de juncos dispostos por cima de juncos velhos dispostos por cima de juncos ainda mais velhos.

O chão era macio e flexível, a ilha girava pelo lago, solta, ao sabor da brisa. Tudo ali parecia frágil e artificial. Starling tinha odiado.

— Viu as barracas do clã dos rios? — perguntou Poppy, sem notar a expressão da irmã. — Tem penas de martim-pescador de cores que eu nunca vi! E escamas de peixe que brilham que nem prata. É lindo!

A última palavra saiu como um suspiro.

— Você devia ter ficado aqui comigo — reclamou Starling, estendendo o braço para a irmã. — Você sabe que o pai me pediu para ficar de olho em você.

Poppy deu um salto para trás, se colocando um pouco fora de alcance.

— Mas eu quero explorar e você não quer.

— Não é verdade.

— É, sim — rebateu Poppy. — Se quisesse ver as coisas, não estaria aí sentada na traseira do carrinho. Isso você pode ver qualquer dia. Mas todo o resto... — Ela se virou, abrindo bem os braços para englobar o burburinho do mercado, um contraste agudo com a perfeita imobilidade do lago. — Só vamos ficar aqui por quatro dias. Depois, vamos para casa. — Ela suspirou, soltando o braço enquanto uma nuvem passava na frente do sol. — Reed diz que temos que aproveitar ao máximo.

Starling ficou tensa.

— Reed? Quem é Reed?

Poppy deu um sorriso.

— Meu novo amigo!

— Nós só chegamos faz algumas horas. — Starling estava irritada. — Não tem como você já ter feito um amigo.

— Tem, sim.

— Não tem, não!

— Tá bom, então. — Poppy deu de ombros. — Bem, vou lá brincar com ninguém. — Ela saiu dançando, com uma expressão travessa, gritando por cima do ombro: — Ninguém vai me ensinar a nadar!

— Quê? — Starling se levantou de um salto, e o carrinho se mexeu um pouco. — Não! Você não pode, Poppy. É perigoso. Eu... eu proíbo.

Poppy nem se deu ao trabalho de responder, os lábios tremendo de segurar o riso enquanto olhava para Starling.

— Vou contar para o papai! — berrou Starling, se odiando um pouco. Enfiar o pai no meio era golpe baixo.

Mas funcionou.

A irmã hesitou.

— Então venha comigo — sugeriu Poppy, virando-se para ela, os olhos brilhantes. — Reed te ensina também. Ele com certeza vai topar!

Diferentes sentimentos brigaram dentro de Starling. Se fosse com Poppy, pelo menos teria certeza de que a irmã estava segura. Mas não queria aprender a nadar. Ela era do clã das gramas. E se esse menino do clã dos rios fosse perigoso ou... ou...

— Vamos! — chamou Poppy.

Cansada de esperar, a irmã deu meia-volta e saiu andando na direção do rebuliço do mercado principal.

— Espera! — gritou Starling.

A irmã mais nova era rápida demais, já tinha se embrenhado entre as barracas coloridas e a multidão de gente. Sem querer perdê-la, Starling pulou do carrinho e correu atrás, os olhos absorvendo tudo o que antes ela estava examinando de longe, com uma mescla desconfortável de suspeita e fascínio.

Uma barraca do clã dos desertos resplandecia com as lãs tingidas que pareciam joias, reluzindo com os maiores discos de vidro do deserto polidos que ela já vira na vida. Ao lado, uma barraca do clã das florestas estava com a frente bloqueada por uma multidão que se acotovela, numa negociação acalorada por ymbre.

Mais à frente, uma barraca do clã dos pântanos gemia sob o peso de centenas de plantas, algumas secas, outras ainda com líquido pingando da raiz, mas cada uma com um rótulo informando o preço e a propriedade medicinal. Uma planta minúscula, com a raiz embrulhada meticulosamente, deixou Starling boquiaberta: custava o mesmo que milho para um mês.

O dono da barraca sorriu para ela, claramente se divertindo com a reação.

— Nunca viu peixinho?

Starling piscou e fez que não com a cabeça, em silêncio.

— Estanca sangramento — explicou ele. — É só triturar estas folhas e passar em qualquer ferimento, mesmo que seja o coto de um membro perdido, e o sangue para de correr na hora. — Starling arregalou os olhos, e o homem fez que sim com a cabeça. — Já salvou muitas vidas, principalmente no Pavilhão de Caça.

— Starling! Você não vem? — chamou Poppy, conseguindo de alguma forma cortar a multidão e as negociações animadas.

Com um rápido aceno de cabeça, Starling foi atrás dela, fazendo de tudo para

alcançá-la... mas falhando. A irmãzinha era rápida. No fim, bem quando achava que o coração ia explodir, contornou a última barraca correndo e quase bateu com tudo nas costas da irmã.

Poppy tinha parado de repente e conversava animada com um garoto mais ou menos da idade de Starling que usava um gibão de escamas de peixe do clã dos rios.

— Reed — disse Starling, já desconfiada.

No momento, o clã dos rios não tinha rixas com o clã das grammas, mas o histórico dos dois ao longo dos séculos raramente tivera períodos fáceis.

Reed sorriu e fez que sim, sem saber dos pensamentos que corriam na cabeça dela.

— Também veio aprender a nadar?

— Não. E nem a Poppy. Não é coisa do clã das...

Um barulho de respingo a interrompeu, e ela se virou, horrorizada ao ver Poppy só de roupa de baixo pulando no lago.

— Poppy!

Reed ficou olhando, boquiaberto.

Tossindo e cuspiendo água, Poppy pôs a cabeça para fora da superfície, recuperando o fôlego antes de afundar de novo.

— Poppy!

O pânico ameaçou sufocá-la enquanto se jogava no chão à beira do lago, enfiando os braços na água, Tateando desesperada atrás da irmã mais nova. Não encontrou nada, era fundo demais. Ficou de pé, prestes a pular na água também, mas foi puxada por uma mão pequena.

— Se você não sabe nadar, não vai conseguir ajudar — disse Reed.

Antes de Starling conseguir responder, o garoto tinha mergulhado no local onde Poppy desaparecera, e a água pareceu se abrir para ele quase sem nem ondular.

Starling ficou parada naquele silêncio repentino, dominada pelo horror da incerteza. Um instante depois, foi até a margem; estava prestes a se jogar quando a superfície se abriu e duas cabeças apareceram: Reed arrastando Poppy logo atrás.

— Idiota! — Ele riu de Poppy, piscando para afastar a água dos olhos. — Era para você aprender primeiro!

Starling ficou olhando a irmãzinha, o coração batendo forte, sem conseguir entender a diversão no rosto dela. Por que não estava apavorada?

— Eu vi peixes, Starling! — exclamou Poppy, estendendo a mão para segurar a dela e poder ser puxada até a margem fofa. — Nadando!

— Amanhã, você já vai estar nadando que nem eles — prometeu Reed.

O sorriso de Poppy era igual ao do garoto, mesmo quando um novo acesso de tosse fez seu corpo chacoalhar, e Starling teve que dar um tapa em suas costas.

— Poppy — sibilou a mais velha. — Você vai se afogar!

Reed ficou olhando, o rosto pequeno confuso.

— *Quem sabe nadar nunca se afoga. — Ele hesitou, aí completou: — Só se encontrar uma ruivonda.*

Distraída, Poppy sacudiu a mão, como se aquilo fosse besteira.

— *Eu não tenho medo — disse ela, e Starling nunca vira a irmã tão animada. — Me ensina.*

Mais tarde, voltando à barraca do pai, Poppy estava muito quieta, encarando o nada.

— *Você está bem? — perguntou Starling.*

— *Você sente isso? — sussurrou Poppy.*

— *Sinto o quê?*

— *O quanto é incrível — disse Poppy, baixinho, o rosto iluminado. Starling pareceu confusa, e a irmã explicou: — O mundo, Starling! É tão grande e cheio de maravilhas! — Ela suspirou, feliz. — Quando eu for mais velha, vou virar exploradora para poder ver cada pedacinho do mundo.*

No escuro, Fênix abriu um sorrisinho com pesar, tentando manter a lembrança leve e completa na mente.

É tão grande e cheio de maravilhas!

Quase tinha esquecido o quanto a irmã tinha se deleitado com o mercado flutuante: os sons e cheiros, os diferentes clãs, as comidas novas, a água. Ela queria ser exploradora para poder descobrir ainda mais novidades.

Com um suspiro, Fênix fechou os olhos, tentando imaginar a felicidade de Poppy. Sim, ela teria amado visitar os Jardins de Gelo.

Mas, como sempre, quando Fênix enfim pegou no sono, foi Croke que invadiu seus sonhos, lembrando-a de que sua irmã e toda a sua família se fora. A criatura torceu suas memórias e as deturpou em pesadelos.

Capítulo 12

Na manhã seguinte, estavam todos pálidos e sérios na descida do Beiral. Apesar de estar acordada e com os amigos, fragmentos dos pesadelos ainda ecoavam dentro de Fênix. Tinha considerado voltar a tomar leite dos sonhos para afastar os sonhos ruins, mas logo rejeitara a ideia. Lembrava muito melhor da família sem aquilo, e não sacrificaria aquelas lembranças por nada. Mas Croke parecia estar perto, observando-a de cada sombra. Widge, ansioso, mordiscou uma mecha do cabelo dela enquanto desciam pela cesta, o peso e o calor de seu corpinho eram um conforto.

— Já estão lá embaixo — comentou Cinco, indicando com a cabeça para Gear e Nara, mais ou menos visíveis lá embaixo. Um músculo de sua mandíbula se contraiu, e ele estava incomumente quieto.

Fênix olhou para baixo enquanto a cesta descia, o coração se contorcendo. Cão também deveria estar lá. Parecia tão errado aquilo estar acontecendo sem ele.

— Pronto, chegaram — disse Gear, e analisou cada um deles depressa enquanto saíam da cesta. — Ótimo, vejo que todos trouxeram suas armas. — Ele fixou um olhar afiado em Cinco, Seis e Fênix. — Agora, vocês três são Caçadores. — E indicou Sete com a cabeça. — Ela ainda é novata. O que quer dizer que vocês são responsáveis pela segurança e o treinamento dela e por fazer com que ela recite o Juramento. Entendido?

Os três assentiram.

— E, pela geadá, Cinco e Seis, vocês precisam escolher logo seus nomes de Caçador.

Eles assentiram depressa outra vez.

— Não paramos de pensar nas opções — contou Cinco.

Fênix suprimiu uma risada de desdém. Aquilo com certeza não era verdade.

— Humpf — resmungou Gear. Não era fácil enganá-lo. Ele se virou para Nara. — Bom, aqui estão.

A capa de penas brancas como a neve parecia brilhar à luz que antecedia à alvorada quando a bruxa deu um passo à frente, os olhos brilhantes fixos em Fênix.

— Obrigada — falou, a intensidade da emoção deixando sua voz trêmula. — Obrigada a *todos* vocês. Sei que para vocês deve ser estranho serem levados antes que a gente possa se conhecer melhor. Mas o tempo urge, de verdade, e gostaria de ir assim que possível.

Uma pontada de medo fez Fênix se encolher. *O tempo urge, de verdade.* Nara dependia da habilidade dela de controlar o fogo, de destruir a Fissura Sombria. Todos nos Jardins de Gelo dependiam dela, talvez o Ember inteiro. Fênix desejou com cada fibra de seu corpo que a Fissura Sombria fosse algo com que pudesse lutar usando seus machados: assim, teria mais confiança. Em vez disso, só sentia um temor gelado e crescente. E se não conseguisse? E se acabasse arruinando os Jardins de Gelo, assim como acontecera com o Pavilhão de Caça? E se isso acabasse prejudicando todo o Ember?

— Temos tudo de que precisamos — disse Seis, a voz traindo sua ansiedade.

Dessa vez, ele parecia não ter ideia do que Fênix estava pensando.

— E-estamos prontos — concordou Sete.

— Vamos voar para os Jardins de Gelo? Na sua águia? — pergunta Cinco, de olhos arregalados.

A ave enorme pousou em silêncio atrás de Nara.

— De certa forma. — A bruxa sorriu, indo até o pássaro para acariciar as penas junto do bico. — Deixei um portal perto dos Jardins de Gelo. Se eu criar outro aqui, podemos atravessá-lo voando e ir direto para o Palácio de Gelo.

— O que é um p-portal? — perguntou Sete.

— É bem seguro — assegurou Nara, mais do que depressa. — Dois portais podem ser ligados, então podemos atravessá-los com a facilidade

de atravessar uma porta. Mas é preciso dois portais para isso, e eles precisam estar conectados. Levei uma semana para voar até aqui na Chiara, mas levaremos apenas alguns segundos para voltar, depois que eu abrir e conectar o novo portal com o que deixei nos Jardins de Gelo.

Ela sorriu para a águia ao seu lado, que inclinou a cabeça com delicadeza. Surpresa, Fênix notou a inteligência no olhar da ave. Widge, em seu ombro, também olhava, tão fascinado quanto ela.

— Não gostei *nada* disso — murmurou Cinco, atraindo um olhar de surpresa de Seis.

Nara suprimiu um sorriso e comentou:

— Acho que nossa mágica foi esquecida em Ember. Mas, a partir de agora, queremos mudar isso. Pode confiar em mim?

A pergunta era tão franca e direta que pegou Cinco de surpresa.

— Acho que preciso confiar em você — sussurrou ele, parecendo desconfortável. — Então, como vai funcionar?

Nara se virou para sua águia de gelo, sorrindo.

— Vou deixar a Chiara responder.

Para o assombro de Fênix, o pássaro começou a falar. Notou seu choque refletido no rosto de todos, exceto Gear e Widge, que começou a se limpar. A voz de Chiara era suave como a de Nara, tão baixa que tiveram dificuldade de ouvir.

— É simples. Vocês vão subir com Nara nas minhas costas, e eu vou levantar voo. Quando estivermos no ar, Nara vai criar o portal, e nós vamos atravessar. Do outro lado, é um voo curto até os Jardins de Gelo. Só peço que não tentem puxar minhas penas.

— Muito bem, então — falou Nara, abrindo um sorriso meio nervoso. — Chegou a hora.

Ela acenou para que o grupo se adiantasse enquanto Chiara abaixava a cabeça e abria as asas para facilitar que subissem nela. A bruxa ajudou com um empurrãozinho, direcionando-os para as costas longas e brilhantes do pássaro. Fênix foi a última e ficou maravilhada com a maciez sedosa como um rio e a claridade gelada das penas. Tentou não puxar nenhuma conforme ia até onde estavam sentados os outros, todos parecendo igualmente impressionados e apavorados.

— Não tem nada para segurar — murmurou Cinco, nervoso. — *Nada!*

Era verdade, constatou Fênix, com uma onda de desconforto. Então Nara saltou com leveza e se acomodou atrás da grande cabeça da águia.

— Fênix, você segura em mim — instruiu ela. — E vocês seguram na

Fênix. O voo vai ser tranquilo, reto e sem solavancos, mas, em todo caso...

Ela passou uma corda para trás e esperou, paciente, todos se amarrarem uns aos outros. Cinco testou e refez todos os nós quatro vezes antes de se dar por satisfeito.

— Excelente — disse a bruxa, quando ele enfim terminou. — Então é hora de irmos.

Ela levantou a mão para Gear numa saudação de despedida.

— Cuide dos meus Caçadores — grunhiu Gear, levantando a mão em resposta.

Todos estavam dizendo adeus enquanto Chiara abria as asas e, com um salto poderoso, alçava voo.

Capítulo 13

Cinco soltou um grunhido agudo e estrangulado que talvez fosse um berro suprimido. Fênix não conseguiu conter um gritinho quando viu o chão se afastar; a sensação de liberdade imensa demais. Curioso, Widge enfiou a cabeça para fora do colarinho dela e fechou os olhos, curtindo a brisa fresca no pelo da bochecha e em torno das orelhas. Um ronronado suave vibrou pelo corpinho dele, e Fênix riu de prazer.

— O único esquilo voador do Ember — disse ela, sorrindo.

Widge pareceu bem contente com aquilo.

— É i-incrível! — gritou Sete, a voz borbulhando de deleite.

Nara se virou para trás, os olhos iluminados.

— Ninguém nunca esquece o primeiro voo numa águia de gelo — falou, o ar carregando suas palavras para longe.

— Não duvido — resmungou Cinco. — Não estou me sentindo muito bem.

Fênix se virou para ele, que estava com os olhos bem fechados.

— Cinco, se você vomitar em mim...

— Achei que esse fosse seu grande sonho, não? — perguntou Seis, atrás dele, dando risada. — Voar numa águia de gelo.

— Não tinha pensado nisso direito — respondeu Cinco, apertando ainda mais os olhos. — Por que não podemos voar mais perto do chão?

Seis tentou suprimir mais risadas, mas não conseguiu.

— Você é ridículo — falou, ofegante. — Abra os olhos, Cinco. Você não pode perder isso. É incrível demais!

Com o pedido de Seis, Cinco abriu os olhos. Seus braços apertaram Fênix com tanta força que ela mal conseguia respirar. Mas, quando o garoto voltou a falar, foi com espanto.

— Isso é... isso é...

Seis, atrás dele, abriu um sorriso.

Fênix ficou admirando, embasbacada, conforme subiam. O Beiral era minúsculo, um pontinho claro que desapareceu rápido, os detalhes lá embaixo virando um borrão. Depois disso, só havia o céu do alvorecer varrido pelas nuvens, a promessa de um sol nascente no horizonte, e as montanhas, prateadas e misteriosas, presas numa lâmina entre noite e dia.

Atrás dela, todos estavam em silêncio e, quando se virou para olhá-los, viu seu próprio maravilhamento refletido em cada rosto. Sorriram uns para os outros; não havia palavras para aquele momento.

Um pouco depois, Nara se virou para trás outra vez e disse:

— É lindo aqui, mas está na hora de voltar para os Jardins de Gelo. Quando eu abrir o portal, vocês vão ver uma perturbação no ar. Depois que atravessarmos, vou fechar o portal lá, mas vou deixar este lado aberto para facilitar a viagem de volta.

Antes de alguém ter tempo de responder, ela se virou para a frente, levantou o braço e sussurrou algo que Fênix não conseguiu entender.

Chiara desviou para a esquerda, na direção de um trecho de céu claro. O ar ali ondulou e girou antes de se acalmar, só que... Fênix piscou, mal conseguindo entender o que via.

O céu em torno do Beiral tinha clareado para um tom azul-prateado enquanto o sol espiava por cima das montanhas. Mas, à frente, havia um círculo perfeito de escuridão cheia de estrelas: o céu de um local onde o amanhecer ainda demoraria algumas horas.

O coração de Fênix começou a acelerar. Widge ficou bem imóvel, e Cinco a apertou ainda mais forte.

— Os Jardins de Gelo ficam bem mais a norte do que o Beiral — gritou Nara, por cima do ombro. — Nesta época do ano, o sol só dura algumas horas por dia.

Fênix notou que segurava a bruxa com mais força à medida que se aproximavam do portal. Por um instante, ouviu o rugido de uma tempestade, uma confusão de claridade e escuridão, então um frio gelado e brutal a atingiu como um soco. Atrás de si, ouviu os amigos batendo os

dentess, assim como ela.

Nara esticou o pescoço para olhar para trás e, com uma expressão de concentração intensa, sussurrou mais alguma coisa. De novo, a palavra escapou, deslizando feito uma enguia pelos sentidos de Fênix até desaparecer. Ela se virou bem a tempo de ver o círculo de céu azul encolher e desaparecer atrás deles.

— Deixei o portal do Beiral aberto — avisou Nara, notando a surpresa de Fênix. — Mas não é seguro deixar os dois conectados e abertos, nem mesmo no céu. Tem brilhaas demais aqui para arriscar.

— Em nome de Ember, o que é... — sussurrou Seis, olhando em volta.

Fênix sentiu as palavras falharem e a surpresa conter sua voz quando seguiu o olhar do amigo: as montanhas tinham sumido, e o dia nascente tinha desaparecido. Parecia que *tudo* tinha desaparecido. O lugar para onde tinham saído estava vazio, trancado na escuridão. Era fantasmagórico, com gelo prateado como o luar se espalhando até onde a vista alcançava e um frio estrangulador que cobria tudo como um manto e já se infiltrava em seus ossos. Nem que tentasse, Fênix teria conseguido imaginar um lugar menos hospitaleiro.

Nara levantou a mão e murmurou alguma coisa. De repente, o frio implacável amainou.

— Um feitiço de calor — explicou ela. — Uma de nossas mágicas mais importantes aqui, como podem imaginar.

Cinco fez careta.

— Valeu... acho. — Em seguida, falou mais baixinho: — Ela não devia pedir permissão antes de jogar magia na gente?

— N-não ligo, isso mantém o frio afastado — cochichou Sete em resposta. — Só mais alguns minutos, e eu ia congelar feito pedra.

Voaram só por um tempinho antes de Fênix perceber um som grave, repetitivo e estrondoso.

— O que é esse barulho?

— O Oceano Infundo — respondeu a bruxa, apontando algo à frente na escuridão.

O oceano! O coração de Fênix palpitou. A mãe de sua mãe uma vez vira o oceano quando criança, e a história era passada de geração em geração como uma herança. Forçou os olhos naquela direção, para o lençol ondulante e resplandecente de movimento incansável. A superfície reluzia, escura como aço de espada, perigosa, sedutora, faminta. Bem como a mãe de Fênix ouvira ser descrita e, mais tarde, descrevera para ela.

Nara notou a expressão da garota, então comentou:

— Fica lindo nos dias claros de verão. Mas é mais poderoso do que dá para imaginar e contém mais criaturas das sombras do que o Ember inteiro. É sempre bom lembrar disso.

Fênix assentiu devagar, sem conseguir tirar os olhos dali enquanto Chiara virava, seguindo uma série de penhascos íngremes a norte. Foi assim que perdeu o primeiro relance dos Jardins de Gelo.

— O que é aquilo? — perguntou Sete, mais atrás, arrancando-a dos devaneios sobre o oceano.

A amiga estava apontando para a costa. Na escuridão, algo cintilava, elevando-se vastamente do oceano e se curvando por sobre o penhasco como uma garra brilhante.

— Aquilo — respondeu Nara, abrindo um sorriso — é o Palácio de Gelo.

Fênix só conseguiu olhar, o espanto aumentando quanto mais perto chegavam.

— Mas é uma o-onda! — exclamou Sete, por fim, colocando os pensamentos de Fênix em palavras. — Eu acho, né?

— É, sim — Nara sorriu. — Parte de uma onda que, se não tivesse sido congelada a tempo, bem antes de nossos registros, teria varrido o Ember inteiro. Não sabemos o que aconteceu para que parasse assim, em pleno movimento, mas é nosso lar há mais de mil anos.

Fênix continuava olhando.

— Uma onda que teria varrido o Ember...

Soava bizarro, mas lá estava, congelada no momento em que começara a ondular por cima dos penhascos, a crista deixando um rastro para trás, até a água escura do oceano. Quanto mais perto chegavam, mais o tamanho daquilo a desconcertava. Era como uma montanha: daria para empilhar cinquenta muralhas do Pavilhão de Caça e ainda não chegariam perto da altura imponente do pico açoitado por respingos daquela onda.

É a magia que segura a estrutura do Palácio de Gelo. Fênix lembrou-se das palavras de Nara com um sobressalto terrível. Magia que a Fissura Sombria estava devorando. De repente, o perigo ao Ember ficou muitíssimo claro.

— Isso. É. Apavorante — disse Cinco, chocado.

Com um mergulho que agitou o estômago de Fênix, Chiara passou por baixo da magnífica borda curvada do Palácio de Gelo e pousou no topo do rochedo logo abaixo. Uma muralha de gelo abobadada se elevava acima deles num ângulo impossível, bloqueando as estrelas. Parecia prestes a

colidir com o solo, mas nunca o tocava.

Numa onda repentina, todos os medos de Fênix se acumularam dentro dela, deixando-a enjoada e sem ar. Estava ali, nos Jardins de Gelo, que eram mais enormes do que jamais imaginara. Se a Fissura Sombria estivesse mesmo ameaçando aquele lugar, o que, em nome de Ember, *ela* poderia fazer? Era só uma pessoa; uma garota que se sentia particularmente pequena parada diante do Palácio de Gelo.

Os pelos arrepiados em seus braços não tinham nada a ver com o frio.

— Vocês estão s-sentindo isso? — sussurrou Sete.

— Sentindo o quê? — perguntou Seis.

Mas Fênix sabia do que ela estava falando. Havia algo no ar, algo que apertava seu peito. Também tinha sentido aquilo na Floresta Congelada, meses antes.

— Magia — murmurou, sem perceber que tinha falado em voz alta.

Widge guinchou, concordando, só as orelhas e os olhos visíveis acima do casaco de pele.

— Só se a magia for congelante e tiver cheiro de peixe — murmurou Cinco. Seus dedos continuavam fincados em Fênix, apesar de Chiara já estar no chão. Ela se soltou delicadamente. — Eu não entendo — disse ele a Nara, olhando ao redor. — Onde ficam os Jardins de Gelo *de fato*?

Nara sorriu.

— Aqui — respondeu, gesticulando para a onda enorme enquanto os ajudava a descer das costas do grande pássaro. — Este é o Palácio de Gelo.

Cinco ficou olhando a parede de água congelada, parecendo mais preocupado do que Fênix já o vira.

— Vocês não podem morar num bloco de gelo — retrucou ele, bem devagar, como se explicasse algo muito complicado. — Muito menos em um tão gigantesco.

Nara deu risada.

— Vai fazer sentido quando vocês entrarem, juro. — E acrescentou: — Obrigada, Chiara.

O carinho entre Nara e sua águia de gelo era óbvio. Chiara abaixou a cabeça para a bruxa.

— Nossa primeira aventura de verdade — falou a águia, com sua voz suave.

— Valeu a pena a longuíssima espera — respondeu Nara, descansando a testa brevemente no bico da ave.

A águia de gelo inclinou a linda cabeça e partiu de novo, voando por

baixo da crista curvada da onda e desaparecendo; um momento depois, o som do bater de suas asas poderosas também sumiu.

Cinco ficou observando Chiara se afastar, os olhos muito arregalados.

— Olhem — sussurrou Sete, apontando.

Na base do palácio, bem à frente, linhas de luz despontavam no gelo, traçando padrões intrincados na superfície reluzente.

— Portas — falou Fênix, com a voz fraca, quando as duas formas se completaram.

Ela engoliu em seco, o maravilhamento deslocando os medos. Tinha acabado de voar numa águia de gelo. Estava prestes a entrar no palácio. Ah, queria *tanto* poder mostrar aquilo tudo a Poppy.

Nara sorriu, a capa de penas esvoaçando atrás de si enquanto empurrava a superfície gelada das portas. Depois se virou para acenar para os outros seguirem.

— Bem-vindos aos Jardins de Gelo.

Capítulo 14

Fênix sentiu o coração de Widge acelerar e levantou a mão para tocá-lo, acariciando seu pelo macio enquanto ambos encaravam o Palácio de Gelo.

Uma vasta caverna tinha sido escavada na onda congelada. E, lá dentro, havia um lago, perfeitamente imóvel e transparente como o mais fino vidro do deserto. Fênix não esperava aquilo. Peixes nadavam sob a superfície, deixando rastros de luz colorida.

Duas fileiras de estátuas de gelo enormes se erguiam das profundezas da água, ladeando o caminho para longe da entrada. Cada escultura num pedestal representava uma mulher diferente, incrivelmente realista, mas muitas vezes maior do que uma pessoa normal. E todas pareciam vivas. Estavam com os olhos fixos em Fênix e seus amigos, que piscavam enquanto se inclinavam para cochichar entre si.

Nem tinham notado que seguiam Nara lá para dentro, absortos que estavam em assimilar cada detalhe impossível.

As duas fileiras de estátuas levavam até uma ilha congelada, onde havia um grupo de mulheres paradas em silêncio, quase todas com capas de penas como a de Nara. Fênix mal as notou; a árvore atrás delas exigia sua atenção, dominando a pequena área — dominando a caverna toda, na verdade. Nascia direto do gelo, com galhos verdes e frondosos se estendendo vastamente por cima da água. Aquela árvore fazia até Martelo

de Carvalho parecer uma muda.

Fênix notou degraus contornando o tronco. Acompanhou a subida com o olhar e descobriu que a árvore era ainda mais alta do que a caverna onde estava: a parte superior do tronco e dos galhos desaparecia no gelo curvado bem acima.

— É... é... — Sete parou, sem conseguir continuar.

— É lindo — murmurou Seis, sem fôlego, os olhos arregalados.

Fênix nunca tinha concordado tanto com ele. O gelo reluzia com uma luz misteriosa própria; os peixes nadavam de um lado a outro, desenhando arcos-íris na água; e uma multidão de orbeluzes pairava acima de tudo, vários boiavam pelo lago na direção de onde Fênix estava parada. A garota ficou olhando, fascinada, os olhos indo de um lado a outro, sem parar, tentando absorver tudo ao mesmo tempo.

— Isto é mil vezes pior do que eu imaginei — sussurrou Cinco. — *Literalmente* tem magia por todo lado.

Fênix olhou para ele de soslaio, prestes a cair no riso, mas teve que olhar com mais atenção. Cinco estava pálido e suado, com os punhos cerrados.

— Você está bem? — cochichou ela.

O garoto fez que sim, tenso, então se encolheu todo quando a estátua de gelo mais próxima acenou alegremente para eles. A mão foi direto para o pomo da espada, trêmula, e cada linha do corpo dele vibrava de tensão. Seis foi para o lado dele, e Cinco conseguiu abrir um sorriso agradecido.

— Essas são as outras bruxas? — perguntou Fênix a Nara, indicando com a cabeça o grupo de mulheres do outro lado da água.

Nara sorriu.

— São, sim.

— Tem um barco? — perguntou Seis, com um olhar inseguro para o trecho de água salgada e reluzente entre eles e a ilha.

— Não é necessário. — Nara riu. — Podemos ir andando.

Ela atravessou as portas e cada estátua de gelo levantou um braço para tocar o braço da figura à frente, formando uma espécie de túnel. Quando as pontas de seus dedos se tocaram, a água abaixo congelou depressa, até uma ponte de gelo se formar entre as estátuas, espalhando-se a partir dos pés de Nara até a ilha.



Cinco soltou um grunhido abafado quando Seis o puxou para a frente, seguindo Nara, que agora caminhava devagar pela ponte, cumprimentando cada estátua ao passar — e sendo cumprimentada de volta.

— Mãe de Gelo Sanna, Mãe de Gelo Linnet — disse ela, inclinando a cabeça e sorrindo.

— Saudações, Irmã Nara — murmuravam as estátuas, antes de voltar a atenção a Fênix, Sete, Cinco e Seis.

— Caçadores — cochicharam as estátuas gigantes, entre si.

— É como antes...

— Não sei... acho que não. Esses parecem bem jovens.

— As Mães de Gelo defendem o palácio — explicou Nara, por cima do ombro. — Se algo ou alguém tentar entrar à força, a recepção será bem diferente.

— E isso... hã... acontece muito? — perguntou Cinco, se encolhendo sob os olhares curiosos das estátuas.

— Nunca aconteceu — respondeu Nara. — Mas mesmo assim é reconfortante ter defesas tão excelentes.

— Era o que a gente dizia das muralhas do pavilhão — comentou Cinco, sombrio, atraindo um olhar furioso de Seis.

— Isso é incrível! — sussurrou Sete, chegando mais perto de Fênix.

Widge guinchou, de olhos arregalados, mas Fênix só conseguiu assentir, de repente assoberbada. Ficou muito grata quanto Sete cruzou o braço com o dela.

Quanto mais perto chegavam da ilha, mais dava para ver o rosto das bruxas. A primeira coisa que Fênix notou foi como eram poucas, mal dava cinquenta, e pareciam ser ainda menos em contraste com a enormidade dos Jardins de Gelo. Pela primeira vez, Fênix compreendeu o quanto a doença de tantos anos atrás tinha sido devastadora.

Notou algumas crianças espalhadas pelo grupo. Todas de olhos arregalados, empolgadas e curiosas.

Quando saíram da ponte, uma das mulheres se separou do grupo para recebê-los, a capa de penas roçando o chão congelado. Um sorriso iluminou seu rosto quando ela se adiantou para cumprimentá-los, dizendo, com um sorriso caloroso:

— Bem-vindos aos Jardins de Gelo!

Ela era muito alta e branca, com o cabelo castanho-avermelhado preso numa trança. Rugas finas ao redor dos olhos sugeriam muita risada, e toda

a sua presença irradiava calma.

— Meu nome é Yelara, eu sou a Bruxa Chefe — falou, sorrindo.

A mulher pôs as duas mãos nos ombros de Fênix e beijou sua bochecha, o que deixou a menina tensa. Foi envolvida em calor por alguns instantes, antes de Yelara seguir em frente, cumprimentando Sete, Cinco e Seis.

Era uma recepção muito diferente do baque ríspido dos Caçadores. Seis ficou com a bochecha vermelho-vivo, e Cinco esfregou o beijo discretamente enquanto Yelara abraçava Nara.

— Bem-vinda — murmurou Yelara. — É bom ver você em segurança. Que aventura devem ter vivido. Mal posso esperar para ouvir tudo. — Havia um anseio em sua voz.

Nara assentiu, o rosto alegre, e a Bruxa Chefe os levou até as bruxas à espera, onde cochichos sopravam de um lado a outro, feito uma brisa. Fênix se remexeu, inquieta, enquanto era analisada por aqueles olhares.

— *Claramente* ninguém falou para elas que ficar olhando assim é falta de educação — murmurou Cinco, chegando mais perto de Seis e dos outros. Sua voz estava tensa, e o olhar nervoso pulava de rosto em rosto. — Pelo jeito, as boas maneiras vão enferrujando quando as pessoas ficam sem contato com a civilização.

— Cinco! — Seis pareceu levemente em pânico com a possibilidade de alguém ouvir aquilo. — Podemos esperar um pouquinho antes de sair ofendendo todo mundo?

— A primeira impressão é a que fica — sussurrou Cinco.

— Exatamente!

Se Yelara escutou, não deu sinal; em vez disso, virou-se para as bruxas e levantou as mãos num pedido de silêncio. O murmúrio de vozes se aquietou, as estátuas ficaram imóveis, e os Jardins de Gelo pareceram segurar a respiração. E, então, ela falou.

Capítulo 15

A voz da Bruxa Chefe se projetava sem esforço.

— Pela primeira vez em mais de quarenta anos, recebemos Caçadores nos Jardins de Gelo. E, entre eles, há uma elementar.

Uma onda de sussurros animados se espalhou pelas bruxas quando Yelara gesticulou para Fênix.

A garota mudou de posição, desconfortável, sem gostar da sensação de tantos olhos sobre si. Widge, em seu ombro, cutucou o queixo dela com o focinho, encorajando-a.

— Ela veio nos ajudar num momento de grande perigo — continuou Yelara, as palavras cada vez mais altas —, e nossa gratidão será eterna. — Ela respirou fundo. — Prometi a todas vocês, quando aceitei a capa de Bruxa Chefe, que as bruxas sairiam outra vez para o mundo e que receberíamos o mundo de volta nos Jardins de Gelo.

Ela olhou ao redor, encontrando o olhar de muitas.

— Não são as circunstâncias que imaginei quando fiz essa promessa. Sei que estamos vivendo com medo da Fissura Sombria, sei que é difícil, muito difícil, pensar em qualquer outra coisa. Mas peço que vejam a chegada de nossos convidados como o que de fato é: decisiva, um ponto de virada em nossa história, trazendo muita esperança para nosso futuro.

No Pavilhão de Caça, uma proclamação dessas feita pelos Anciões teria sido recebida no máximo com resmungos de aprovação, mas as bruxas

foram bem menos reservadas. A alegria iluminou os rostos da multidão, que soltava gritinhos animados, algumas até lançando esferas de luz no ar, amostras vivas e crepitantes de alegria.

Cinco soltou um berro, chocado, e agarrou o braço de Seis.

Fênix deu um sorriso fraco, tomada por uma onda repentina de náusea. Era cem vezes pior do que tinha imaginado. Estava sendo apresentada como algum tipo de salvadora sem nem ter visto a Fissura Sombria, a coisa que ameaçava todos.

— Sem pressão, então — murmurou Cinco, recuperando a compostura. Ele parecia solidário. — Você agora deve estar até mais nervosa do que eu.

Fênix ofereceu sorrisinho leve.

— Já estive melhor. — Ela olhou de esguelha para Cinco, que ainda parecia suar frio, olhando ao redor o tempo todo. — Você está bem?

O garoto deu de ombros, parecendo desconfortável.

— Acho que toda essa magia está deixando meus nervos à flor da pele. — Ele tocou outra vez o pomo da espada, sem parecer notar o que fazia. — Mas com certeza vou acabar me acostumando. Em algum momento.

Yelara se virou para o pequeno grupo.

— Venham — chamou, acenando para que se aproximassem. — Quero que conheçam nossas Implumes.

Sete e Fênix trocaram olhares perplexos quando, do meio do grupo das bruxas, saíram três rostos jovens, abrindo caminho até a frente. As jovens bruxas ficaram olhando os Caçadores sem o menor pudor, e Fênix olhou de volta. Widge balançou a cauda, empolgado, contraindo o focinho enquanto examinava uma a uma.

Ao contrário das outras bruxas, aquelas usavam capa de lã azul-escuro, em vez da capa de penas de águia de gelo.

— Esta é Libbet — apresentou Yelara, gesticulando para a menor das garotas, de pele negra de cor clara e cabelo ruivo, com no máximo oito anos.

Libbet abriu um sorriso enorme, sua animação se mostrando em como ela se balançava nas pontas dos pés.

— Depois, temos Thea — continuou Yelara, sorrindo para a garota ao lado de Libbet.

Thea era alguns anos mais velha do que sua colega, com feições tão pálidas e delicadas que parecia até um pouco frágil, além de olhos de um turquesa impressionante. Ela abriu um sorriso deslumbrante para Fênix.

— E esta é Zenith — concluiu a Bruxa Chefe, olhando com carinho para a menina mais velha.

Zenith, que tinha por volta de quinze anos, ficou parada atrás de Thea e Libbet, protetoramente perto. Era negra, de cabelo trançado, com uma curiosidade intensa no rosto. Passou os olhos pelo grupo de recém-chegados, avaliando-os. Fênix de repente desejou ter alisado o casaco de pele antes de encontrar toda aquela gente, e Widge começou a limpar freneticamente o bigode.

— Meninas — disse Yelara às jovens bruxas —, conheçam Sete, Cinco, Fênix e Seis. Quero que mostrem os Jardins de Gelo para eles e os ajudem a se acomodarem. — Ela pausou para olhar Fênix e os outros. — Quer dizer, se vocês estiverem prontos para conhecer os arredores.

Os amigos assentiram, e Yelara sorriu, virando-se de volta para as jovens bruxas.

— Que tal começarem com a árvore dos banquetes?

Antes de Fênix poder dizer qualquer coisa, Libbet, a mais jovem das Implumes, puxou-a para a frente, passando pelo meio das bruxas, e de repente os recém-chegados se viram cercados por um mar de rostos velhos e jovens, todos ávidos, cada um querendo apertar a mão ou dar um tapinha no ombro de um deles.

— Ela falou árvore dos *banquetes*? — perguntou Seis, dando o braço para Fênix, de forma que não fossem separados pela multidão que os impelia à frente.

Fênix franziu a testa.

— Acho que sim — respondeu, apertando o braço do amigo, aliviada.

Em seu ombro, Widge soltou um guincho esperançoso com a possibilidade de fazer uma refeição. Ela revirou os olhos para o esquilo.

— Será que a comida aqui vai ser mágica? Não, né? — perguntou Cinco, se aproximando, parecendo preocupado. — Quer dizer, *dá* para comer magia? É seguro?

Antes de poderem responder, o pequeno grupo se libertou das bruxas aglomeradas, e a árvore que tinham visto do outro lado do lado estava bem diante deles, desobstruída.

— É enorme! — exclamou Fênix.

Ao mesmo tempo, Sete falou:

— É magnífica!

A menina mais velha, Zenith, deu um sorriso para eles, parecendo quase aliviada.

— Vocês são as primeiras pessoas que já vi vendo a árvore pela primeira vez. — Ela franziu a testa por um momento. — Isso fez sentido?

Fênix assentiu em silêncio, ainda intimidada pelo tamanho da árvore. O tronco era tão largo que, mesmo que cada bruxa e Caçador presente dessem as mãos, não conseguiriam circundá-lo. A casca era de um castanho suntuoso, com marcas de idade profundas, e emanava um aroma de resina reconfortante. As folhas eram incomuns: pequenas, ovais e pregueadas, e estavam farfalhando no alto, mesmo sem nenhuma brisa.

Zenith os levou até uma larga escada de madeira que subia ao redor do tronco até os galhos lá em cima. Todos juntos, passaram por ramos enormes. Sete cutucou Fênix, indicando com a cabeça as mesas e bancos que pareciam crescer dos próprios galhos. Parecia tão maravilhada quanto Fênix. Abaixo, o lago recuou devagar até se resumir a meros vislumbres de água iluminada entre o verde brilhante. Mais atrás, bruxas saíam da escada para se sentar em torno das mesas, suas conversas e risadas seguindo o grupo que continuava a subida.

— Você é mesmo uma Caçadora? — perguntou uma vozinha ao lado de Fênix. Abaixando o olhar, ela viu Libbet, que voltava o rosto para cima para encará-la com olhos castanhos enormes, ainda se balançando nas pontas dos pés. — Você é a elementar? Esses machados são seus? Por que você têm uma marca de mão no rosto?

Fênix engoliu um sorriso com o bombardeio de perguntas feitas sem nenhuma pausa para respirar.

— Eu sou Fênix — disse, então se virou e viu que Thea e Zenith também estavam ouvindo. — E, sim, sou Caçadora.

— Você parece tão jovem — comentou Thea, com uma voz surpreendentemente forte, dado o quanto parecia frágil.

— Nós somos os mais jovens em cinco gerações! — exclamou Cinco, se animando de repente. — Mas não se engane com nossa juventude. Nós somos *muito* temíveis.

Zenith soltou uma risadinha divertida pelo nariz. Ela se virou para olhá-los de novo, mas sem parar de subir.

Libbet ainda encarava Fênix cheia de expectativa, esperando respostas para o resto das perguntas.

— Isto foi um espírito de fogo — explicou Fênix, apontando a cicatriz na bochecha. Os olhos de Libbet se arregalaram, e ela se lembrou de Faiscafiada com uma mescla conflituosa de afeto e temor. — E, como Cinco falou, nós *somos* Caçadores, mesmo tão jovens. E, sim, eu sou a

elementar.

Elementar. A palavra tinha um gosto estranho e provocava nela um tremor congelante. Parecia estranho dizer aquilo em voz alta, depois de tantas semanas guardando segredo.

— Você é elementar de fogo, né? — questionou Zenith, desacelerando, com uma expressão de curiosidade. — Nara falou sobre você antes de viajar. — Ela analisou Fênix. — Sei que elementares de fogo são os mais destrutivos, mas... Sem querer ofender, é difícil imaginar que você vai fazer uma coisa que cinquenta bruxas não conseguiram. Espero estar errada, óbvio... — Ela se sacudiu e abriu um sorriso reconfortante para Fênix, sem perceber a agitação que provocara na barriga da garota. — Enfim, a própria Nara vai cuidar da sua educação.

— Ela vai me dar aulas? — indagou Fênix.

Uma luz de esperança e medo irrompeu dentro dela quando Zenith fez que sim com a cabeça.

Aulas. Aulas de *magia*. Para sua surpresa, descobriu que parte dela estava animada com a ideia. O medo de seu poder era forte, mas vinha da imprevisibilidade do fogo: a forma como a fagulha nascia nela à menor provocação, lutando para sair. A forma como parecia estar cada vez mais forte. Mas, se conseguisse controlá-lo, talvez isso mudasse. Talvez pudesse até ser útil. De todo modo, Fênix estava contente porque Nara seria sua professora; a bruxa lhe parecera confiável e sensata.

Zenith ficou com um olhar sonhador.

— Tomara que isso seja só o início... o primeiro passo na direção dos Jardins de Gelo voltando a ser bem-vindos no Ember.

Cinco estremeceu e comentou:

— Era só o que faltava no Ember, mesmo. Mais magia desconhecida.

Zenith piscou, confusa.

— A magia dos Jardins de Gelo ajudaria os clãs, como sempre. — Ela observou as expressões duvidosas dos quatro. — Os clãs... lembram tudo o que fizemos por eles, né?

— Tudo o que vocês fizeram? — Cinco franziu a testa, distraído do assombro e do medo por um instante. — Tipo o quê? Ninguém tem notícia de nenhuma bruxa há décadas.

Fênix viu o choque tomar as feições da garota.

— *Tipo o quê?* — repetiu Zenith, a voz fraca. Ela ajeitou a postura. — Quem foi que negociou o tratado de paz entre os gigantes de gelo e o clã das montanhas? Quem conseguiu confinar a água escura ao Fecho,

evitando que contaminasse os outros rios?

Fênix e os amigos trocaram olhares desconfortáveis.

— É sério isso? — inquiriu a bruxa Implume.

— Acho que aprendemos sobre o tratado dos gigantes de gelo no pavilhão — comentou Seis, estreitando os olhos para o alto, tentando lembrar. — Mas isso foi há muito tempo.

— E daí? — perguntou Zenith, indignada. — Sem isso, o clã das montanhas teria sido esmagado e virado poeira de pedra. Estão me dizendo que ninguém lembra que os salvamos?

— O clã das montanhas com certeza deve lembrar — garantiu Fênix, depressa, com um tom conciliador. — Mas é verdade que os clãs estão focados em acontecimentos mais recentes. Hã... coisas que aconteceram no tempo de vida das pessoas de agora.

— Só porque nossas contribuições aconteceram há alguns anos...

— Séculos — sussurrou Cinco.

— ...não são menos importantes! — exclamou Zenith.

Fênix mordeu o lábio inferior. Aquilo não estava indo como o esperado.

Cinco deu de ombros e completou:

— Isso é ilusão. Os Jardins de Gelo foram basicamente esquecidos.

— Cinco! — chamou Seis.

Zenith parecia horrorizada. Por um momento, Fênix achou que ela fosse falar mais alguma coisa, mas, em vez disso, a garota deu as costas para eles e se apressou nos degraus, a capa azul esvoaçando enquanto ela desaparecia de vista.

— Que maravilha — resmungou Seis. — Já fizemos amizade.

Cinco fez careta.

— Desculpa, tá? Eu não devo estar... pensando com a mesma clareza de sempre. Este lugar... — Ele olhou em volta e estremeceu de novo.

— É verdade? — perguntou Libbet, hesitante. Tinha parado de se balançar nas pontas dos pés e parecia menor, muito mais nova. — O Ember esqueceu mesmo a gente?

— Bom... — começou Cinco, fazendo careta.

Seis lhe lançou mais um olhar furioso.

Cinco foi salvo pelo reaparecimento de Zenith, que segurava um papel, em que rabiscava depressa, descendo de novo até o grupo.

— Muito bem — falou, prática. — Thea, Libbet e eu já temos o passeio planejado: vamos ver tudo, da sala das comportas ao ninho de águias.

— Estamos falando disso desde que descobrimos que Nara ia pedir para

você vir para cá com ela — contou Thea.

Zenith indicou com a cabeça o papel em que estava escrevendo.

— Também fiz uma lista das partes mais importantes da história dos Jardins de Gelo, sabe, só para o caso de... alguém precisar ser lembrado.

— Quando ela olhou na direção de Cinco, abriu um sorriso forçado.

— Ótimo! — disse Seis, animado, cutucando Cinco até ele assentir.

A jovem bruxa pareceu relaxar.

— Ótimo — repetiu. — Então venham comigo.

Capítulo 16

Cão correrá a noite toda e fizera bastante progresso; o aroma mais suave e mais verde dos prados já indicava um ar mais quente. Agora, com o céu começando a clarear, ele parou um pouco e se permitiu olhar para trás. As luzes do Beiral já tinham desaparecido havia muito, e, a essa altura, provavelmente Fênix também. Mas o aperto em seu coração estava até mais forte, a dor amplificada pela distância da amiga.

Sacudiu a cabeça e seguiu em frente, se forçando a focar na missão. Pensou em Vitória, na traição e nas coisas terríveis que ela tinha feito. Precisaria estar bem afiado para rastreá-la, ainda por cima sem ser notado. Mas, não importava o quanto tentasse se concentrar, seus pensamentos não paravam de voltar para Fênix. Será que ela já estava nos Jardins de Gelo?

Em algum lugar sob a terra, uma criaturinha roncava e, lá na frente, havia um som agudo de garras na pedra. Cão farejou, achou um indício de vilania no ar e ajustou a rota para contornar o que quer que estivesse espreguiçando ali. Em geral, teria se orgulhado de caçar qualquer coisa, mas não hoje.

Sozinho. Sozinho. Sozinho.

A palavra se agigantava ao redor dele feito um fosso, gelada e ensurdecadora.

— Que ridículo — rosou para si mesmo. O som de uma voz, mesmo

que só a sua, foi um baita alívio. — Você trabalhou sozinho por séculos. Isto aqui não é diferente.

Só que era. Cão se viu revivendo a jornada com os Caçadores novatos para resgatar Sete; como no começo os achara irritante; como as briguinhas incessantes tinham se suavizado e virado algo mais terno; como passara a gostar de carregar Fênix nas costas. Protegendo-os à noite, sentira, pela primeira vez em muito, muito tempo, que estava fazendo algo importante.

— Já chega — grunhiu, irrompendo outra vez no trote longo, batendo os pés com força no chão.

— Você sempre fala sozinho?

A voz era muitíssimo aguda e vinha de algum lugar acima da sua cabeça.

O som que Cão soltou foi algo entre um berro e um uivo, e seus pelos de pedra se arrepiaram enquanto deslizava até parar e se virar para ver quem tinha falado.

Uma figura minúscula, ardente, pairava acima dele, asas batendo rápido, mãos na cintura, cabeça inclinada para o lado.

— Faiscafiada! — exclamou Cão, surpreso demais para falar qualquer outra coisa.

O ar de repente se encheu de aromas: fogo, alegria e impetuosidade.

— É extremamente fácil chegar de fininho até você — comentou Faiscafiada, suas chamas com cor de ouro líquido. — Mas, claro, eu sou o mais furtivo da minha espécie.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Cão. — E por onde andou?

Faiscafiada deu de ombros e flutuou mais alto, de modo que Cão teve que esticar o pescoço para olhá-lo.

— Gear me mandou embora.

Cão franziu a testa. Da última vez que vira Faiscafiada, o espírito de fogo estava ajudando a incendiar as cozinhas do Pavilhão de Caça.

— Você destruiu a casa dele.

— Só um pouquinho. — Faiscafiada revirou os olhos. — As pessoas são apegadas demais às *coisas*. Você não ligou.

Cão se contorceu. A verdade, que o deixava muito culpado, era que não tinha se importado nem um pouco. Em geral, quando a batalha terminava, era obrigado a voltar para as muralhas do Pavilhão de Caça, a pedra absorvendo seu corpo e todo o seu senso de identidade até os Caçadores precisarem outra vez de proteção. Às vezes, a espera levava cem anos ou mais. A destruição do pavilhão tinha proporcionado uma liberdade que ele

nunca esperara ter. Onde antes havia muralhas, agora havia possibilidades: novos deveres, novas experiências, *amigos*. Então, não, ele definitivamente não se lamentava pela queda de seu antigo lar, nem pelo papel de Faiscafiada nisso.

— Você não disse para onde foi — falou Cão, mudando de assunto sem dificuldade.

Para sua surpresa, o fogo de Faiscafiada diminuiu.

— Para os braseiros.

— E... não gostou? — perguntou Cão, surpreso com a reação do espírito de fogo.

Os braseiros eram fendas cheias de lava bem dentro das Correntes, um lugar de chamas ferozes, fumaça asfixiante e gases sulfurosos. Não conseguia pensar em nenhum lugar mais provável de agradar um espírito de fogo.

— Os braseiros foram excelentes. A minha tarefa que não foi — explicou Faiscafiada. Suas asas desaceleraram, e seu fogo abaixou ainda mais. — Foi onde dei adeus a Fogoclaro e Queimapé.

Cão fez uma careta de sofrimento. Os outros dois espíritos de fogo tinham morrido na luta contra Morgren durante a batalha final pelo Pavilhão de Caça.

— Fico triste por eles, sinto muito.

— A tristeza é inútil — respondeu Faiscafiada, a cor voltando. Ele olhou em volta. — Cadê os outros? Cadê a menina flamejante?

Cão suspirou.

— Foram para os Jardins de Gelo.

— Ah. — O fogo de Faiscafiada diminuiu de novo por um momento. — Você está triste por isso.

— Sim — respondeu Cão, baixinho.

— A tristeza é inútil — lembrou Faiscafiada. — Em vez disso, você devia queimar alguma coisa. — A expressão vazia de Cão o fez revirar os olhos e voar mais baixo, pousando no nariz do Guardião. — Acho que vou com você — declarou, um calor desconfortável se espalhando de seus pés minúsculos.

— Por quê? — Cão franziu a testa. — Você nem sabe para onde eu vou.

— *Por quê?* — Faiscafiada riu, e faíscas laranja voaram de suas asas quando ele se espreguiçou preguiçosamente. — Você vai precisar da minha proteção. Como eu disse, é *muito* fácil chegar de fininho em você.

Um rosnado de indignação escapou dos lábios de Cão, mas o espírito

nem notou.

— Além do mais — completou, bocejando —, *por que não?*

Cão hesitou, uma sensação estranha se espalhando. Levou um momento para identificar que era alívio. Um alívio tão forte e inesperado que não tinha certeza de que conseguiria falar.

Afinal, não estaria sozinho.

Assentiu, com força, ainda sem confiar na própria voz, depois retomou o ritmo, o espírito de fogo voando ao seu lado. Iam para sudoeste, rumo ao silêncio verde e distante do Grande Bosque.

Capítulo 17

O passeio para apresentar os Jardins de Gelo mal tinha começado e Fênix já estava fascinada. Quanto mais Zenith falava do Palácio de Gelo, mais animada ela ficava. A garota os conduziu depressa escada acima, largando fatos como um rastro de cometa.

— A árvore dos banquetes foi cultivada por Allania Primeira a partir de uma semente, isso foi há mais de 950 anos e mudou totalmente nossa existência aqui em cima. — Ela olhou para trás de relance. — Antes disso, as bruxas sobreviviam principalmente dos presentes das aldeias que ajudávamos, como acontece com o Pavilhão de Caça. Agora, a árvore nos alimenta.

— Como assim? — perguntou Seis.

Foi Thea quem respondeu, os olhos cor de turquesa se iluminando:

— Você se senta a uma mesa e pede à árvore o que quer comer, aí desce um botão até você...

— E quando você pega, está cheio de torta de creme! — Libbet abriu um sorriso.

— Isso se você tiver pedido torta de creme — lembrou Thea, incisiva.

— O que só se faz *depois* do jantar.

Libbet assentiu depressa, com uma expressão inocente.

— Vocês vão ver no almoço — comentou Zenith, sorrindo com a descrença de todos. — Temos sorte de ter essa árvore; tudo o que ela

produz sempre é delicioso. Antes de ficar madura o suficiente para dar os botões, as bruxas e suas águias de gelo viviam voando para lá e para cá entre os Jardins de Gelo e os clãs da terra, transportando magia pelas Caninas e trazendo de volta comida dos clãs gratos por...

Sua voz foi sumindo conforme ela contornava as escadas acima e desaparecia de vista.

— *Muita* sorte mesmo terem essa árvore, então — murmurou Cinco. — Nenhum dos clãs vai se voluntariar para dar comida a elas tão cedo.

— Cinco! — sibilou Fênix.

Widge lançou um olhar de desaprovação para ele.

— Desculpa, desculpa — resmungou o garoto. Ele se encolheu quando uma orbeluz passou flutuando, por um momento parecia mesmo que ia desembainhar a espada. — Estou nervoso.

— Dá para ver — murmurou ela, entre dentes.

Thea e Libbet subiram a escada à frente deles depressa.

— Vocês vão amar isto! — chamou Thea. — Estamos prestes a sair da caverna principal.

Um momento depois, Fênix entendeu o que ela quis dizer. Já tinha reparado que a árvore dos banquetes era mais alta que a caverna por onde entraram. Conforme subiam, os degraus se afunilavam e atravessavam o teto até um túnel de gelo largo e redondo, amplo o bastante para várias pessoas andarem lado a lado. O túnel espiralava em torno da árvore envolta em gelo, a casca por pouco ainda visível através da camada grossa congelada. Fênix notou que estava em um lugar totalmente diferente, e o lago, os peixes, as estátuas, tudo tinha desaparecido.

O caminho era iluminado pelo brilho suave que emanava do próprio gelo e pelas orbeluzes flutuantes que pareciam estar por todo lado, algumas vagando sem rumo, outras seguindo o grupo, para desgosto de Cinco.

Zenith esperava pacientemente, seu olhar absorvendo suas expressões impressionadas com um deleite faminto. Ela gesticulou, indicando os arredores.

— Estes túneis e os cômodos aonde levam foram esculpidos ao longo de gerações — explicou. — As criptas abaixo do lago também. Criar os túneis sempre foi uma prioridade, para que Plumadas e Implumes pudessem chegar até o ninho sem sair do palácio.

Ela deu de ombros ao notar a confusão deles.

— Em parte por causa do frio, em parte por causa dos sondasmas. Nos

invernos, eles costumam se aglomerar na base dos penhascos. Venham, as bruxerias não ficam longe.

Sondasmas. Fênix estremeceu enquanto Zenith os guiava, e Widge começou a mordiscar o cabelo dela, nervoso.

— Plumadas? Implumes? O que isso significa de fato? — perguntou Seis a Thea.

A menina o encarou, embasbacada, os olhos turquesa arregalados.

— Você não sabe mesmo? — Ela olhou para os outros Caçadores em busca de confirmação, e todos balançaram a cabeça.

— Emplumar é como viramos bruxas de verdade — explicou Libbet, animada, voltando a se balançar nas pontas dos pés.

As centenas de degraus não a incomodavam nem um pouco.

— É um feitiço — esclareceu Thea, notando a confusão de Fênix. — Muito difícil. Se você consegue fazer, prova que é uma bruxa totalmente capaz e pode usar uma capa de penas de águia de gelo.

— Pode levar anos para fazer uma dessas capas — contou Libbet, passando a mão, sonhadora, por sua capa azul.

— Nós só coletamos as penas quando as águias de gelo estão na muda — disse Thea. — O que não acontece com muita frequência.

— Entendi — comentou Fênix, sem entender muito bem. — E esse feitiço de Emplumar... faz o quê, exatamente?

— Cria uma águia de gelo, claro! — respondeu Libbet, rindo.

Fênix parou de andar e ficou olhando a garota.

— *Cria* uma águia de gelo? — perguntou, a descrença tecida em cada sílaba. Pensou na ave enorme em que tinha voado para chegar aos Jardins de Gelo, no tamanho, beleza e inteligência óbvia. — Cria a partir do quê? Como?

— De gelo. — Thea deu de ombros. — E magia. — Ela sorriu ao notar a expressão atordoada de Fênix. — Tem um motivo para o feitiço ser tão difícil.

De repente, um berro de Cinco fez todos darem um pulo de susto.

— O que é *aquilo*? — gritou o menino, agarrando o braço de Fênix e apontando para a parede de gelo.

De início, ela só conseguiu ver uma sombra, mas, chegando mais perto, viu algo que também a fez se encolher.

Um rosto de olhos laranja e sem vida a encarava com malícia.

Capítulo 18

— Em nome de Ember, o que...?

Fênix saltou para trás. O rosto congelado olhava através dela com um olhar vazio. Widge se enfiou dentro do casaco de pele.

Zenith correu de volta até eles, atraída pela comoção. Seu olhar varreu o grupo e parou na forma escura dentro da parede.

— Mas vocês são Caçadores! — argumentou. — Não vão ter medo dos nossos reluzes, né?

— *Medo?* — perguntou Cinco, corando, mas Zenith não pareceu notar.

Fênix deu um passo à frente, voltando para onde estava, segurando os machados e examinando o rosto no gelo. Inspirou fundo, enfiou a mão no bolso e puxou sua pedra da lua, imaginando se assim conseguiria ver melhor.

— Uau, é uma pedra de runa? — perguntou Zenith, ávida, quando a pedra brilhou e se acendeu na mão de Fênix.

— Uma... o quê?

— Uma pedra de runa — repetiu Zenith, chegando mais perto, os olhos fixos na pedra. — O clã das cavernas minera essas coisas, não? Nara contou que algumas podem até quebrar ilusões.

— Acho que você deve ter ouvido errado — falou Seis, segurando um sorriso. — Chama pedra da lua, não pedra da runa.

— Ah. — Zenith franziu o cenho. — Tem certeza?

— Absoluta — respondeu Seis.

— Pedra da lua — repetiu Zenith, ruminando, como se experimentasse a palavra. Não tirava os olhos da pedra na mão de Fênix. — Gostei. E acho que faz mais sentido. A luz *lembra mesmo* o luar.

Fênix assentiu, a atenção ainda concentrada na criatura presa no gelo. À luz prateada, ficava apavorantemente visível. Mesmo morta, seus olhos eram de um laranja vívido, os dentes triangulares e mortais à mostra. Widge enfiou a cabeça pelo colarinho dela para espiar a criatura e soltou um grunhido baixo e horrorizado. Zenith tinha razão, Fênix constatou na hora: era um reluz. Mas o que estava fazendo ali?

— Por que você pegou os machados? — questionou Zenith, invadindo seus pensamentos.

Fênix os pendurou de volta no ombro. A criatura estava cem por cento presa no gelo, morta havia muito tempo, claramente não era uma ameaça.

— Como assim? — perguntou, virando-se para Zenith.

— Se você é elementar, por que está usando armas comuns, em vez de usar seu fogo? — perguntou Zenith, confusa. Olhou para Fênix com curiosidade, passando da pedra da lua para os machados e voltando. Então compreendeu, horrorizada. — Você não consegue conjurar com segurança, né? É a coisa mais básica que... *Por favor*, diga que estou errada.

— Eu...

— Nós moramos num palácio de *gelo* — falou Zenith, meio em pânico.

— Então... é... *por que* tem um monstro na parede? — perguntou Seis.

Fênix suspirou aliviada quando a atenção se desviou, mas os olhos de Zenith continuavam nela, temerosos.

— Não sabemos — admitiu Thea. — Sempre estiveram aí. Achamos que eles deviam estar no rochedo quando o palácio foi criado e foram varridos pela água.

— Eles? — questionou Sete, olhando o reluz com preocupação. — Tem m-mais?

— Estão por todo lado — explicou Zenith. — Mas não são motivo para preocupação. — O olhar dela voltou para Fênix. *Ao contrário de você*. — Então, Nara não contou quando você começaria as aulas?

Fênix franziu a testa.



— Não.

— Tomara que seja logo — comentou Libbet, solene. — Eu iria querer o máximo de aulas possível antes mesmo de olhar a Fissura Sombria.

— Você já viu, então? — perguntou Fênix, o estômago embrulhando. — Como é?

Thea fez que não.

— Só as bruxas Plumadas trabalham lá.

Ela puxou a capa azul mais junto ao corpo.

— Você vai destruir a Fissura, não vai? — questionou Libbet, empolgada e com perfeita confiança.

— Eu...

— Para com isso, Libbet — disse Thea, fechando a cara. — Ela ainda nem viu a Fissura.

Fênix deu um olhar de gratidão para Thea. Widge guinchou baixinho, saindo das peles e voltando para seu ombro.

Libbet examinou o esquilo de olhos arregalados, aí deu um arquejo animado quando Widge saltitou com leveza do ombro de Fênix para a cabeça da bruxa, cheirando seu cabelo ruivo embaraçado.

Fênix sorriu.

— Ele gostou de você... Widge não faz isso com todo mundo.

— Vamos — chamou Zenith, gesticulando para que a seguissem. — Tem bem mais coisa para ver.

Libbet abriu um sorriso quando entendeu que Widge não tinha intenção de sair de seu novo lugar. Ela subiu as escadas devagar, tomando cuidado para não sacudir o esquilo que se equilibrava orgulhoso no topo da sua cabeça.

— Este é o andar das bruxerias — contou Zenith, virando uma esquina.

Fênix viu um arco que levava para longe do tronco da árvore, até outra passagem larga e iluminada. Diversos arcos menores saíam do corredor para salas interconectadas. Fênix espiou em cada uma com avidez a medida que avançavam, sua animação logo virando em confusão. A maioria estava vazia. Em algumas, o gelo parecia ter parado de brilhar. Algumas das entradas estavam pretas como piche, frias como o gelo do qual eram feitos. O ar frio girou ao redor de seus tornozelos enquanto ela passava.

Zenith estava esperando.

— Estas são as bruxerias antigas — explicou, vendo que o grupo

examinava os espaços escuros. — Nossas salas de trabalho. Depois que uma bruxa se Empluma, recebe sua própria bruxeria para fazer os estudos que quiser. — Todas essas salas já foram usadas. Antes do mal da Fissura. Agora, não tem gente suficiente para ocupar o espaço.

Fênix notou que a jovem bruxa cerrou os punhos junto ao corpo.

— É a Fissura Sombria que está drenando a magia delas; é por isso que algumas ficaram escuras. Fora as criptas, não havia lugares sem luz nos Jardins de Gelo, antes de aquele trasgo aparecer aqui. Agora, a escuridão está por todo lado, se espalhando.

Os pelos dos braços de Fênix se arrepiaram. Ao seu lado, Sete estremeceu. A escuridão no fundo da bruxeria parecia querer pegá-las.

— Vamos, Fênix, Sete. Tem coisas bem mais legais para ver. Estamos prestes a entrar no armazém de ingredientes — chamou Zenith, arrancando Fênix de seu devaneio.

O resto do grupo tinha seguido Zenith pela passagem. Ela e Sete se apressaram para alcançá-los.

— Não toquem em nada, a não ser que queiram um braço extra ou virar um relincho — avisou Zenith, sorrindo, enquanto se abaixavam para passar por um arco e entrar num espaço ofuscante, iluminado por orbeluzes flutuantes.

— Um braço extra talvez fosse útil — cochichou Seis.

Fênix se forçou a sorrir.

— P-pela geadá — sussurrou Sete. — Que incrível.

Depois que seus olhos se ajustaram à luminosidade, Fênix teve que concordar. O cômodo era largo e comprido. Bem no meio, ficava uma bancada de trabalho grande o bastante para acomodar confortavelmente metade do pavilhão. Prateleiras desordenadas lotavam cada centímetro das paredes com longas escadas de correr posicionadas pelo cômodo, permitindo acesso às seções mais altas. Fênix jogou a cabeça para trás e sentiu a boca se abrindo: as prateleiras não paravam no topo das paredes; elas se arqueavam pelo teto, diretamente acima da cabeça dela e então desciam do outro lado. Frascos de vidro do deserto de todos os tons piscavam para ela, sem mostrar nenhum sinal de obedecer a gravidade e cair.

Ela baixou a cabeça rápido, zozna.

A admiração estava refletida no rosto dos seus amigos, que giravam, absorvendo tudo. Zenith ficou encarando o grupo, ávida, satisfeita com suas reações.

— Esses são os ingredientes — explicou ela, gesticulando para os frascos. Estava com o rosto iluminado e parecia mais relaxada do que Fênix vira até então. — Alguns podem ser conseguidos aqui nos Desertos Congelados, mas muitos não. Faz quarenta anos que não são substituídos. Talvez, agora que...

— O que é esse barulho? — interrompeu Cinco. O ar da sala zumbiu baixinho, e os ombros dele subiram até as orelhas. Ele parecia incrivelmente preocupado. — E ingredientes para quê? — completou, lendo alguns rótulos e enrugando o nariz.

— São ingredientes mágicos, claro — falou Zenith. — Para poções.

Curiosa, Fênix chegou mais perto das prateleiras, inclinando a cabeça para ler alguns rótulos.

Um frasco transparente contendo um pedacinho de pele prateada estava marcado como Couro de raposa-velada. O frasco ao lado era maior, de um preto oleoso, e a tampa era um pedaço contorcido de vidro maliciosamente irregular e afiado. Água Escura do Fecho do Rio, dizia o rótulo.

Fênix pensou imediatamente em Cão, e seu estômago se revirou. Onde estaria ele? Será que estava seguro? Torceu com cada fibra de seu ser para que ele conseguisse evitar aquela água perigosa; mesmo contida num frasco, algo naquilo fazia seus nervos se eriçarem em alerta.

Ela se obrigou a olhar os jarros ao lado:

PRESA DE YGREX

SEIVA DE BABIVINÇA

MIASMA DE GARANÇA-DO-PÂNTANO

LEITE DO SAPO (ORAÇÃO-DA-MORTE)

PELO DE GRIM

YMBRE

Os fracos continuavam infinitamente, cada ingrediente mais intrigante que o anterior. Fênix seguiu as prateleiras até se distrair por Widge chegando de repente de volta em seu ombro com um guincho de alerta.

Fênix se virou e viu Zenith conversando com um Cinco pálido.

— Vocês têm tanta sorte — comentou a bruxa —, de poderem ir aonde querem, ver o que quiserem.

— Sorte? — perguntou Cinco, sua voz cortante. — Você por acaso sabe por que a maioria dos novatos acabam no pavilhão? Não é por sorte, sabe.

— Não quis dizer... — Zenith não completou a frase. — Só estava falando que vocês têm sorte de estar aqui. — Ela fez uma careta quando as palavras saíram de sua boca. — Não, isso saiu...

— Ah, sim — interrompeu Cinco. — Estou superfeliz de estar aqui, ajudando vocês, bruxas, com sabe Ember o quê, depois de décadas de silêncio. Que *honra*.

— Ajudando a gente? — Zenith foi de desconfortável a irada num instante. — Não é *you* que está ajudando a gente, é ela! — Zenith apontou para Fênix. — Isso se ela não destruir nossa casa primeiro.

Fênix se encolheu. Widge rosnou.

— Eu...

— Como se a gente precisasse da *sua* ajuda! — continuou Zenith. — Um Caçadorzinho apavorado por causa da magia. Você é ridículo!

— Caçadorzinho? Ridículo? — Cinco parecia estar borbulhando, feito uma água numa panela. — O que é que você sabe? Ridículo é você elogiando as bruxas por coisas que elas fizeram *séculos* atrás. Você nunca nem saiu dos Desertos Congelados. Não tem ideia de como é a vida no Ember, mas *obviamente* está se apegando a uma fantasia em que as bruxas são heroínas dos clãs. Vou ser *bem* claro: não são. Ninguém liga para vocês nem para este lugar.

Zenith balançou para trás como se tivesse levado um tapa de Cinco, mas ele não parou de falar.

— Quase todo Ember acha que as bruxas estão mortinhas da silva. E quem não acha não tem nada de bom a dizer sobre magia. É loucura sua imaginar outra coisa. Por que acha que estou tão nervoso aqui? A única magia que tem lá fora agora é a dos *monstros*.

Fênix cambaleou. Do outro lado da sala, viu Sete também se encolher. Ele não podia estar falando sério, né? Duas de suas amigas mais próximas tinham poderes mágicos; como ele podia igualar magia a monstruosidade? Fênix encontrou o olhar de Sete, que também parecia magoada.

— Zenith, não...

O grito de Thea chegou tarde demais. Somando um movimento de braço que parecia um empurrão e uma palavra que não desejava ser ouvida, Zenith lançou um vórtex de ar pela sala na direção de Cinco. Ele desviou do primeiro, mas o segundo o pegou bem no peito. Com um berro furioso, o garoto foi jogado e preso nas prateleiras, vários metros acima. Frascos de cores vibrantes saíram rolando para o chão, quebrando-se embaixo dele e espalhando o conteúdo pelo chão. Um caracol de videira que parecia uma

cobra subiu e agarrou os tornozelos de Cinco antes de se desfazer em poeira, duas colunas de fumaça se entrelaçaram, pegando fogo, e um raio crepitou numa nuvem de tempestade do tamanho de um travesseiro.

— Em nome de Ember, o que está acontecendo? — A Bruxa Chefe Yelara apareceu na porta, horrorizada ao ver Cinco suspenso contra as prateleiras, os frascos quebrados no chão. Seus olhos encontraram os de Zenith, e seu rosto assumiu uma expressão perigosa. — Espero que você tenha uma *ótima* explicação, Zenith.

Capítulo 19

— Ele insultou os Jardins de Gelo — respondeu Zenith, furiosa. — Diminuiu nossa história, as contribuições das bruxas ao Ember.

O ar ao redor dela ainda vibrava magia, tornados minúsculos levantando as tranças de seus ombros, fazendo a borda da capa flutuar. Não parecia estar nem um pouco arrependida, e seus olhos cintilaram em desafio para a Bruxa Chefe.

Cinco limpou o resto do vidro quebrado das peles que usava, examinando um ponto chamuscado. Seu silêncio era preocupante, e um músculo se contraía no pescoço dele. Seis parecia querer voar para cima da jovem bruxa. Sete a olhava com uma mescla de curiosidade e desgosto.

Fênix respirou fundo para se acalmar, incapaz de tirar os olhos da bruxa novata à sua frente. O ar na sala parecia elétrico, a tensão faiscando entre todos e, bem no meio, Yelara visivelmente tentava não perder a cabeça com a Implume.

— Como você teve coragem de fazer isso? — indagou Yelara, a voz trêmula. — Como pode ter sido tão... — Ela balançou a cabeça e não completou a frase. — Olva acabou de pegar um rolo de fedoverme. Está na sala das comportas. Você vai assumir o lugar dela e passar o resto do dia preparando tudo. Encontro com você mais tarde.

Os lábios de Zenith se curvaram de nojo, mas algo no rosto da Bruxa Chefe deve tê-la convencido de que era inútil discutir. A garota deu um

olhar rancoroso para Cinco e saiu batendo o pé, de cabeça erguida. Sete e Seis estreitaram os olhos para ela, com expressões idênticas de satisfação.

Fênix estava perto o bastante para ouvir o ar sibilar nas narinas de Yelara enquanto via a jovem bruxa ir embora.

— Thea, Libbet — disse a Bruxa Chefe, virando-se para as meninas —, acho que a parte de vocês já acabou por aqui. Eu assumo a partir de agora. — A decepção na cara das duas a fez suavizar um pouco. — Vocês terão bastante tempo com nossos hóspedes, mais para a frente. — Sem esperar resposta, ela se virou para Fênix e seus amigos. — Está todo mundo bem? Sinto muito.

— Estamos, sim — murmurou Cinco, um rubor baço se espalhando pelas bochechas.

Desconfortável, Fênix percebeu que Yelara a observava com mais atenção do que dedicava a qualquer um.

— Nós não vamos embora, se essa é sua preocupação — garantiu Fênix, a voz mais afiada do que pretendia.

Não estava acostumada com Anciões pedindo desculpas e não tinha certeza de que gostava disso. Mais especificamente, não gostava do fato de esse pedido de desculpas só estar acontecendo porque Yelara precisava desesperadamente da ajuda dela.

Fênix afastou o desconforto e respirou fundo, feliz por notar que sua voz saiu prática:

— Mas eu gostaria de ver a Fissura Sombria agora.

Olhou de relance para os amigos, que assentiram encorajadoramente.

— Claro — respondeu Yelara, depressa.

Fênix deu de ombros.

— Não adianta ficar adiando.

Torceu para parecer calma, mas uma expectativa desagradável crescia dentro dela. Queria ver o que ia enfrentar. Não tinha como ser pior do que o que estava imaginando.

Pouco depois, Yelara guiava os quatro amigos por diversas passagens, todas esculpidas no gelo e emanando um brilho suave, cada uma confusamente similar à anterior. Sete caminhava ao lado de Fênix, pensativa. Atrás delas, Seis repreendia Cinco por causa do que acabara de acontecer com Zenith.

— Você provocou! — exclamou Fênix, ouvindo-o sibilar.

— Você acha que Cinco falou sério aquilo de achar que a magia é monstruosa? — perguntou Sete, de repente.

Fênix sentiu o estômago embrulhar.

— Eu... espero que não.

— Idem — murmurou Sete, incomodada. — É que... a-as melhores amigas dele têm magia. Ele não deve *nos* achar monstruosas. Né?

Para seu desconforto, os pensamentos de Sete combinavam com os dela, mas afastou a ideia, balançando a cabeça.

— Não, claro que não — respondeu, com mais confiança do que sentia.

— Ele só está abalado por estar nos Jardins do Gelo.

— Certo — disse Sete, só que não parecia convencida. — Mas foi extremo, até p-para ele.

Fênix mordeu o lábio inferior. Não tinha nada que pudesse dizer em defesa de Cinco. Sete tinha razão.

Yelara falou por cima do ombro, arrastando-as de volta ao momento:

— A Fissura Sombria está presa no lugar onde apareceu pela primeira vez, numa parte bem remota do Palácio de Gelo. Estamos torcendo para isso nos dar mais tempo... — A Bruxa Chefe não terminou o raciocínio, contraindo as mãos involuntariamente.

Seis e Cinco se apressaram para alcançá-las, o choque do que acontecera com Zenith ainda vibrando entre eles.

— O gelo está perdendo o brilho — comentou Sete, dando um passo mais para perto de Fênix. — Que nem nas bruxerias.

— Faz sentido — murmurou Seis. — Estamos nos aproximando da Fissura Sombria.

Cinco assentiu. O corredor estava mesmo ficando mais escuro, o fulgor luminoso de dentro do gelo desbotando conforme avançavam. Tochas flamejantes apareceram, presas em suportes improvisados na parede, e uma camada fina de água sob os pés deles fazia reflexos ondularem pelo corredor. O efeito era sinistro: de repente, parecia que estavam em um lugar completamente diferente.

— É mais sério do que parece — comentou Yelara. — Conforme a Fissura drena a magia dos Jardins de Gelo, o gelo primeiro perde a luz, e então começa a enfraquecer.

— Enfraquecer? — perguntou Cinco, olhando ao redor com uma nova preocupação.

Yelara hesitou.

— Toque na parede — pediu, um momento depois, assentindo para Fênix. — Vai ajudar a entender, acho.

Sob o olhar atento dos amigos, Fênix deu um passo à frente e estendeu

as pontas dos dedos para a parede. Então se encolheu imediatamente, surpresa. Não parecia gelo, nem era cem por cento sólido. Franzindo a testa, tentou de novo, pressionando um pouco mais forte, e arquejou quando sua mão de repente afundou *através* da parede, uma membrana fina parecendo se abrir sob seus dedos, de modo que estava com a mão mergulhada até o pulso em água congelante.

— Mas o quê...?

Ela deu um salto para trás, meio que esperando que a parede líquida caísse nela. A forma se manteve, mas ondulou estranhamente sob a luz bruxuleante da tocha, com uma natureza aquosa inegável.

— Estamos perto da Fissura Sombria, e boa parte da magia já foi drenada — disse Yelara, como se fosse explicação. Ela olhou para o grupo, seríssima. — A partir daqui, tentem caminhar com cuidado. Quanto mais perto da Fissura, mais frágil a magia e o gelo.

Fênix não se moveu, ainda com os olhos fixos na água cintilante. De repente, entendeu o que era aquela película de água sob suas botas, o que significava: a destruição dos Jardins de Gelo já tinha começado.

Levantou a cabeça e viu Yelara olhando, com a luz da tocha dançando em seu rosto sofrido.

— O que vai acontecer se eu não conseguir impedir isso? — questionou Fênix, a voz instável.

Yelara inspirou, trêmula.

— À medida que a magia enfraquece, os Jardins de Gelo vão voltando à forma original: água. Quando a magia falhar por completo, a onda vai varrer os Desertos até chegar ao Ember, como teria feito eras atrás, se a magia não tivesse impedido.

Ela olhou cada um nos olhos, deixando Fênix por último.

— Vocês viram o tamanho do Palácio de Gelo quando chegaram. “Onda” não faz jus ao tamanho, parece mais uma montanha. A devastação que isso causaria é inimaginável. E, claro, quando não conseguirmos mais chegar à Fissura Sombria para renovar o feitiço de contenção, ela vai se libertar e seguir a onda até o Ember. Se o mal afetar os clãs como afetou a nós, bruxas... — Ela foi incapaz de continuar.

Fênix se lembrou das palavras de Gear: “*A ameaça ao Ember é dupla*”. Era horrível descobrir o quanto ele estava certo.

— Tudo isso... Mas só se a Fissura Sombria não for destruída — sussurrou Fênix, enjoada, sentindo o estômago dar cambalhota.

Yelara assentiu. Widge estremeceu sob a roupa de Fênix, e Sete apertou

a mão dela. Não foi suficiente para conter a avalanche de medo que ameaçava dominá-la. De repente, tudo aquilo pareceu real demais, a pressão era enorme, sufocante. Não era surpresa as bruxas terem ficado olhando tão fixamente, tão avidamente, quando ela chegou.

Quando o grupo voltou a caminhar, foi em profundo silêncio, todos perdidos nos próprios pensamentos.

— Chegamos — anunciou Yelara, cedo demais.

A pele de Fênix se eriçou toda, arrepios pontilhavam seus braços. Parecia que havia algo muito sombrio bem perto dela.

Yelara os levou a um arco esculpido com detalhes elaborados, padrões que afundavam e ressurgiam, lutando para manter o formato.

— A Fissura Sombria está aqui dentro — explicou, baixinho, indicando para que seguissem em frente.

Um vento frio veio do cômodo que ficava à frente, levantando o cabelo de Fênix, causando mais arrepios que desciam pelo colarinho. A brisa agitou a água sob seus pés em ondinhas escuras e murmurantes que fluíam do arco, do que estava além. Um instante depois, algo terrível irrompeu por todo o seu corpo, e, de dentro da pele de urso, Widge soltou um grito agudo e afiado de alarme. A sensação foi suficiente para paralisar Fênix ali mesmo. Criaturas das sombras faziam sua pele se eriçar — um alerta útil, se houvesse alguma por perto —, mas aquilo era completamente diferente. A última vez que sentira um horror tão intenso, um temor tão puro, fora quando Croke estava parado bem à sua frente. Seu coração fraquejou, e ela continuou paralisada enquanto os outros avançavam.

— Pela geada... — sussurrou Seis, ao passar pelo arco, a voz um tanto estrangulada.

Fênix respirou fundo, trêmula, e se forçou a seguir.

Capítulo 20

— Se você fosse mais rápido, a gente chegaria mais cedo!

— Seria bem mais fácil se você parasse de falar isso — rebateu Cão, cerrando os dentes. — Estou indo o mais rápido que posso.

Bem acima dele, Faiscafiada emitiu um brilho de irritação e em seguida desceu, pairando na frente de Cão.

— Você é uma péssima companhia de viagem — sibilou, as feições se contorcendo de raiva. — Nunca mais vou acompanhar alguém que não voa!

— Quando decidiu vir junto, você sabia que eu ia andando — rosnou Cão, tentando não se deixar levar por seu temperamento.

Aprendera a duras penas que precisava de pouquíssimas palavras para Faiscafiada se enfurecer e começar a arremessar bolas de fogo. Em vez disso, Cão olhou para a linha verde cada vez mais grossa no horizonte: o Grande Bosque.

— Chegaremos em breve — garantiu.

— Só ao anoitecer — reclamou Faiscafiada, se jogando na cabeça de Cão, entre as orelhas, e diminuindo o fogo de novo.

— Na verdade, isso é algo bom — argumentou Cão. — Precisamos nos manter escondidos.

O outro soltou um grunhido evasivo.

— Faiscafiada... — disse Cão, em tom de advertência. — Você sabe que

a gente não pode ser visto.

— Não é da natureza de um espírito de fogo ficar se escondendo — respondeu, distraído. — Acho que para você é comum, mas, para mim, é muito difícil. Eu chamo atenção sem esforço. — Ele hesitou um pouco, então completou, bem baixinho: — E tem tanta coisa boa para queimar no bosque...

— Eu ouvi isso, hein? — Cão se irritou. — Você está sentado entre minhas orelhas. Você não vai pôr fogo em nem uma única árvore!

Faiscafiada pensou um pouco e retrucou:

— Eu decido isso depois.

— O povo da floresta vai defender as árvores-lares com toda a força — grunhiu Cão, de repente com uma pontada de preocupação. — Muitos como você encontraram o fim no Grande Bosque.

Ele desejou conseguir ver o espírito de fogo, que tinha ficado em silêncio.

— Faiscafiada? — chamou. — Não quero que nada aconteça com você. Não vamos poder viajar juntos pelo bosque. Não posso ajudar se você estiver correndo risco.

— Eu sei. — Faiscafiada suspirou. — Você não tem asas nem fogo; é inútil. — Ele hesitou, então deu um tapinha na cabeça de Cão. — Mas bem que você é esforçado.

Cão engoliu um rosnado. O ego daquela criatura era tão grande quanto cansativo.

Com as árvores se aproximando e o sol se pondo, Faiscafiada listou os inúmeros motivos pelos quais era vital à jornada. Quando chegaram à margem do rio Abraço, Cão estava com a dignidade chamuscada e o temperamento, desgastado.

Depois da grande vastidão de água, o Grande Bosque se assomava. Cão foi atacado por um bombardeio de cheiros, familiares de muito tempo atrás. O primeiro era o aroma encorpado de ymbre, a seiva dourada-escura das árvores-lares que fluía pelo tronco e pelas paredes das casas do clã das florestas, mantendo-as quentes mesmo no auge do inverno.

— Silêncio — sussurrou Cão.

A grama na margem do rio era alta o bastante para escondê-los, mas o clã das florestas era vigilante e protegia suas fronteiras com afincos. Para seu alívio, o espírito de fogo diminuiu o brilho e ficou quieto.

Do outro lado da água, bem no alto dos galhos das árvores-lares, Cão ouviu o zumbido de vozes, avistou algumas das estranhas moradas.

O povo do clã das florestas não construía as próprias casas: pediam para a árvore da família cultivar uma. O resultado era protuberâncias enormes que pareciam colmeias nos troncos imensos. Janelas e portas reluziam com luzes alaranjadas, e tudo era ligado por uma rede de pontes e escadas de corda.

Cão sabia que só tinha um jeito de passar incólume por aquele bosque: por baixo d'água. Olhou o rio borbulhante com preocupação. Precisaria percorrer o leito do Abraço, encontrar o ponto onde o rio menor, o Fecho, se juntava às águas, e então seguir essa via fluvial até o Grande Bosque.

Pensar no Fecho deixou-lhe desconfortável. Era lá que ficava a água escura, que diziam ser capaz de enlouquecer pessoas, roubar lembranças e, às vezes, colocar outras no lugar.

Cão torcia para que encontrar Vitória fosse simples, em comparação com a travessia do Bosque.

— E se eu queimar só uma arvorezinha? — perguntou Faiscafiada, esperançoso, arrancando Cão de seu devaneio. — Uma pequeninha. Olha, tem uma minúscula bem ali. Eles não sentiriam falta daquela.

Cão bufou.

— Com certeza sentiriam. Você não sabe nada do clã das florestas?

Faiscafiada deu de ombros, o que o outro entendeu como uma negativa.

— Eles enterram os Anciãos com uma noz da árvore-lar na boca — explicou. — Aquela árvore “minúscula” ali é um túmulo. A muda talvez já tenha memórias de um Ancião fluindo no ymbre. Você não pode profanar um túmulo.

Faiscafiada franziu o nariz.

— Que decepcionante. E nojento.

Cão suspirou e deu um passo na direção do rio, com maus presságios que pareciam aumentar cada vez mais.

— Vejo você do outro lado — disse, olhando por cima do ombro para o espírito que pairava. — Tente não se meter em problemas.

Faiscafiada fez um barulho mal-educado e rodopiou para longe. Melancólico, Cão ficou olhando-o se afastar. Sentiria saudade.

Com um suspiro, entrou no rio e permitiu que as águas silenciosas cobrissem sua cabeça.

Capítulo 21

O cômodo que continha a Fissura Sombria era enorme e perfeitamente redondo. As paredes curvas e o teto abobadado estavam cobertos de tochas flamejantes, e a luz se refletia em feixes pela fina película ondulante de água preta no chão.

Mas Fênix mal notou essas coisas. Para ela, só havia a Fissura Sombria.

Bem à sua frente, havia algo enfurecido que parecia um buraco no tecido do mundo, fervilhando de escuridão e raiva, se esforçando escapar da prisão e devorar tudo ao seu redor. Precisou inclinar a cabeça para trás para absorver a energia monstruosa. A coisa se espalhava por todo o seu campo de visão, bloqueando tudo, um grande coágulo de noite viva. Sentia a fome daquela coisa, viu um tentáculo tentar pegá-la e ser repelido, para então se estender de novo. O fogo dentro dela deu sinal, como se convocado, e um terror a percorreu como uma onda. Fênix lutava para conter sua magia, mas de repente, respirar parecia muito difícil.

Sentiu, em vez de ver, Yelara parando ao seu lado, colocando a mão quente em seu braço.

— Notou a camada de movimento ao redor? — perguntou a Bruxa Chefe, apontando para o canto da escuridão da Fissura.

Fênix se sacudiu, sentindo como se estivesse saindo de debaixo d'água, e olhou para onde a Bruxa Chefe apontava. De fato, havia uma camada de movimento rodopiando em torno da forma escura, um vórtex giratório

vívido que fez uma brisa gelada descer em espiral pelo pescoço de Fênix. Na mesma hora, ela entendeu que aquilo era a única coisa que continha a Fissura. Parecia fino demais, insubstancial demais para ser eficaz.

— Sim — respondeu, abalada.

— É o óculo — explicou Yelara. — Um dos nossos feitiços mais poderosos. Cria uma espécie de gaiola para prender substâncias mágicas. — Ela balançou a cabeça. — Mas só está funcionando em partes. A Fissura Sombria não deveria conseguir exercer nenhuma influência de dentro de um desses. Devia ser inofensiva, como esperávamos que fosse antes de Morgren aparecer. — Aquele nome deixou Fênix tensa. — Em vez disso, ela está se espalhando pelo Palácio de Gelo, drenando a magia, chegando até as bruxerias.

Ela olhou Fênix de relance.

— Você viu, não viu? As salas escuras antes do armazém de ingredientes? Por enquanto, estão sólidas, mas imagino que, em algumas semanas, ficarão parecidas com as passagens que nos trouxeram aqui: instáveis.

Fênix assentiu, fraca, mal conseguindo entender qualquer coisa exceto a enormidade de sua tarefa. A enormidade e a impossibilidade. A Fissura Sombria a encarava, mal-intencionada, o poder inegável enchia sua visão de escuridão.

Atrás dela, Sete, Cinco e Seis estavam parados, enfileirados, a cabeça jogada para trás e a boca aberta.

— O que é isso, em nome de Ember? — murmurou Seis.

Yelara balançou a cabeça devagar.

— A verdade é que ainda não sabemos direito. — Ela gesticulou para os arredores. — Este espaço foi dado a uma bruxa chamada Jira, para que ela pudesse estudar a magia dos trasgos...

— Por quê? — perguntou Cinco, obviamente horrorizado. — Parece uma ideia terrível!

O sorriso de Yelara foi o mais triste que Fênix já tinha visto.

— Agora é muito fácil falar — disse ela. — A motivação dela era simples: portais. Vocês já viram que nosso feitiço de portais exige que haja duas portas: uma no local atual da bruxa, outra onde ela deseja ir. Os feiticeiros trasgos de antigamente só precisavam de um portal, uma única entrada para onde quisessem ir. Era uma vantagem enorme nas batalhas, mas nós queríamos por... — Yelara sufocou uma risada rouca. — Por conveniência.

— Ah... — A voz de Sete estava baixíssima, os olhos fixos na Bruxa Chefe, em vez de na Fissura Sombria.

O olhar de Yelara estava distante, preso em algum lugar do passado.

— Jira estudou os feitiços trasgos por anos. E tinha certeza de que já aprendera o suficiente para tentar um dos portais. — A Bruxa Chefe inclinou a cabeça para a Fissura Sombria. — Em vez de um portal para o mercado flutuante, ela acabou com isto.

— Deve ter sido um choque — sussurrou Cinco.

— Imagino que sim — disse Yelara, tensa —, mas nunca teremos certeza. Quando foi encontrada, ela já estava morrendo. Ela lutara contra a Fissura e conseguira prendê-la num óculo. Mas a doença que veio junto, o mal da Fissura, quase tinha acabado com ela. E, de Jira, se espalhou para todo o Palácio de Gelo. — Yelara suspirou. — Quando ela morreu, perdemos nossa especialista em magia dos trasgos. Quase todos os textos e as anotações dela estavam aqui, mas isso também se perdeu, foi destruído na batalha para conter a Fissura. Tentamos tudo o que conhecemos para nos livrarmos dessa coisa, mas... — Ela não terminou.

Houve um longo silêncio. O olhar de Fênix foi atraído à Fissura mais uma vez, e sua pele se arrepiou.

— Mas garanto que essa coisa foi contida — comentou ela, delicadamente, lembrando o que Nara dissera no Beiral. — Até...

— Até M-Morgren aparecer — completou Sete.

— Sim. — Yelara deixou os ombros caírem. — Queria que soubéssemos o que ele fez, mas, como falei, nossa especialista em magia dos trasgos era Jira. Todo o trabalho dela foi perdido. Não sobrou o suficiente para estudarmos.

Diante deles, a Fissura Sombria pressionou toda a sua massa contra o óculo, estendendo feixes de escuridão, e foi lançada para trás pela magia rodopiante que a continha.

O coração de Fênix quase parou.

— Yelara — falou ela, virando-se para a Bruxa Chefe, decidindo que era melhor ser sincera logo de cara —, acho que não consigo...

— Não espero que você faça nada agora — respondeu a Bruxa Chefe. — Aliás, não ia nem querer isso, mesmo que você estivesse disposta. Nara já me contou que a descoberta do seu poder é recente e que você não o usa há meses. — Ela hesitou e passou a mão no rosto. — Entendo o quanto é perigoso o que estou pedindo. Eu nunca iria querer que você tentasse se não achasse que tem chance de conseguir.

Fênix segurou uma vontade louca de rir. Nunca — *já* — conseguiria destruir aquele negócio. Era uma Caçadora, acostumada a medir forças contra um oponente. Já sabia que aquela batalha não podia ser vencida. Era como pedir para ela lutar contra um gigante de gelo sozinha, com um braço amarrado às costas e apenas bolas de neve como arma.

— Yelara — chamou ela, balançando a cabeça —, eu...

— Aceite o pedido de Nara — pediu a Bruxa Chefe, depressa, com um tom inconfundível de súplica. — Por favor. Ela sempre se interessou por magia elementar. É o mais próximo de uma especialista no assunto em todo o Ember. Se alguém pode ajudar você a aprender a controlar seu fogo, é ela. E, se alguém pode destruir a Fissura Sombria, é você. Você é nossa única esperança.

Fênix respirou fundo e tentou acalmar o enjoo que sentia. Queria dar meia-volta e ir embora. Queria exigir ser devolvida ao Beiral, onde lutar contra monstros era simples e só precisava de seus machados. Mas ela era uma Caçadora. E as bruxas estavam pedindo sua ajuda.

Fênix se forçou a olhar por um longo tempo a Fissura Sombria antes de dar as costas. Já tinha visto mais do que o suficiente.

À sua volta, as tochas continuavam acesas, sem consciência do horror que iluminavam.

— Vou tentar — respondeu para Yelara, baixinho, quase engasgando de medo. — É só o que posso fazer.

Capítulo 22

O Abraço era de um marrom pantanoso, com uma corrente mais forte do que Cão esperava. Precisava fincar bem as patas na lama macia do fundo antes de dar um passo — só assim não sairia rolando que nem uma pedrinha. Longos emaranhados de algas fluviais passaram por suas pernas, e entupiam seu focinho. Peixes o encaravam de olhos esbugalhados, espantados: uma multidão curiosa o circundou, as barbatanas brilhando à luz fraca, mas desapareciam logo em seguida. De seus buracos cavoucados na margem, ruíndas rosnavam para ele, os dentes afiados cintilando, os dedos compridos e estranguladores cerrados em punho.

Com um pé na frente do outro, Cão abriu caminho pela água, se esforçando para tentar ver onde o Fecho se unia ao Abraço. Finalmente, bem quando começava a sentir uma certeza terrível de que já passara pela confluência, um canal de água mais gelada passou por seu corpo, carregando um aroma inegável de ymbre.

Com um suspiro que era parte alívio, parte temor, Cão lutou contra a corrente para chegar ao outro lado do rio, rastreando a água mais fria até, com uma brusquidão alarmante, perceber que já devia estar no rio menor. A luz era mais fraca e verde; a corrente, suave. Ali também era mais silencioso. Se o Abraço borbulhava, o Fecho se arrastava, reunindo os segredos cochichados das árvores-lares.

Cão ansiava por emergir e olhar em volta. Fazia séculos que não pisava

no Grande Bosque. Mas sabia que não podia arriscar. Não podia ser visto, e aquele seria o pior lugar de todos para sair da água. Tão perto da fronteira do rio, com certeza haveria mais guardas, e o Guardião do Pavilhão de Caça aparecendo de repente sem ser anunciado geraria perguntas bem desconfortáveis.

Em vez disso, foi até a parte mais funda do canal e começou a caminhar, surpreso e grato porque a corrente mais suave permitia que se movesse com relativa facilidade.

Seguiu em frente sem parar. Caminhou até perder a noção do tempo, até se sentir zozzo e confuso, e muito, muito cansado. Sem nem notar, mergulhou numa lembrança.

Foi cuspidor pela muralha, e seus sentidos voltaram numa onda forte. Cão piscou, confuso, e sacudiu a cabeça, pronto para qualquer coisa, os dentes já escancarados num rosnado. Mas, quando sua visão voltou, percebeu que não havia necessidade de ação imediata. Havia uma mulher diante dele, provavelmente uma Anciã, o cabelo preso com firmeza tinha mechas prata. Uma cimitarra reluzente pendia da cintura dela, e a mão estava manchada com o sangue de alguma criatura que havia usada para convocá-lo.

— Guardião — disse ela, examinando-o de alto a baixo. — Meu nome é Anciã Areia-no-Olho. Bem-vindo de volta.

Levou um momento antes de a sensação avassaladora da volta de seus sentidos se amainar o suficiente para ele falar, mas, então, Cão baixou a cabeça e respondeu:

— Saudações, Anciã Areia-no-Olho.

A mulher assentiu, satisfeita, e mandou que ele a seguisse, uma torrente de palavras escapando de seus lábios. Cão examinava o campo de treinamento ao redor, curioso. Tudo parecia exatamente igual, incluindo a posição da pilha de madeira. Uma esperança nasceu de repente dentro dele: talvez não tivesse passado tanto tempo longe.

— O Raposa ainda está aqui? — perguntou.

— O quê? — Anciã Areia-no-Olho franzir o cenho, mas, em seguida, sua expressão suavizou. — Ah, Raposa. Claro, você o conhecia, né?

Ela tinha dito “conhecia”, não “conhece”. Cão fez que sim, o coração pesado.

— Um excelente Caçador — falou ela, bruscamente. — Perdeu a mão para um fantasmelho, mas insistiu em continuar participando de caçadas. — Ela fungou. — Morreu jovem, claro.

Cão precisou de um momento para esmagar o luto que nascia dentro de si. Raposa jogara bolas de neve nele, o ensinara a brincar de esconde-esconde, mesmo Cão sendo horrível na brincadeira. Mas o rapaz se fora. Levou um momento para conseguir

voltar a falar.

— *Claro — disse ele. Então, com uma faísca de esperança perigosa, perguntou: — E o Flick? E o Patrulheiro?*

Surpresa e irritação se sucederam no rosto da Anciã.

— *Ambos mortos. Você ficou sessenta anos longe, Guardião. Não dá para achar que ainda tem alguém que você conhece por aqui, né?*

Cão se libertou à força da lembrança e rosnou, horrorizado ao perceber que tinha parado de andar e estava parado feito estátua. Não fazia ideia de quanto tempo estava ali. Ao seu redor, a água era escura e densa.

O pavor o possuiu; aquilo era água escura. E ele definitivamente não era imune.

Capítulo 23

Fênix se sentou com os amigos em uma das mesas da árvore dos banquetes. Widge mordiscava, nervoso, um pedaço do cabelo dela. Lá embaixo, o lago reluzia forte, os peixes traçando pontos coloridos na água.

As estátuas enormes, as mãos de gelo, tinham deixado os pedestais e estavam reunidas em grupos no lago, a água congelando onde seus pés encostavam, e dava para ouvir de leve o murmúrio de suas vozes.

Sempre que Fênix fechava os olhos, a Fissura Sombria aparecia em sua mente, furiosa. Um pensamento a dominava: se o Ember dependesse de ela destruir aquilo, já estavam condenados. Mesmo quando tentava aplacar essa certeza, ela voltava, sorrateira.

— Você está meio quieta — comentou Seis, com delicadeza e preocupação. — Você sabe que vamos ajudar como pudermos, né? Foi por isso que viemos.

— S-sim. Você não está sozinha — completou Sete, o rosto pálido e sério.

Fênix conseguiu dar um sorriso fraco.

— Quem mais queria que essa tal de Jira tivesse largado a magia dos trasgos quieta? — questionou Cinco, suspirando e balançando a cabeça.

— Ela achou que estava só abrindo um portal — lembrou Seis.

— E abriu mesmo — retrucou ele, com um gemido, abatido, se jogando

contra o encosto da cadeira. — Direto para a perdição.

Fênix levantou a cabeça, mesmo sem querer.

Seis revirou os olhos.

— Que dramático.

— Difícil não ser — retrucou Cinco, mal-humorado. — Um tsunami e uma doença que já dizimou a maioria das bruxas. Morgren e Vitória não vão nem precisar de um exército de trasgos para dominar o Ember: vão poder só chegar chegando.

— Então você não acha que eu vou conseguir destruir aquilo? — questionou Fênix, observando-o com atenção.

— Bom... — Ele hesitou. — *Você* acha?

Os olhos dele encontraram os da amiga, que viu ali um medo tão latente quanto o que sentia.

— Cinco, você é inacreditável! — exclamou Seis.

— Estou sendo sincero — respondeu o garoto, franzindo a testa —, ao contrário de você. Não vamos conseguir fazer nada relevante para ajudar a Fênix. Você viu aquela coisa. Você *sabe* disso.

Seis balançou a cabeça.

— Você passou dos limites com Zenith e está passando dos limites agora — declarou ele.

Cinco estava com as bochechas vermelhas, prestes a dar uma resposta.

— Já chega — interrompeu Sete, firme, algo que quase nunca fazia. — Vocês d-dois não costumam t-treinar luta mais ou menos a esta hora?

Os garotos a encararam, surpresos.

— Hã, sim — retrucou Seis. — Mas...

— Bom, t-talvez vocês deversem ir treinar — disse Sete. — Agora.

Ela e o irmão trocaram um olhar silencioso. Um instante depois, Seis assentiu.

— O quê? — indagou Cinco, levantando uma sobrancelha. — A gente acabou de ser *dispensado*?

Seis já estava arrastando o amigo para longe pelo cotovelo.

— Vamos, ela tem razão. Você precisa mesmo praticar. Ontem você foi péssimo.

— Que *mentira*! — A voz indignada de Cinco foi diminuindo à medida que Seis marchava com ele para longe.

Fênix olhou para a amiga.

Sete deu de ombros.

— Eu s-sei ser firme quando preciso — explicou a garota, parecendo

desconfortável. — Posso não conseguir salvar você de um extremiverme, mas até que é b-bem fácil me livrar do meu irmão, e Cinco vai aonde ele for.

— Obrigada — falou Fênix, sincera. — Não sei se eu teria dado conta de assistir uma discussão deles agora.

— T-todos nós acreditamos em você — garantiu Sete, baixinho. — Não acho que Cinco estava falando sério.

Fênix balançou a cabeça.

— Ele tem razão, sabe. Isso... Isso vai ser um teste de força: minha magia contra a da Fissura Sombria. Nenhum de vocês pode me ajudar com isso. Não de verdade.

— V-você e o Cinco esqueceram uma coisa importante — rebateu Sete. — Ter o apoio dos amigos conta muito. Isso *p-pode* fazer a diferença. Estou aqui s-se você quiser conversar.

Apesar da ameaça da Fissura Sombria, Fênix sentiu o coração inflar. Sete era a mais tranquila de seus amigos, a que exigia menos atenção, parecia contente de ficar na dela — talvez até *preferisse* isso. Mas momentos como esse a lembravam de que ela era a mais atenciosa, a mais gentil de todos. Fora Sete quem lhe dera Widge, o que ela agradecia todo santo dia.

Como se ouvisse seus pensamentos, o esquilo se aconchegou junto à sua bochecha, os olhos calorosos mirando Sete com afeto.

— É... — Fênix parou e sacudiu a cabeça. Por que era tão difícil expressar seus sentimentos? Respirou fundo e tentou de novo. — É muita pressão.

Para sua surpresa, Sete riu.

— Você acha isso... engraçado? — perguntou Fênix.

Sete sorriu.

— Não, só m-muito óbvio que você se sinta assim. — Ela ficou pensativa. — Se concentra só no que está sob seu controle. É o único jeito de fazer dar certo.

— Nada parece estar sob meu controle. — Fênix suspirou.

— Suas aulas com Nara estarão — respondeu Sete, determinada. — É nisso que você tem que pensar. Seus machados, por exemplo. Você levou um tempo para aprender a usar bem essas armas, não foi? Pode ser que controlar seu fogo seja igual: uma habilidade a ser dominada, como qualquer outra.

Fênix assentiu, tentando se encorajar com as palavras da amiga.

— Eu acredito em você, Fênix — disse Sete, com um olhar caloroso. — Se tem alguém que pode fazer isso, é você. O mundo é tão grande e cheio de maravilhas... — Mas a expressão cabisbaixa da amiga a fez parar. — O que foi? Falei algo errado?

Fênix sentiu calor e frio ao mesmo tempo.

Tão grande e cheio de maravilhas... As palavras de Poppy na boca de Sete. Os pelos de seu braço se arrepiaram.

Sete a encarava com uma careta de preocupação.

— Minha irmã. — Fênix engoliu em seco. — Poppy. Certa vez, ela me falou exatamente a mesma coisa. — Ela riu, seca. — Inclusive eu estava pensando nisso ontem à noite.

Sete ficou imóvel.

— Você nunca falou o nome dela — murmurou. — Sua irmã tinha razão. Tem tanta coisa por aí, e tudo isso precisa ser salvo. Pelo jeito, a Poppy era bem sábia.

— Sábia? — Fênix sorriu, apesar da dor no coração. — Acho que era, mesmo, apesar de eu não pensar assim na época.

Sete hesitou.

— Como ela era?

Fênix estremeceu.

— Ainda é... difícil falar dela. Antes, eu a bloqueava, bloqueava todo mundo, na verdade. Mas não quero mais fazer isso. Não quero esquecer minha irmã.

Sete assentiu e permaneceu quieta. Como descrever Poppy, com todas as suas lindas contradições?

— Ela era tantas coisas — disse Fênix, devagar. — Era gentil e curiosa. Muito mais simpática do que eu. Acho que talvez também fosse mais corajosa, se bem que eu só via esse lado dela de vez em quando.

— Se estivesse aqui agora, o que você acha que ela diria? — perguntou Sete.

— “Não se atreva a deixar o Ember ser destruído sem eu ter visto quase nada!” — falou Fênix, sem pensar. Mas a voz da irmã mais nova parecia ressoar naquelas palavras.

Quase riu alto; de repente, Poppy parecia muito próxima.

— Ela realmente era sábia. — Sete sorriu. — E o que você responderia?

O sorriso sumiu dos lábios de Fênix. Por um momento, quase via Poppy à sua frente, a cabeça inclinada para o lado, esperando a resposta da irmã.

— Eu prometeria a ela que ia impedir a Fissura, claro — respondeu,

hesitante. — Eu devo isso a ela. De... De um jeito muito atravessado, estou vivendo o sonho dela. Minha irmã teria amado visitar o Pavilhão de Caça, ver o Beiral. Teria explodido de animação se viesse para os Jardins de Gelo. Devia ser ela aqui, mas... — Fênix se interrompeu e engoliu o nó na garganta. — Eu faria qualquer coisa para compensar isso.

As palavras tinham peso e pareciam uma promessa.

A determinação apareceu, ofuscando um pouco do medo que sentia: Fênix manteria essa promessa para a irmã.

Sete desviou o olhar. Levou um momento para falar de novo.

— Queria que tivesse um jeito de eu realmente poder ajudar... além de só estar ao seu lado.

Fênix balançou a cabeça.

— Não...

— Yelara comentou que tem uma biblioteca logo embaixo do ninho de águias — disse Sete, de repente, se sentando mais ereta. — Não posso ajudar a t-treinar seu poder, mas *posso* ir lá descobrir tudo que houver sobre magia dos trasgos e a Fissura Sombria. T-talvez as bruxas tenham deixado escapar alguma coisa!

O ar em torno de Sete pareceu crepitar de energia; Fênix se sentiu animada pelo apoio repentino da amiga, e um pouco de seu receio da Fissura Sombria se esvaiu. Era incrível ter uma amiga como aquela.

— Espero não estar interrompendo — disse uma voz atrás delas.

As duas se viraram e deram de cara com Nara.

— Fênix — falou a bruxa —, queria saber se você está disposta a começar as aulas agora mesmo. É bom tentarmos maximizar o tempo que temos antes de... — Ela fez uma careta.

Fênix sentiu um frio na barriga, e a sensação de felicidade de apenas um momento atrás se desvaneceu.

— Quanto tempo temos até a Fissura Sombria... se libertar? — perguntou ela, encontrando a voz.

Nara hesitou.

— No ritmo em que aquela coisa está se espalhando, o Palácio de Gelo só deve ter mais algumas semanas. — Ela balançou a cabeça. — E é uma estimativa otimista. Conforme a Fissura cresce, o óculo fica mais difícil de manter. Se a proteção falhar e a Fissura Sombria puder se espalhar sem ser contida... — De repente, seus olhos se encheram de determinação. — Temos muito trabalho a fazer. Pronta?

Sete encontrou o olhar da amiga e assentiu, encorajadora.

Fênix respirou fundo e se virou para Nara.

— Pronta.

Capítulo 24

Não houve tempo para Cão se preparar. A água escura se aproximava, sussurrando seus segredos. Antes que percebesse o que estava acontecendo, foi lançado em outra lembrança — só que, desta vez, não era dele.

Estava parado no campo de treinamento do Pavilhão de Caça, seu braço tremendo sob o peso de uma espada. Um garoto mais alto fazia chover um golpe atrás do outro. Ele se esforçava muito, mas mal conseguia desviar. O suor escorria por seu rosto apesar do frio, e um desespero enfurecido crescia dentro dele. Por que não era mais forte? Por que não tinha melhorado, depois de tantas, tantas horas de treinamento?

O outro garoto abriu um sorriso irônico, se afastando.

— Acho que provei o que queria, Titch. — Ele riu. — Você nunca vai ser um Caçador. Desista. Volte a engolir lesmas, sapos ou sei lá o que vocês comem nos pântanos.

— Meu nome não é Titch! — gritou, odiando como a voz saiu rouca e baixa.

Mais risadas soaram atrás dele, que se virou, furioso, segurando a espada com mais força. Franziu a testa, confuso: não tinha ninguém ali. Então, de repente, apareceu uma garota bruxuleante, aparentemente saindo do mais puro nada. A brisa ergueu uma capa azul em seus ombros, e ela a puxou de volta junto ao corpo.

— Você de novo. — O garoto suspirou, embainhando a espada. — Você vive chegando de fininho. Como faz isso?

— *Chama Vêu* — explicou a jovem bruxa, sorrindo. — *É um feitiço difícil, mas eu sou muito boa, como você pode ver.*

Ele a encarou, sério.

— *Você riu. Isso te entregou* — argumentou.

— *Ah, chega disso!* — *A garota abriu um sorriso para ele.* — *Eu não estava rindo de você. Hoje você foi bem melhor.*

— *Sério?* — perguntou o garoto, de repente esperançoso.

— *Com certeza.* — *Ela assentiu com firmeza.* — *E uma bruxa nunca mente.*

— *Achei que você ainda não fosse bruxa de verdade* — falou ele, mas sentiu o início de um sorriso se formando.

— *Eu sou Implume* — corrigiu a garota. — *Mas nasci bruxa.*

Cão lutou contra a lembrança, mesmo tomado de surpresa. Os Caçadores novatos que acabara de ver conheciam os clãs uns dos outros e falavam abertamente sobre tudo. Aquilo não acontecia no Pavilhão de Caça havia mais de mil anos — e significava que a água escura preservara uma memória mais antiga até do que ele.

A distração momentânea foi o suficiente para a água escura atacar de novo, invadindo-o com outra lembrança de um estranho, dominando seus sentidos até o passado daquelas pessoas ser tudo o que Cão conseguia ver e sentir.

O lamento era insuportável; ela queria tapar os ouvidos. Queria voltar correndo à árvore-lar e subir, subir, subir até os galhos mais altos. Queria pressionar os lábios na casca e deixar o ymbre doce correr pela garganta até se perder nas lembranças da árvore, ver de novo a avó, assisti-la crescendo, vê-la como uma jovem descobrindo que era encantadora de árvores.

Em vez disso, lá estava ela, no pomar do renascimento, a mortalha da avó costurada a partir de folhas enquanto o povo batia no peito e uivava seu luto. Só ela tinha que aguentar firme. Só ela tinha um trabalho a fazer.

Não era justo.

Deu um passo à frente e respirou fundo, acalmou as mãos trêmulas e estendeu o braço para pegar a caneca de ymbre fresco. Os lamentos morreram à medida que tirava a mortalha do rosto amado.

O fluxo do líquido era firme e estável, escorrendo direto para a boca da avó.

— *Volte à terra* — sussurrou. — *E viva outra vez.*

A noz pesava em seu bolso. Puxou-a lá de dentro, era brilhante e escura.

Como algo tão pequeno podia conter uma multidão?

Levou a noz aos lábios e a beijou, então ficou parada em silêncio. A noz era passada, em reverência, de mão em mão, sendo beijada por cada pessoa, até enfim

voltar para ela. Colocou a noz na boca da avó e cobriu seu rosto de novo.

— Volte à terra e viva outra vez — sussurraram centenas de vozes.

Cão percebeu que tinha parado de se mexer de novo. O poder da água escura, das lembranças, estava aumentando. Ele se sacudiu, expelindo algas do pelo e da boca.

Abriu os lábios num rosnado de advertência, mas a água fluía por ele sem se preocupar, as ondulações sinistras ressoando em seus ouvidos como risadas. O peso das lembranças era esmagador como medo, e Cão suprimiu a vontade de uivar. Onde estava Fênix? Onde estava Faiscafiada? Estavam seguros? E ele, estava seguro?

Cão estreitou os olhos e se abaixou, tentando ficar o menor e mais imperceptível possível, rastejando à frente passo a passo, tentando se concentrar apenas no que havia sob suas patas. Lembranças o arranhavam, mas ele percebeu que, se estivesse bem concentrado, se bloqueasse todo o resto, conseguia por pouco mantê-las distante.

Seguiu em frente, mais confiante, até outra coisa o fazer parar. Havia um leve brilho, uma luz que se desenrolava de algo rio acima e era puxada, passando por ele como lâ saída de um novelo. Formava um rastro claro, vacilante, com textura de fio.

A curiosidade venceu a cautela, e Cão foi com dificuldade naquela direção, notando que, ao fazer isso, a água escura ficava mais calma, o ataque incessante de lembranças era reduzido. Seguiu o caminho tranquilo da luz, cada vez mais curioso.

Aquilo o levou mais e mais à frente, através da água turva e perigosa, o tempo todo mantendo as sombras afastadas. Pode ter seguido por horas ou dias, até que, de repente, percebeu que já não estava no Fecho. A água era mais fresca, e o aroma forte e enjoativo de ymbre tinha desaparecido.

A fonte da luz que rompia as sombras estava na margem, metade dentro, metade fora da água na fronteira do Grande Bosque. Foi só ao chegar muito perto que Cão percebeu o que estava olhando: uma lutra, a criatura sagrada do clã dos rios, motivo para protegerem aquelas águas com tanto cuidado. Com um metro e oitenta de comprimento, uma cauda forte e patas com os dedos unidos por membranas, a criatura parecia uma lontra. O pelo prateado reluzia, apesar do sangue cheio de luz que vazava da faca fincada na lateral do corpo.

Com um horror, Cão se aproximou.

A lutra era esguia e lustrosa, mesmo contorcida de dor, e uma inteligência brilhava em seus olhos aflitos, que acompanhavam o progresso

de Cão, os bigodes estremecendo. E estava inequivocadamente morrendo. Quando Cão se arrastou para fora da água na direção da lutra, a necessidade de uivar foi quase forte demais para suportar.

O vento sussurrava pelas árvores próximas, mas todo o resto estava quieto. Até o rio fluía em silêncio, como se chocado pelo que via diante de si.

Cão não sabia o que fazer. Estava parado na margem, totalmente à vista de qualquer um que chegasse no rio. Mas sabia que não podia largar a lutra para morrer sozinha.

— Sinto muito — murmurou, sentando-se na lama em posição de esfinge, ao lado da criatura. — Achei você tarde demais. Mas vou ficar aqui até o fim. É tudo o que posso fazer.

Os olhos delicados da lutra estavam fixos nele, e Cão achou ter visto aquiescência ali. Chegou um pouco mais perto, certificando-se de manter uma distância respeitosa entre os dois, apoiou a cabeça nas patas e pensou. Depois de um momento, começou a falar, contando à criatura o que lembrava de sua casa. Falou da vasta beleza de um pôr do sol que vira nas paisagens aquáticas tranquilas das terras dos rios e da paz que encontrara nas águas banhadas de sol do Ilara.

Achou que a lutra estava ouvindo. De olhos semicerrados e a respiração cada vez mais lenta. Cão também fechou os olhos, quebrando a cabeça atrás de outra lembrança, algo que pudesse trazer conforto à criatura.

Quando os abriu de volta, a lutra tinha chegado mais perto; estava respirando com dificuldade e tocou o focinho bigodudo na bochecha de Cão.

Cão ouvira histórias do poder do toque de uma lutra — dizia-se que eram capazes de curar qualquer doença, conceder uma vida incomumente longa —, mas era totalmente diferente do que poderia ter imaginado. Se antes estava sufocado, sentiu como se tivesse inspirado fundo, ofegante. Uma imensa sensação de abertura o dominou, espalhando iluminação e calor das orelhas à cauda, enchendo-o de sensações novas e belas: a lama da margem do rio era agradavelmente macia sob sua barriga e as almofadas de suas patas. Os cheiros ficavam mais realçados, e as algas em sua boca tinha um gosto terroso, levemente azedinho.

Um gosto! Teria se levantado de um salto e latido prazeroso se, naquele momento, não tivesse sido atravessado por uma lembrança da lutra, talvez atraída por algum resquício da água escura.

A truta era grande, rápida e esperta, avançando e se sacudindo na corrente, a luz

iridescente cintilando em suas escamas. Persegui-la era uma alegria: as bolhas dançando na água, o poder de seu próprio corpo ao correr atrás do peixe, a água quase parecendo se abrir para deixá-la passar. Lá de cima, feixes de luz perfuravam o rio, e a grama sob a água se esticava, fazendo cócegas em sua barriga, ondulando com as ondas suaves.

Ela mergulhou mais fundo, tentando ficar abaixo da truta, então se lançou para cima na direção dela, o contorno do peixe contra o céu aquoso. Balançando a cauda, a truta saltou para fora da água, fugindo desesperadamente das patas que tentavam agarrá-la.

Foi tomada por pura admiração: que oponente nobre, aquela truta! Nadou mais rápido, batendo a cauda para dar propulsão extra, e saiu com tudo da água atrás do peixe, gotículas voando dos bigodes. Cada fibra de seu corpo se esticava à frente, dedos se fechando forte num fio da cauda da truta.

Um movimento na margem chamou sua atenção logo quando começava a voltar para a água. Duas figuras a olhavam: uma mulher humana alta e um trasgo com uma capa decadente. Tinham cheiro de magia e más intenções, ainda pior que os magos da morte que às vezes vinham caçar sua espécie. Foi o suficiente para fazê-la esquecer a truta. Cada instinto que desenvolvera por toda a sua longa, longa vida lhe mandava fugir.

Então, ela fugiu. Ou pelo menos tentou. Voltou para a segurança da água e ouviu um grito vindo da margem. Viu um clarão violeta e percebeu, horrorizada, que não estava mais se movendo. Em vez de nadar sem dificuldade para dentro da água, estava suspensa de um modo sobrenatural.

Por um momento, a surpresa foi tanta que não conseguiu se mover. Em seguida, começou a lutar com toda a sua força. Mas não importava o quanto se esforçasse, o quanto se contorcesse para os lados, não conseguia se libertar da magia que a continha.

— Rápida, né, Vitória? — O trasgo riu. — Que nem aquele peixe que ela estava perseguindo.

— Vamos acabar com isso, Morgren — falou a mulher, Vitória, com a voz tensa. Ela olhou por cima do ombro. — Se formos vistos, está tudo arruinado. Não é assim que eu faria isso.

— Não tem ninguém aqui. — Morgren deu de ombros. — Eu saberia.

Percebeu que estava sendo puxada por cima da superfície da água na direção das duas figuras. Quando mais sentia o cheiro deles, mais medo sentia: poder, ambição implacável e crueldade. O aroma falava de mortes dolorosas e algo ainda mais sombrio, algo antigo e malévolo, algo que não devia existir em Ember. Ela se debateu ainda mais.

— *Coloque aqui* — ordenou Vitória, apontando para a margem.

Ela caiu, batendo forte na terra encharcada, mas, antes de poder se mover, um grande peso a prendeu no lugar. Levantou a cabeça e viu o trasgo parado acima dela, as mãos estendidas, encurralando-a sem precisar tocá-la.

A mulher levou a mão ao cinto e puxou uma lâmina em formato de folha que reluziu, cor de cobre, ao sol do inverno.

Vitória se agachou ao seu lado, e ela se debateu mais do que nunca. Então, a lâmina cintilou; de repente, sentiu muito frio, seus membros pesados como chumbo.

— *Eficiente como sempre.* — Morgren sorriu. — *Mas certeza que aqui é o melhor lugar para isso?*

— *Absoluta* — respondeu Vitória, se levantando e dando as costas.

Morgren riu, dissimulado.

— *Então, que comece a batalha.*

— *Melhor a gente voltar* — disse Vitória, endireitando os ombros. — *Deve estar quase na hora.*

— *Ainda não* — falou Morgren. — *A garota chegou aos Jardins de Gelo, mas faz pouco tempo. Croke disse que ela mudou o nome para Fênix.*

A mulher abriu um sorriso estranho e maldoso.

— *Fênix.* — *A risada era forçada.* — *Ela se acha muito, aquela lá.*

Morgren deu de ombros.

— *Parece apropriado, depois do que fizemos com Poa.* — *Ele fez uma expressão séria.* — *Depois do que ela fez comigo.*

— *Você vai se vingar. Em breve.*

Uma careta surgiu nas feições do trasgo.

— *Mal posso esperar para ela conhecer nosso mestre.* — *O trasgo olhou em volta, sem se comover com a beleza da paisagem, de repente inquieto.* — *Já chega deste lugar. Vamos.*

Ele acenou com a mão, e os dois sumiram.

O sol continuava brilhando, mas um pouco de sua luz parecia ter sumido, e o céu tinha desbotado num tom cinza. O rio parecia muito distante.

A lembrança acabou tão de repente que Cão deu um solavanco, desequilibrando-se. O pânico tomou conta de si conforme se recuperava. *Fênix.* Ela estava correndo perigo.

A luz da lutra de repente diminuiu, então desapareceu de vez à medida que morria.

Ele sentia um peso terrível, e seu coração estava apertado. Cão acabara de testemunhar algo extremamente errado. A bondade irradiara da criatura, mas Vitória a atacara, a largara sangrando até a morte.

A criatura sagrada do clã dos rios, estava morta na beira do Grande Bosque. Assassinada por uma lâmina do clã das florestas.

Guerras haviam começado por muito, muito menos. E era guerra que Vitória queria.

Cão percebeu que passara tanto tempo planejando como encontraria Vitória que sequer parara para ponderar o que ela estaria de fato fazendo nas terras dos rios. Agora estava tudo horivelmente claro, e ele tinha uma decisão impossível a tomar. Ir aos Jardins de Gelo para proteger Fênix, ou ficar nas terras dos rios e tentar evitar parte dos danos terríveis que Vitória pretendia causar? Pela primeira vez na vida, seu coração e sua razão diziam coisas diferentes.

Cão ficou parado à luz fraca do inverno como se estivesse congelado, uma batalha furiosa sendo travada dentro de si.

Capítulo 25

— Esta é a sala de treino de luta — explicou Nara, abrindo as portas.
— Usamos para praticar magia de batalha. — Ela hesitou. — Ou usávamos. Antes do mal da Fissura. — Ela gesticulou para Fênix entrar. — É aqui que teremos nossas aulas.

— Nós vamos lutar? — perguntou Fênix, curiosa.

A sala era um enorme, cada parede de gelo polida e reluzindo como um espelho, e seu maior traço era a falta de decoração. Havia uma mesa grande com duas banquetas bem no meio, mas, fora isso, era só um cômodo quadrado branco resplandecente, vazio e limpo. Algumas orbeluzes flutuavam ao redor, mas quase toda a iluminação vinha das paredes.

— Não. — Nara sorriu. — Estamos aqui porque esta sala tem mais defesas mágicas do que qualquer outra parte do palácio. Bom... fora o local onde está a Fissura Sombria, claro. Como o fogo elementar é famoso por ser devastador, achei que seria mais prudente usarmos esta sala.

Fênix engoliu em seco, suando frio. Nara a conduziu até a mesa grande. Em seu ombro, Widge mexia a cauda e examinava os arredores com olhos cheios de curiosidade.

— É um uso muito eficiente do espaço — comentou Nara.

Notando que Fênix ainda estava confusa, apontou para o centro da mesa, onde havia uma pequena fechadura no tampo. Tirou uma chave do

bolso e abriu a tranca com um clique suave. Para o espanto de Fênix, o tampo da mesa se abriu devagar, revelando um compartimento bem maior do que devia ter sido possível.

Nara pegou vários livros, frascos, um caldeirão e uma longa capa de um material escamoso. Em seguida, fechou o tampo e colocou os objetos em cima da mesa.

— Pele de areneira — explicou a bruxa. Ela sacudiu os ombros, tirando a linda capa de penas, e vestiu a de escamas. — É à prova de fogo — explicou.

— Certo — murmurou Fênix, tentando ignorar seu coração disparado.

Widge trilou baixinho.

— Sente-se — pediu Nara, gesticulando para uma das banquetas e se posicionando na da frente.

Fênix não pôde deixar de notar que a bruxa parecia animada, mas ela só sentia náusea e pavor.

— Andei pensando na melhor forma de começarmos — disse a bruxa.

— Mas me ocorreu que você talvez tivesse alguma ideia.

Fênix negou com a cabeça no mesmo instante.

— Só tentei impedir o fogo, não usá-lo.

— Como assim? — perguntou Nara.

Fênix se remexeu, desconfortável.

— Às vezes, sinto o fogo borbulhar dentro de mim, quase a ponto de explodir. — Ela hesitou. — E tem piorado.

A garota manteve contato visual, atenta à reação da bruxa.

— Isso quer dizer que a força está aumentando — declarou Nara, tranquila —, o que é bom. Você vai precisar desse poder para destruir a Fissura. — Ela hesitou, então franziu a testa de leve, sem notar como Fênix ficou pálida com a menção da Fissura Sombria. — E também quer dizer que é cada vez mais importante dominar sua habilidade. Com que frequência você sente esse “borbulhar”?

Fênix deu de ombros.

— Todo dia.

Aquilo fez Nara ficar em silêncio e estreitar os olhos, pensando um pouco. No fim, ela se sacudiu e se levantou.

— Acho que seria melhor começarmos com uma demonstração — disse, gesticulando para Fênix ficar de pé. — Para sabermos com o que estamos lidando.

— Quê? — gritou a garota. — Não!

Nara parecia curiosa.

— Eu sei que o Gear disse para você não usar sua magia no Beiral, mas, agora, você está nos Jardins de Gelo.

— Você não entende — retrucou Fênix, em pânico. — Da última vez que usei meus poderes, destruí o Pavilhão de Caça, e foi pura sorte não ter matado ninguém. Não ter matado *todo mundo*. Você sabe o nível de perigo em que está colocando os Jardins de Gelo?

Nara se sentou de novo, apoiando as palmas das mãos abertas sobre a mesa.

— Fênix — começou, com cuidado —, para treinar sua magia, para entendê-la, você vai ter que usá-la. Pense em uma panela borbulhando no fogo. Se não tirar a tampa de vez em quando, ela *vai* ferver e transbordar.

Um tremor horrível passou por seu corpo, e Fênix de repente sentiu frio, a respiração presa no peito. Widge se contorceu para sair de baixo das camadas de pele e bater de leve com a cabeça no queixo dela, olhando feio para Nara.

— Quero ensinar você a ter um controle tão absoluto do fogo que isso passe a ser como respirar — explicou Nara, gentil. — Para nunca perder o controle, mesmo quando você estiver dormindo.

Aquilo fez Fênix levantar a cabeça de repente. Não tinha contado a ninguém como às vezes acordava de seus pesadelos e via os lençóis soltando fumaça. Pensava ter escondido bem as evidências.

A bruxa titubeou e respirou fundo.

— Você precisa confiar em mim.

Fênix olhou nos olhos claros e determinados de Nara e assentiu, se sentindo fraca. Que escolha tinha?

— Como vai ser isso?

— Precisaremos ir abrindo o caminho — falou Nara. — Acho que isso nunca foi feito. As elementares de antigamente não eram bem-vindas nos Jardins de Gelo.

Fênix ficou em silêncio.

— Você já tem uma habilidade significativa com o fogo...

— Tenho? — indagou Fênix, engasgando. — De onde você tirou isso?

— Você usou seu fogo na noite que o Pavilhão de Caça foi atacado para derrotar um feiticeiro trasgo — explicou Nara, paciente. — E contou que está suprimindo o poder todos os dias. Essas duas coisas sugerem algum nível de domínio.

Fênix assentiu devagar. Não tinha pensado dessa forma.

— O fogo está conectado às suas emoções, talvez? — perguntou Nara.
— Raiva?

Fênix assentiu de novo, surpresa. Como a bruxa sabia?

— Então vamos começar por aí — decidiu Nara, depressa. — Quero que você pense em alguma coisa que te deixa furiosa, depois lance uma única labareda rápida para o outro lado da sala. — Ela apontou para a parede oposta, longe da porta. — Bem ali.

Fênix sentiu os braços e pernas pesarem, congelados de pavor.

— E se eu não conseguir parar? — sussurrou.

— Já pensei nisso — respondeu a bruxa, pegando um frasco pequeno da mesa — e criei uma solução bem básica. — Ela levantou o vidro. — Fiz esta poção mais cedo; isso aqui vai derrubar você, caso as coisas comecem a sair do controle.

— Como? — perguntou Fênix, insegura, olhando o frasco.

— Se eu tirar a rolha perto de você, isso vai te deixar inconsciente. — Nara pareceu satisfeita, depois completou, rápido: — Só temporariamente, lógico.

Fênix assentiu devagar.

— Deve funcionar — disse, sentindo uma faísca de esperança.

— No seu tempo, então — falou Nara, segurando-a delicadamente pelos ombros e virando-a de costas para a mesa grande.

Fênix inspirou fundo e tentou se permitir acreditar que conseguia fazer aquilo. Algo na Bruxa lembrava Cão, inspirava confiança. Pensar no Guardião a abalou, a preocupação voltando. Sabia que era inútil desejar que ele estivesse ali, mas não conseguia evitar.

— Saia daqui, Widge — sussurrou Fênix, se concentrando na parede de gelo vazia à frente.

Mas o esquilhinho teimoso fincou as garras, tensão vibrando pelo corpinho. Fênix respirou fundo para se acalmar, então se sacudiu. Não devia estar se acalmando: precisava ficar furiosa.

Pensou na Fissura Sombria, em sua escuridão efervescente, a sensação rastejante que aquilo dava, como se toda criatura das sombras no Ember estivesse vindo até ela. Fênix esperou os fios de fogo se desenvolverem, reagirem, mas nada aconteceu. Muito pelo contrário: em vez de saltar à superfície, as chamas morreram.

Fênix engoliu o nó na garganta, o que ecoou no vazio da sala de treino de luta. A Fissura Sombria não a deixava irada: a aterrorizava. Evitou pensar no que aquilo significava.

Sem querer, seu cérebro saltou para Cinco, para as palavras dele na briga com Zenith. *A única magia que tem lá fora agora é a dos monstros.* Ele com certeza não estava falando sério, só tinha dito aquilo na hora da raiva, né? Se alguém podia entender aquele impulso, era Fênix. Ainda assim, sentiu os fios do fogo murcharem ainda mais, afastando-se dela.

— Fênix? — chamou Nara, a voz gentil.

A menina assentiu, depressa, e se obrigou a se concentrar. Decidiu-se por pensar em Vitória, nas muitas, muitas traições dela, em como sua família estava morta por causa da mulher. Por um momento, o rosto da Mestre de Armas apareceu bem claro diante de si, e na mesma hora o poder deu um salto dentro de Fênix, fios de calor subindo e se espalhando por seu peito. Ela o conteve no mesmo instante, surpresa por ter sito tudo tão súbito.

Gotas de suor se formaram em sua testa. Fênix as secou, xingando baixinho.

— Tente pensar como se fosse só mais um treinamento — sugeriu Nara. — Você deve ter feito vários no Pavilhão de Caça.

Fênix assentiu. Aquilo era verdade.

— Só mais um treinamento — murmurou para si mesma.

Mais uma vez, pensou em Vitória, e o calor começou a oscilar por seu corpo, crescendo até as pontas dos dedos começarem a latejar. O medo gritou para ela não fazer aquilo, mas Fênix o afastou e levantou a mão direita.

Em seguida, só havia o fogo.

Ele saiu rasgando, numa torrente sinuosa, vingativa, batendo na parede de gelo com força inimaginável. No ponto em que as chamas douradas atingiram, a parede ondulou com o calor e, por um instante assombroso, Fênix conseguiu de fato ver a magia dos Jardins de Gelo embutida ali, reluzindo, testada pelo fogo que a cobria.

Atrás dela, Nara deu um gritinho.

— Chega, Fênix! — avisou, a voz rouca. — Já é mais do que suficiente.

A garota tentou se conter, tentou fechar as comportas, mas a magia era forte demais. O fogo rugiu e rugiu, rasgando-a, até Fênix sentir os braços as pernas trêmulos e dificuldade para respirar.

— Fênix!

Seus joelhos reclamaram de dor ao baterem no chão. Um momento depois, sua visão ficou preta.

Ela piscou desesperada, tentando fazer os olhos se ajustarem, mas era como se toda

a luz tivesse sido sugada do mundo. E, na escuridão que a cercava, sentiu algo se mexer, algo vigilante. Sua atenção foi fisgada com uma malevolência fria e inalterável.

— Te peguei, Fênix.

A voz era vazia, sem vida. A voz de Croke.

Sua respiração falhou, o som impossivelmente alto. Seu coração bateu como se fosse pular de seu corpo, e o medo cresceu sem parar até deixá-la paralisada.

Sentiu Croke chegando mais perto, o som suave e mortal de alguma forma cercando-a por completo em...

— Fênix? Fênix! Consegue me ouvir?

Alguém a chacoalhava. Abrir os olhos era como levantar pedras. Nara estava agachada ao seu lado, o rosto um borrão de preocupação. Fênix piscou várias vezes, até enxergar as feições da bruxa.

Estava deitada no chão. Widge estava em seu peito, as patas em seu queixo, olhando-a com medo. Sentia os braços e pernas pesados, e a exaustão permeava cada centímetro de seu corpo.

— O que aconteceu? — murmurou Fênix, afastando o pesadelo para o mais longe que podia.

— Você não conseguiu parar. Precisei te derrubar. — explicou Nara.

Fênix notou que a bruxa estava tentando manter a calma, mas tinha dificuldade.

Fênix assentiu, fraca, e percebeu que Widge lambia seu queixo.

A bruxa a ajudou a se levantar e a se sentar numa banqueta.

— Como você se sente? — perguntou.

— Horrível — respondeu a garota, baixinho.

Até fazer carinho em Widge exigia um esforço monumental.

— Descanse aqui — mandou Nara, analisando o rosto de Fênix. — Vou preparar uma poção fortalecedora para você, bem boa e forte.

Exausta, Fênix ficou assistindo Nara fazer uma pequena fogueira no tampo da mesa. Quando as chamas se acenderam, a bruxa montou um tripé para sustentar um pequeno caldeirão e começou a adicionar ingredientes dos vários frascos.

De vez em quando, Nara sussurrava algo que Fênix não conseguia captar, e o conteúdo do caldeirão soltava uma chuva de faíscas.

— Por que não consigo ouvir o que você está falando? — perguntou a garota, depois que aquilo aconteceu pela terceira vez.

Ela ficava cada vez mais desconfortável: confiava em seus sentidos, muitas vezes sua vida dependia deles, mas algo na magia da bruxa parecia

estar além da sua compreensão.

— Chama silencifala — explicou Nara, parando de mexer e levantando a cabeça. — É a língua da magia. Só as bruxas capazes de usar esse poder podem ler, ouvir ou falar a língua. Você é bruxa, mas não do meu tipo de magia, por isso não consegue ouvir. — Ela continuou mexendo e sorriu. — Antigamente, era assim que achávamos novas bruxas, sabia? As que nasciam nos clãs, não aqui.

Ela notou a surpresa de Fênix e assentiu.

— Pois é. O jeito mais rápido de identificá-las era simplesmente dizer uma palavra em silencifala e pedir que repitam. Se conseguirem ouvir e repetirem, têm a habilidade.

A bruxa franziu a testa e, quando voltou a falar, soava triste.

— Deve ter muitas por aí, sem saber que possuem habilidades mágicas.

Ela serviu algumas conchas do líquido do caldeirão em uma caneca e a ofereceu a Fênix.

Widge farejou a poção, curioso, mas não se opôs, o que Fênix entendeu como um bom sinal. O primeiro gole foi tão amargo que pareceu que seus olhos estavam se revirando, mas, quase de imediato, sentiu uma onda de força percorrer o corpo.

— Obrigada — falou, se sentando mais ereta e tomando mais um golinho. — Você não vai me obrigar a fazer aquilo de novo, né?

— Não, acho que não seria útil para nenhuma de nós — respondeu Nara, baixinho. — Mas pode me contar o que aconteceu?

Fênix deu de ombros.

— Não consegui parar — respondeu. Tentou soar casual, mas o tremor em sua voz a entregou. — Era como tentar fechar uma porta para um bando de garrapés em debandada. — Ela mordeu o lábio. — Foi forte demais para mim.

Nara se sentou à mesa na frente dela, pensativa.

— Você pensa em usar sua magia como abrir uma porta — disse, um minuto depois —, o que é interessante. Será você poderia abrir essa porta só um pouquinho, em vez de tudo de uma vez?

Fênix pensou, aí fez que sim devagar.

— Pode ser. — Na maior parte do tempo, segurava sua magia com muita força, mas, quando a usava, deixava o fogo ter liberdade total. Só que talvez não precisasse ser assim. — Só não vejo como isso vai ajudar com a Fissura Sombria. Vou precisar de mais poder, não menos.

— Uma coisa de cada vez — respondeu Nara. — O controle é crucial,

não importa se você está ou não lutando contra a Fissura. Se não consegue parar quando o poder inunda seu corpo desse jeito, precisamos começar com algo menor. É nisso que vamos focar amanhã — completou, alegre. — Sim, amanhã. — Ela riu ao ver a cara de Fênix. — O tempo...

A bruxa parou de repente, os olhos fixos em algo atrás de Fênix.

— O que foi?

Fênix franziu a testa e se virou para olhar.

Demorou um pouco para ver, não sabia o que estava procurando, até o dedo de Nara direcionar seu olhar.

— A magia. Está... começando a falhar — explicou a bruxa, a voz cheia de medo.

Nara foi até lá, mantendo os olhos fixos no espaço do tamanho de um punho, o rosto tomado de preocupação.

— Mas esta é uma das nossas salas mais protegidas — sussurrou, aparentemente esquecendo que Fênix estava lá.

— A Fissura Sombria está fazendo isso? — perguntou a garota, com o coração apertado.

Ela examinou a beleza espartana da sala de luta e mordeu o lábio. Se Nara tivesse razão — e Fênix não tinha dúvidas disso —, logo aquele lugar estaria tão escuro e ameaçador quanto as bruxerias abandonadas, tão frágil quanto o túnel que levava à cela da Fissura Sombria.

— Se aquela coisa está presa, como está fazendo isto? — perguntou.

Nara balançou a cabeça devagar.

— Não sabemos — murmurou. E completou, com mais raiva: — Tem tanta coisa que não sabemos sobre a Fissura. — Nara fez careta, com dificuldade de se acalmar. — Só o que podemos fazer é destruí-la. É por isso que nossas aulas são tão importantes.

A bruxa abriu um sorriso fraco. O coração de Fênix afundou, pressionado pelas dúvidas.

O brilho no trecho de gelo escurecido vacilou de novo, então morreu.

Capítulo 26

Cão não sabia por quanto tempo tinha ficado parado na margem do rio, tomado pela indecisão, a lutra assassinada a seus pés.

— Achei você! — exclamou Faiscafiada, girando sobre sua cabeça até Cão sentir gosto de fumaça e pólvora. A voz da criatura era calorosa e alegre. — Você é quase tão ruim em se esconder quanto eu. Achei... — Faiscafiada parou de repente, notando a lutra deitada no chão.

Seu fogo diminuiu.

— Eu a encontrei aqui — disse Cão, rouco. — Não consegui salvá-la. Faiscafiada ficou em silêncio.

— Lutas são almas puras — comentou ele, por fim. — Nem espíritos de fogo têm rixa com elas. Quem fez isso?

Seu olhar pousou no ferimento da criatura, a faca ainda na lateral do corpo. Suas chamas aumentaram e ganharam um tom azul-claro perigoso.

— Foi Vitória — contou Cão. — Vitória e Morgren. Não sei se a criatura me mostrou de propósito ou se ainda tinha água escura presa em mim, mas vi a lembrança pelos olhos dela.

Ele não conseguiu conter um rosnado, os pelos se eriçando.

Faiscafiada ficou olhando para ele, de repente ficando surpreso.

— Ela tocou em você — falou o espírito de fogo. Não era uma pergunta.

— Sim — confirmou Cão, desconfiado. — Como você sabe?

Faiscafiada inclinou a cabeça para o lado, pensativo.

— Não tenho certeza — respondeu, por fim. — Mas tem alguma coisa diferente em você.

Hesitante, Cão foi até a água e abaixou a cabeça para observar seu reflexo. Seu pelo ainda era de pedra, ainda tinha a mesma cor avermelhada, sua orelha ainda estava rasgada. Mas não duvidava de Faiscafiada. Sentia-se diferente, como se tudo nele tivesse se movido um pouquinho para o lado de um jeito sutil.

O espírito de fogo pairou acima da sua cabeça, examinando-o com um olhar crítico. Em seguida, se acomodou no lugar de sempre, entre suas orelhas.

Cão nunca sentiu uma dor como aquela. Relâmpagos de energia pura pareceram explodir dos pés do espírito. Ele se afastou e se contorceu para longe, sacudindo Faiscafiada com um uivo.

A surpresa no rosto do outro teria sido cômica se Cão não estivesse tão chocado.

— Com certeza está diferente — disse a criaturinha, por fim. Ele hesitou um pouco, franzindo o nariz. — Isso quer dizer que vou ter que voar o tempo todo agora?

— Achei que era isso que você queria — respondeu Cão, depois de se recuperar o suficiente para falar.

O ponto entre suas orelhas estava com um incômodo tenso e quente. Olhou de novo o próprio reflexo, quase esperando ver uma queimadura, mas não havia nada ali.

Faiscafiada soltou um barulhinho irritado.

— Era bem confortável ficar sentado aí.

— Agora eu sinto gosto — admitiu Cão, baixinho. — Nunca senti gosto de nada.

Faiscafiada deu de ombros.

— Esse é um sentido superestimado; espíritos de fogo não têm necessidade disso.

Cão olhou para ele por um momento, então sorriu. Algo no desinteresse de Faiscafiada o reconfortava.

— E eu aqui pensando que era algo com que me animar.

O espírito de fogo fez que não.

— Asas é que seriam animadoras. Fogo seria magnífico. Paladar é só... paladar.

Cão teria rido, não fosse pela lutra. Em vez disso, falou:

— Estou muito contente de ver você. E aliviado por sua viagem pelo bosque ter sido tranquila.

Para sua surpresa, a criaturinha cruzou os braços, uma postura de repente desafiadora.

— Não fui eu — disse ele, fechando a cara em desaprovação. — E como é que você sabia, hein?

— Sabia o quê? — perguntou Cão, e seu coração se apertou.

— A arvorezinha — falou Faiscafiada. — A que está morrendo. Já estava cortada quando a encontrei.

— Acho que preciso de mais explicação — pediu Cão, tomando o cuidado de soar calmo, apesar do pânico repentino.

— Além do mais, eu queimaria, não cortaria — continuou Faiscafiada, como se Cão não tivesse falado nada, olhando bravo para o rio. — Não que tenham acreditado em mim. — O espírito de fogo enrugou o nariz. — Pelo menos até acharem a pena.

— Pena? — Cão franziu a testa. — Do que você está falando?

— Martim-pescador — respondeu a criaturinha, por fim, satisfeita consigo mesma. — Acharam uma pena de martim-pescador e me esqueceram de vez.

— Está dizendo que uma árvore-lar foi destruída? — perguntou Cão, devagar. — E o clã das florestas achou uma pena de martim-pescador por perto?

— Isso. — Faiscafiada assentiu. — E eu não tive nadinha a ver com isso... bom, até certo ponto.

Era demais para a cabeça de Cão. Vitória e Morgren eram ainda mais espertos do que tinha pensado. A lutra tinha sido morta com uma lâmina do clã das florestas. Uma árvore-lar do mesmo clã tinha sido profanada, e o símbolo do clã dos rios fora encontrado por perto.

— Há quanto tempo encontraram a árvore-lar? — indagou Cão, uma pergunta que vibrava de urgência.

Quanto tempo tinha para desfazer essa situação?

— Horas atrás — respondeu Faiscafiada, dando de ombros. — Estão a caminho daqui. Tive que voar rápido para ficar à frente.

Cão queria jogar a cabeça para trás e uivar.

— Se Vitória fez isso, por que ainda estamos aqui? — Faiscafiada parecia confuso. — Não foi atrás dela que você nos trouxe aqui? Ela já foi embora.

Cão precisou de todo o seu autocontrole para não estourar com o

espírito de fogo.

— Uma guerra está prestes a começar — rosnou. — E nós talvez sejamos os únicos que podem impedir. Mas... — Ele sacudiu a cabeça com força, soltando um ganido — Fênix...

— O que ela tem a ver com isto? — questionou Faiscafiada, começando a ficar irritado.

— É para lá que Vitória e Morgren estão indo — respondeu Cão. — Eles sabem que Fênix está nos Jardins de Gelo.

— Então temos que ir para lá — disse Faiscafiada, tranquilo.

Cão examinou a silhueta pequena e feroz, de repente mais agradecido do que podia expressar pela presença do espírito de fogo.

— Sim — concordou, balançando a cauda —, nós...

Foi interrompido por um grito vindo da água. Uma pequena canoa flutuava pelo rio, a proa esculpida como uma cabeça de marreco. O rosto do garoto que remava ficou pálido de choque ao notar a lutra morta aos pés de Cão.

— Espera! — gritou Cão.

Mas era tarde demais. Com um grito que deve ter viajado quilômetros, o garoto deu meia-volta na canoa, com muita habilidade, e remou a jusante o mais rápido que conseguia.

Cão não tinha dúvidas de que, em minutos, teria companhia. Estreitou bem os olhos e jogou a cabeça para trás num uivo de frustração.

Quando a primeira flecha do clã das florestas o atingiu, um momento depois, o uivo se transformou num ganido de dor.

Capítulo 27

Dois dias depois, Fênix notou que a mancha preta na sala de treino tinha crescido. Muito. Metade da parede latejava com aquela mancha de escuridão, que se espalhava cada vez mais, a magia sendo drenada.

Ela parou bem na frente, nervosa. Já cutucara a marca várias vezes para garantir que o gelo continuava sólido e resistiu à vontade de fazer isso de novo. A cauda de Widge se contraiu e ele se enfiou nas peles.

Nara balançou a cabeça.

— É seguro por hoje — disse. — Mas preciso achar outro lugar para treinarmos amanhã.

Fênix tentou não parecer aliviada demais. A mancha, que representava a área sem magia, era quase tão perturbadora quanto a própria Fissura Sombria.

Com algumas horas de aula, logo depois de Nara derrubá-la pela terceira vez, o que era um ultraje, uma badalada encheu o ar.

— O que é isso? — indagou Fênix, exausta, aceitando a mão estendida de Nara.

O rosto da bruxa estava tenso e, assim que Fênix se levantou, ela saiu correndo.

— É um sinal das mães de gelo — avisou, por cima do ombro. — Não deve ser nada, mas vou conferir. Espere aqui que volto em uns minutos.

Nara sumiu porta afora.

Fênix piscou e balançou a cabeça, ainda trêmula por não ter conseguido controlar o fogo. Tomou um gole da poção fortalecedora que Nara tinha preparado.

— Um sinal das mães de gelo? — indagou, olhando de soslaio para Widge. — O que isso quer dizer?

O olhar do esquilo era igualmente curioso, o que Fênix entendeu como um encorajamento. Momentos depois, desceu as escadas do tronco na direção do lago.

— Ei, Fênix! — Cinco vinha atrás dela ofegante, correndo para alcançá-la.

— Treinamento de armas com a Sete? — supôs ela.

— Até parece — desdenhou ele. — É como se aquela garota não respeitasse nem um pouco nossa autoridade como Caçadores. Quando Seis e eu fomos buscá-la na biblioteca, ela só disse que não, que estava ocupada demais. De novo! — Ele balançou a cabeça, triste. — Isso *definitivamente* não estaria acontecendo se Cão estivesse aqui. Dá para acreditar nela?

A menção a Cão fez o coração de Fênix dar um sobressalto, e o peso constante da saudade ficou mais pesado. Será que o Guardião já teria chegado ao Grande Bosque? Será que Gear tinha razão, e Vitória não conseguiria machucá-lo?

— Você está bem? — perguntou Cinco, olhando-a de canto de olho.

Fênix mordeu o lábio.

A única magia que tem lá fora agora é a dos monstros.

Sua mente andava repassando aquelas palavras de Cinco. Estava sendo ridícula. Sabia que o amigo não achava que ela ou Sete eram monstros. Mas, apesar disso, aquela frase não parava de lhe vir à cabeça em momentos inesperados e... dava para ver que Cinco estava incomodado com toda a magia dos Jardins de Gelo. Não conseguia nem olhar as mães de gelo sem franzir a testa, e encarava até as paredes reluzentes com desconfiança.

Fênix respirou fundo, se decidindo. Precisava saber.

— No armazém de ingredientes, o que você...

— O que *é* esse barulho? — interrompeu Cinco.

Conforme desciam os degraus, o som das badaladas ficou mais alto; era lindo, mas horripilante.

— Um sinal — respondeu Fênix, meio decepcionada e aliviada por mudar de assunto. — Nara saiu assim que escutou, então...

— Você está indo atrás dela — completou Cinco, animado. —

Excelente.

Lá embaixo, o lago surgiu, e na mesma hora ficou óbvio que algo estava acontecendo. Nenhuma das mães de gelo estava em seu pedestal.

Eles ouviram passos na escada, e Seis chegou correndo.

— O que está rolando? — indagou, sem fôlego; então seus olhos analisaram o lago abaixo. — Cadê todas as mães de gelo?

— Ali — disse Cinco, apontando para baixo.

Fênix viu que o amigo tinha razão. As estátuas enormes estavam reunidas na beirada da ilha, a água congelada sob seus pés, inclinadas para falar com Yelara. Pelo jeito, quase todas as bruxas estavam lá, incluindo Zenith. Os três correram até ela.

— Vamos nos preocupar com isso depois — disse Yelara, levantando a voz para todos ouvirem. — O mais importante é encontrá-la e pará-la o mais rápido possível.

— O que aconteceu? — perguntou Fênix a Zenith, quando saiu dos degraus da árvore dos banquetes.

Por um momento, a menina achou que a bruxa não responderia, pois o olhar sério que ela deu a Cinco falava por si só.

— Tem uma criatura das sombras dentro dos Jardins de Gelo — explicou, por fim. — As mães de gelo dizem que saiu rastejando do lago.

— Quê? — Fênix ficou boquiaberta e se virou para examinar Zenith direito. A jovem bruxa estava de olhos arregalados. Parecia assustada. — Como...

— Não importa “como” — interrompeu Zenith, lançando olhares para a árvore dos banquetes. — O importante é “onde”. Não ouviu o que Yelara acabou de dizer? Ela precisa ser encontrada.

Enquanto a garota falava, seus olhos ficavam voltando para a árvore dos banquetes.

— Aposto que agora você está feliz por ter... como é que era? Uns Caçadorezinhos assustados aqui. — Cinco parecia muito animado.

Zenith ficou olhando para ele, e Fênix se esforçou para conter a vontade de entrar no meio dos dois.

Em vez de rebater, a jovem bruxa fez um movimento brusco de cabeça, que podia tanto ser aquiescência quanto agitação.

— Nunca aconteceu nada parecido com isso — falou ela, tensa. — Se vocês conseguirem encontrar essa coisa e impedir que machuque alguém... é lógico que vou ficar feliz.

Fênix notou o quanto lhe custava dizer aquilo. Até Cinco desistiu de

provocá-la, assentindo, o sorriso desaparecendo.

— É o que os Caçadores fazem. — Ele deu de ombros. — Não importa se estamos numa aldeia minúscula do clã dos pântanos ou nos Jardins de Gelo, nossa missão é acabar com as criaturas das sombras. Vamos ajudar como pudermos.

Zenith o examinou por um momento, depois soltou um suspiro.

— Desculpa pelo outro dia — murmurou, tão baixinho, abafado e a contragosto que Fênix achou ter ouvido errado.

O sorriso de Cinco voltou, ainda maior do que antes.

— Desculpa, Zenith, não entendi bem. O que você disse?

— Cinco! — Seis deu uma cotovelada forte no amigo e se virou para Zenith. — Você deve estar se perguntando se ele sempre é tão irritante assim. E a resposta, infelizmente, é sim. Estou tentando convencê-lo de que seu nome de Caçador devia ser Pernilongo.

Cinco soltou uma risada pelo nariz, e o canto da boca de Zenith tremeu.

— É... — Cinco endireitou os ombros, olhando para a jovem bruxa. — Me desculpa — continuou, falando rápido. — Eu passei dos limites e... você estava só tentando...

— Eu não devia ter estourado — falou Zenith ao mesmo tempo.

— Mas eu fui bem hostil. — Cinco fez careta. — Eu sou bom nisso.

— É mesmo — concordaram Seis e Fênix, em uníssono, e todos riram.

Fênix ficou surpresa com o repentino alívio que sentiu. Gostava de Zenith. Talvez pudessem recomeçar.

— Que tipo de criatura das sombras é? — perguntou ela.

Um silêncio inesperado tomou conta do lugar. As mãos de gelo e as bruxas se viraram todas ao mesmo tempo, e Fênix tentou não se encolher sob tantos olhares.

Uma das mãos de gelo agachou-se até ficar só um pouco mais alta do que Fênix. O gelo de que era feita chiou e estalou conforme ela se movia, e seus olhos eram tão sem cor quanto o rosto. Fênix tentou não estremecer com o frio que emanava da estátua viva, mesmo que seus olhos absorvessem a impossibilidade daquilo tudo.

— O que vimos foi um whoever.

Atrás dela, as outras mãos de gelo assentiram. Fênix sentiu Seis balançar de surpresa ao seu lado. Widge guinchou, expressando sua confusão.

— O que é um whoever? — cochichou Zenith, atraindo um olhar

impressionado de Cinco.

— É uma criatura dos prados — explicou o garoto. — Como você pode saber tudo sobre tratados de gigantes do gelo, mas nunca ter ouvido falar de um wheever?

— Eu conheço as criaturas das sombras do entorno dos Jardins de Gelo — respondeu Zenith, meio na defensiva. — E li um monte sobre os clãs, mas... não sobre as criaturas das sombras que existem além das Caninas. — Ela deu de ombros. — Os clãs são mais interessantes que as criaturas das sombras.

Cinco a encarou por um momento.

— Você nunca vai conseguir entender os clãs sem conhecer as criaturas com quem eles convivem — disse, estranhamente sério.

Zenith abriu a boca, mas logo a fechou.

Seis olhou de um para o outro.

— Então, que tal uma troca? — sugeriu ele, arrancando expressões confusas de todos. — Zenith sabe sobre os Jardins de Gelo e as criaturas dos Desertos Congelados. Nós sabemos sobre os clãs e as criaturas ao sul das Caninas. — Seis deu de ombros, como se fosse óbvio. — Então, proponho uma troca. Um fato por outro. Simples.

Ele sorriu para todos.

O sorriso de Zenith veio lento.

— Gostei.

— Eu também! — concordou Cinco, animado. — E sei UM MONTE sobre os clãs. Bem mais do que dá para ler em qualquer livro. Meu pai era... — Ele parou de falar de repente, pálido, reparando o quanto chegara perto de revelar algo sobre sua vida antes do Pavilhão de Caça. — Desculpa — falou, olhando nervoso para Fênix e Seis.

— Fica tranquilo — respondeu Fênix, mais do que depressa. — Você não contou nada.

Porém, ela sabia o que Cinco ia dizer: quando tinham enfrentado Martelo de Carvalho na Floresta Congelada, a árvore forcara Cinco a revelar que seu pai tinha sido chefe. Percebeu que Cinco não devia estar exagerando; se tinha crescido na casa de um chefe, *com certeza* saberia muito sobre os clãs.

— É uma boa ideia — falou Zenith, em vez disso. — Podemos aprender uns com os outros.

Por um momento, os quatro sorriram.

— Mas como pode ter um wheever *aqui*? — A voz de uma das bruxas se

elevou acima das outras, puxando Fênix de volta ao momento.

Ela se virou para as mães de gelo, os pensamentos acelerados.

— É impossível — falou a garota, mais alto. — Wheevers nunca se aventuram para o norte das Caninas.

— Isso nós sabemos — concordou a mãe de gelo, seu rosto congelado, muito sério. — E, mesmo assim, o que vimos foi um wheever. — Atrás dela, as outras mães de gelo assentiram. — Ele se arrastou para fora do lago bem aqui. — Ela apontou para onde Yelara estava parada. Em seguida, foi direto para a árvore dos banquetes. Foi rápido. Tão rápido que não conseguimos pegá-lo antes de sair do nosso alcance.

— A criatura parecia saber para onde estava indo — declarou outra mãe de gelo, franzindo o cenho.

— É melhor a gente se dividir — sugeriu Fênix, virando-se para Yelara com planos e estratégias já rodando na mente. — Revistar o palácio em grupos de no mínimo três. Suas bruxas conseguem se defender contra uma criatura das sombras?

Yelara fez que sim, apesar de não parecer tão confiante quanto Fênix gostaria.

— Onde estão Thea e Libbet? — perguntou a garota, olhando ao redor.

— No ninho — disse Zenith. — Eu as mandei para lá. As águias de gelo vão proteger as duas.

O alívio no rosto de Yelara era revelador.

— Muito bem. E é melhor você ir com elas, Zenith. Você também é Implume.

Antes de Zenith poder se opor, Yelara apontou para duas bruxas: uma mais velha com cachos grisalhos bem fechados e uma pequena com cabelo castanho que parecia que não faria mal nem a um garrapé.

— Fliss e Britt, vocês podem garantir que ela chegue lá em segurança?

— Podem passar pela biblioteca? — perguntou Seis. — Sete está lá.

— Claro, querido — respondeu Fliss, os cachos grisalhos balançando conforme ela assentia. — Sete vai ficar segura com a gente.

— Somos treinadas em magia de batalha — completou Britt, alegre, notando a preocupação de Seis.

Ele assentiu, obviamente aliviado.

Murmurando furiosamente e parecendo muitíssimo contrariada, Zenith seguiu as bruxas até a árvore dos banquetes.

Cinco a observou ir embora.

— Sabe, ela talvez não seja tão ruim assim — comentou, pensativo.

Yelara estava organizando todos em grupos. Ela se virou para Fênix, Cinco e Seis.

— Vocês três podem revistar os dormitórios?

Um minuto depois, os três estavam subindo os degraus do tronco às pressas, ouvindo os passos das bruxas se espalhando ao redor, entrando por passagens diversas para revistar diferentes partes do palácio.

— Um wheever? — indagou Seis, ofegante, correndo. — As mães de gelo devem ter se enganado.

— É, devem — arquejou Fênix. — É melhor estarmos prontos para tudo.

— Que coincidência estranha, né? — comentou ele, dando um pinote para ultrapassar Fênix. — Uma criatura das sombras invadindo o palácio logo depois de Caçadores chegarem aqui pela primeira vez em décadas.

As palavras de Seis ficaram presas na mente de Fênix. “Coincidência estranha” era um eufemismo. Aquilo era uma coincidência de proporções monumentais.

Cinco parecia pensar a mesma coisa, e seus pés desaceleraram e entraram no ritmo dos dela. Mais à frente, Seis também diminuiu o passo, até os três estarem paralisados, franzindo a testa para o espaço.

— Seja lá o que for, *por que* está aqui? — questionou Cinco, em voz alta. — E por que agora?

Uma suspeita se formou na mente de Fênix, tão forte que teve certeza de estar certa. Ela se virou para Cinco ao mesmo tempo que Seis girou para ficar de frente para os dois.

Quando falaram, foi em uníssono:

— A Fissura Sombria.

Capítulo 28

— Certeza de que você lembra o caminho? — indagou Seis, ofegante, subindo as escadas. — Todas essas passagens me parecem iguais.

— Certeza — arquejou Fênix, desejando que seus machados não fossem tão pesados. — É por aqui.

— Será que é isso mesmo? — perguntou Seis, o rosto se anuviando.

— Por que mais essa criatura estaria aqui agora? — indagou Fênix, sem fôlego. — Você ouviu Zenith: os Jardins de Gelo nunca foram invadidos.

— Que nem o pavilhão, até três meses atrás — completou Cinco, entre respirações chiadas. — Aí Morgren aparece, faz alguma coisa com a Fissura Sombria, e agora temos uma criatura das sombras aqui dentro também. Parece coincidência?

Seis fez que não, sem fôlego para falar.

— Também acho que não — disse Fênix, o coração acelerado. — Isto está conectado a Morgren, Vitória e Croke. Só pode estar.

Sua saliva pareceu evaporar quando mencionou Croke. Resistiu à vontade de olhar por cima do ombro conforme corriam pela parte escura do túnel. Não pôde deixar de notar que a água sob seus pés parecia mais funda do que antes. E por todo lado havia um som de gotejamento.

Dobram a última esquina levantando água, e o arco da cela da Fissura Sombria apareceu diante deles. Os três desaceleraram, se aproximando o mais discretamente que conseguiam, ondas silenciosas se espalhando de

seus pés. Widge colocou a cabeça para fora do colarinho de Fênix, soltando um guinchinho de preocupação, olhando em volta.

— Fique tranquilo, Widge — sussurrou Fênix.

Mas ele não parecia convencido.

— O que é isso? — murmurou Cinco, estendendo o braço para impedir que continuassem o caminho e apontando para algo que flutuava ali perto.

Parecia uma folha de grama bronzeada pelo sol, mas, quando Fênix a pegou, viu imediatamente que não era: as bordas eram afiadas demais, e a ponta, letal. Era inegavelmente um espinho de wheever.

— As mães de gelo tinham razão — disse Seis, sem conseguir disfarçar a surpresa. — *É* um wheever. Mas como... — Ele parou, confuso.

Na mesma hora, a mente de Fênix foi para *Um bestiário mágico*, mesmo tentando conter a onda de medo. Um wheever era uma criatura das sombras dos prados, onde ela crescera. Lembrava-se vividamente da mãe desenhando seus contornos na terra em frente à casa deles em Poa, com a ponta do graveto recém-apontada.

— *O que é isso?* — perguntou a mãe, com um tom que advertia às duas meninas à sua frente que aquilo não era motivo de riso.

— *Um wheever* — responderam em coro, sufocando as risadas.

— *E o que vocês devem fazer se virem um?* — continuou ela, os olhos fixos nas duas.

— *Fugir!* — gritaram.

A mãe conteve um sorriso e franziu a testa para compensar.

— *E se ele vier atrás?*

Poppy hesitou, e Starling respondeu:

— *A gente se separa, mas sem perder a outra de vista. Corre mais rápido. Procura ajuda.*

Starling cutucou Poppy, que deu um pulinho e pareceu se tocar, assentindo freneticamente.

Fênix afastou a lembrança, tentando ignorar a dor repentina no peito.

— Você se lembra da entrada sobre o wheever em *Um bestiário mágico*? — sussurrou Seis.

— Será que isso é uma boa ideia? — perguntou Cinco. — Depois do extremiverme, né...

— Ei! — Fênix deu um tapa não muito leve no braço dele. — Eu cometi um erro.

— Um erro absolutamente *gigantesco*, de vida ou morte — disse Cinco.

— Um incidente infeliz — continuou Fênix, ficando mais irritada. —

Que afetou principalmente a *mim*, não a você! E, aliás, fique à vontade para decorar o livro todo, Cinco.

— Shhh — murmurou Seis. — Vocês dois podem se concentrar? Tem um wheever aí dentro! O que você lembra, Fênix?

Ignorando Cinco, ela pensou no livro e recitou:

— *Essas estranhas criaturas prosperam nos prados temperados e têm uma dieta onívora. Seu pelo denso, parecido com grama, é ao mesmo tempo sua característica distinta e uma camuflagem eficaz. Quando estão pastando, wheevers mantêm a forma compacta: de quatro patas, grande e aparência desajeitada. Devem ser tratados com cautela e evitados sempre que possível. Porém, se a criatura se descompacta para a forma bípede de caçada, sinalizando um apetite por carne, deve ser muito temida. Esses predadores são ágeis e rápidos, incrivelmente fortes e pacientes. Cuidado com...* — Fênix parou, franzindo a testa.

Cinco levantou as sobrancelhas.

— Hum... cuidado com o quê? Não pare agora, estava ficando bom!

— Algo sobre os espinhos — murmurou Fênix, revirando a memória e percebendo, exasperada, que não lembrava.

— E os rankings? — perguntou Seis, nervoso.

Fazendo careta, Fênix balançou a cabeça de novo.

— Nem unzinho? Qualquer coisa já ajuda.

— Vamos chutar *quatro* de dez — murmurou Cinco, em um tom irônico, baixinho.

— Desculpa — disse Fênix com um gemido, ignorando Cinco. — Deu branco. Não tenho tido tempo para estudar o livro. — Ela pensou rápido. — Mas sei que vamos tirar de letra se ele estiver na forma de quatro patas. As aldeias do clã das gramas cuidam deles sozinhas, nem chamam Caçadores.

— Que ótimo — murmurou Cinco. — Então vamos todos torcer para ele não estar na forma carnívora.

— Muito bem — sussurrou Seis. — Armas prontas?

Fênix fez que sim, rápido. Todos os olhos estavam na porta aberta. Sombras dançavam e oscilavam na água ondulante, e ela já sentia a brisa gelada do óculo. Seu coração bateu mais rápido.

De cada lado dela, Cinco e Seis se prepararam.

Então, numa explosão de movimento, os três saltaram juntos porta adentro.

Capítulo 29

A primeira coisa que viram foi a Fissura Sombria, que enchia completamente o óculo, pressionando-o e se contorcendo furiosamente, chamando a atenção como um desastre se desenrolando.

— Fênix! Seis! Concentrem-se! — sibilou Cinco. — Cadê o whoever?

Ela desviou o olhar com muita dificuldade, estremecendo. Tinham sorte de a criatura não estar espreitando ao lado da porta: o whoever teria engolido os três com tranquilidade.

— Deve estar atrás do óculo — sussurrou Seis, vocalizando os pensamentos de Fênix. — Não dá para ver através da Fissura.

Juntos, os três passaram ao lado da Fissura Sombria com água preta lambendo os tornozelos, grudados junto à parede onde as tochas tremeluziam. Algumas se apagaram com a brisa do óculo, sua fumaça sujando o gelo com manchas pretas oleosas.

— Ouçam — murmurou Cinco.

Sob o crepitar das chamas, o turbilhão de ar e o estrondo distante e reverberante do oceano, havia outro barulho: um estalo sinistro que parecia algo rachando. Um instante depois, viram a fonte do som.

— Ah, que ótimo — murmurou Cinco.

Fênix ficou boquiaberta ao observar o whoever mudar para sua forma de caçada, estalos e ruídos secos ecoando das juntas que se realinhavam. Ela ficou olhando, horrorizada, para os membros se alongando, as patas

atarracadas se esticando em garras perigosamente afiadas, e a mandíbula plana, parecida com a de um roedor, se estendendo num focinho lupino cheio de dentes reluzentes.

— Imagino que você ainda não lembre aqueles rankings, né? — arquejou Seis, se afastando, tentando colocar a corda no arco, meio sem jeito.

— Não — respondeu Fênix, tentando não entrar em pânico. — Mas são só números, né?

— Hum — disse Seis. — Bom...

— Números *incrivelmente* úteis que seria *muito* bom saber! — gritou Cinco, os nós dos dedos brancos em torno da espada.

— Vamos ficar bem, é só ficarmos juntos — falou Fênix, depressa, torcendo para soar tranquilizadora.

Os dois garotos assentiram.

— O que aconteceu com os olhos dele? — perguntou Seis, um momento depois.

Fênix prestou atenção e na mesma hora viu do que ele estava falando. Parecia que a Fissura Sombria estava refletida nos olhos da criatura, mas, aí, o whoever se virou e ela viu que era algo bem mais estranho: a escuridão estava *dentro* deles, com a parte branca e a íris obliteradas num vazio rodopiante.

— Isso não é normal — sussurrou, se afastando e agarrando os machados com mais força.

— E isso? — desdenhou Cinco, sem tirar os olhos da criatura.

A luz dançante das tochas criava sombras móveis, e tudo ficava dobrado pelo reflexo da água no chão, aumentando a confusão. Fênix se obrigou a observar whoever se desdobrar, o corpo robusto se alongando numa figura alta e ágil de três metros de altura. Os barulhos úmidos de trituração que acompanhavam o processo, além do próprio uivo de agonia da criatura, foram o suficiente para deixá-la enjoada. Widge tinha desaparecido para dentro da roupa dela, e Fênix o sentia enrolado numa bola apertada e trêmula contra seu corpo.

Fez de tudo para organizar os pensamentos, mas a visão da criatura se transformando era tão horrorosa, tão bizarra, que não conseguia se concentrar.

— É melhor a gente não chegar muito perto da Fissura — sussurrou Cinco, parecendo quase tão abalado quanto a amiga.

— Concordo — murmurou Seis. — Mas aí não sobra muito espaço.

Fênix mordeu o lábio, olhando em volta. Seis tinha razão, a Fissura Sombria preenchia quase todo o lugar, deixando pouco espaço nas laterais para contorná-la. Atrás e na frente, havia um espaço limpo de mais ou menos nove metros, mas não era suficiente, ainda mais porque ela não tinha certeza de que o óculo os impediria de cair dentro da Fissura Sombria, um pensamento que a fez se encolher de terror.

Seis disparou a primeira flecha bem quando a criatura atingiu sua altura total, com espinhos gramíneos descendo pelas costas. A cabeça do whoever girou na direção deles assim que a flecha se fincou em seu braço. Seu rugido foi ensurdecedor, e os amigos deram um pulo para trás, engolidos pelo aroma de grama seca misturado com algo metálico e azedo. Seis disparou mais duas flechas. As duas atingiram o alvo, e a criatura saltou à frente. Com um sibilo de arrepiar, o whoever estendeu o braço — seu alcance era facilmente o dobro do que qualquer um deles teria esperado — e arrancou o arco das mãos de Seis. A arma se partiu com um estalido terrível e, para horror de todos, passou direto pelo óculo para dentro da Fissura Sombria, desaparecendo na mesma hora.

Seis soltou um grito de desespero, e o coração de Fênix se apertou. Se um arco podia cair na Fissura, uma pessoa também poderia.

O whoever saltou de novo na direção deles, seus olhos pretos vazios, mas com uma intenção clara de atacar Seis. Cinco puxou o amigo bem a tempo, xingando a água por atrasá-lo enquanto descia a espada no braço da criatura, decependo-o e arrancando mais um uivo aterrorizante.

A Fissura Sombria inchou, criando uma massa atrás do óculo, no ponto mais perto da luta, como se inflamada por aquilo.

— Cuidado! — gritou Fênix.

Cinco abraçava Seis e contornava a Fissura até o lado mais escuro do óculo. A garota golpeou o whoever com fúria, fazendo com que ele recuasse um passo.

— Ainda tenho minha adaga! — ouviu Seis gritar.

— É, vai ser bem útil, com certeza — murmurou Cinco, reaparecendo e se abaixando quando a criatura atacou de novo.

Um momento depois, para o choque de todos, Seis emergiu do outro lado da Fissura, bem atrás do whoever.

— O que você está fazendo? — berrou Fênix.

— Se ficarmos dos dois lados, podemos distrai-lo! — gritou Seis, em resposta.

Ao longo da coluna da criatura, os espinhos tremeram. Fênix ficou

olhando, desesperada para lembrar o que *Um bestiário mágico* dissera sobre aqueles espinhos. Então, de repente, com uma onda de horror, ela lembrou.

— Os espinhos são projéteis! — gritou, bem quando vários deles dispararam na direção de Seis com precisão letal.

O garoto só conseguiu evitá-los se jogando no chão molhado, e os espinhos perfuraram o gelo que derretia a poucos centímetros dele.

— É. — Ele arfou. — Notei!

Um segundo depois, o whoever tinha dado as costas para Cinco e Fênix, sentindo a fraqueza de Seis. Agora, os dois estavam correndo perigo com os espinhos.

— Você está pensando a mesma coisa que eu? — questionou Cinco.

— Não faço ideia — respondeu Fênix, mergulhando para o lado para evitar mais espinhos da criatura.

Widge soltou um guincho irritado com a água fria que se infiltrava pelo casaco de pele.

— O arco do Seis desapareceu na Fissura! — falou Cinco. — Será que um whoever também desapareceria?

— Você quer empurrar essa coisa para dentro do óculo? — perguntou Fênix, meio horrorizada, meio impressionada.

— Vale tentar! — gritou Seis, mergulhando sob os braços do whoever e circulando na direção deles. Estava ensopado. — Talvez facilite muito nosso trabalho. Essa coisa é alta demais para matar fácil, ainda mais agora que perdi meu arco.

O whoever girou de frente para os três, que estavam de novo lado a lado. A criatura estava entre eles e a Fissura Sombria, seu reflexo fazendo-a parecer ter o dobro de altura. Fênix assentiu, as palavras de Seis disparando uma ideia. Ela se afastou dos amigos, os machados preparados. Seus olhos não desviavam da criatura, que se aproximava, cercada pelas próprias sombras bruxuleantes e a escuridão crescente da Fissura atrás.

— Acho que sei como fazer isso — falou ela. — Seis, fique de quatro, apoiado nas mãos e nos joelhos.

— Quê?

— Vai logo!

Quando o amigo se ajoelhou, resmungando da temperatura da água, Fênix já estava correndo à toda em sua direção. Com três passos, cobriu o espaço entre eles, então saltou para a frente e plantou o pé com firmeza entre as escápulas do amigo, usando-o como impulso para se jogar em

cima do whoever.

Isso proporcionou o pouco mais de altura de que ela precisava, e Fênix bateu com força no peito da criatura, fincando o machado em seu ombro. Sentiu o whoever sibilar e cambalear para trás, pego de surpresa pelo impacto. Suas mandíbulas se fecharam perigosamente perto do rosto da garota, e os dois começaram a cair, os braços da criatura girando como moinhos de cada lado dela, os gritos de Cinco e Seis ressoando em seu ouvido.

— Pule, Fênix! — berraram os dois garotos, a vozes cheias de pânico.

Fênix viu, horrorizada, que a criatura tinha cambaleado tão para trás que a metade de cima de seu corpo cairia direto no óculo, levando-a junto.

A Fissura Sombria se agigantava mais e mais a sua frente, a forma se contorcendo ainda mais rápido, como se estivesse animada. Com um giro e um puxão furioso, ela conseguiu soltar o machado e se afastar do whoever bem quando a cabeça dele passou pelo feitiço de contenção. Fênix bateu com força no chão, a água espirrando logo embaixo dela, e rolou para longe. Seu coração batia freneticamente enquanto Cinco e Seis a ajudavam a se levantar, arrastando-a mais para trás.

Pela primeira vez, ela tomou consciência de vozes elevadas e cada vez mais perto, mas seus olhos estavam grudados no óculo. A cabeça e os ombros do whoever tinham desaparecido para dentro da Fissura Sombria, enquanto as pernas se debatiam desesperadamente, tentando se firmar na poça de água sombria em frente ao óculo.

De repente, havia bruxas por todo lado, afastando-os do óculo, trocando instruções para renovar a proteção.

Mas Fênix não conseguia tirar os olhos das pernas da criatura. O movimento frenético virou uma contração horrível, até as pernas ficaram imóveis. De repente, com uma velocidade que a fez soltar um grito de surpresa, o whoever foi puxado para a Fissura Sombria e desapareceu de vez.

Fênix sentiu o ar sair dos pulmões, os joelhos de repente trêmulos. Podia muito bem ter sido ela. Ou Cinco. Ou Seis. Seu medo da Fissura Sombria ficou ainda mais poderoso. As bruxas podiam alegar não saber o que era aquilo, mas ela sabia: um monstro tão forte que devorava outros monstros. Não conseguia se livrar da sensação desconfortável de que tinha acabado de alimentá-lo.

Cinco e Seis a arrancaram do devaneio.

— Não acredito que ele quebrou meu arco — comentou Seis,

indignado, espremendo a água do casaco de pele ensopado. — E que a Fênix *pulou* em mim.

Fênix abriu a boca para responder, mas Cinco chegou primeiro.

— Você deixou — desdenhou ele.

— Eu não sabia o que ela ia fazer! — exclamou Seis.

— O whoever era alto demais para mim! — soltou Fênix, na defensiva.

— Era o único jeito. E eu pulei *de* você, não em você. É diferente!

Cinco sorriu.

— Se você diz... Mas, sejamos sinceros, não foi lá o momento mais digno da vida do Seis.

Para intenso alívio de Fênix, Nara se juntou a eles, afastando-os delicadamente do círculo de bruxas que se formava ao redor da Fissura Sombria.

— Vocês estão bem?

Ela só relaxou depois que cada um garantiu várias vezes que sim.

— Com certeza é impressionante o que você é capaz de fazer com esses machados, Fênix — disse Nara. Aí, para todos: — Foi algum instinto de Caçador que fez vocês perceberem que a criatura estava aqui?

— Na verdade, não — respondeu Seis. — Ficamos pensando que ela talvez se sentisse atraída pela Fissura Sombria. — Ele gesticulou para os arredores. — E obviamente estávamos certos.

Nara assentiu devagar, a expressão perturbada.

— Mas como, em nome de Ember, o whoever chegou tão ao norte, quanto mais *dentro* dos Jardins de Gelo?

Yelara se separou do círculo de bruxas e se juntou a eles, séria, dizendo:

— Isso é algo que temos que descobrir o mais rápido possível.

— Só pode ser a Fissura — comentou Fênix, em voz baixa. — Está devorando os Jardins de Gelo de dentro para fora e, agora, atraindo outras criaturas, talvez para ajudá-las, talvez só para engoli-las.

Ela percebeu, com o choque que tomou seu corpo, que quase tinha pena do whoever.

Yelara cruzou bem os braços, e um músculo se contraiu em sua bochecha. Fênix sentia a força de caráter necessária para a Bruxa Chefe não encará-la, não perguntar como as aulas estavam indo, quando ela estaria pronta para destruir a Fissura.

A pressão era sufocante e, quando Fênix se virou para sair da câmara aquosa iluminada por tochas junto a Cinco e Seis, precisou de toda a sua força de vontade para não correr.

Capítulo 30

Seus pés a levaram ao encontro de Sete antes mesmo de Fênix perceber para onde estava indo. Depois do caos e do perigo do ataque do whoever, queria mais do que qualquer coisa a presença reconfortante da amiga, sua calma silenciosa.

No ninho de águias, descobriu que Sete tinha voltado à biblioteca no momento que descobriu que estavam seguros. E, agora que estava ali, o próprio lugar atizou sua curiosidade. As portas à frente tinham o triplo de sua altura, esculpidas com cenas do Ember em constante movimento e mudança. Um veado-geada atravessava um campo coberto de neve, as orelhas para cima enquanto ele abaixava a cabeça para pastar. Um momento depois, a cena desapareceu e foi substituída por uma aldeia do clã dos rios flutuando pelo Ilara, com trilochilros alarmados irrompendo dos juncos densos pelos quais a aldeia passava.

Fênix se sacudiu: as portas eram hipnotizantes, mas Sete estava do outro lado. De repente vibrando de expectativa, deu um passo à frente e as abriu com um empurrão.

Gelo. Luz. Papel.

Sua respiração saiu num suspiro; a biblioteca era insanamente linda.

O espaço oval era enorme e reluzia com a luz etérea do gelo do palácio. Pelo menos a influência da Fissura Sombria não tinha chegado até ali. Fênix inclinou a cabeça para trás, querendo absorver melhor aquilo tudo.

Livros e pergaminhos cobriam cada centímetro das paredes altíssimas e curvadas. Sacadas contornavam a sala, com escadarias cintilantes, esculpidas no gelo subindo em espiral, ligando-as umas às outras.

Fênix estava em êxtase, olhando para todas as direções. Sete tinha dito que a biblioteca era enorme, mas aquilo parecia um eufemismo: daria para passar anos ali sem conseguir estudar tudo o que havia.

Mas onde estava a amiga?

Fênix virou o corpo, examinando cada nível de sacada até encontrar um borrão de cabelo ruivo acima. Widge deu um trilado alegre, os bigodes tremendo felizes quando também a viu.

— Sete? — chamou Fênix.

A garota estava tão concentrada na leitura que não ouviu. Fênix subiu a escada mais próxima que ia até o nível de Sete.

Seu primeiro pensamento foi que tinha sorte de ter conseguido encontrar Sete: a amiga estava sentada no chão, cercada de tantas pilhas de livros e pergaminhos que corria o risco de ser soterrada. Os papéis farfalhavam à medida que Sete dava uma olhada rápida em um, então o deixava de lado em troca de outro.

Uma pilha instável de livros balançou, perigosamente próxima de cair sobre a amiga.

— Cuidado! — disse Fênix.

O gritinho de Sete foi quase um guincho, e dois dos livros que ela estava segurando saíram voando pela borda da sacada, as páginas sacudindo antes de pousarem com baques duplos ressoando no chão bem lá embaixo.

— Fênix! — gritou Sete, girando-se para olhá-la e fazendo mais pergaminhos saírem voando.

A pilha de livros vacilou, e Fênix saltou para a frente, tentando impedir que caíssem na amiga.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Sete.

Para sua surpresa, Fênix a viu puxar um pergaminho depressa por cima dos livros que estava estudando.

— Eu só vim contar sobre o wheever...

Fênix interrompeu, a curiosidade forte demais.

— O que é que você está olhando?

— Este monte? — Sete riu, desconfortável. — Um p-pouco de tudo. — Ela pegou um pergaminho esfarrapado e o balançou para Fênix. — Este menciona um pouco de magia dos trasgos. — Outro pergaminho. — Este

f-fala de algo chamado “fenda”. Achei que pudesse ser relacionada com a Fissura Sombria, mas... — Sete balançou a cabeça e o jogou de lado —, acho que não é. — Ela pegou um livro encapado com seda vermelha. — Este tem alguns exercícios para clarear visões que vou t-testar hoje à noite...

— E o...

Fênix apontou para o livro que a garota tinha coberto. Mas, antes que pudesse terminar a pergunta, Sete interrompeu.

— Espere! V-você acabou de dizer que queria me falar de um *whenever*?

— Você não ficou sabendo? — perguntou Fênix. — Zenith não contou no ninho?

A menção à jovem bruxa fez Sete fechar a cara.

— Ela é bacana, sabe — disse Fênix, alegre. — Ela e o Cinco fizeram as pazes. O Cinco até pediu desculpas!

Para surpresa de Fênix, Sete não a olhou nos olhos, só deu de ombros e começou a folhear umas páginas soltas.

Fênix ficou olhando a amiga por um tempo, confusa.

— Sete?

— Que foi? — perguntou ela, levantando a cabeça, o desafio em seu olhar tão surpreendente quanto inegável. Que motivo a amiga tinha para desgostar de Zenith mais do que os outros?

— Então... ela não contou do *whenever*? — indagou Fênix, desconfortável, quando ficou evidente que Sete não quebraria o silêncio.

A amiga fez que não, parecendo aliviada.

— Vieram duas bruxas com ela: Fliss e Britt. Insistiram muito que eu fosse junto, então levei uns livros. — Ela deu de ombros, meio constrangida. — Estavam todas falando, mas eu não escutei. Estava lendo.

Fênix explicou o que acontecera, e a garota a olhava com espanto.

— Ele estava *dentro* do Palácio de Gelo? Mas como? Essas criaturas em geral nunca...

— São vistas fora dos prados. Eu sei — completou Fênix, balançando a cabeça. — Imagino que a Fissura Sombria o tenha atraído até aqui, mas... — Não completou e mordeu o lábio inferior. — Simplesmente não faz sentido.

Sete franziu a testa.

— Não, não faz. — Ela apontou para a pilha desorganizada de livros balançando ali perto. — Estes são os registros das bruxas sobre a Fissura... uma entrada por dia pelos últimos quarenta anos. E essa coisa nunca atraiu

criaturas das sombras.

— Então... Morgren pode ter... transformado a Fissura em outra coisa? — perguntou Fênix, hesitante.

— Não sei. — Sete passou a mão no rosto. Só então Fênix notou o quanto ela estava pálida. — Revirei as prateleiras atrás de textos sobre trasgos, mas sobrou muito pouco. Jira deve ter levado tudo para onde estava trabalhando, o que quer dizer que tudo se perdeu. — Os ombros dela caíram. — Me desculpa, Fênix.

— Não precisa se desculpar — respondeu a garota, rápido, mesmo com o coração apertado. — A gente já sabia que era um tiro no escuro.

— Achei que eu pudesse ajudar — murmurou Sete, a cabeça baixa.

— E ajudou — disse Fênix, com firmeza. — Mas não resolvendo problemas insolúveis, só sendo você mesma.

Sete deu um sorriso bem fraco. No mesmo instante, as portas da biblioteca se abriram com tudo e entraram Cinco e Seis, ambos falando alto.

— Ali! — gritou Cinco, apontando para cima. — *Falei* que a Fênix estaria aqui também! — Em seguida, baixou a voz, mas não o suficiente para evitar que a amiga o ouvisse completar: — Tomara que esteja estudando *Um bestiário mágico*. Ela precisa dar uma relembração urgente.

— Sete — chamou Seis, apressado, notando a irritação de Fênix —, você já não treina faz dias. Se tem criaturas das sombras rondando o Palácio de Gelo, você precisa conseguir se defender.

— Pois é — concordou Cinco. — Além do mais, Gear vai nos matar se descobrir que não treinamos com você todo dia.

Sete gesticulou para as milhares de prateleiras.

— Vocês acham que eu já terminei de ler tudo isso?

— Espero que sim — respondeu Cinco. — Você já passou bastante tempo aí em cima.

— Você já leu um livro? — desdenhou Sete. — Não tem nem ideia do tempo que leva.

Cinco deu de ombros, sem remorsos.

— Vai descer ou não? Para ser sincero, eu prefiro que você não seja engolida pela próxima coisa horrível que aparecer aqui.

— Idem — concordou Seis, rápido, os olhos fixos na irmã, implorando silenciosamente.

— Talvez seja uma boa ideia fazer uma pausa, de todo jeito — comentou Fênix, com gentileza. — Fazer algo diferente um pouco. Depois

você volta com a cabeça fresca.

Lá embaixo, Seis assentiu.

— Me parece sensato!

— Tá bom. — Sete suspirou, se levantando e indo para a escada. — Mas pode ser aqui? Quero voltar ao trabalho assim que possível.

Fênix se virou para seguir a amiga, então hesitou, lembrando-se do livro que Sete tinha escondido dela. Sabia que estava bisbilhotando, mas, antes de conseguir pensar demais, tinha estendido a mão para afastar o pergaminho de cima do livro aberto e inclinado a cabeça para ler as palavras. Só que não tinha palavra nenhuma: as páginas estavam perfeitamente em branco. E, quando Fênix folheou algumas páginas, também estavam em branco.

Estranho.

A voz indignada de Seis a distraiu.

— Sete, *cadê* sua adaga?

Fênix desceu correndo a escada reluzente em espiral para se juntar aos amigos.

— Ah... — disse Sete, baixando os olhos para o cinto, que estava sem a faca. — Devo ter me esquecido de pegar hoje de manhã.

— Então, você está sem arma — comentou Cinco, sem emoção. — Sinceramente, parece que você quer virar picadinho de monstro! — Balançando a cabeça, ele soltou sua própria adaga.

— Aqui, fique com a minha. Mas não esqueça a sua amanhã, tá?

Sete assentiu, a contragosto. Fênix praticamente viu a concentração que a amiga demonstrara momentos antes desaparecer. Seus ombros se curvaram ao pegar a espada de madeira que Seis lhe entregou. Sério, não existia ninguém menos apropriada para ser Caçadora. Fênix afastou o pensamento imediatamente.

— Só relaxe — aconselhou. — Você luta bem melhor quando não está preocupada.

— É d-difícil não se preocupar com tantas armas apontadas para mim — retrucou Sete, a voz séria, olhando os machados que Fênix tinha tirado das costas sem nem notar.

Ao lado dela, Cinco empunhava a espada e Seis, a adaga.

Widge soltou um guincho agudo de concordância e pulou para o ombro de Sete, oferecendo apoio.

— Traidor — murmurou Fênix.

No momento que o esquilo pousou nela, Sete se animou.

— Que tal a gente trabalhar seu ataque hoje? — sugeriu Seis, se plantando na frente da irmã. — Vê se consegue me atingir com um golpe. — Notando a preocupação dela, acrescentou: — Fica tranquila, eu não vou te machucar.

Sete deu um sorriso fraco.

— Talvez eu esteja preocupada de machucar você.

— Assim é que se fala. — Cinco sorriu. — Discurso de lutadora!

— Isso, vai lá, Sete — disse Fênix. — Você consegue.

— Ei! — exclamou Seis, olhando para os dois. — Parece que vocês querem que ela vença! Será que a Fênix pular em cima de mim não foi... AI!

Enquanto Seis estava distraído, Sete tinha chegado perto de fininho e batido firme na cabeça dele com a espada de madeira.

— Para que isso? — indagou o garoto, arfando e esfregando a cabeça.

— Estamos praticando, não? — respondeu Sete, a boca tremendo para conter o sorriso. — Você e estava distraído. Pareceu uma boa oportunidade. A distração não é uma das coisas que devo aproveitar durante um ataque, não é?

Cinco deu uma risada dissimulada.

— É um argumento válido.

Alguns minutos depois, Fênix teve que segurar a respiração e evitar olhar nos olhos de Cinco para não rir alto. Sete conseguira golpear Seis várias vezes usando diversos meios nada convencionais, incluindo comentar que o cadarço dele estava desamarrado e fingir que tinha torcido o tornozelo.

Infelizmente, era óbvio que Seis estava perdendo a paciência.

— Você não está levando isso a sério — reclamou o garoto, esfregando o braço no ponto em que a irmã acabara de bater de novo. — Que criatura das sombras vai parar porque você talvez tenha machucado o tornozelo?

Sete abriu um sorriso, claramente surpresa por estar se divertindo.

— Não sei, mas agora é você que está me atacando, e essas táticas parecem estar funcionando muito bem.

Seis suspirou.

— Você está se fazendo de boba de propósito.

Sete deu de ombros.

— Bom, eu nunca vou vencer você se jogar de acordo com as suas regras, né? Então estou fazendo do meu jeito.

— Tem uma lógica aí — comentou Cinco, ponderando. — Mas acho

que Seis tem razão. Não sei se o que você está fazendo funcionaria contra um grim.

— Minha vez — falou Fênix, dando um passo à frente para substituir Seis, antes que uma discussão começasse.

— Conferiu seus cadarços? — perguntou Sete, sorrindo.

No ombro dela, Widge guinchou animado.

— Vai mesmo ficar do lado dela? — perguntou Fênix, erguendo as sobrancelhas.

Em seguida, soltou um grito de surpresa. De repente, Sete estava correndo na sua direção, uivando a plenos pulmões, girando a espada rapidamente acima da cabeça. Fênix ficou boquiaberta, tão desconcertada que quase se esqueceu de se jogar para o lado; a espada de madeira de Sete ficou presa em seu cabelo, puxando alguns fios.

— O que foi isso? — indagou, engasgada, achando engraçado e ficando irritada ao mesmo tempo.

— Um ataque surpresa — disse Sete, com um sorriso inocente. — *Mais* um.

— Vocês têm que admitir, ela *é boa* em achar maneiras de pegar a gente de surpresa — comentou Cinco, dando um passo à frente. — Minha vez. Só que preciso avisar, Sete, você vai ver que *é bem* mais difícil me surpreender do que... Ei! Aonde você vai?

Em vez de correr na direção de Cinco, Sete tinha saído correndo pela escada em espiral mais próxima.

— É para v-você ser uma criatura das sombras, não? — falou Sete por cima do ombro. — Não devia estar m-me perseguindo?

Ela sorriu, e Cinco foi atrás de cara feia.

— Uma criatura das sombras provavelmente também faria algum barulho — falou a garota, lá de cima. — Talvez rosnar ou grunhir ou... Que foi? Você não quer que seja realista?

— Isto é humilhante — reclamou Cinco, sem emoção, ignorando o uivo de diversão de Seis. Olhou de soslaio para Sete, subindo a escada atrás dela. — O que você vai fazer com isso? — perguntou, indicando com a cabeça um livro enorme nas mãos dela.

Sete deu de ombros.

— Obrigiar você a ler, talvez?

O garoto revirou os olhos de um jeito exagerado, e ela jogou o tomo pesado, atingindo-o com força no peito. Sete lançou mais três livros um atrás do outro, fazendo-o recuar alguns degraus.

— Ei! Isso não é justo! — berrou Cinco.

Fênix e Seis caíram na gargalhada.

— Acho que é, sim. — Sete abriu um sorriso, e Widge se balançou, alegre, concordando. — E, como derrotei vocês três, vou voltar à minha leitura. — Com isso, ela foi na direção da pilha de livros. — Você tinha razão, Fênix. Eu realmente me sinto melhor por ter passado um tempo fazendo outra coisa — falou, por cima do ombro. — Valeu!

Com um trilado alegre e um aceno complexo da cauda, Widge saltou do ombro de Sete e voltou direto para o de Fênix, de onde a encarou fixamente até a garota levantar a mão para fazer carinho em sua bochecha, como ele gostava.

Cinco voltou para Fênix e Seis batendo os pés.

— Você tem razão, Seis — murmurou, balançando a cabeça. — Ela não levou nem um pouco a sério.

— Não sei, não — disse Fênix, sorrindo, inexplicavelmente animada. — Acho que nós a subestimamos, e ela se aproveitou disso.

— Bem inteligente, na verdade — concordou Seis, a contragosto, ainda esfregando a cabeça.

Cinco soltou um grunhido.

Bem lá em cima, o topo do cabelo ruivo de Sete desapareceu atrás de uma pilha enorme de pergaminhos.

Capítulo 31

— Parem de atirar! — latiu Cão, os pelos se eriçando quando outra flecha coberta com penas de pica-pau ricocheteou de seu corpo.

Vários grupos de guerreiros do clã das florestas estavam saindo do Grande Bosque, cada um deles completamente armado.

Um homem abriu caminho até a frente da multidão, a armadura de madeira preta endurecida com ymbre.

— O que está fazendo aqui, Guardião? — perguntou ele, estreitando os olhos, desconfiado.

Então viu a lutra aos pés de Cão, e o choque o fez cambalear para trás.

Cão sabia que tinha pouco tempo.

— Me escute! — gritou. — Uma das suas árvores-lares foi atacada, e vocês têm certeza de que o clã dos rios é responsável. Correto? — O homem olhou com raiva, então assentiu a contragosto. Cão abaixou o focinho até a lutra. — Eis aqui uma lutra assassinada. A faca que a matou tem o desenho do clã das florestas. O povo do rio vai achar que vocês foram os responsáveis.

Rugidos de discordância furiosa se espalharam pelo grupo irado diante dele.

— Silêncio! — latiu Cão, erguendo o corpo o mais alto que conseguia.

As pessoas à sua frente estavam furiosas e talvez só reagissem a uma força que percebessem ser maior que a própria. A tática pareceu funcionar,

e todos silenciaram.

— Não tivemos nada a ver com isso — disse o guerreiro líder, indicando a lutra com a cabeça.

— Eu sei disso — rosnou Cão.

O momento de segredo tinha acabado. Vitória já se fora havia muito. Talvez só tivesse alguns minutos para evitar o desastre.

— A responsável por esses dois crimes é a própria Mestre de Armas do pavilhão.

Ele notou a hesitação no rosto dos guerreiros e falou mais rápido, tentando convencê-los.

— Vocês ouviram falar do infortúnio no Pavilhão de Caça — continuou, levantando a voz para todos poderem ouvir. — Que nossa própria Mestre de Armas nos traiu. Vitória foi vista nesta área há três dias. Matou três Caçadores aqui.

Os guerreiros assentiram. Tinham ouvido falar disso.

— Uma coisa horrível — murmurou uma mulher, a mão ainda apertando a lança.

— A traição de Vitória é ainda pior — garantiu Cão. — Ela parece querer semear o ódio. Foi ela quem danificou a árvore-lar e assassinou esta lutra, na esperança de começar uma guerra entre os clãs. Vitória acha que só precisa de uma pena e uma faca para conseguir isso. Mas eu sei que vocês vão provar que ela está errada.

— Que evidência você tem? — desafiou o homem de armadura preta.

— Olha, como você aguenta esse questionamento? — desdenhou Faiscafiada, suas asas um borrão quente ao lado da orelha de Cão. — Quer que eu dê uma lição neles por você?

— Quietos, Faiscafiada — disse Cão, mas era tarde demais. Os olhos do clã das florestas estavam no espírito de fogo, e o horror era óbvio.

— É ele! — gritou alguém. — É esse o espírito que pôs fogo na árvore partida!

Cão olhou para Faiscafiada, consternado, e o espírito de fogo deu de ombros, sem remorsos.

— Ela já estava morrendo — falou. — Não vi problema. Foi um incêndio glorioso, um fim adequado. — Uma flecha passou junto dele em meio às palavras, perto o suficiente para fazê-lo vacilar no ar. Suas chamas ficaram mais fortes, até ser doloroso encará-lo. — Como *ousa!* — guinchou.

Cão sentia que estava perdendo o controle da situação.

E foi nesse momento que o clã dos rios chegou.

De trás dele, veio o som de cortar e arrastar de muitos remos na água. Quando Cão se virou, o coração na boca, viu que muitas outras canoas tinham se juntado à do garoto, cada uma lotada do povo dos rios, todos armados até os dentes.

— Saudações — chamou, ciente demais da tensão que vibrava pelo grupo atrás de si, as flechas encaixadas e puxadas para trás. — Eu sou...

— É verdade! — O uivo veio do barco que liderava, rouco de fúria e dor. Uma mulher estava parada na proa, apontado para a lutra, sua jaqueta de escama de peixes cintilando.

Rugidos de horror e raiva se levantaram de trás dela, e a remada dobrou de ritmo.

— Me escutem! — latiu Cão! — Ouçam!

— Guerreiros, preparem-se!

Ele ouviu o grito do clã das florestas atrás dele, viu a luz refletir nas pontas de lança em forma de folha quando a primeira canoa tocou na margem.

Em um movimento suave, a mulher da proa saltou para fora, parou ao lado da lutra e puxou a faca da lateral do corpo dela. O sangue na arma já não brilhava, mas o formato da lâmina era inconfundível. A mulher levantou a faca acima da cabeça para quem ainda estava na água poder ver, e seus uivos de fúria viraram um silêncio bem mais sinistro.

— É tarde demais para impedir isso — cochichou Faiscafiada para Cão, tomando o cuidado de não tocar sua pele de pedra, flutuando de um jeito desconfortável perto da orelha mutilada. Cão sentia o calor do espírito de fogo queimando como nunca. — Você tentou, mas eles não vão deixar um ao outro em paz. Melhor a gente ir embora e avisar a garota flamejante do que você viu.

Cão rosnou. O que ele mais queria era sair daquele lugar. Mas não podia deixar os dois grupos se massacrarem.



Quando a primeira lança do clã das florestas foi arremessada, Cão fez a única coisa que podia e saltou para interceptá-la, partindo-a em dois com um rápido movimento da pata.

Houve gritos de indignação.

— Ele está do lado do clã dos rios!

— Está protegendo *eles*!

Cão desejou ser maior, desejou conseguir falar mais alto.

— Me escutem! — latiu. — Eu represento o Pavilhão de Caça, como faço há mil anos!

Torceu para a menção a sua grande idade lhe trazer autoridade, mas não deu certo. O clã das florestas avançou, e o clã dos rios fez o mesmo, todos arreganhando os dentes, os grupos cheio de violência. Cão sentia a eletricidade efervescendo no meio, sabia que uma única centelha levaria a situação a um caminho irreversível.

Outra flecha foi disparada, desta vez do clã dos rios, e Cão saltou para bloqueá-la com o ombro, conseguindo por pouco engolir o ganido de dor.

— A pessoa responsável por isto é Vitória! — falou, se virando no lugar com Faiscafiada acima, tentando olhar cada um nos olhos. — É *ela* que precisa ser pega. É *ela* que deve ser punida. Por que acham que estou aqui?

— Clã dos rios, cessar fogo!

A voz veio da água, de um dos barcos que ainda não tinha chegado à margem. Cão, porém, reconheceu a voz de imediato e se virou para ela, um lamento esperançoso se formando em sua garganta.

— Chefe Torrente? — chamou.

Atrás, o povo da floresta murmurou, em choque. A chefe do clã dos rios era esquiwa como uma enguia, os boatos sobre ela tão estranhos quanto sua autoridade era inquestionável. Até Faiscafiada parecia interessado. Bastava que Cão conseguisse convencer *ela* de que Vitória tinha feito aquilo...

A chefe era exatamente como ele lembrava. Robusta e surrada de rio, a mulher saiu da canoa com uma leveza que desmentia sua idade. A jaqueta de escamas de peixe brilhava como prata polida por cima de uma camisa de seda fluvial; espinhas de peixe folheadas de ouro e penas verdes de marreco decoravam seu cabelo cacheado preto. A mulher de fato a aparência da chefe que era.

Faiscafiada foi para mais perto da orelha de Cão.

— Tem algo estranho nela — sussurrou ele, não muito baixo.

— Shhh — rosou Cão.

— Olá, Guardiã — disse Torrente, com um olhar carinhoso para Cão e outro curioso para Faiscafiada. — Há quanto tempo.

— Oitenta e quatro anos — comentou Cão, sentindo a cascata de hesitação dos guerreiros da floresta.

Faiscafiada soltou um som de surpresa indigno.

Nem Cão conseguia acreditar. Ficou olhando para Torrente, quase contra vontade, caçando diferenças nela, mesmo minúsculas, mas sem encontrar nenhuma. Pelo menos alguns dos boatos deviam ser verdade: a mulher estava exatamente igual à última vez em que colocara os olhos nela, tantos anos antes. Nem seu cheiro se alterara: inteligência, nenúfares, disciplina.

O clã dos rios se reuniu ao redor da chefe, o instinto de proteção em conflito com a necessidade de manter uma distância respeitosa.

Torrente se ajoelhou ao lado da lutra e abaixou a cabeça.

Cão sabia que devia esperar, mas pensamentos demais saltavam por sua cabeça. Chegou mais perto, tentando ignorar os arpões de pesca e adagas de repente apontados para si.

— Torrente — disse, torcendo para seu desespero não ser óbvio —, o clã das florestas não fez isto. Eu juro.

Quando a mulher levantou os olhos para ele, parecia perdida.

— Esta é a lutra que me salvou quando criança — sussurrou. — Eu fui afogada por uma ruionda, e esta criatura me trouxe de volta. Sabia disso, Guardiã?

Cão fez que sim. Era uma das muitas histórias contadas sobre ela.

— Já ouvi falar, sim. — Ele abaixou a cabeça para a mulher agachada, torcendo para oferecer um pouco de consolo. — Sinto muito.

Torrente se levantou devagar, e Cão viu o momento em que o luto virou raiva, viu o fogo repentino que subiu dentro dela. Estava com os punhos cerrados, mas, quando falou, sua voz permaneceu estável:

— Se não foram eles... — Ela examinou os guerreiros do clã das florestas, e Cão viu um deles chegar a dar um passo atrás. — Então quem foi?

O olhar dela era um anzol, impossível de escapar.

— Ela é feroz! — Faiscafiada sussurrou no ouvido dele, claramente impressionado.

Cão teve dificuldade de ignorá-lo, mas aquilo era importante demais para ele se permitir ser distraído pelo espírito de fogo.

— Vitória — respondeu, apenas. — Foi ela.

— Como você tem tanta certeza?

Cão olhou para a lutra.

— Ela me mostrou.

De repente, Torrente colocou as mãos uma de cada lado do rosto de Cão, segurando forte. Analisou seus olhos, o nariz quase tocando o focinho dele, até que, de repente, a chefe recuou.

— Ela também tocou em você — sussurrou Torrente, com choque óbvio. — Dá para perceber.

Cão fez que sim.

A chefe se virou para seus guerreiros.

— Peguem a lutra — mandou. — Preparem um enterro fluvial com o mesmo amor como se fosse para um parente. — Quando o povo do rio demorou a reagir, ela levantou as sobrancelhas. — Andem!

A multidão ao seu redor se remexeu, incerta.

— Não podemos deixar você aqui sozinha — sussurrou alguém. — Desprotegida.

— Não com *eles* — cuspiu outro, e todos os olhos se voltaram para o clã das florestas.

— Não estou sozinha. Estou com o Guardiã do Pavilhão de Caça — respondeu Torrente. Ela dirigiu o olhar para os guerreiros do clã das florestas, parados com um ar sombrio e rebelde. — Mas vejo que a explicação do Guardiã não satisfaz vocês em relação a árvore-lar. Isso deve ser resolvido. Convoco uma assembleia, daqui a uma semana, neste mesmo lugar.

O guerreiro que falara mais cedo deu um passo à frente e assentiu para Torrente.

— Uma assembleia. Aqui. Daqui a uma semana. Direi ao Chefe Folha Larga.

Com isso, o povo da floresta se derreteu nas sombras, desaparecendo por entre as árvores.

— Bizarro — comentou Torrente para Cão, baixinho —, como eles fazem isso.

Em seguida, os dois assistiram em silêncio à lutra ser colocada delicadamente numa canoa e levada a remo por um guerreiro mais velho, seu rosto salgado de lágrimas.

— Acha que essa assembleia vai resolver a destruição da árvore-lar? — perguntou Cão a Torrente, o bosque atraindo seu olhar. — Não posso

oferecer prova absoluta, mas sei que foi Vitória.

Torrente apertou os lábios.

— Folha Larga é um homem sensato. Mas seus povos são agitados, e, nos últimos tempos, tivemos incidentes demais entre nossos clãs. — Ela balançou a cabeça devagar. — Eu só atrasei o banho de sangue. Só isso.

Cão assentiu, a tensão coçando no corpo. Precisava ir embora dali; precisava chegar aos Jardins de Gelo, proteger Fênix. Faiscafiada parecia sentir o mesmo, voando mais alto, as chamas cada vez mais fortes.

— Você precisa estar em algum lugar — disse Torrente, olhando do Cão para o espírito de fogo.

O Guardiã assentiu.

— A lutra me mostrou o ataque de Vitória. Nos momentos seguintes, a Mestre de Armas ameaçou alguém que eu conheço. Acredito que sei para onde ela vai.

— Deve ser uma pessoa muito querida — concluiu Torrente.

Cão assentiu de novo, ignorando os sons de impaciência de Faiscafiada, logo acima.

— Então você precisa ir — falou Torrente, baixinho. Ela estreitou os olhos. — Mas, quando pegar Vitória, espero que ela seja trazida a mim para responder por seus crimes de guerra. Pode me prometer isso, Guardiã?

— Prometo — respondeu Cão, virando-se para ir embora. — Mas há outros que compartilham do direito de julgá-la.

Sentia-se muito tenso, a necessidade de correr o fazia tremer. Precisava chegar aos Jardins de Gelo o mais rápido possível.

Torrente descansou a mão no ombro dele e hesitou antes de falar.

— O toque de uma lutra é um presente estranho, Guardiã.

Cão se virou para encará-la, de repente tomado por um medo inexplicável.

— Você sabe o que vai acontecer comigo?

Torrente balançou a cabeça devagar.

— Ele concede saúde, sara todas as doenças, cura todos os males. Tenho cento e cinquenta anos, mas me sinto como aos trinta. — A mulher passou os olhos por Cão. — Mas você não é de carne e osso. Não sei dizer como a magia vai afetá-lo.

— Eu agora sinto o gosto das coisas — murmurou Cão, ainda maravilhado com aquilo.

Torrente levantou as sobrancelhas.

— Tão rápido — sussurrou.

Cão pareceu intrigado.

— Alguns dos efeitos são sentidos de imediato; outros levam mais tempo para aparecer. — Ela franziu a testa de leve. — Prepare-se para o fato de que, nas próximas semanas, pode sentir outras mudanças.

Ele não sabia o que dizer, então só assentiu. Quando estava prestes a sair, um último pensamento lhe ocorreu.

— É incomum que eu veja rostos familiares a cada despertar — disse para Torrente, por cima do ombro. — No geral, quando eu sou convocado de novo, quem eu conhecia já se foi. Ver você foi... estranho.

Torrente sorriu.

— Foi um prazer para mim também.

— Vamos! — chamou Faiscafiada, lá de cima, sua impaciência chegando a níveis incendiários.

Cão viu Torrente lançar um olhar confuso dele para o espírito de fogo antes de enfrentar a brisa fria com cheiro de neve do norte e sair correndo o mais rápido que podia.

Com cada salto, seu coração ficava um pouco mais leve — logo veria Fênix de novo.

Capítulo 32

Vários dias tinham se passado desde que o whoever invadira os Jardins de Gelo, mas todos ainda estavam com os nervos à flor da pele. As mãos de gelo tinham vasculhado cada centímetro do lago, e os Caçadores, o exterior do palácio, mas ninguém descobrira por onde a criatura entrara. O resultado era que patrulhas haviam sido montadas lá dentro, e as águias de gelo estavam vigiando o céu.

Fênix estava exausta. Suas aulas com Nara tinham sido transferidas para uma das bruxerias ainda claras perto do armazém de ingredientes. Mas, fora isso, o progresso tinha parado. Fênix ainda precisava ser nocauteada duas ou três vezes por sessão.

— Isto é inútil — resmungou, no fim de mais uma aula infrutífera. Sua cabeça doía, o coração batia como se tivesse corrido. Esfregou o calcanhar da bota no chão. — É sempre a mesma coisa, todo dia. O fogo *não quer* ser controlado.

Tentou não pensar na Fissura Sombria olhando para ela, rindo dela. Às vezes, em geral à noite, Croke e a Fissura se mesclavam em sua mente numa única escuridão apavorante, fazendo-a ofegar com o horror que as duas entidades provocavam. Nem precisava dizer que, com os pesadelos e a preocupação com Cão, não andava dormindo bem.

— Não existe isso, Fênix — respondeu Nara, com delicadeza. — Magia não tem vontade própria.

— Tem certeza?

— Bastante — disse Nara. — Vai ter um jeito de você canalizar com mais eficácia. Só precisamos descobrir.

A bruxa falava com calma, mas Fênix sabia que ela estava preocupada. Chegara com seus amigos ao Palácio de Gelo havia uma semana e não estava mais perto de controlar o fogo do que no primeiro dia. Enquanto isso, a Fissura Sombria drenava a magia de mais cinco bruxerias, a sala de treino de lutas e muitos dos quartos não usados. A escuridão se espalhava pelos Jardins de Gelo num ritmo assustador, e a água agora fluía pela passagem em frente ao armazém de ingredientes.

O peso nos ombros de Fênix era tão imenso que a pressão estava insuportável. Via os olhares das bruxas, todos dolorosamente esperançosos, e só queria se esconder, então as evitava sempre que podia.

Widge, em seu ombro, se apertou contra sua bochecha, gorjeando em apoio.

— É melhor eu ir — disse ela, cansada. — Yelara pediu para a gente patrulhar as criptas. Vamos passar a noite lá.

— A noite toda? — questionou Nara, levantando as sobrancelhas.

— A gente se ofereceu — explicou Fênix, dando de ombros. — Ficam diretamente embaixo do lago, afinal. Pode ser que o whoever tenha entrado por lá.

Desde o ataque, Zenith e Cinco tinham superado a briga. Zenith ainda cuspiam informações sobre os Jardins de Gelo a cada oportunidade, mas agora Cinco respondia com fatos sobre Ember, em vez de com irritação. Para alívio de todos, aquilo parecia funcionar para os dois.

Nara suspirou.

— Entendo. Mas tente dormir um pouco, Fênix. Nosso trabalho aqui é muito importante, e quero continuar amanhã, se você não estiver muito cansada.

De novo, Fênix sentiu a pressão insuportável da esperança da bruxa. Ela assentiu, fraca.

— Vou tentar.

Nara concordou com a cabeça e sorriu.

— Boa sorte, então. Não que você precise, claro.

Um pouquinho depois, Fênix encontrou a Bruxa Chefe junto de Zenith

aos pés da árvore dos banquetes. As duas bruxas mais velhas, Fliss e Britt, também estavam lá. Cada uma carregava uma sacola de cobertores e comida. Fênix conferiu os machados e correu até elas, sorrindo quando Zenith acenou.

— Fênix! — Yelara sorriu quando ela chegou. — Ótimo. Só estamos esperando Cinco e Seis.

— Eles disseram que iam vasculhar as armas antigas atrás de escudos e um arco para Seis — explicou Zenith.

Os meninos chegaram um minuto depois, triunfantes, cada um portando um enorme escudo de madeira da grossura de um braço. Seis também carregava um arco com uma corda nova e madeira velha reluzindo de óleo.

— Acho que pode ser até melhor que o meu antigo — comentou, com o rosto reluzindo de animação. — Atira um pouco mais longe e não pende nem um pouco para a esquerda.

— Aquele boneco de palha não tinha a menor chance — falou Cinco, seco.

— E as criaturas das sombras que encontrarmos também não terão. — Seis abriu um sorriso.

— Seis vai cuidar de tudo enquanto a gente se esconde atrás disso aqui — comentou Cinco, brincando, apontando para os escudos enormes.

Fênix riu.

— Obrigado, Seis, que generosidade a sua! Mas vocês dois vão conseguir carregar isso a noite toda?

— Lógico! — exclamou Seis.

Widge saiu da pele de urso que Fênix estava usando para dar uma olhada e soltou um guincho de dúvida.

— Negatividade é um traço terrível num esquilo, Widge — comentou Cinco, indignado. — Se quer saber, sou bem mais forte do que pareço.

— Idem — falou Seis, alegre.

O rosto de Widge parecia dizer: “Veremos”.

Britt sorriu para os Caçadores.

— Então, qual de vocês vai organizar o grupo?

— Ela — falaram Seis e Cinco, em uníssono, ambos apontando para Fênix.

Uma centelha de orgulho e medo se acendeu dentro dela, que a ignorou. Quando falou, ficou contente por sua voz soar assertiva:

— Lá embaixo o espaço é enorme. Vamos patrulhar para cobrir o

máximo de terreno possível, aí podemos nos dividir em dois grupos, para revezar o descanso. Tudo bem?

Todos concordaram.

Yelara sorriu para Fênix.

— Pelo jeito, você tem um plano — disse ela. Então se virou para o lago e acenou para as mãos de gelo mais próximas.

Juntas, as seis estátuas que estavam mais perto desceram dos pedestais para a água, que congelou imediatamente sob seus pés. Juntas, caminharam até o grupo reunido, seus passos soando como gelo quebrando e depois derretendo.

A estátua que vinha na frente era mais jovem do que as outras, com penas de geada trançadas no cabelo de gelo. Fênix tentou não estremecer quando a mãe de gelo se abaixou na frente de Yelara, cobrindo-os com uma rajada de ar intensamente fria, seus olhos brancos de neve varrendo o grupo.

— As criptas? — perguntou.

Yelara fez que sim.

— Isso, Linnet, por favor.

As mãos de gelo se dispuseram no lago em duas fileiras de três. Depois, todas juntas, levantaram os braços de modo que seus dedos roçassem nos da estátua à frente, criando um túnel arqueado. Na mesma hora, a água começou a se agitar, sendo empurrada para fora e formando uma trincheira entre duas paredes de líquido cintilante e tremeluzente. Então o grupo conseguiu ver o que antes estava escondido: escadas gotejantes que desciam até uma porta feita de osso.

— Boa sorte! — falou Yelara, em voz baixa, enquanto o grupo descia.

— Não precisamos de sorte — respondeu Cinco, alegre, dando um tapinha em seu novo escudo.

Do outro lado da porta, encontraram um caminho íngreme. Tochas em arandelas se acenderam sozinhas conforme o grupo seguia em frente, e o ar foi ficando notavelmente mais frio.

— Esperem o inesperado — avisou Fênix. — Lembrem que pode ter qualquer coisa lá embaixo.

— Bem pensado — falou Cinco, sério. — Eu pessoalmente estou torcendo por biscoitos de raiz-pimenta. — Ele se virou para Britt, sorrindo. — E você?

A bruxa de cabelo castanho claro riu.

— Um clima quente seria bom.

— Fala sério — murmurou Fênix, tentando disfarçar a vontade súbita de sorrir.

Junto, o grupo continuou descendo até o caminho terminar numa escuridão evanescente. Cinco, Seis e as bruxas se reuniram atrás de Fênix, examinando as trevas gélidas. A escuridão nas criptas não era causada pela Fissura Sombria, mas ainda assim era desconcertante. À distância, uma tocha se acendeu, depois outra e mais outra, até que pontinhos de luz se estendiam até onde Fênix conseguia ver.

Em cada direção, apareceram fileiras de túmulos sombreados que se distanciavam da entrada. Aqui e ali, a regularidade das linhas era quebrada pelas raízes enormes da árvore dos banquetes que irrompiam do teto e se torciam antes de mergulhar no solo.

Fênix suprimiu um tremor violento de repugnância: não gostava de nada naquele lugar. Sob as raízes e entre os túmulos, poças de escuridão pareciam sussurrar, chamando-a mais para perto, para ver o que escondiam. Ela tentou afastar a sensação e foi até o túmulo mais próximo.

Num bloco de gelo que chegava à altura do ombro estava uma efígie muitíssimo realista de uma bruxa usando sua capa, as mãos cruzadas tranquilamente sobre o peito. De cada canto de seu lugar de descanso subiam postes robustos, apoiando um dossel de gelo esculpido com rastros de folhas, flores e frutas. O nível de detalhamento era impressionante, a beleza fria e polida do túmulo era inegável.

Todos tinham o mesmo estilo, mas cada estátua congelada era única, uma cópia perfeita da bruxa que homenageava.

O silêncio caiu sobre o grupo reunido em torno de Fênix.

Ela estremeceu.

— Vamos — disse, liderando-os por fileiras de esquifes e sob as enormes raízes retorcidas e cobertas de gelo da árvore dos banquetes.

Forçou o olhar em cada canto escuro, procurando qualquer coisa que talvez desse uma ideia de como o whoever tinha invadido o Palácio de Gelo.

Sua nuca se arrepiou como se estivesse sendo observada e, sem querer, Fênix se pegou pensando de novo em Croke, na Fissura Sombria e na estranha escuridão dos olhos do whoever. Olhou de relance para as bruxas atrás de si, buscando alguma distração.

— Se formos atacados, vocês conseguem se defender?

O rosto delas mostrou surpresa.

— Estamos esperando ser atacados? — perguntou Zenith. — Achei que

estávamos só conferindo se alguma criatura conseguiria entrar por aqui.

— Espere o inesperado — falaram Cinco e Seis juntos.

Os dois trocaram olhares e riram, um som que ricocheteou nos túmulos.

Fênix tentou sorrir com eles, mas algo nas criptas estava minando seu humor. Sua nuca continuava arrepiada e, sob as camadas de pele, Widge ainda estava imóvel, o coração batendo contra o dela.

— Yelara pediu para nos juntarmos a vocês por conta de nossas habilidades de magia de batalha — explicou Fliss, tranquila, os cachos grisalhos balançando ao redor do rosto —, mas essas habilidades nunca foram testadas numa situação de combate real.

Era uma resposta sincera.

— Nenhum de nós vai ficar sozinho, e todos somos responsáveis pela segurança uns dos outros — respondeu Fênix, firme. Ela apontou para a entrada. — Aquela é a única entrada ou saída que conhecemos. Se a situação ficar cabeluda, é para lá que vamos.

Todos assentiram, as bruxas de repente parecendo bem mais nervosas.

As tochas nas criptas eram bem espaçadas, com poças de escuridão espreitando nos espaços vazios. Fênix tocou a pedra da lua em seu bolso, ponderando se deveria pegá-la. Zenith murmurou alguma coisa, uma das palavras mágicas escorregadias que se recusavam a ser ouvidas, e uma orbe de luz laranja apareceu à sua frente.

— Bruxiluz — explicou, dando de ombros, ao ver a surpresa dos Caçadores.

Ela acenou para que a bola de luz ficasse à frente do grupo.

— Obrigada — disse Fênix, contente. — Quanto mais luz, melhor.

— E também deixa este lugar menos perturbador — completou Seis, com um olhar desconfortável para o túmulo mais próximo.

— Já estivemos em lugares bem mais assustadores! — exclamou Cinco, e imediatamente começou uma descrição detalhada da Floresta Congelada para Zenith.

A jovem bruxa ouvia com atenção e uma expressão arrebatada.

— E o Grande Bosque? Algum de vocês já foi lá? — perguntou Zenith, quando Cinco enfim parou de falar. — Sabiam que foram as bruxas que descobriram que era possível se comunicar com as árvores-lares?

— Não sabia, não — disse Seis, parecendo interessado.

— Sabem *por que* o clã das florestas mora nas árvores? — devolveu Cinco.

— Não! — respondeu Seis, intrigado.

— Fiadoras da morte — explicou Fênix. — Tem muitas no Grande Bosque. Por causa delas, é bem perigoso viver no chão.

Zenith ficou boquiaberta.

— O clã inteiro mora nas árvores por causa de uma criatura das sombras?

— Bom, várias criaturas das sombras, mas sim — respondeu Cinco. — Era isso que eu estava falando quando disse que não dá para entender os clãs sem entender seus monstros.

Zenith ficou em silêncio, pensativa, e a conversa ricocheteou em outra direção, com todo mundo listando todos os lugares do Ember que gostariam de ver.

— As Valas Inferiores — disse Seis, decisivo. A expressão neutra de Cinco o deixou boquiaberto. — A cachoeira mais alta do Ember! Você *deve* ter ouvido falar.

— Não.

— Você realmente devia tentar chegar perto de um livro — falou Fênix, revirando os olhos.

— Ou de um mapa. — Zenith sorriu. — Até eu, que nunca saí dos Desertos Congelados, sei das Valas Inferiores.

— Tá bom, não precisa jogar na cara — reclamou Cinco, com uma expressão sofrida. Ele olhou Zenith, curioso. — E você? Nunca foi para lugar nenhum. O que você mais quer ver?

A jovem bruxa suspirou.

— Tanta coisa! As árvores-lares e o mercado flutuante. As enormes aldeias flutuantes do clã dos rios, o vinho colorido do clã dos desertos...

Cinco deu uma gargalhada alta que se espalhou e ecoou sem parar pelos túmulos.

— *O que* do clã dos desertos?

— Vinho — repetiu Zenith, franzindo um pouco a testa.

Cinco estava rindo tanto que não conseguia falar.

— Ignore — disse Seis, um sorriso ameaçando se formar. — Mas... é que... o clã dos desertos é conhecido pelo *vidro* colorido, não pelo vinho.

— Ah — falou Zenith, surpresa. Um momento depois, sorriu. — Então o povo de lá não deve ser tão animado quanto que eu imaginei!

— Não mesmo — comentou Cinco, segurando a barriga, e até Fênix estava rindo, o bom humor do grupo contagiante, apesar do ambiente estranho.

Caminhar pelo entorno das criptas levou várias horas. No fim, pararam junto de um túmulo com um rosto redondo e tranquilo e se sentaram no chão, mordiscando em paz a comida que tinham levado.

— Que tal Cinco, Fliss e eu fazermos a primeira vigília? — sugeriu Seis a Fênix. — A gente acorda vocês quando for hora de trocar.

Ela concordou, puxando bem o cobertor e se acomodando com a sacola como travesseiro. Widge saiu se arrastando da pele e se enroscou em seu pescoço, e a bruxiluz de Zenith ficou pairando por lá, emanando um calor que era como um toque gentil na bochecha de Fênix.

Pensando melhor, ela levantou a cabeça e entregou a pedra da lua do bolso a Cinco, que lhe lançou um olhar questionador.

— Só por garantia — disse, bocejando.

Sua nuca continuava arrepiada de desconforto, mas seus olhos começaram a se fechar quase no instante em que encostou a cabeça na sacola.

— Vou montar as guardas — ouviu Fliss murmurar para Cinco e Seis. — Vão alertar se tiver alguma criatura das sombras por perto.

— Sério? Dá para fazer isso? — perguntou Cinco, a voz aguda de surpresa. Aí, num tom bem mais grave: — Excelente ideia.

Seis só conseguiu sufocar a risada com um esforço sobre-humano, e Fênix já se sentia caindo no sono.

A escuridão se fechou ao redor dela, vigilante e malévola.

— Olá? — sussurrou a garota.

Olá, olá, olá... veio um eco.

Em algum lugar próximo, algo se moveu. Fênix ficou tensa com o som arrastado, piscando desesperadamente, querendo que seus olhos se ajustassem.

— Eu sei que você está aí — disse, com a voz trêmula. — Apareça!

Apareça, apareça, apareça.

Levou um momento para Fênix perceber que, dessa vez, o que voltou não foi um eco. A voz não era a dela.

O pânico a esmagou quando ela se virou.

Então, bem junto de seu ouvido, veio o sibilo velado de Croke:

— Te peguei.

Fênix se sentou de repente, o coração saindo pela boca, bem a tempo de ver as tochas nas criptas vacilarem e se apagarem uma a uma.

Capítulo 33

— Fênix!

— Estou acordada — disse ela, ofegante, levantando-se de um salto e sacando os machados das costas.

Atrás dela, Zenith e Britt também se esforçaram para se levantar. Cinco, Seis e Fliss estavam posicionados numa formação protetora ao redor delas, esquadrinhando a escuridão.

— O que está acontecendo? — perguntou Zenith, a voz enrolada de sono.

— Todas as tochas se apagaram — sussurrou Fênix.

— A bruxiluz também — arfou Britt. Tentou conjurar outra, mas se apagou no instante em que apareceu. — Mas o quê...

— Shh! — cochichou Fênix.

O grupo segurou a respiração, unido na bolha de luz emitida pela pedra da lua nas mãos de Cinco. A escuridão ao redor era absoluta.

Fênix olhou por cima do ombro, torcendo para ver o brilho dourado da entrada, mas não havia nada, só um preto infinito e desorientador.

— Ouçam — murmurou Cinco.

Fênix concentrou os ouvidos, passando pela respiração acelerada de todos ali em volta e se voltando para a escuridão. Em seu ombro, Widge estava duro e imóvel, a cauda em pé, a tensão espelhando a dela.

De repente, a uns dez metros dali, uma luz vermelha começou a pulsar

no ar. Fênix quase gritou de susto.

Fliss ofegou.

— A guarda — disse ela, com um terror audível. — Algo a disparou.

— A que distância uma criatura tem que estar para acontecer isso? — sussurrou Seis.

— Não sei exatamente! — falou Fliss, a voz trêmula.

— *SHHHH!* — sibilou Fênix, concentrando os sentidos para além da luz.

O ar tinha ficado mais frio e, em torno de seus tornozelos, uma névoa cinza se enrolava. Cada centímetro de sua pele estava arrepiado, um sinal certo de que havia algo desagradável por perto.

— Me deem cobertura — cochichou para Cinco e Seis.

Devolveu um dos machados para as costas e pegou a pedra da lua de Cinco.

Ao seu lado, Fênix ouviu o chiado suave de Seis esticando a corda do arco e Cinco desembainhando a espada.

— Tome cuidado — murmuraram os dois.

A bolha de luz da pedra da lua seguiu junto com ela, iluminando túmulo após túmulo. Conforme os outros iam ficando mais para trás, a névoa ficou mais densa, agora chegava aos joelhos.

Scrish.

Fênix congelou, esforçando cada nervo para escutar. Parecia que tinha vindo diretamente da sua frente, logo além do alcance da luz da pedra. Seu coração agora batia como um trovão, as mãos que seguravam o machado e a pedra estavam escorregadias.

Scriiiiiish.

Respirou fundo para se estabilizar e se forçou a seguir ainda mais para a frente, dolorosamente ciente de sua desvantagem. Seja lá o que fosse, podia vê-la com clareza, mas ela não enxergava nada.

Num movimento rápido, desviando, ela se abaixou e rolou em frente, torcendo para pegar a criatura de surpresa ou, pelo menos, virar um alvo menos óbvio.

Encontrou a coisa chocantemente rápido quando se levantou de um salto.

Uma silhueta quase impossível demais para estar viva, toda pontas afiadas e ângulos bizarros e bordas irregulares, cintilantes. Mas com certeza estava viva, sim. Com um movimento lento e mortal, a criatura se virou para ela assim que Fênix terminou de se levantar.

Scrrriiiiiish.

O som de gelo raspando em gelo. Por um momento, Fênix não conseguiu se mover nem reagir. A criatura tinha um tamanho e uma estranheza avassaladores, mas era de seus olhos que ela não conseguia se afastar: estavam cheios de sombras. Como os do whoever.

— É um skryll! — berrou Cinco, de trás dela. — Fênix, *corre!*

Ela ficou paralisada, a mente buscando a entrada de *Um bestiário mágico*. Para seu horror, só se lembrou de fragmentos.

“Skrylls são altamente perigosos... capazes de se dividir... cortar a vítima em pedacinhos para facilitar a absorção.

Para incapacitar um skryll permanentemente, você deve esperar... Procure um brilho levemente azulado.”

O pânico ameaçou dominá-la — quase todo o texto era um espaço em branco em sua mente, e não conseguia lembrar um único ranking da criatura. Nem como matá-la.

Uma flecha voou por cima dela e ricocheteou, inútil, no corpo do skryll. Para seu terror, a criatura não emitiu nenhum som em resposta, nem pareceu notar. Em vez disso, pequenas rachaduras e fissuras começaram a aparecer por todo o seu corpo. O skryll estava se dividindo, e Fênix lembrava o suficiente para saber que isso era ruim.

Seus instintos finalmente assumiram o controle, e ela se viu correndo de volta para os outros, balançando os braços, movendo as pernas o mais rápido que conseguia.

— Vamos! — gritou Seis, acenando para incentivá-la enquanto ele e Cinco colocavam os escudos lado a lado, puxando as bruxas para trás da barreira. — Mais rápido!

Atrás dela, Fênix ouviu o tilintar ritmado de centenas de fragmentos de gelo caindo no chão. Seguido de um barulho sinistro quando os pedaços soltos se levantaram de novo.

Capítulo 34

De repente, vários mísseis rodopiantes assoviavam atrás de Fênix, rasgando o ar para cortá-la. Com um último impulso de velocidade colossal, a garota saltou por cima dos dois escudos, batendo com força no chão e rolando direto para cima de Fliss. A bruxa foi jogada para trás e bateu a cabeça na base do túmulo mais próximo.

— Fliss! — gritou Zenith, levando as mãos à boca.

A mulher estava completamente imóvel, inconsciente. Fênix esbravejou, soltando a pedra da lua para arrastá-la de volta para o espaço protegido bem a tempo. Cinco e Seis berraram com o esforço de manter os escudos estáveis, mas estavam sendo martelados pelo skryll. Fênix jogou o peso do corpo atrás dos deles e alguns dos fragmentos voavam por cima, raspando o topo de sua cabeça antes de dar meia-volta para atacá-los por trás.

— Cuidado! — berrou ela, puxando o outro machado das costas e por pouco conseguindo desviar de dois estilhaços voadores cruelmente afiados que mais pareciam estrelas ninja.

Zenith se jogou para fora do caminho bem a tempo.

Fênix deu um grito de desespero ao levantar a cabeça e ver pelo menos cem outros fragmentos de skryll voando na direção deles. Não tinha como desviar de todos. De repente, sua visão foi bloqueada por Britt, que se levantara de um salto, os braços esticados. A bruxa deve ter falado alguma

coisa, mas Fênix só ouviu a rajada de vento repentina. À luz da pedra da lua, viu uma camada de ar claro rodopiar e encontrar os estilhaços voadores. As duas forças colidiram com intensidade, provocando um som que fez os dentes de Fênix doerem. Os fragmentos de skryll saíram girando, e a luz bateu contra Britt, lançando-a pelos ares direto para cima de Cinco e Seis.

— Britt! — ofegou Zenith, correndo até a bruxa, que estava imóvel.

Cinco e Seis tentavam se levantar e pegar os escudos, e tudo ficou silencioso e sombriamente imóvel.

— Acho que essa coisa está... se recompondo — disse Seis, apertando os olhos para a escuridão.

De repente, Fênix se lembrou de mais uma informação sobre skrylls.

— Ele só pode ser morto quando está inteiro — falou, ofegante. — Precisamos atacar direto no coração.

— Sim — concordou Zenith rápido. — E o coração tem um brilho levemente azul. Vocês conseguem ver? — Aí, em resposta à surpresa deles: — São criaturas dos Desertos Congelados. Eu aprendi um pouco sobre elas!

Fênix sentiu um alívio no peito.

Cinco xingou.

— Essa é nossa chance, mas não consigo ver o coração de jeito nenhum!

Era *mesmo* a chance deles, Fênix percebeu, e estava se esgotando. Se não conseguissem ver, não havia como matá-lo. Com o suor ardendo na testa, fez a única coisa possível. Rezando para o skryll não ter mudado de forma, pegou a pedra da lua do chão e lançou-a por baixo do braço, vendo-a rolar pelo chão e iluminar o breu.

— Vamos, vamos, vamos — murmurou Seis, a corda do arco esticada.

E, então, lá estava. A pedra da lua tinha parado e, bem dentro de sua bolha de luz, estava o skryll, ainda completo.

— Atire! — gritou Cinco, a voz aguda.

Seis obedeceu, mas, quando a flecha atravessou o espaço, sem ar, Fênix viu que era tarde demais: a criatura já estava se dividindo de novo.

— Escudos! — berrou, mergulhando na direção de Seis para protegê-lo, além de Britt e Zenith.

O pânico vibrava em seu corpo. Skrylls eram conhecidos pela burrice, mas não *tanto assim*. Desta vez, os fragmentos contornariam os escudos imediatamente, atacando de todos os lados de uma só vez.

— Bruxiluz, Zenith! — ordenou ela, percebendo que estavam quase

fora da esfera de luz da pedra da lua. Precisaria ver os fragmentos voadores o mais rápido possível para ter qualquer chance de pará-los. — E faça durar, dessa vez!

Uma bruxiluz apareceu acima deles, iluminando o espaço atrás por um instante antes de se apagar. Zenith xingou furiosamente e evocou o feitiço de novo.

— Continue conjurando — rosnou Fênix.

O zumbido de mísseis preencheu o lugar, e não havia mais tempo para pensar. Seis agarrou o escudo da sua mão, e Fênix passou por Britt e Zenith para proteger o grupo por trás. Apavorada, sentia o estômago revirar; não tinha como defender todas as direções de uma só vez. Só tinha dois machados. Era humana.

A bruxiluz de Zenith acendia e apagava, pulsante, conforme a garota a conjurava sem parar.

Cinco e Seis uniram os escudos na frente das bruxas inconscientes e se ajoelharam logo ao lado delas, preparando-se para o impacto. Seis se virou para Fênix, o rosto pálido e desesperado. Então, o skryll chegou. A força dos mísseis batendo nos escudos empurrou com tanta força que os dois garotos começaram a deslizar para trás.

Um momento depois, os estilhaços circularam Fênix, e todos os pensamentos pararam. Só havia o turbilhão dos machados, o baque dos fragmentos desviados pelas lâminas e o gemido agudo quando passavam voando. Em poucos momentos, o primeiro deles ultrapassou as defesas. Fênix engoliu um grito quando o estilhaço cortou sua pele e seu braço, saiu voando e se virou para atacar de novo. Quase no mesmo segundo, sentiu um raio de dor na coxa.

Acabou. É o fim.

Um soluço de desespero crescia dentro dela, mas o reprimiu: não podia permitir que sua concentração falhasse nem por um instante. Gotas de sangue escorriam de seu braço, respingando no túbulo logo ao lado, seus machados viravam um borrão frenético de movimento.

Contorcendo-se para um lado, viu Zenith. O rosto da bruxa tinha mudado, se contorcido num grande rugido silencioso de silêncifala. Uma rajada de vento poderosa irrompeu, tão forte que quase fez Fênix flutuar. Uma camada de ar veio em seguida, se solidificando rápido diante de Fênix num escudo de luz brilhante. Fragmentos de skryll ricochetearam e, quando ela girou para Cinco e Seis, viu que o escudo de ar continha todos eles. Zenith estava parada no centro, os braços estendidos tremendo com

o esforço, os olhos bem apertados.

Cinco e Seis a olhavam, boquiabertos, e estavam acabados. Assim, tão de repente quanto começara, o massacre cessou, os pedaços de skryll correndo para se recompor. Desta vez, Fênix notou que a criatura tinha ido mais para trás, se posicionando na segurança da escuridão, fora da poça de luz da pedra da lua. Ao seu lado, Zenith respirou fundo, abrindo os olhos.

— Vamos! — gritou Seis, saltando por cima dos escudos e correndo para a pedra.

Cinco pulou atrás dele, a espada na mão, mas a perna de Fênix quase cedeu quando tentou segui-los. Engolindo um palavrão, ela mancou o mais rápido que conseguia, os cabos dos machados escorregadios de sangue. Lá na frente, viu Seis pegar a pedra da lua sem nenhuma dificuldade, sem nem desacelerar o passo, então deslizar até parar, quase batendo no skryll completamente formado. Derrubando de novo a pedra da lua, ele disparou uma flecha atrás da outra. Cinco enfiou a espada na criatura, desviando de um golpe vindo de uma cauda ou um braço.

Não estava funcionando, percebeu Fênix, cada vez mais horrorizada. Onde quer que estivesse o coração, não estavam acertando.

— Recuem! — gritou, ainda mancando na direção deles, sua voz ecoando.

Parecia que tudo estava acontecendo em câmera lenta. Viu rachaduras aparecerem no skryll, que começava a se fragmentar. Viu Cinco e Seis trocarem olhares horrorizados e se virarem para fugir, balançando os braços com força, correndo. Fênix viu os primeiros fragmentos se soltarem e perseguirem os dois, impossivelmente rápidos. Rápidos demais. Iam se aproximando mais e mais dos garotos a cada segundo.

E, de repente, Fênix soube o que fazer.

O fogo estava quase na superfície, como sempre, se contorcendo, esperando para ser usado. Não pensou, só o convocou, levantou a mão e o soltou. À luz baixa, a torrente de chama dourada era ofuscante. Saiu rasgando entre Cinco e Seis — que se jogaram por cima dos túmulos mais próximos para se proteger das chamas — e incinerou os fragmentos voadores, partindo o ar até onde a criatura ainda estava se desintegrando. O skryll soltou um grito sobrenatural quando o fogo o tocou, derretendo por todas as partes, os estilhaços gotejando.

— Fênix, *pare!* — A cabeça de Seis apareceu por cima do túmulo. Com o arco esticado, ele mirava a criatura que queimava. — Estou vendo o

coração!

E, rápido como o pensamento, o fogo desapareceu.

Flechas e mais flechas voaram do arco de Seis, mas a primeira foi certa no alvo. Com mais um grito sobrenatural, a criatura explodiu, cada pedaço se dissolvendo em poeira antes mesmo de tocar o chão.

No silêncio que se seguiu, dava para ouvir quatro respirações roucas.

De trás de Fênix, Zenith falou, a voz trêmula:

— Isso... foi uma *caçada*? — Os olhos da bruxa estavam arregalados. — Os livros tinham razão. Caçadores são *loucos*!

Capítulo 35

Fênix SENTIU O CORPO AMOLECER, ALIVIADO. A dor na perna e no braço se intensificou no mesmo instante. Ela fechou os olhos, sufocando um gemido. Quando os abriu de novo, Cinco, Seis e Zenith estavam parados à sua frente. Cinco parecia furioso, mas os outros dois claramente estavam embasbacados.

— Isso. Foi. Incrível. — Zenith parecia extasiada, seus olhos fixos em Fênix.

— É... obrigada — respondeu a garota, sorrindo mesmo apesar da dor. — Assim, aquele seu escudo também foi sensacional. Acho que você salvou minha vida.

Seis abriu um sorriso.

— Com certeza! — exclamou ele, mas o olhar de Fênix o fez piscar, e ele logo se corrigiu: — Mas... assim, você estava indo *superbem* sozinha.

Cinco, por sua vez, cruzou os braços diante do peito e olhou para a amiga com raiva.

— Você podia ter avisado que ia fazer isso. Quase cozinhou a gente! *De novo!*

— Desculpa. — Fênix fez uma careta de dor. — Não tive tempo de dar um alerta.

— *Sempre* tem tempo de dar um alerta quando se está prestes a lançar esse tanto de magia em cima dos seus amigos! — Ele se irritou.

Seis arregalou os olhos. Examinou Fênix de cima a baixo, como se a visse pela primeira vez.

— Você está de pé! — exclamou ele.

— E daí? — indagou a garota, franzindo a testa, confusa.

— Você usou sua magia e ainda está de pé!

Ele tinha razão. Aquilo a pegou de surpresa. Tinha conseguido parar o fluxo de fogo. Mas como? Tudo acontecera tão rápido.

Atrás deles, Fliss se mexeu e gemeu. Para se distrair, Fênix foi mancando até as bruxas.

— Você está bem?

Seu braço e sua perna latejavam com cada batida do coração. Tudo parecia confuso.

— Fênix! — ofegou Cinco, a raiva desaparecendo quando ela vacilou e quase caiu.

Um momento depois, todos estavam de novo ao seu redor. Sem a menor cerimônia, a manga de sua túnica foi cortada, e a perna da calça, rasgada, revelando as feridas. Seis amarrou um torniquete em sua perna.

— Apertado demais — resmungou Fênix.

Ele a silenciou com um olhar. Fênix respirou fundo e devagar pelo nariz algumas vezes e sentiu a cabeça desanuviar um pouco.

— Estou bem — disse ela, fazendo careta, conseguindo afastá-los meio passo. — Como está a Britt? — Os olhos de Fênix continuavam grudados na bruxinha ao lado de Fliss, que estava deitada no chão, assustadoramente imóvel. — Ela está... ela está respirando?

Fliss assentiu, pressionando o ponto onde a bruxa batera a cabeça.

— Está, sim. Só inconsciente.

Zenith assentiu.

— O feitiço de escudo ricocheteou nela.

As duas se encolheram.

— Perigos da magia de batalha — murmurou Fliss.

— Por que o seu não fez o mesmo? — perguntou Fênix para Zenith.

A bruxa fez careta, e Fliss se sentou mais reta, com uma expressão curiosa.

— Você conseguiu segurar? — perguntou Fliss.

— Você foi incrível! — comentou Fênix, surpresa com a reticência da jovem bruxa. — O escudo protegeu todos nós. Ela salvou nossa vida.

— Um escudo *completo*? — Fliss parecia espantada. — Zenith, é verdade?

— Aham. — A bruxa deu de ombros, se levantou e bateu a poeira da roupa.

De repente, Fliss riu e uniu as mãos.

— Mas isso é maravilhoso, Zenith! Não era esse seu último feitiço de Prova? Você está pronta para Emplumar!

A sequência de emoções que passaram pelo rosto de Zenith foi rápida demais para identificar.

— Pode ser — murmurou, e ofereceu a mão a Fênix para ajudá-la a se levantar.

— Shh! — sibilou Cinco, de repente, levantando a mão. Aí, quando Seis foi falar: — Cala a boca!

O ar tinha ficado mais frio, e a pele de Fênix estava se arrepiando de novo.

— Ah, não — sussurrou ela.

Lá em cima, a bruxiluz de Zenith finalmente se firmara, mas estava fraca, e a luz começava a esmorecer. A pedra da lua ainda estava no chão, a vários metros dali. Cinco pegou a pedra e Seis recolocou a corda no arco, dando cobertura.

— Melhor irmos logo — murmurou Cinco, voltando de ré na direção do grupo, atento a todos os lados.

Então, num uníssono arrepiante, cada estátua nas criptas inspirou fundo, asperamente.

E a mais próxima se sentou.

Capítulo 36

— Temos que sair daqui agora! — exclamou Seis.

Ele se levantou para erguer Britt, inconsciente, por cima do ombro. Os outros saíram correndo para longe da figura sentada, mas Fênix estava congelada, o coração batendo forte no peito, as pernas dormentes.

A coluna da estátua estava ereta como uma vara, a palma da mão pressionada na tampa do túmulo. Ela estava perfeitamente imóvel sob seu dossel, como se tivesse sido esculpida daquela forma.

Fênix se forçou a falar, num sussurro, uma esperança irracional nascendo:

— Não está mais se mexendo. Acho que...

A estátua a interrompeu, virando a cabeça, devagar, para encará-la. À luz da pedra da lua, seus olhos estavam cheios de sombras oleosas que se remexiam, igual os olhos do skryll e do wheever que tinham encontrado dias antes.

— Fênix? — A voz de Seis saiu trêmula.

— Como a Fissura Sombria está *fazendo isso*? — murmurou ela, o coração pulsando pânico pelo corpo todo.

Com um propósito contínuo e mortal, a figura passou uma perna pela lateral do túmulo, depois a outra, e foi para o chão antes de se endireitar bem devagar para mirá-los.

Widge deu um grito de alarme alto e agudo, a cauda se debatendo

loucamente.

— Vai, vai, vai! — gritou Fênix, empurrando os outros para trás, na direção da entrada do túnel.

Se uma estátua conseguia se mover daquele jeito, o que impedia todas as outras de fazer o mesmo? Não ficaria lá esperando para descobrir. À sua frente, corriam Zenith, depois Fliss e Seis, cambaleando sob o peso de Britt.

Onde estava Cinco? Em pânico, Fênix desacelerou, procurando pelo amigo, e, de repente, ele estava ao seu lado, passando o braço dela por cima do ombro e gritando para que ela mancasse mais rápido. A pedra da lua ainda estava em sua mão e, à luz, Fênix viu as mesmas sombras nadando nos olhos recém-abertos de cada estátua. Lá na frente, Zenith tentava conjurar bruxiluzes para guiar todos até a entrada, mas os orbes ainda se recusavam a durar mais do que alguns poucos segundos. À luz que se acendia e apagava, Fênix via outras efígies começando a se mover, virando a cabeça devagar.

A dor na perna e no braço era quase insuportável, e sua respiração estava ofegante e chiada.

Uma mão de gelo saiu de um dos túmulos, e Fênix conseguiu golpeá-la com o machado por pouco, logo antes de ser agarrada. A mão se soltou com um som, caindo da estátua e se estilhaçando no chão. A estátua se sentou, seu olhar sombrio e móvel fixo nela. A perda da mão parecia não ter sido notada.

— Continue — incentivou Cinco, ofegante, quando sentiu a amiga tensa, apertando o braço na cintura dela. — Estamos quase lá.

Não estavam. Os outros tinham se afastado ainda mais, mas Fênix se sentia desacelerando. A perna estava pesada como chumbo. Começou a tremer quando apoiava peso nela.

— Melhor você ir — disse ela. — Vou logo atrás.

— Boa tentativa. — A voz de Cinco estava firme, e seu rosto, sério à luz da pedra da lua. — Não vou largar você. *Anda. Mais. Rápido.*

— Estou tentando — sibilou Fênix, acometida por outro raio de dor.

Uma estátua rolou para o chão na frente deles com uma velocidade surpreendente. Fênix ergueu seu machado, mas Cinco chegou primeiro, arrancando a cabeça de gelo em um golpe rápido e limpo. Fênix cambaleou atrás do amigo, usando o machado como muleta até conseguir colocar o braço outra vez por cima do ombro dele. À frente, mais efígies saíam de seus locais de descanso, virando-se para encará-los. Seis, Zenith, Fliss e

Britt estavam quase na porta, mas Cinco e Fênix estavam com o caminho bloqueado pelas estátuas silenciosas que se aglomeravam entre eles e a entrada.

— Por aqui — ofegou Cinco, puxando-a entre os túmulos para outra fileira.

Mas por ali não era melhor: aquelas estátuas também estavam se levantando.

Com um som que era meio suspiro, meio soluço, Cinco parou. O caminho à frente estava bloqueado e, entre cada túmulo, juntavam-se cada vez mais figuras de gelo em tamanho real.

Fênix lançou um olhar desesperado por cima do ombro, tentando ver se podiam voltar, encontrar outro caminho, mas estavam bloqueados em todas as direções. Em uníssono, as estátuas deram um passo à frente, fechando a distância.

— Fênix — sussurrou Cinco, a voz estrangulada —, o que a gente faz?

A garota cerrou os dentes e tentou forçar o cérebro a entrar em ação, mas seus pensamentos estavam confusos, o pânico a impossibilitava de pensar com clareza.

Foi Widge quem mostrou para onde ir. Saindo da proteção das peles, o esquilo subiu no ombro de Fênix e saltou para o túmulo mais próximo, agora já sem as esculturas. Ele parou ali, uma pata erguida, mirando os humanos com os olhos urgentes e, em seguida, subiu correndo pela pilastra até o dossel, vários metros acima da cabeça deles.

— Os topos dos túmulos! — exclamou Fênix. — Se aguentarem o peso, talvez a gente possa se defender de lá. Sobe!

Cinco a encarou fixamente por um momento, depois seu rosto se iluminou de esperança. Ele escalou, então girou para trás para puxá-la, grunhindo com o esforço. A cobertura de gelo rangeu e chiou sob o peso dos dois, mas aguentou.

O espaço entre cada túmulo era de mais ou menos um metro e meio, dava para atravessar com um salto.

— Vamos lá — ofegou Cinco. — *Pula!*

E então lá estava ele, de pé no topo do túmulo seguinte. Abaixo, centenas de rostos sem cor se inclinavam para cima, predadores frios rastreando as presas.

Fênix fez uma careta de dor. Sua perna era um peso morto, mal conseguia segurá-la. Cerrou os dentes e deu o melhor de si, mancando o mais rápido que pôde antes de se lançar para a frente. A mão de Cinco

encontrou a dela em pleno ar e, com um grande impulso, o amigo a puxou para seu lado. Mãos congeladas se ergueram imediatamente, tentando agarrar os tornozelos dos dois.

— Cinco! Fênix! — A voz de Seis estava alta e em pânico, ecoando loucamente pelas criptas.

Fênix viu o resto do grupo reunido na entrada, olhando para eles.

— Estamos cercados! — avisou, a voz embargada.

Com determinação de aço, Cinco a arrastou para a frente e atravessou a abertura seguinte. Fênix gritou de dor quando o impacto sacudiu a perna e o braço machucados. Cinco a puxou várias vezes, até que sua respiração ficou ofegante, e Fênix sentiu a perna enfim ceder. O amigo se lançou com tudo contra uma mão gelada que a agarrava, mas o rosto dele estava marcado de desespero.

Vê-lo tão desesperado despertou algo dentro dela e, de repente, os fios de calor voltaram a percorrê-la. Com um sobressalto, Fênix se deu conta de que poderia estar ferida demais para brandir um machado, mas não para usar seu fogo.

— Me puxe para cima! — exclamou.

— Você vai tentar me incinerar de novo, né? — resmungou Cinco, chutando uma estátua que quase conseguira subir no túmulo em que estavam.

A única magia que tem lá fora agora é a dos monstros. De repente, aquelas palavras soaram nos ouvidos de Fênix, ensurdecedoras.

— Você acha que sou monstruosa porque tenho magia? — perguntou ela, deixando escapar.

— Queê? — Cinco se virou para encará-la. — Do que você está falando?



Em seu ombro, Widge parecia tão assustado quanto Cinco, olhando de um para o outro, a cauda balançando, confuso.

— No dia em que chegamos, você disse a Zenith que a magia...

— Você quer falar sobre isso *agora*? — interrompeu Cinco.

Como se para confirmar o momento inadequado, uma mão de gelo serpenteou e agarrou o tornozelo dele. Cinco a golpeou com violência até que a mão o soltou.

Fênix engoliu uma onda de dor.

— Não é a melhor hora — concordou —, mas não consigo parar de pensar nisso.

Cinco abriu a boca e a fechou de repente.

— Está bem — cedeu. — Entendo por que você ficou incomodada.

— Você tem muito medo de magia — falou Fênix, desviando de outra mão que a agarrava.

Seu coração estava acelerado num ritmo desagradável, e aquilo não tinha nada a ver com a situação em que se encontravam.

— Não tenho *medo* de nada! — exclamou Cinco, chutando para longe uma estátua que estava tentando se aproximar. — Mas... bom... você viu o que está acontecendo aqui? É tudo culpa da magia! — O amigo se virou de volta para ela, falando rápido: — Se eu não conhecesse você, teria muito medo — continuou, impaciente. — Mas eu conheço, então não tenho. Sacou?

Fênix sorriu.

— Então, será que agora você pode usar sua magia aterrorizante para nos salvar? — Um brilho surgiu de repente nos olhos dele, o que a animou mais do que o amigo poderia imaginar.

Fênix sorriu.

— Vou ver o que posso fazer.

O fogo se enroscou nela, aquecendo a perna e o braço machucados, ardendo para ser liberado. Estava mais determinada a controlá-lo do que nunca. A seus pés, outra estátua tentava se erguer até os dois.

Pequeno. Controlado.

Em vez de uma torrente furiosa, uma única bola de fogo explodiu de seus dedos. O projétil atingiu a escultura bem no peito, derretendo todo o lado direito e arremessando-a para fora da luz da pedra da lua, de volta para a escuridão. Fênix prendeu a respiração, uma onda de prazer crescendo dentro dela.

— *Isso!* — exclamou Cinco. — Foi incrível! — Então, preocupado, já que mais estátuas avançavam: — Você consegue fazer de novo?

Ela conseguia. Era exatamente como Nara havia sugerido. Em vez de escancarar a porta do poder, poderia abri-la só uns centímetros, só uma frestinha. Os resultados não eram menos poderosos, mas eram muito mais controlados. Estátua após estátua foi arremessada para longe, despedaçada. Fragmentos de gelo reluziam à luz da pedra da lua, mas as estátuas não paravam de vir. Fênix lançou mais duas rajadas de fogo.

— Quanto tempo você consegue manter isso? — perguntou Cinco, ansioso.

Antes que a garota pudesse responder, uma mão agarrou seu tornozelo e a puxou. De repente, ela estava caindo, batendo no chão com tanta força que perdeu o fôlego.

— Fênix! — gritou Cinco, caindo ao lado dela.

Ao longe, ela ouviu Seis gritando também. Cinco se atirou com força contra as estátuas que se aproximavam.

— Levanta! — bradou ele.

Uma estátua a agarrou pelos ombros, prendendo-a com um aperto forte a ponto de deixar hematoma. A estátua aproximou seu rosto inexpressivo de tal forma que Fênix só via as bolhas de ar presas no gelo. Então falou:

— *Te peguei.* — Sua voz era de um horror áspero e rastejante, que agitou as entranhas de Fênix com terror.

Levantou a mão para explodir a estátua, mas congelou. As sombras em seus olhos escorreram devagar pelas bochechas como um líquido, desceram pelo queixo, se dissolveram em fumaça e, então, em nada. A estátua ficou imóvel, os olhos voltaram a ser gelo, o corpo não estava mais animado.

Um grito de surpresa saiu de Cinco, e, um momento depois, também de Seis, Zenith e Fliss. Todas as figuras estavam imóveis e silenciosas, tinham voltado a ser apenas estátuas.

Cinco ficou imóvel, chocado, depois olhou para Fênix.

— Quem sabe quanto tempo isso vai durar — disse, sombrio, quebrando os dedos da estátua de gelo que segurava Fênix para que ela pudesse se soltar. — Vamos dar o fora daqui.

Juntos, mancaram em direção a Seis, prendendo a respiração ao se espremerem por entre as estátuas agrupadas.

O coração de Fênix martelou no peito até estarem de volta à entrada. Seis os puxou para um abraço feroz de um braço só, Britt ainda

inconsciente sobre seu ombro.

— Fora daqui! — gritou Fliss, levando todos de volta para o túnel até o lago. — Rápido!

Juntos, correram pela passagem inclinada, saíram pela porta e subiram os degraus até a superfície do lago.

Na mesma hora, a visão de Fênix se encheu dos rostos preocupados das mães de gelo, seus ouvidos, do som alarmado delas. Então Sete estava correndo em direção ao grupo, com Yelara e o resto das bruxas atrás.

— Vocês estão bem? — gritou a Bruxa Chefe. — Sete acabou de vir falar comigo. Disse que vocês estavam sendo atacados!

Sete chegou primeiro, o rosto mortalmente pálido, puxando Seis para um abraço, depois Cinco e Fênix também.

— Vocês conseguiram sair! — exclamou a menina. — Por um momento, pensei que...

Fênix sentiu seu tremor.

Seis deixou Britt inconsciente nos braços de várias bruxas preocupadas, que a levaram embora na mesma hora.

— Temos que selar as criptas — disse Fliss a Yelara, com urgência. — Não há dúvida que é por ali que as criaturas das sombras entram, embora ainda não saibamos como.

— Concordo — murmurou a Bruxa Chefe. Ela se virou para as bruxas atrás de si. — Vamos colocar o máximo de guardas e defesas que pudermos lá embaixo. — Ela respirou fundo. — E vamos demolir o túnel.

Murmúrios surpresos se espalharam pelas bruxas.

— Precisamos fazer isso — disse Yelara —, e rápido. Até sabermos o que está causando isso e podermos acabar com o problema.

A maioria das bruxas assentiu, embora Fênix visse o quanto aquilo lhes custava. Os restos mortais de pessoas que amavam estavam lá embaixo.

Depois que as bruxas desapareceram debaixo do lago, Fênix, Cinco, Seis e Zenith desabaram ali mesmo, na ilha, em um silêncio atordoado. Sete também se jogou no chão, envolvendo o joelho com os braços. Ainda estava pálida.

— Isso — começou Cinco, um minuto depois, os dentes cerrados —, foi ainda pior do que a Floresta Congelada. — Ele se remexeu, lançando um olhar de desaprovação para Fênix. — E, no futuro, pode *por favor* escolher um momento menos estressante para conversar?

Fênix deu uma risada fraca e assentiu, afastando os olhares questionadores dos outros.

Zenith estava encostada na árvore dos banquetes, a exaustão visível em cada linha de seu corpo. Cinco levantou a cabeça para encará-la e disse:

— Você foi mais útil do que eu imaginava — admitiu, de má vontade.

A gargalhada alta da jovem bruxa pegou todos de surpresa.

— Tá bom — admitiu Cinco, com um sorriso de canto —, você foi mais do que útil. Acho que você salvou nossa pele lá embaixo, com o skryll. Entendo por que ter uma bruxa em uma equipe de caça seria uma boa ideia.

Zenith ainda estava rindo, mas assentiu para Cinco.

— E eu entendo por que uma bruxa poderia querer fazer parte de uma equipe dessas. Aquilo foi... — Ela procurou a palavra certa. — Sensacional! — Seu sorriso era mais brilhante do que uma bruxiluz. — Nunca pensei que vocês fossem tão... — Ela hesitou, fazendo uma careta.

— Incríveis? — completou Cinco, cheio de esperança. — Inteligentes? Lindos?

— Competentes — disse Zenith, com ar de zombaria, o que, estranhamente, lembrou Fênix de Gear.

Seis sorriu.

— Sim, somos todos muito bons com nossas armas. Sabe como é, para Caçadorezinhos.

Fênix bufou.

— Parem de me fazer rir — pediu. — Está doendo muito.

Sete observou todos em silêncio, as bochechas ainda terrivelmente pálidas.

Zenith se levantou e ofereceu a mão a Fênix.

— Vem — disse. — Melhor levar você para a enfermaria. Está sangrando por todo lado.

— Eu posso fazer isso — respondeu Sete, depressa, levantando-se em um pulo para segurar Fênix.

— Não tem problema — falou Zenith, acenando para dispensá-la. — Eu levo.

Fênix deixou ser levada pela jovem bruxa, sem notar a decepção no rosto de Sete.

— Como você fez aquilo? — perguntou Zenith, ajudando Fênix a passar pela árvore dos banquetes, os outros vindo atrás. — Aquela coisa com o machado, quando o skryll estava atacando. Os fragmentos se moviam tão rápido que mal dava para ver cada um.

— Ah. — Fênix deu de ombros, mas se encolheu com o raio de dor que

desceu pelo braço. — É prática. — Ela hesitou. — Como você fez aquilo com o escudo cobrindo todos nós de uma vez?

Zenith olhou nos olhos de Fênix e sorriu.

— É prática.

Capítulo 37

— Bem — começou Yelara, mas parou e balançou a cabeça, olhando ao redor.

Fênix, Cinco, Seis, Sete e Zenith estavam todos na enfermaria. De todo o Jardins de Gelo, era um dos lugares que mais lembrava o Pavilhão de Caça. Oito camas estreitas dispostas em duas fileiras organizadas, uma de frente para a outra. Peles tinham sido estendidas por cima de colchões maravilhosamente confortáveis, e o fogo crepitava alegremente na lareira. Os travesseiros eram de penas macias, e até o ar parecia imbuído de bem-estar.

Fênix se beliscou para manter os olhos abertos, praguejando contra o conforto excessivo do ambiente.

Cinco e Sete estavam empoleirados ao pé de sua cama, já Seis e Zenith estavam sentados na cama logo ao lado. Britt e Fliss dormiam, a respiração suave e sincronizada.

— Conseguiram selar as criptas? — perguntou Fênix, se ajeitando numa posição mais confortável.

A curandeira dos Jardins de Gelo, uma bruxa alta e magra chamada Retta, passara algo pegajoso, verde e pungente nos machucados do braço e da perna dela. As feridas tinham se fechado espantosamente rápido, mas os membros ainda latejavam.

— Sim — respondeu Yelara. — Tomara que seja uma medida

temporária, mas... — Ela parou, sacudindo a cabeça. — Pegamos amostras das estátuas para tentar descobrir o que aconteceu. Mas eu sinto muitíssimo. Eu nunca, *nunca* teria mandado vocês lá para baixo se...

— A gente sabe — interrompeu Fênix. — E pode ficar tranquila: parte do trabalho de um Caçador é esperar o inesperado.

Cinco engasgou e olhou feio para ela.

— Mas aquilo foi *muito* inesperado.

— P-posso ajudar com alguma coisa? — perguntou Sete, os olhos na Bruxa Chefe.

— Você já fez muito, Sete — disse Yelara, a voz cheia de carinho. — Se não tivesse ido atrás de mim naquela hora...

— Imagino que você não tenha visto o que causou isso, né? — perguntou Cinco a Sete. — Não viu como o skryll entrou? Por que as estátuas... é... acordaram?

Sete fez que não, os ombros caídos.

— Desculpa. Eu... — Ela parou de falar de repente, balançando a cabeça.

— Você não tem nada pelo que se desculpar — interveio Seis, feroz.

— Não mesmo — concordou Fênix. — Você está fazendo tudo o que pode.

Sete deu um leve sorriso.

— P- pois é, muito útil eu ficar na biblioteca enquanto v-vocês lutam pelas suas vidas.

Fênix ficou olhando a amiga, sem conseguir pensar nas palavras certas para consolá-la. Cinco e Seis também pareciam perdidos. Widge, porém, pulou com leveza do colo de Fênix para o ombro de Sete, dando uma lambidinha no lóbulo da orelha da menina e arrancando um sorriso trêmulo dela.

— É a Fissura Sombria — disse Fênix, voltando a atenção a Yelara. — Só pode ser. Os olhos das estátuas estavam todos pretos, iguais aos do wheever e do skryll. A influência dessa coisa está se espalhando, está mudando.

Um tremor horrível perpassou seu corpo, e, para disfarçar, Fênix passou as mãos na pele que cobria sua cama. Sabia o que aquilo significava: teria que enfrentar a Fissura, e muito em breve. Talvez aquele momento viesse cedo demais.

— Acho que você deve estar certa — respondeu Yelara, balançando a cabeça. — Mas vamos continuar nossos testes, só para garantir. Eu mesma

estou supervisionando, então é melhor eu ir logo para as bruxerias. — Ela suspirou. — Vai ser um *longo* dia. — Com isso, ela sorriu para cada um dos presentes com calor genuíno no olhar. — Vocês todos foram espetaculares hoje e deviam estar muito orgulhosos do que fizeram. — Ela se virou para sair, mas hesitou e olhou para trás. — Zenith, é verdade que você conjurou um escudo completo?

A jovem bruxa deu um pulo, obviamente surpresa, então fez que sim.

A Bruxa Chefe deu um sorrisinho.

— Então algo bom veio disso tudo. Já vi você conjurar um óculo e ser bem-sucedida no feitiço de transformação. Nara disse que você é proficiente com o Véu e com portais. O escudo completo era o obstáculo final. Já posso afirmar que você conjurou todos os cinco feitiços de Prova?

Zenith engoliu em seco e assentiu.

O que era um feitiço de Prova? Seis encontrou o olhar de Fênix e deu de ombros.

— Então está pronta para Emplumar. — Yelara deu risada, seu rosto se iluminando de repente. — E só tem quinze anos. — O sorriso diminuiu um pouco, e ela completou: — Mas só se você quiser, Zenith. Não precisa fazer isso agora só porque pode. Você sabe disso. Sem pressa. Pense no assunto.

A jovem bruxa se levantou e balançou a cabeça, dizendo:

— Não, eu estou pronta. Quero fazer.

Yelara assentiu.

— Achei que você diria isso. Nesse caso, daqui a uma semana. Nada de magia até lá.

Ela pegou a mão de Zenith e apertou com firmeza. As duas trocaram um olhar feroz e incompreensível. Em seguida, Yelara partiu, capa coberta de penas desaparecendo pela porta.

— O que foi isso? — perguntou Cinco, franzindo a testa.

— Uma semana para eu me preparar antes de Emplumar — disse Zenith, parecendo nervosa de repente. Até mais do que nervosa. — Tônicos de fortalecimento todo dia e nada de magia.

Cinco franziu o cenho.

— Por quê?

Zenith engoliu em seco antes de explicar, escolhendo as palavras com cuidado.

— A magia usa a energia da bruxa para fazer efeito.

Isso assustou Fênix, que se sentou ainda mais reta. Zenith podia estar

falando de magia elementar, em vez da própria. Jamais considerara que pudesse haver tanta semelhança entre as duas.

— Quase todos os feitiços em geral só pegam um pouco de energia — continuou Zenith —, às vezes tão pouco que a gente nem sente. — Ela ficou olhando o fogo, pensativa. — Mas o feitiço de Emplumar é diferente. Precisa de preparação.

De repente, Fênix foi tomada por um mau presságio. Lembrou como os braços de Zenith tremiam quando a jovem bruxa conjurou o escudo para protegê-los, como se segurasse um peso físico.

— É perigoso? — perguntou, fixando os olhos no rosto de Zenith.

A jovem bruxa fingiu não ter ouvido a pergunta e abaixou a cabeça, mas não antes de Fênix notar um espasmo de medo em suas feições.

— Zenith? — insistiu, sua preocupação espelhada no rosto dos outros.

Só Sete não parecia preocupada, de repente estava muito interessada na lareira.

— Bebam isto aqui, vocês duas — interrompeu Retta, a curandeira, voltando apressada com dois copos de um líquido violentamente azul.

O tom não dava espaço para discussão, e ela entregou um copo para Fênix e outro para Zenith.

Fênix tomou um gole e engasgou.

— O que é isso?

Até Widge, que considerava comer quase tudo o que via, recuou.

— Parece xixi de lobo-do-inverno! — exclamou Cinco, enrugando os lábios de nojo.

Seis se inclinou à frente, querendo olhar mais de perto, mas voltou com tudo para trás.

— Argh! E tem o mesmo cheiro!

— *Não é xixi de lobo-do-inverno* — retrucou Retta, endireitando o corpo, assumindo cada centímetro de sua altura considerável. — Ainda mais porque essa substância não tem nenhuma propriedade mágica.

— Parece exatamente o que alguém que está tentando obrigar os outros a tomar xixi diria — cochichou Cinco.

— Já chega: fora daqui! — gritou Retta, irritada.

Um dedo furioso e trêmulo apontou a porta para Cinco, Seis e Sete, e Widge voltou para o colo de Fênix. Só quando os três tinham desaparecido de vista é que Retta se voltou às pacientes, respirando fundo.

— É uma poção fortalecedora — disse, a voz estridente. — Não tem nenhuma urina... — Ela parou e se sacudiu.

Fênix encontrou o olhar de Zenith e desviou rápido para não cair na gargalhada.

— É uma das nossas fórmulas mais potentes — continuou Retta, com dignidade. — Uma receita muito antiga. É para vocês tomarem tudo, e só vão sair daqui depois disso.

Ela olhou feio para as duas pacientes.

Fênix foi treinada para reconhecer as batalhas que não tinha como vencer. Com um grunhido, levou o copo fedorento mais uma vez aos lábios.

Capítulo 38

— Como está a perna? — perguntou Nara, no dia seguinte.

Ela levantou os olhos para Fênix. A bruxa estava descarregando uma série de caixas e frascos descombinados em uma bancada longa e baixa na bruxeria que agora usavam para treinar.

Fênix deu de ombros.

— Dói um pouco, mas, fora isso, está ótima. Não sei o que era aquele negócio, mas é até melhor do que woundwort. Meu braço não está doendo nada!

— Ótimo! — disse Nara. Ela se endireitou e examinou Fênix de cima a baixo, avaliando-a com franqueza. — Você passou por uma provação e tanto ontem.

Fênix afastou memórias das efígies de olhos pretos.

— Então, o que vamos fazer hoje? — perguntou, mudando de assunto, examinando a variedade de caixas e frascos que a bruxa estava mexendo.

Pela primeira vez, estava realmente animada com a aula. As criptas tinham trazido um progresso em seus poderes, e ela estava decidida a fazer com que aquilo fosse só o começo.

— Um tipo de teste, suponho — explicou Nara. — Algo para aproveitar seu sucesso em controlar o fogo na noite passada. — Ela apontou para os itens dispostos em cima da mesa. — Trouxe algumas substâncias mágicas, das mais fracas até as mais poderosas. Acho que, colocando seu fogo

contra cada uma, progredindo para os materiais cada vez mais perigosos, poderemos ter uma ideia melhor do que você é realmente capaz.

Fênix hesitou.

— Não tenho certeza se entendi.

— Você vai tentar destruir cada uma dessas coisas — explicou Nara, simplesmente. — Para isso, terá que ajustar a quantidade de fogo em cada tentativa, algo que ainda não tentamos.

— O próximo nível de controle. — Fênix assentiu, pensativa.

O que Nara propôs. Mais ou menos. Ela queria saber se o fogo de Fênix era poderoso o suficiente para destruir a Fissura Sombria. A jovem reprimiu uma onda de medo.

Incentivada, Nara continuou.

— Vamos começar com a pele de areneira. A mágica é bem fraca, com propriedades puramente defensivas, então não vai haver nenhuma retaliação.

— Repelente de fogo? — perguntou Fênix, pensando na capa que Nara usara na primeira aula.

— Exato. — A bruxa sorriu.

Fênix lançou um olhar hesitante para os outros itens em cima da mesa. Não reconhecia a maioria, mas não duvidava de que alguns fossem perigosos.

— Falamos sobre os outros mais tarde — disse Nara. — Vamos nos preparar para cada um em pequenos passos. Vamos encontrar seu limite sem colocar você em perigo.

— Muito bem, então. — Fênix assentiu. — Vamos lá.

Em seu ombro, Widge parecia animado.

— Vou criar um óculo — anunciou Nara, lançando a capa para longe dos ombros e, de repente, parecendo muito profissional. — Parecido com o que contém a Fissura Sombria, mas muito menor.

A sala ficou fria, e um vento levantou os cabelos de Fênix. Um momento depois, um vórtice de ar girava na frente de Nara, o centro perfeitamente imóvel e claro como um espelho.

A bruxa à sua frente se curvou um tanto, de repente sem fôlego.

— Deve ter sido um feitiço difícil — comentou Fênix, vendo-a recuar e se encostar na parede, a cabeça baixa.

— Um dos mais difíceis — confirmou Nara, quando recuperou o fôlego. — É por isso que é tão difícil ter que renovar sempre o feitiço que contém a Fissura Sombria. — Ela deu um sorriso fraco ao notar o olhar

questionador de Fênix. — Pode olhar mais de perto, se quiser: é mais atrativo quando não tem uma Fissura Sombria raivosa dentro. Só não encoste. O mais importante é entender que isso permite que a magia entre, mas não que saia. Então vamos jogar os itens mágicos e seu fogo lá dentro, mas nada vai conseguir escapar para nos ferir.

Nara desenrolou a pele de areneira e Fênix se aproximou do óculo, curiosa. Descobriu que podia contornar todo o vórtice, mas em nenhum momento conseguia ver através dele. O meio parecia claro, mas também estranhamente... ausente. Sentiu os pelos de seus braços se arrepiarem, e Widge desceu de volta gola abaixo.

Quando terminou de dar a volta no óculo, Nara já estava pronta, segurando a pele de areneira com um sorriso animado.

— Lá vamos nós! — anunciou, jogando a pele com delicadeza no centro liso do feitiço. O item ficou suspenso no ar, numa visão desconcertante. — Pronta? — perguntou a bruxa, chamando Fênix para a frente. Então, colocando as mãos nos ombros da garota, guiou-a para perto do óculo até que ficasse de frente para o feitiço. — Pronto — murmurou —, o lugar ideal.

Fênix assentiu e respirou fundo, bem devagar, convocando o fogo, sentindo-as despertar. Estava ficando mais fácil, percebeu, tomada por uma mescla de medo e prazer. Quando sentiu os dedos formigando, ergueu a mão direita e permitiu que um filete escapasse, como uma bola de fogo pequena. A chama disparou bem no meio do feitiço e se espalhou pela pele de areneira. Ouviu a bruxa ao seu lado inspirar quando o fogo se cessou.

— Cadê? — perguntou a garota, examinando o espaço vazio. — A pele? Desapareceu!

Com os lábios se curvando em um sorriso satisfeito, a bruxa assentiu, antes de comentar:

— Como eu suspeitava. Seu fogo é muito mais poderoso do que a magia da pele de areneira.

Fênix estremeceu.

— Ainda bem que não acertei você no primeiro dia, então. Aquela capa não teria adiantado muito.

O sorriso de Nara se desvaneceu.

— É verdade — respondeu, sombria. — Na ocasião, eu nunca tinha visto o fogo elementar. Parte de mim achava que os registros que li não poderiam ser verdade, que deviam ter sido exagerados. — Ela se voltou

para Fênix. — Obviamente, eu estava errada. Como você se sente?

A garota deu de ombros.

— Bem.

— Então vamos em frente. — Nara abriu um sorriso, sua animação contagiante.

Fênix já passara por pedra do coração, água escura e hálito de quimera quando Nara lhe entregou um par de óculos de proteção.

— Para que isso? — perguntou, intrigada e um tanto preocupada.

A água escura sozinha exigira uma quantidade surpreendente de fogo para ser destruída, talvez por Fênix ter se distraído pensando em como Cão estava tendo que enfrentar aquele terrível poder sozinho. O Guardião devia ter chegado ao Fecho dias atrás. A garota ansiava por notícias dele, por saber que estava bem. Desejou poder vê-lo, falar outra vez com ele.

— A próxima substância é uma sondaluz — explicou Nara, apontando com a cabeça para os óculos na mão de Fênix. — Pode acreditar: você não quer olhar para uma coisa dessas sem isso. — Ela hesitou, olhando Fênix com atenção. — Precisa de uma pausa?

A garota negou com a cabeça bem depressa, dizendo:

— Não. Vamos lá.

Então colocou os óculos e os ajustou sobre os olhos, a mente voltando ao que conseguia se lembrar da entrada de *Um bestiário mágico* sobre as criaturas que criavam as sondaluzes.

Sondasmas são predadores aquáticos temíveis... tenha cuidado com um fenômeno altamente perigoso, terreno, conectado a essas criaturas.

Se houver pouca disponibilidade de presa na água, o sondasma se grudará à base de um penhasco... soltar sondaluzes... orbes de luz que podem flutuar por muitos quilômetros... impossivelmente fascinantes... hipnotizadas, as presas são levadas de volta ao penhasco... até as mandíbulas do sondasma que espera abaixo.

... até ursos-de-neve e skrylls... seguem as sondaluzes até sua morte. Essas luzes devem ser evitadas a todo custo. Ainda assim, óculos de proteção feitos de vidro do deserto parecem entorpecer seu poder.

Agressão: 9/10.

Perigo representado: 9/10.

Dificuldade de incapacitar: 10/10.

Fênix franziu a testa. Pelo menos dessa vez conseguira lembrar as classificações, mas queria mesmo ter tido tempo para reler *Um bestiário mágico*; andava com muitas lacunas na memória.

Widge escolheu esse momento para sair de volta da cobertura de peles. Fênix balançou a cabeça para ele.

— É melhor se proteger, Widge — sussurrou. — Não temos óculos de proteção do seu tamanho.

O esquilo soltou um chilreio rabugento em concordância e prontamente desapareceu de novo entre as peles.

Nara colocou os próprios óculos de proteção, então girou a trava de uma caixa que parecia feita de pedra preta, liberando a sondaluz no óculo. A luz ricocheteou com violência, ofuscantemente branca, irregular e furiosa.

Fênix verificou se os óculos de proteção estavam seguros e se aproximou mais um pouco. A sondaluz se enfureceu ainda mais, exalando malícia. Dava para sentir as intenções sombrias mesmo através do vidro do deserto que cobria seus olhos.

A batalha contra aquela luz foi ainda mais difícil do que contra a água escura, ainda mais porque a sondaluz era muito rápida e feroz. A coisa conseguiu se esquivar de várias bolas de fogo e pareceu absorver duas, tornando-se ainda mais brilhante. Foi um choque. Cerrando os dentes, Fênix lançou várias torrentes generosas de fogo, sem dar oportunidade para que a sondaluz se esquivasse.

Alguns minutos depois, tirou os óculos de proteção, sorrindo, satisfeita consigo mesma.

— Como foi? — perguntou Nara, e Fênix não pôde deixar de notar que ela parecia extremamente aliviada.

— Ótimo — respondeu, examinando o óculo vazio com certa satisfação. Era muito estimulante vencer contra substâncias perigosas como aquela. — O que vem agora?

— Na verdade, acabou — disse Nara. — Você se saiu superbem. Eu jurava que a sondaluz daria mais trabalho do que isso.

— Acabou?

Fênix sentiu o sorriso vacilar um pouco. Por trás da satisfação com o teste estava a esperança de que provaria a si mesma ser capaz de destruir a Fissura Sombria. Mas, por mais assustadoras que fossem algumas daquelas substâncias, nenhuma chegava perto da força da Fissura.

Nara percebeu o que Fênix estava pensando.

— Não tem nada que se compare com a Fissura — explicou, estremecendo. — Mas... eu acho que você está pronta para esse confronto.

Um frio terrível se espalhou pelo corpo de Fênix; Widge sentiu e voltou para seu ombro, se pressionando contra sua bochecha. Ela não visitava a Fissura desde o ataque, mas sabia que aquela coisa continuava crescendo o tempo todo, sempre rompendo as defesas que as bruxas usavam para contê-la, drenando a magia dos Jardins de Gelo, aumentando a ameaça a Ember.

Nara continuou:

— O que você fez nas criptas e o nível de domínio que demonstrou agora... você avançou mais do que eu imaginava ser possível em tão pouco tempo. Eu...

— Você quer que eu enfrente a Fissura *agora* — sussurrou Fênix.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Não... agora não. — Nara fez careta, não conseguindo encarar a pupila nos olhos. — Mas em breve. — Ela se interrompeu e passou a mão no rosto. Depois se endireitou e olhou para Fênix. — A passagem para a Fissura Sombria está desmoronando. As paredes e o piso de lá já são mais água do que gelo, mal conseguem suportar nosso peso. Toda magia que usamos para tentar consertar isso é imediatamente drenada. Se... Se não conseguirmos chegar à Fissura, não poderemos renovar o óculo que a contém, o que significa...

— Que em breve ela pode se libertar — concluiu Fênix, petrificada.

Nara assentiu, apertando os lábios numa linha fina.

— Muito em breve.

O coração de Fênix estava acelerado. Tinha mais medo da Fissura Sombria do que já tivera de qualquer outra coisa. E tinha certeza de que, se a enfrentasse, não venceria.

Será que podia contar aquilo a Nara?

Olhou para o rosto da bruxa, cheio de esperança e desespero, e soube que não, não podia, não com tanta coisa dependendo dela.

— Quando? — perguntou, baixinho, o medo dificultando a fala.

— Quanto mais cedo, melhor — respondeu a bruxa, engolindo em seco. — Talvez...

— Amanhã, então — completou Fênix, de repente.

Ela se virou e foi até a porta, de forma que Nara não pudesse ver a expressão em seu rosto ou o suor repentino que brotou em sua testa. Widge mergulhou na pele de urso, apertando-se contra ela em uma

bolinha compacta e trêmula enquanto a garota completava, por cima do ombro:

— Vou enfrentar a Fissura Sombria amanhã de manhã. Logo cedo.

Capítulo 39

Em seu quarto, Fênix encarava a chama da vela, os dentes e os punhos cerrados, tentando dormir. Jantara com os amigos, mas, por algum motivo, não conseguira encontrar palavras para contar a eles o que teria de fazer no dia seguinte; que estava preocupada com o fato de que aquele seria seu último dia.

O medo, o mais intenso que já sentira, ressoava em seu corpo, e seu coração batia como se estivesse correndo. Nem mesmo Widge, apertado com firmeza contra seu pescoço, conseguia distraí-la do terror.

Como se colocara naquela situação? Não queria morrer.

Talvez pudesse simplesmente se levantar e ir embora; calçar as botas, sair dos Jardins de Gelo, atravessar os Desertos Congelados. Podia escapar. Sobreviver.

Mas a que custo?

Pouco a pouco, mesmo a contragosto, Fênix se forçou a considerar a realidade do que estava imaginando. Conseguiria mesmo abandonar as bruxas que tinham lhe pedido ajuda? Conseguiria deixar os amigos para trás, em um lugar que sabia ser perigoso? Abrir mão do nome de Caçadora pelo qual tanto lutara? Permitir que o Ember e todos os seus habitantes fossem destruídos?

O que sua irmãzinha pensaria disso? O que Cão diria se soubesse o quanto ela queria fugir?

Fênix sabia não iria embora dali. Não *podia* ir embora dali. A constatação não ajudava a acalmar a respiração irregular, a agitação de enjoo nas entranhas.

Naquele momento, decidiu que pediria a Nara que levasse seus amigos e todas as bruxas para o Beiral antes de enfrentar a Fissura. Quanto mais longe estivessem dos Jardins de Gelo quando sua magia falhasse, quando aquela coisa enfim cumprisse seu propósito mortal, melhor. Pelo menos o Beiral ficava no alto e talvez escapasse do pior dos danos da onda.

Parecia impossível, impensável, que ela conseguisse dormir, mas, de repente, estava sonhando — de volta ao mercado flutuante.

— Ótimo! É isso aí! — falou Reed, na beira da água, empolgado, incentivando Poppy. — Chute com mais força! — Então, um momento depois: — Não prenda a respiração!

De seu esconderijo atrás de alguns caixotes empilhados por perto, Starling observava os movimentos da irmã com atenção, tentando memorizar as instruções de Reed. O dia estava muito quente, e o suor escorria por suas costas. A água parecia maravilhosamente fresca — teve que afastar o pensamento assim que lhe ocorreu. Estava ali para se certificar de que a irmã estava segura, só por isso.

Naquela manhã, Poppy insistira que Reed ficaria feliz em ensiná-la também, mas algo em Starling se opôs. Em parte, era porque Poppy tinha sugerido — no geral, Starling era quem planejava as brincadeiras —, mas outro canto de seu cérebro se perguntava se aquilo sequer era permitido. Um garoto do clã dos rios não seria bem-vindo em Poa, muito menos teria permissão de ensinar qualquer coisa a Poppy. Mas as regras eram diferentes ali, naquele lugar que era de todos e não era de ninguém. A incerteza se espalhou por ela, e Starling estava desconfortável, um contraste com o deleite da irmã por estar perto dos outros clãs.

Na água, Poppy começou a tossir, e Starling ficou tensa, pronta para correr até ela, mas Reed já estava lá, puxando-a para fora, batendo em suas costas.

— Quando eu disse para “respirar”, estava falando de quando sua cabeça estiver fora da água! — Ele ria, mas não com grosseria.

— Obrigada — Poppy ofegou, recuperando o fôlego, se jogando no chão e batendo os pés ainda na água. — É mais difícil do que parece.

Reed sentou-se ao lado dela, dando de ombros.

— No começo, talvez. Não me lembro de quando aprendi, mas acho que é como qualquer outra coisa: quanto mais você pratica, mais fácil fica. — Ele deu uma olhada de esguelha para Poppy. — Starling não quis vir, então?

A menina negou a cabeça, o cabelo molhado lançando gotas nele.

— Não.

Starling tentou não se sentir culpada ao ver como os ombros de sua irmãzinha se curvaram.

— *Ela é bem diferente de você, né?* — comentou Reed. *Não era bem uma pergunta.*

— *Talvez.* — *Poppy parecia incerta.* — *Nunca pensei muito nisso.*

— *Ela é diferente* — declarou Reed, *o tom definitivo.*

De repente, Starling desejou muito não ter ficado ali depois que Poppy saiu da água. Já sabia que a irmã estava segura, agora estava só bisbilhotando. No entanto, algo ainda a mantinha ali, ouvindo e observando. Tinha a estranha sensação de ver Poppy através dos olhos de um estranho, de que talvez sua irmã tivesse facetas que ela não conhecia ou não havia notado. Poppy era diferente com Reed, tagarelando sobre as histórias que tinha ouvido, insistindo que eram reais... Era mais animada do que o normal. Mais brilhante.

— *Decidi que, quando crescer, vou ser aventureira* — contou a menina, puxando Reed para que ele se levantasse.

— *Posso ser aventureiro com você?* — perguntou o garoto, os olhos cheios de entusiasmo.

— *Claro!* — Poppy sorriu. — *Mas eu que vou ficar no comando.*

— *Aonde vamos nos aventurar primeiro?* — perguntou Reed. Depois, distraído: — *Vamos almoçar? Estou morto de fome!*

Em resposta, o estômago de Poppy roncou, e, um momento depois, os dois corriam feito coelhos, e suas risadas foram a última coisa a desaparecer.

Starling ficou muito tempo ali, sentada, olhando a água. Não havia dúvidas de que Poppy estava diferente; de alguma forma, os papéis tinham se invertido. Starling é que costumava ser confiante, responsável. Os outros clãs costumavam ser temidos. Ali, tudo estava de cabeça para baixo e do avesso. O que deixava Starling zozna. Sentia como se não tivesse perdido algo importante, mas como se tivesse sido deixada para trás.

A luz do sol brincava na superfície do lago, o cheiro da água fresco e verde. Antes que pudesse pensar muito sobre o que estava fazendo, Starling se levantou, se despiu e ficou só com a roupa de baixo. Ela se aproximou da borda da água e examinou as profundezas cintilantes. Abaixo da superfície, via as folhas verdes balançando suavemente, o brilho das escamas prateadas dos peixes que passavam disparados.

— *Preciso chutar. Puxar. Respirar* — sussurrou Starling, para si mesma, lembrando-se do que Reed ensinara a Poppy.

Entrou na água antes que pudesse mudar de ideia, e o frio foi um choque e um prazer. A água subiu dolorosamente pelo nariz, e a cena pacífica se transformou em mil trilhas de bolhas que escorriam de sua pele, seu cabelo, seu nariz. Starling abriu

bem os olhos, o coração batendo descontroladamente diante da estranheza daquilo tudo. Acima estava o céu brilhante, distorcido e ondulante, a luz do sol se lançando sobre o azul. Mas, enquanto Starling observava, o céu se afastava, a escuridão se acumulando nas bordas.

Com um lampejo súbito de pânico, Starling percebeu que não estava nadando: estava afundando.

Chute. Puxe. Respire.

Desesperada, ela debateu braços e as pernas, desejando ter pegado o pedaço de madeira que Poppy usara como boia quando estava começando a lição. Achou que aquilo seria fácil, mas era tudo menos isso. Quando sua cabeça chegou à superfície, sugou o ar num fôlego enorme e agradecido, seus braços doendo, e seus pulmões, queimando.

Starling se arrastou até a margem e se deitou sobre os juncos achatados, tossindo e cruzando os braços. Era muito mais difícil do que Reed fazia parecer.

O sol estava mais alto no céu, o calor aliviando os arrepios em seu corpo. Starling se sentou e franziu a testa para o lago. Por que Poppy insistia em aprender algo tão difícil e desnecessário? Tinha certeza de que a irmã sabia que todos em Poa desaprovavam aquela atitude, mas isso não a impedia. A irmã parecia determinada a experimentar tudo o que pudesse em seu tempo ali.

E nisso havia um toque de... coragem?

Starling se levantou, de repente furiosa consigo mesma por ter desperdiçado dois dias preciosos de seu tempo ali. Então pegou o pedaço de madeira flutuante de Poppy e mergulhou de volta na água.

Capítulo 40

Um som suave a acordou, e, por um momento, Fênix ficou imóvel, atordoada pela clareza do sonho. Ainda sentia o gosto do lodo terroso do lago na língua, o calor do sol nas bochechas. Ainda sentia como era saber que a irmã estava viva, segura e por perto. Então, pouco a pouco, a realidade voltou a se impor.

Amanhã enfrentaria a Fissura Sombria.

Reparou que Sete ainda não tinha voltado para o quarto. A cama dela ainda estava bem arrumada, meio enterrada sob os pergaminhos, e no meio de tudo aquilo estava Widge, mastigando alegremente um pedaço de papel.

— Widge! — exclamou Fênix. — Pare com isso!

Ela jogou as cobertas para trás e agarrou o esquilo, pegando o pergaminho mordido para avaliar o dano. Para sua surpresa, logo se viu imersa no texto: “A herbologia na adivinhação”, do Mago da Morte Sphagnum, era fascinante. Fênix nunca teria imaginado que havia tantas plantas para induzir a Visão, clareá-la ou evitá-la completamente.

— Fênix?

Levantou a cabeça e viu Sete entrar pela porta sem fazer barulho, parecendo nitidamente nervosa de ver a amiga mexendo em um de seus pergaminhos.

— Desculpa — disse Fênix, depressa, colocando o pergaminho de volta

na cama. — Widge achou que era comida, mas eu tirei dele a tempo. É interessante!

Sete se agachou sobre a cama para enrolar o papel e concordou com a cabeça.

— Eu também achei.

A amiga parecia meio fraca, e Fênix a examinou com mais atenção, ansiosa para se concentrar em algo que não fosse o próprio terror, cada vez maior, pelo dia seguinte. Sete estava com olheiras escuras e suas mãos tremiam.

— Você está bem?

A menina abriu a boca, hesitou e deu de ombros.

Fênix prosseguiu:

— Sei que você está animada com todas as informações que encontrou aqui, mas ainda tem tempo para dormir. Você precisa cuidar de si mesma. — Para seu horror, lágrimas brotaram nos olhos da garota. — Não chore! — exclamou Fênix, em pânico. — Foi só um comentário, não é para ficar chateada!

Sete deu risada enquanto enxugava as lágrimas.

— N-não é isso... só estou cansada. — Ela fungou. — E é m-muito gentil de sua parte se preocupar comigo.

Ela se sentou e tirou as botas.

— Então, como estão as coisas? — perguntou Fênix, voltando para a própria cama. — Na biblioteca.

— C-como assim? — Sete se enrijeceu e olhou para ela.

— Está encontrando informações úteis? — perguntou Fênix, um pouco surpresa. — Eu estava tão envolvida nas... nas coisas que não conversamos sobre isso direito.

— Ah. — Sete relaxou. — Você mesma já viu, tem um m-monte de coisa. É por isso que estou p-passando tanto tempo lá.

Fênix olhou para a amiga, de repente tinha certeza de que havia algo mais, que Sete estava escondendo alguma coisa.

Por um momento, o silêncio pairou entre as duas. Fênix franziu a testa. Definitivamente, o quarto estava permeado de um sentimento que não conseguia identificar. Será que Sete estava com raiva dela?

— Tem certeza de que está tudo bem? — insistiu, inquieta.

A amiga realmente não parecia bem.

— T-tenho — sussurrou Sete, empurrando os pergaminhos de lado e se ajoelhando na cama. — Só estou c-cansada, como falei. — Ela se deitou,

então se virou para encarar Fênix. — Zenith está lá em cima, no ninho. Acho que ela g-gostaria de estar com uma amiga.

Fênix ficou olhando.

— Uma amiga como você — insistiu Sete.

— Tudo bem — respondeu a elemental, confusa, mas grata pela distração. Enfiou os pés nas botas, então parou e se voltou para Sete com uma careta. — Por que você disse isso? Você nem gosta dela, né?

Não tinha certeza de onde as palavras tinham vindo, mas, assim que disse aquilo, soube que era verdade. Os outros tinham se aproximado de Zenith desde o ataque, mas Sete ainda mantinha distância.

— Ela ajudou v-vocês nas c-criptas — disse a garota. — Sem o escudo dela, t-teria sido... ruim.

— Mas mesmo assim você não gosta dela.

— Não — confirmou Sete, por fim.

— Por que não?

— Não importa.

Fênix hesitou, sem saber como proceder.

— Ela vai ficar no m-meu lugar — disse Sete, de repente, o corpo rígido.

— Como assim? — perguntou Fênix, mais confusa do que nunca. — Ninguém pode ficar no seu lugar, Sete.

— Como sua amiga — sussurrou a garota. — Ela vai ficar no meu lugar.

Ela se virou de costas para Fênix e puxou o cobertor até o pescoço.

— Sete... — Fênix hesitou, franzindo o cenho. — Isso não é verdade. Eu...

— Deixa — interrompeu a garota, a voz abafada. — Esquece que eu d-disse isso. Só estou m-muito cansada. — Ela puxou o cobertor sobre a cabeça.

A conversa tinha terminado.

Fênix ficou de pé, confusa. Será que Sete estava... com *ciúme*? Deveria dizer mais alguma coisa? Tranquilizá-la mais uma vez? Em seu ombro, Widge trinou baixinho, a cauda roçando sua nuca, sua incerteza se combinando com a dela.

No fim das contas, Fênix deixou o quarto em silêncio, andando rápido, tentando aplacar a perplexidade — e o terror pelo dia seguinte.

Capítulo 41

O frio no topo dos Jardins de Gelo foi imediato e brutal; era como se dedos gelados mergulhassem na boca e subissem pelo nariz de Fênix, enfiando as garras dentro dela para arranhar seus pulmões. Incomodado, Widge deu uma mordida afiada no lóbulo da orelha de Fênix e desapareceu na pele de urso. Mas nem o tapa repentino do frio foi suficiente para distrair a menina da beleza espantosa do ninho de águias à noite.

Dentro do Palácio de Gelo, era fácil esquecer o formato estranho da estrutura, mas, lá em cima, não havia como negar as origens aquáticas do palácio. Lascas e respingos de gelo se contorciam acima, e os borrifos de um vento antigo pairavam no ar como diamantes. A lua brilhava em milhares de superfícies reluzentes, e os caminhos em forma de túnel luziam, prateados diante dela. No alto, dentro da catedral de gelo, Fênix mal distinguia as águias de gelo adormecidas, as cabeças enfiadas no peito, as penas que pareciam feitas de luar. A voz do Oceano Infundo era suave, e o vento, para variar, estava parado.

No quase silêncio, a respiração de Fênix soava alta.

— Olá? — A voz de Zenith era inconfundível, e Fênix foi em direção à jovem bruxa, abrindo caminho por trilhas ondulantes e aquosas de gelo.

De repente, chegou a uma área aberta central, e lá estava Zenith, de pé diante de um bloco de gelo que se elevava sobre ela.

— Fênix — cumprimentou Zenith, com óbvia surpresa.

Um espasmo de tremor assolou Fênix, que bateu os dentes até a jovem bruxa lançar um feitiço de aquecimento.

— Obrigada. — A elemental suspirou, sentindo os músculos e Widge relaxarem com o súbito beijo de calor. — Espera, não era para você não usar magia?

— Este feitiço é tão pequeno que nem conta. É o uso de magias maiores que pode causar problemas. E você, por que está aqui no meio da noite?

— Sete me disse que você precisava de companhia — respondeu Fênix.

— Como ela sabia? — A bruxa franziu a testa, imediatamente irritada. Fênix deu de ombros.

— Como Sete sabe de qualquer coisa? Ela simplesmente sabe.

— Aff — reclamou Zenith. — É como ser espionado, não acha? Ter alguém que sabe onde você está e o que está pensando, mesmo que você não queira?

Fênix hesitou. Não estava disposta a admitir que também já pensara assim.

— Posso ir embora se você quiser — falou, de repente envergonhada.

— Não foi o que eu quis dizer — retrucou Zenith, balançando a cabeça. — É que... você não se incomoda? Por ela saber o que vai acontecer com a gente?

— Não acho que ela saiba tudo — respondeu Fênix, saindo em defesa da amiga. — Ela contaria se visse algo importante.

Zenith ergueu as sobrancelhas.

— Se você diz.

— Eu digo, sim — retrucou Fênix, com firmeza. — De qualquer forma, não é culpa dela. Sete não pediu por esse poder. Nem sei se ela gosta dele.

Zenith estremeceu.

— Eu não iria gostar. Imagina só saber o futuro? É horrível.

— Deve ser — concordou Fênix, em voz baixa. Ela se sacudiu. Pensar demais sobre o dom de Sete sempre a deixava nervosa. Em vez disso, seus olhos foram para o bloco de gelo. — O que é isso?

Zenith respirou fundo.

— Meu nêmesis — respondeu, soltando uma risada nervosa. E sorriu ao notar a confusão de Fênix. — Esse é o gelo que vou Emplumar e transformar na minha águia de gelo.

Fênix ficou olhando.

— Posso...? — Ela apontou com a cabeça para o gelo.

— Sim. — Zenith sorriu. — Pode tocar.

Era como qualquer outro gelo, liso e pegajosamente frio sob seus dedos. No emaranhado congelado no teto, uma águia agitava as penas. Fênix olhou para a águia e de volta para o gelo, sentindo um espanto diante da impossibilidade da magia.

— Como se faz isso? — sussurrou.

— Ninguém entende de fato como o feitiço funciona — respondeu Zenith. — É algo que sabemos desde que existem bruxas nos Jardins de Gelo. Sempre foi a magia mais difícil, a que nos torna bruxas.

— Ou que as destrói — murmurou Fênix. Seu olhar se voltou para Zenith, então se desviou. — Isso pode matar você, não pode?

Zenith assentiu, hesitante, e Fênix mordeu o lábio para não dizer nada precipitado.

— Exige mais do que os outros feitiços — explicou Zenith. — E, depois de ser lançado, não pode ser interrompido. Se a pessoa não tiver forças para terminar... — Ela deu de ombros. — O Batismo de Sangue em que você se tornou Caçadora não poderia ter te matado? Talvez não seja tão diferente.

Fênix ergueu o olhar, surpresa, mesmo compreendendo que era verdade.

— Meu Batismo de Sangue foi meio que um acidente — admitiu. — Na época, eu não sabia que era o que estava fazendo.

Zenith riu, um som profundo e cheio que parecia iluminar a noite ao redor delas. Fênix achou impossível não responder à risada da bruxa com um sorriso próprio.

— Você um dia vai ter que me contar essa história. — Zenith se voltou para o bloco de gelo, examinando-o com atenção. — Sabe o quanto sua chegada mudou as coisas para mim?

— Mudou? — Fênix franziu a testa.

— Por que eu precisaria de uma águia de gelo, se nunca posso ir a lugar nenhum? — Zenith perguntou baixinho, os olhos desfocados. — Antes do mal da Fissura, as bruxas saíam pelo mundo; *faziam* coisas. Passei a vida toda sonhando ser como elas, sem nunca ousar acreditar que poderia acontecer de verdade. Sua vinda até aqui foi uma mudança enorme. O que parecia um sonho maluco agora talvez seja possível. Mais do que possível: provável!

Ela balançou a cabeça.

— Você deseja algo a vida inteira, então, de repente, está ali, na sua

frente, ao seu alcance. — Ela engoliu em seco, abrindo um sorriso trêmulo para Fênix. — Sei que parece besteira, mas é assustador.

A jovem Caçadora assentiu lentamente.

— Acho que entendo.

Zenith se sacudiu.

— Você já foi até o ninho?

— Não é aqui? — perguntou Fênix, confusa.

— Não! Vamos lá. Você vai adorar!

Ela agarrou a mão de Fênix e a puxou pelo gelo, ao longo de passagens sulcadas e ondulantes. Tudo estava vivo, iluminado e com movimento.

— Como os Jardins de Gelo foram feitos? — Fênix lembrou de perguntar, correndo atrás da bruxa.

— Ninguém sabe — sussurrou Zenith. — E, a propósito, fale baixo. Não queremos acordar as águias. — Ela hesitou e meio que olhou de volta para Fênix. — Tem uma teoria de que foram criados por uma elemental.

Fênix ficou boquiaberta.

— Quê?

— Bom — Zenith deu de ombros —, você é uma elemental do fogo. Os elementares da água exercem o mesmo poder sobre a água. Mas, mesmo assim... — Ela balançou a cabeça, olhando ao redor. — O poder necessário para fazer algo como isso aqui...

Uma sensação suave e quente se desenrolava no peito de Fênix. Os Jardins de Gelo eram lindos, um lugar de maravilhas. Sempre pensara em seu poder como algo destrutivo e perigoso, mas talvez não precisasse ser assim, ou talvez houvesse algo mais que ela não conhecia. Talvez ainda não soubesse de tudo o que era capaz, qual era a extensão de seus poderes. Por um momento, uma empolgação lhe atravessou. Então se lembrou da Fissura Sombria; foi como uma porta se fechando em sua cara. Apesar do feitiço de calor, Fênix sentia-se gelada até os ossos.

— Aqui — disse Zenith, parando de repente e indicando para cima com a cabeça. — *Este* é o ninho de águias.

Fênix olhou para cima, forçando os pensamentos a voltarem ao momento. Ela olhou, piscou e, para sua surpresa, riu.

— Parece muito perigoso.

Capítulo 42

Bem acima da cabeça delas, no ponto mais alto da onda, havia uma plataforma de gelo lisa e plana. Não havia grades nem nada em que se segurar; era uma placa minúscula em meio ao deserto congelado.

— *Pode* ser perigoso, sim — concordou Zenith, sorrindo. — Mas hoje não está ventando, então ficaremos bem. Vamos lá!

Ela se virou e começou a subir a escada apoiada na plataforma; Fênix foi atrás, passando por redemoinhos de gelo e espuma congelada.

Zenith a puxou para a plataforma com uma força surpreendente.

— Que tal essa vista? — sussurrou ela, fazendo Fênix olhar ao redor.

Por um momento doloroso, Fênix não conseguiu falar. A beleza da vista era chocante, um golpe de tirar o fôlego quando se esperava um sorriso. Atrás dos Jardins de Gelo, o Oceano Infinito se estendia até onde a vista alcançava. A lua lançava um caminho de prata movediça sobre as águas, seu brilho atraindo Fênix. Na outra direção, estendiam-se os Desertos Congelados, reluzentes, cujas distâncias eram medidas em dias. O vento raspava o gelo em cristas que aprisionavam a luz do luar em piscinas líquidas ondulantes. Tudo reluzia, piscava e cintilava. O ar vibrava com magia, e os fios de fogo que atravessavam Fênix se ergueram em reconhecimento.

Os olhos de Zenith estavam atentos ao rosto de Fênix.

— Que bom — disse a bruxa com um suspiro. — Sempre achei incrível.

É difícil saber como isso se compara ao resto do mundo, quando tudo o que vi foram os desenhos nos livros.

— É incrível — sussurrou Fênix, a voz rouca.

Não conseguia dizer mais nada. Seu coração doía. Sempre doía quando via algo bonito. Se ao menos a mãe e o pai estivessem ali com ela. E Poppy, claro; seria ainda mais incrível. Por um momento, a imagem da irmã foi tão clara que pôde ver a garotinha ao seu lado, os cabelos soltos e uma expressão feliz. Sentia a mão de Poppy, pequena e quente, na sua. A irmã queria ser aventureira, sentia esse fato dolorosamente nas entranhas. Nunca saberia se a irmã teria mudado de ideia, mas duvidava bastante.

Fênix percebeu que Zenith ainda estava falando. Com dificuldade, se concentrou no que a garota estava dizendo. Histórias dos Jardins de Gelo disparavam da língua dela. Sobre como, quando pequena, ela conseguira se esgueirar até o ninho de águias para assistir a uma Emplumação, mas foi pega e ficou encrencada. Sobre como, anos antes, cinco sondas tinham se instalado nos penhascos abaixo dos Jardins de Gelo durante um ano, e ninguém podia sair até que redescobrissem o feitiço que tornava as luzes seguras. Zenith falou sobre as criaturas raras que às vezes viam no gelo e no oceano: os goldifinhos, os linguados-tempestade e até, certa vez, um gigante de gelo.

— O chão se movia! — sussurrou Zenith, a voz impressionada. — Mesmo ele estando a um dia de caminhada de distância. Só o vimos por uma luneta. — Ela estremeceu e se encolheu nos próprios braços. — Nunca vou esquecer.

Em troca, Fênix contou da vida no Pavilhão de Caça, do treinamento que tinham recebido, das caçadas lendárias sobre as quais tinham aprendido. Zenith ouviu com uma fome tão intensa que Fênix continuou falando. E, de repente, percebeu que estava contando sobre Prata e Cão; sobre como odiava Cinco e Seis no começo da jornada à Floresta Congelada para resgatar Sete, sobre Faiscafiada e Martelo de Carvalho, o horror da traição de Vitória e o terror de Croke. Tudo jorrou numa onda líquida e quente enquanto ela e Zenith ficavam lá, sentadas lado a lado até o céu começar a clarear no leste e dissolver os bolsões de gelo enlugarado.

Quando terminou de falar, Zenith descansava a cabeça em seu ombro, a respiração profunda e estável. Fênix ficou muito imóvel para não incomodá-la, o coração mais pleno do que se lembrava de sentir havia muito tempo.

Seus olhos devem ter se fechado por alguns momentos.

Poppy estava sentada de costas para ela, o cabelo escuro se agitando na brisa que começara a soprar.

— Poppy? — murmurou Fênix.

O luar, já minguando, delineava a irmã num auréola de prata, e Fênix levantou a mão para proteger os olhos.

— Ele está vindo — disse a irmãzinha, a voz clara como um repique de sino.

— Poppy! — exclamou Fênix, estendendo a mão para ela.

Queria ver seu rosto outra vez, ansiava por isso com cada fibra de seu ser.

Uma nuvem passou na frente da lua, e o contorno do corpo da irmã mudou de forma na escuridão repentina.

— Ele está vindo — sussurrou Poppy outra vez, mas, agora, sua voz era inexpressiva, vazia e morta/ como um abismo: a voz de Croke.

Os pelos dos braços de Fênix se arrepiaram, mas ela mesmo assim estendeu o braço para a irmã.

Poppy se virou, e Fênix recuou com um grito horrorizado. Os olhos da irmã estavam cheios de sombras rodopiantes, que se derramavam por cima dos cílios, lágrimas negras e oleosas escorrendo devagar pelas bochechas.

— Te peguei.

Fênix acordou com um grito abafado, dando um solavanco tão forte que Zenith foi jogada para trás.

— Ai! — A bruxa ofegou, então, vendo o rosto da Caçadora, perguntou: — Você está bem?

O coração de Fênix batia forte. Ela inspirava com força, os olhos examinando os arredores loucamente.

— O que em nome de Ember...? — murmurou Zenith, também olhando em volta com o cenho franzido.

O gelo brilhante tinha desaparecido, o oceano tinha desaparecido, até os Jardins de Gelo abaixo mal eram visíveis em meio à névoa densa e agitada.

Fênix estendeu a mão à frente, estremecendo quando a viu desaparecer assustadoramente em meio a névoa. Nunca tinha visto névoa tão espessa. Widge deu um gritinho baixo e assustado.

Em algum lugar próximo, as águias de gelo estavam agitadas, seus chamados enchendo o ar.

— Está sentindo isso? — perguntou Fênix, baixinho.

Estava com os pelos da nuca arrepiados e o peito apertado. Havia criaturas das sombras ali por perto.

Zenith assentiu, levantando-se com movimentos nervosos.

— Rápido — sussurrou a jovem bruxa. — Temos que voltar lá para dentro.

Então deu um berro e puxou as duas para baixo, encolhidas. De repente, uma águia de gelo irrompeu da névoa, quase varrendo ambas da plataforma em uma enxurrada de penas.

— Chiara! — chamou Zenith, levantando um braço trêmulo em saudação. Fênix também reconheceu a águia de Nara. — Você me deu um susto! Viu alguma coisa lá fora?

Chiara pousou ao lado delas, mas estava visivelmente perturbada, os olhos em todos os lugares ao mesmo tempo.

— Ainda não — respondeu a águia, sua voz suave continuava uma surpresa para Fênix. — Mas todas nós sentimos que não estamos sozinhas. Vocês precisam voltar lá para dentro.

— Vamos — sussurrou Fênix, puxando Zenith para a escada.

Juntas, as meninas tropeçaram pela neblina, descendo os degraus de volta para os Jardins de Gelo.

O palácio se enchera do som dos sinos das mães de gelo, belos e arrepiantes.

O medo rugiu em Fênix. E se algo tivesse acontecido com a Fissura Sombria? Será que aquela coisa tinha se libertado da prisão enquanto ela dormia?

— Vamos — chamou, acelerando o passo. — Temos que descobrir o que está acontecendo.

Capítulo 43

Na escada, encontraram Cinco e Seis, recém-acordados, ambos parecendo completamente confusos.

— O que está acontecendo com as bruxiluzes? — perguntou Seis. — Tinha uma no meu quarto e simplesmente se apagou que nem uma vela!

Ele apontou para uma que flutuava sem rumo logo acima deles. A bruxiluz piscou de um jeito estranho e se apagou.

Todos olharam para onde a luz estava, o eco de seu brilho se desfazendo na escuridão.

— Parece demais com as criptas para o meu gosto — comentou Cinco.

O tom era leve, mas nenhum deles se deixou enganar; trocaram um olhar inquieto e desceram as escadas.

À frente do grupo, outra bruxiluz se apagou, lançando os degraus na sombra. Fênix enfiou a mão no bolso, retirando a pedra da lua, agradecida. A pedra ganhou vida imediatamente, sua luz azul-prateada tranquilizadora se espalhando ao redor.

— Em nome de Ember, o que...? — sussurrou Seis. Por um momento, Fênix achou que ele ainda estivesse falando das luzes, já que outra acabara de se apagar. Então viu que o amigo olhava atentamente para a parede. — Fênix, Cinco, Zenith, vejam isto! — sibilou ele, chamando-os mais para perto.

Cinco resmungou.

— Argh, mais uma dessas *coisas*. Por que não fizeram nada com relação a elas?

Fênix se inclinou para a frente, segurando a pedra da lua mais perto da parede antes de se afastar com uma careta. O rosto de um reluz a encarou, a pedra da lua iluminando as camadas de gelo para revelar o rosto reptiliano e os dentes serrilhados. O corpo poderoso era coberto de escamas pálidas como pérolas e cravejado de espinhos afiados, cada um dos quatro membros terminando em garras perversamente longas.

— Continuem olhando — disse Seis, com urgência na voz.

Cinco lhe lançou um olhar preocupado.

— Seis — falou ele, hesitante —, pode ser uma criatura das sombras, mas está presa nesta parede há séculos, lembra? Está *muito* morta.

— Então por que está se mexendo? — indagou Seis, a voz firme, sem desviar o olhar nem um centímetro.

— Você está vendo coisas — insistiu Cinco. Para provar seu argumento, ele se inclinou em direção ao gelo e bateu com força. — Viu só? — Ele se virou de volta para Seis. — Está tudo bem.

Sob o gelo, as mãos com garras da criatura se fecharam bem devagar, cerrando os punhos. Os olhos do reluz se abriram a tempo de todos verem a cor laranja se transformar em escuridão.

Os quatro ficaram congelados, unidos na descrença.

— Por favor, diga que estamos tendo alucinações — murmurou Cinco.

O gelo que cobria o rosto do reluz estalou com um som que lembrava um chicote.

— Para trás! — gritou Fênix, sacando um machado das costas.

A criatura estava se debatendo sob o gelo, tentando escapar. Outra rachadura serpenteou pela superfície lisa.

Fênix arregalou os olhos, saltando para longe.

— Impossível! — exclamou. — *Impossível!*

Com um ruído de algo esmigalhando, a parede explodiu, cobrindo-os com pedaços de gelo. E, de repente, havia um reluz adulto diante deles.

— Façam o máximo de barulho que der! — gritou Fênix, entrando em ação. — Tentem confundi-lo!

Seis assentiu, cambaleando para trás e pegando seu arco.

A cabeça da criatura girou em sua direção.

— Cuidado, Seis! — gritou Fênix.

Ela tentava desesperadamente lembrar a entrada de *Um bestiário mágico* sobre reluzes.

O formato pode variar... mas olhos laranjas distintos... Sua visão é extraordinariamente boa, e é o que usam para... a habilidade de... A melhor defesa... posturas de luta consecutivas... é forte, mas... mortos por nenhum dos métodos comuns.

Agressão: 8/10.

Perigo representado: 8/10.

Dificuldade de incapacitar: 2/10.

Fênix cerrou os dentes: tinha esquecido mais do que lembrava. E havia algum detalhe particularmente importante sobre reluzes, mas o que era? Tentou forçar a mente, mas não teve sucesso.

O reluz babava, longos fios de saliva pendendo da boca.

— Eca — murmurou Cinco. — Quando será que foi a última vez que essa coisa comeu?

Zenith balançou a cabeça, chocada.

— Ele passou minha vida inteira nessa parede!

Cinco bufou. Ele e Seis se aproximavam.

— Ótimo. Então dá para afirmar que está morrendo de fome. — Cinco deu uma olhada para Fênix. — O que precisamos saber?

O reluz o atacou enquanto ele falava, as escamas reluzindo à luz da pedra da lua. A espada de Cinco desferiu um golpe sagaz, e a criatura se afastou.

— É... — Fênix hesitou, segurando o machado mais forte.

A criatura girava o corpo, o olhar faminto fixo neles.

— O principal é a invisibilidade — disse Zenith, conseguindo, sabe-se lá como, soar tranquila.

Fênix soltou um suspiro, frustrada. *Como* podia ter esquecido isso?

— Este aqui é adulto — continuou Zenith —, então, a qualquer momento...

Como se estivesse esperando a deixa, o reluz desapareceu.

— Invisibilidade? — murmurou Cinco, seu olhar examinando o espaço aparentemente vazio em volta. — Que *maravilha*.

A jovem bruxa praguejou baixinho e sussurrou em silencifala. Uma luz vermelha pulsou acima dela.

— Feitiço de defesa — cochichou. — Vai ajudar quando o reluz se aproximar de um de nós.

Fênix puxou Zenith para junto de si até que ambas estivessem lado a

lado, apertadas contra a parede. Quietinha, ela se agachou para deixar a pedra da lua no chão e tirar o outro machado das costas.

Sem dizer nada, Fênix levou os dedos aos lábios, pedindo silêncio. Cinco, Seis e Zenith assentiram.

Fênix prendeu a respiração para acalmar o coração acelerado e escutou com tudo de si. Ouviu o tilintar suave dos cristais de gelo, que ainda caíam de onde o reluz saía da parede, a respiração de Cinco e Seis, então... Fênix franziu a testa e tentou se concentrar no som, tão baixinho, tão suave: o arranhar de garras no gelo, circulando a borda da luz da pedra da lua.

Conseguiu gesticular para os outros bem a tempo. O reluz partiu para cima de Seis, sendo revelado pela pedra da lua assim que entrou na esfera de luz. O feitiço defensivo de Zenith se abateu sobre a criatura, atingindo-a em cheio no peito e fazendo-a recuar. Em uma rápida sucessão, três das flechas de Seis a perfuraram e, um instante depois, lá estava Cinco, a espada talhando um arco mortal que arrancou a cabeça do reluz. A escuridão oleosa correu de seus olhos e desapareceu.

Por um momento, nenhum deles falou, todos chocados demais para se mover.

— Olhem! — exclamou Zenith.

Ela apontava para a parede de onde o reluz saía. O gelo parecia estar se curando sozinho. Fragmentos grandes e pequenos tilintavam de leve uns contra os outros conforme se juntavam de volta, fechando o buraco irregular até a parede voltar a ficar lisa e perfeita.

— Algo rompeu a magia das paredes dos Jardins de Gelo para deixar o reluz sair — sussurrou Zenith, devagar. — E, agora, a magia está se regenerando.

— Isso também pode ter acontecido nas criptas? — sussurrou Fênix. — Se sim, acho que acabamos de ver como aquele skryll entrou.

Seis concordou com a cabeça.

— E o wheever.

— Mas... aquele reluz estava *morto* — lembrou Cinco. — Como ressuscitou?

Zenith balançou a cabeça, o silêncio se abatia sobre o grupo.

— Os olhos do reluz estavam iguais aos das estátuas — comentou, quase em tom de pergunta.

Antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa, um grito soou da base da árvore dos banquetes, ecoando no gelo ao redor deles.

— Tenho um pressentimento extremamente ruim — murmurou Cinco,

os olhos saltando do reluz morto para a direção de onde viera o grito.

— Vamos — chamou Fênix, séria, guardando os machados nas costas e pegando a pedra da lua de volta.

Mais um grito, e os quatro saíram correndo rumo ao desconhecido.

Capítulo 44

Conforme desciam as escadas, as bruxiluzes foram desaparecendo até que a única iluminação fosse o brilho fraco do próprio gelo e a pedra da lua na mão de Fênix. O efeito era assustador, luz e sombra saltavam à medida que corriam, pregando peças neles.

A mão de Seis no braço de Fênix de repente a fez parar.

— Tem alguma coisa vindo — sussurrou o garoto, levando um dedo aos lábios, e preparando o arco sem fazer barulho.

Ao seu lado, Cinco desembainhou a espada.

No ombro de Fênix, Widge balançava a cauda para frente e para trás, claramente agitado enquanto a garota sacava um dos machados. O esquilo cravou suas garras nela, então Fênix soube que ele estava com medo.

— Já mencionei que estou com um mau pressentimento? — murmurou Cinco.

Quatro pessoas dobraram a curva da escada, às pressas.

Nara liderava o grupo, atrás dela vinham Sete, Thea e Libbet.

— Pela geadá, que bom que encontrei vocês! — exclamou a bruxa, os olhos fixos neles.

O corpo de Fênix amoleceu, aliviado, afrouxando o aperto no cabo do machado.

Naquele momento, um estrondo sacudiu os Jardins de Gelo, cem vezes mais forte do que a batida rítmica do Oceano Infinito.

Nara olhou para trás, os lábios apertados em uma linha estreita.

— O que foi isso? O que está acontecendo? — perguntou Zenith, tomando a frente.

— Tem criaturas das sombras agrupadas na névoa lá fora — explicou Nara, mais do que depressa. — Parece que estão tentando invadir os Jardins de Gelo.

Seu tom era leve, mas ninguém se deixou enganar.

Widge guinchou baixinho e desapareceu para dentro da pele de urso de Fênix.

Atrás de Nara, Libbet segurou a mão de Thea.

A bruxa se sacudiu e se concentrou em Zenith.

— Preciso que você, Thea, Libbet e Sete vão para algum lugar seguro e fiquem lá até que isso acabe. — Ela se voltou para Fênix, Cinco e Seis. — Podem ficar com elas? Para protegê-las?

— Proteger a gente? — Zenith ficou indignada. — Sou perfeitamente capaz...

— Silêncio, Zenith! — A falta de paciência de Nara fez todos se calarem. Quando voltou a falar, a voz saiu trêmula com o esforço de parecer calma: — Lá fora tem mais criaturas do que já vi na vida, e há pouquíssimas de nós para defender o Palácio de Gelo. — Ela levantou a mão para cortar as objeções de Zenith. — Você não pode ajudar antes de virar Plumada. Simplesmente não pode. O que você *pode* fazer é manter Thea e Libbet seguras. Pode fazer isso, Zenith? Prometa.

Zenith cerrou os punhos, mas aquiesceu, balançando a cabeça uma só vez. Um gesto rápido e irritado.

Fênix não conseguia tirar os olhos de Nara, um pavor profundo crescendo dentro de si.

— É a Fissura Sombria — sussurrou, a certeza martelando seu corpo. — Essa coisa atraiu as criaturas para cá.

Nara estremeceu, outro estrondo sacudindo os Jardins de Gelo.

— Preciso voltar para as mães de gelo e ajudar a coordenar nossa defesa. — Seus olhos encontraram os de Fênix. — Mas acho que você tem razão.

De repente, Fênix se lembrou da ideia da noite passada.

— Por que não reconecta o portal ao Beiral? — sugeriu, falando rápido. — Todos vocês podem voar por ele, aí eu posso enfrentar a Fissura e, mesmo se eu fracassar...

— Você não vai fracassar! — retrucou Nara, feroz, parecendo irada só

por Fênix ter cogitado essa possibilidade. — E nós, bruxas, *nunca* sairemos dos Jardins de Gelo; é nosso lar há um milênio. Não vamos abandonar nosso lar num momento de necessidade e largar você para enfrentar o perigo sozinha.

— Isso mesmo — acrescentou Cinco, irritado. — E pode esquecer isso de a gente abandonar você também. Até parece!

De repente, o estômago de Fênix embrulhou, se contorcendo feito um saco de vermes, mas ela se forçou a assentir e endireitar a coluna. Não tinha tempo para discutir.

— Vou me certificar de que os outros estejam seguros, depois vou direto para a Fissura — disse para Nara. — Eu vou... vou destruí-la. — *La tentar.*

— Eu encontro você lá — respondeu Nara, outra vez calma, estendendo a mão para apertar o ombro de Fênix. — Você não estará sozinha.

Fênix assentiu depressa, tentou forçar um sorriso e não conseguiu. Nara já havia se afastado e desaparecido na curva da escada. O som de passos sumiu depressa enquanto ela corria para o lago.

Outro impacto sacudiu o Palácio de Gelo, e um punhado de pó de gelo respingou ao redor do grupo em uma chuva brilhante, iluminada pela pedra da lua.

— Os Jardins de Gelo vão cair? — sussurrou Libbet.

— Claro que não — respondeu Zenith. — Não seja boba. Ela agarrou a mão da garota mais nova e a puxou para cima, atrás de si, subindo pelas escadas. — Vamos subir até o ninho.

Libbet sorriu, o ânimo restaurado enquanto seguia Zenith, mas Thea olhou para trás, descendo os degraus, as sobrancelhas franzidas em uma carranca preocupada.

— Você acha que o ninho é seguro? — perguntou Fênix, também seguindo Zenith, com um machado em uma mão e a pedra da lua na outra.

— Sim — disse Zenith. — Podemos colocar as meninas em uma águia de gelo, que vai levá-las voando para um lugar seguro.

— Quê? — indagou Thea, ansiosa. — Não foi isso que Nara disse! Ela não mandou a gente sair do Palácio de Gelo, e eu não quero ir! Não vou fugir só porque...

— Não é fugir — interveio Zenith. — É uma retirada tática. Com uma águia de gelo protegendo vocês, posso ajudar as bruxas a defender os Jardins de Gelo.

Thea perguntou, ofegante:

— Você não vai nem vir com a gente?

Seus passos ficaram mais lentos, e Zenith a agarrou pelo braço, puxando-a para a frente.

— Não seja idiota — sibilou a jovem bruxa. — Você sabe que estamos em apuros e ouviu o que Nara disse: não somos suficientes para defender o Palácio de Gelo. Quer mesmo que eu fique de babá, em vez de proteger nosso lar?

Fênix estremeceu ao notar a mágoa no rosto da bruxa ainda mais jovem.

— Não — respondeu Thea em voz baixa.

Seis foi até Fênix.

— Você está bem com isso? — murmurou o amigo.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Se as meninas vão mesmo ficar seguras em uma águia de gelo, então sim. De qualquer forma, preciso enfrentar a Fissura Sombria, mas...

— Se elas estiverem seguras, Cinco e eu podemos ajudar Zenith e as bruxas — interrompeu Seis, animado. — Tem criaturas das sombras lá embaixo, e nós somos Caçadores. Podemos ser úteis!

— Eu também posso! — falou Sete, atrás deles, a respiração vacilante devido ao esforço de subir tantos degraus.

— Você não é Caçadora, Sete — retrucou Seis, preocupado.

— Eu d-derrotei todos vocês n-no último treino — lembrou Sete, com a voz se elevando.

— Primeiro que isso faz séculos — respondeu Cinco, com grosseria. — Segundo que você não treinou mais depois disso. E terceiro que você não nos derrotou *de verdade*. Gear mandaria cortar nossa cabeça se deixássemos você ficar.

Sete lançou um olhar esperançoso para o irmão, mas ele também balançou a cabeça.

— Ela pode ir com Thea e Libbet? — perguntou Seis a Zenith, evitando o olhar de Sete.

— É claro — respondeu a jovem bruxa, soturna.

Fênix pegou a mão de Sete, notando desespero e algo parecido com terror no rosto da amiga.

— Vai ficar tudo bem — murmurou. — É melhor você ficar com Thea e Libbet. Elas nunca saíram dos Jardins de Gelo, lembra? — Mas Sete não parecia convencida. — Você ainda não é Caçadora — lembrou, torcendo

para que a amiga não insistisse.

Não queria ter que dizer isso, mas Sete não era uma lutadora forte o suficiente para ser útil. Para seu alívio, a amiga assentiu, a contragosto.

O grupo subiu as escadas, passando pelo reluz morto e, mais adiante, por uma fenda na parede que se reconstituía no ponto onde outro reluz devia ter se libertado.

— Vejam! — exclamou Libbet, apontando.

Zenith a puxou, a mandíbula travada. Fênix e Cinco correram para a frente do grupo, armas em punho. Nada iria pegá-los de surpresa.

— Não parem — rosnou Zenith — e não façam perguntas. Precisamos tirar vocês daqui.

Mais atrás, outro grande estrondo reverberou pelo palácio, fazendo tremer os degraus. Zenith correu mais rápido, uma camada de suor na testa, a capa azul esvoaçando atrás de si.

Um minuto depois, eles estavam de volta do lado de fora, e o ninho de águias era de um cinza opaco sob o céu pesado e pouco iluminado.

Fênix guardou a pedra da lua no bolso. Com certo alívio, viu que a neblina tinha se dissipado e agora serpenteava nas partes mais baixas dos Jardins de Gelo. A luz fraca do inverno atravessava as densas nuvens acima, mas a névoa espessa abaixo permanecia na escuridão.

— Não consigo ver nada daqui — murmurou Seis, olhando para baixo.
— Poderia ter um exército inteiro lá embaixo e não daria para saber.

Cinco se encolheu nos próprios braços, tremendo, e Zenith lançou um feitiço de calor sobre todo o grupo.

— Obrigada — agradeceu Fênix, em uníssono com Cinco e Seis.

Sete estava muito pálida, parecendo mal perceber que o frio mortal tinha recuado.

— Rápido — falou Zenith, empurrando Thea, Sete e Libbet para longe da escadaria, em direção à escada que levava à plataforma de gelo. Todos se apressavam, mas Zenith olhou ao redor, a testa franzida. — Onde estão as águias de gelo?

Fênix acompanhou seu olhar. O gelo acima, que durante a noite estava tão cheio de penas e movimentos, estava mergulhado em silêncio. Ela foi invadida por um mau pressentimento. Antes mesmo que abrisse a boca, Seis gesticulou para que avançasse.

— Vamos ficar aqui de guarda, gritamos se ouvirmos algo subindo as escadas. Você vai com a Zenith — garantiu ele, olhando para a Caçadora.
— Cuide para que a Sete fique em segurança — sussurrou, por fim.

Fênix assentiu, balançando a cabeça uma só vez, sentindo que a confiança do amigo era preciosa, então partiu, correndo ao longo do caminho afundado, o gelo se curvando para cima e em volta dela enquanto disparava até a escada para alcançar Zenith e as outras. Lá em cima, ouviu a jovem bruxa soltar um assobio curto e agudo, seguido de uma nota longa. Havia algo de estranho naquilo, algo assombroso. Fênix ficou arrepiada, devolvendo o machado para as costas e começando a subir. Um momento depois, ela se içou na plataforma ao lado de Sete, seus olhos examinando as curvas de gelo abaixo, o céu repleto de neve.

— Olhem! — exclamou Libbet, de repente, os olhos voltados para o céu, apontando para a nuvem.

— O quê... — Zenith não completou.

Widge pôs a cabeça para fora da pele de urso de Fênix, vencido pela curiosidade. Ele seguiu o olhar de Libbet e deu um pequeno ganido de medo.

Criaturas voavam acima deles: grandes asas pálidas batendo nas nuvens, atormentadas por sombras menores e mais escuras, esfarrapadas e estranhas.

— Brilhasas! — exclamou Sete.

Uma das criaturas se separou, mergulhando em direção ao grupo com uma velocidade assustadora. Fênix ficou olhando, momentaneamente paralisada. À primeira vista, o brilhasa parecia um pássaro grande. Mas não era. Havia na criatura algo de gasto e apodrecido, o osso frontal estava invertido, deixando o peito afundado sob o brilho de algo que parecia penas pretas e oleosas. O bico era longuíssimo e cheio de dentes; as asas eram diáfanas, sua forma mudava com a luz.

Um grito que parecia de criança ecoou da criatura e fez com que Fênix voltasse a si. Widge mergulhou para dentro das camadas de pele, e Fênix se colocou à frente do grupo, sacando os machados das costas. A criatura cortou o ar feito um espírito vingativo, com um grito de cortar a alma e uma aparência de quebrar qualquer coragem. Quando mergulhou, a luz difusa capturou a frente das asas, que reluziam como lâminas. Então Fênix lembrou, de repente, que, segundo *Um bestiário mágico*, eram mesmo lâminas. O restante da entrada sobre os pássaros eram apenas fragmentos.

Essas criaturas mortíferas voam em bandos capazes de ceifar através de... asas devastadoramente afiadas. Não se distraia com os bicos dentados... as asas que causam o maior dano...

Agressão: ?/10.

Perigo representado: ?/10.

Dificuldade para incapacitar: ?/10.

O grito de Libbet se misturou ao da criatura, Zenith levantou as mãos e Fênix ergueu os machados, a criatura era tudo o que via. Talvez não conseguisse lembrar a classificação dos brilhasas, mas bastou uma olhada para saber que um só já era incrivelmente perigoso, quanto mais um bando inteiro.

Então, como uma flecha, uma águia de gelo emergiu das nuvens, as asas bem dobradas junto ao corpo, mergulhando pelos ares.

— Chiara! — gritou Thea.

A águia de Nara pegou o brilhasa a apenas alguns metros acima da cabeça de todas elas, lançando-o contra uma calha de gelo retorcida. A criatura se debateu furiosamente, tentando cravar as garras na barriga de Chiara, golpeando-a com o bico serrilhado. Mas a águia de gelo era forte demais. Com alguns golpes de suas garras reluzentes, o sangue preto da criatura escorreu pelo gelo, logo seguido pelo próprio brilhasa.

Um momento depois, todas se abaixaram quando Chiara passou bem acima de suas cabeças, fazendo uma curva apertada para aterrissar na outra extremidade da plataforma. A águia agitou suas penas e olhou para o grupo.

— Vocês estão machucadas? — perguntou, a voz cheia de urgência.

Fênix notou que a águia alternava a atenção entre elas e o céu. Um corte profundo sob um de seus olhos manchava as penas da bochecha de vermelho.

— Não. — Zenith engoliu em seco. — O que está acontecendo lá em cima?

— O maior bando de brilhasas que já vi — respondeu Chiara, as garras raspando o gelo. Ela se sacudiu e chegou mais perto. — O que está acontecendo no Palácio de Gelo? Nara está em perigo. Eu sinto.

— Também estamos sendo atacados pelo chão — explicou Zenith, mais do que depressa. — Criaturas das sombras estão tentando entrar nos Jardins de Gelo. Nara me pediu para levar Thea e Libbet para um lugar seguro. Você pode carregá-las?

— E Sete — acrescentou Fênix.

Em resposta, Chiara inclinou a cabeça de leve.

— Claro. — O grande pássaro olhou para as três meninas, preocupado.

— Mas temo que não será um voo fácil. Conseguem se segurar bem e ficar quietinhas, não importa o que aconteça?

Thea e Libbet assentiram, pálidas. De repente, o perigo era muito real. Sete se aproximou e colocou a mão tranquilizadora no ombro de Libbet.

— Vai dar tudo certo — sussurrou a aspirante a Caçadora.

— Teremos que passar pelos brilhasas — continuou Chiara. — Estão usando a cobertura da nuvem, mas podemos nos esconder assim também, se formos espertas. Rápido, subam.

Zenith levantou Thea primeiro, depois ajudou Libbet. Fênix levantou Sete por último, percebendo como a amiga tremia. Sete se sentou atrás de Thea com as costas rígidas, os olhos arregalados e fixos na parte de trás da cabeça da jovem bruxa. Parecia aterrorizada. Libbet deixava lágrimas escorrer por seu rosto.

— É por pouco tempo — disse Zenith, o sorriso vacilante. — Chiara vai manter vocês todas em segurança.

— A gente devia ficar — sussurrou Thea, os olhos fixos em Zenith. — Não devíamos estar fugindo assim.

Atrás dela, Sete estava tão rígida que Fênix temia que a amiga fosse cair de cima da águia. Widge subiu em seu ombro de novo, tentando encorajá-la, mas Sete pareceu não notar.

Então, a grande águia de gelo abriu as asas, com batidas poderosas que lançaram ar gelado pelo colarinho de Fênix. Zenith parou ao seu lado, os olhos fixos na águia de gelo que subia mais e mais, em direção à cobertura e ao perigo das nuvens.

— Melhor eu ir para a Fissura Sombria — murmurou Fênix, esmigalhando o medo, acompanhando a subida de Chiara.

Zenith assentiu uma só vez, virou-se para ir embora, então deu um grito de alarme, os olhos ainda fixos na águia de gelo de Nara.

Fênix olhou para cima bem a tempo de notar uma mudança na bela ave. A águia estava voando, então, no momento seguinte, uma terrível quietude se instalou em suas asas estendidas, e o brilho vivo de suas penas virou brilho de gelo.

— Não — falou Zenith, a voz cheia de ar. Então, como um uivo que encheu o céu: — *NÃO!*

Thea, Sete e Libbet só tiveram tempo de gritar uma vez antes de Chiara se desintegrar embaixo delas, suas linhas graciosas se dissolvendo em nada mais sólido do que poeira de gelo cintilante.

As três meninas despencaram para o chão.

Capítulo 45

— Thea! Libbet! — Os gritos saíram rasgando de Zenith, que correu em frente sem pensar e teria caído pela beira do ninho se Fênix não a tivesse puxado para trás com tanta força que a bruxa foi jogada no chão.

Com o sangue rugindo em seus ouvidos, Fênix via Sete cair, braços e pernas girando em um céu de chumbo. Os guinchos de horror de Widge eram ensurdecedores e, ao seu lado, ouvia Seis gritando. Seus pensamentos se sacudiam de um lado a outro feito uma bandeira numa tempestade. Parecia que seu coração estava na garganta, e mãos de ferro se fecharam em seu peito.

Mas, de repente, as garotas pararam de cair.

Com o coração disparado e um soluço preso nos lábios, Fênix levou um momento para entender o que tinha acontecido. As três estavam pairando no ar, ainda gritando, mas não mais caindo. Zenith estava deitada de costas, os braços levantados na direção delas, os lábios sussurrando algo mágico.

Fênix prendeu a respiração até os pulmões pararem de queimar, com medo de fazer algo que pudesse quebrar a concentração da jovem bruxa. Devagar e com cuidado, ela trouxe Thea, Libbet e Sete de volta à plataforma.

Zenith se levantou de um salto, e as três bruxas se agarraram uma à

outra.

— Você salvou a gente — sussurrou Thea, apertando forte a menina mais velha.

— Claro que salvei. — A voz de Zenith estava falhando.

— Zenith sempre vai salvar a gente — lembrou Libbet, ofegante, o corpo todo tremendo de choque.

Fênix sentia o terror irradiando de Sete e fechou os braços em torno da amiga.

— Me desculpa — sussurrou.

Sete assentiu, muda, e só reagiu quando o rosto branco de Seis apareceu no topo da escada. O irmão se aproximou e a puxou para um abraço.

— Estou bem — murmurou ela. — Sério, estou b-bem. — Depois de um conflito interno breve, porém muito evidente, ela se virou para Zenith e agradeceu, tensa: — Graças a você.

A jovem bruxa soltou uma risada fraca, então se sentou muito de repente.

— O que vamos fazer agora? — perguntou a Fênix. — Não podemos colocá-las em outra águia de gelo. Você viu o que acabou de acontecer.

Uma leve chuva de poeira de gelo cintilante caía ao redor delas, e Fênix estendeu a mão para pegar um pouco, a garganta apertada.

— O que aconteceu?

A voz de Zenith tremeu.

— Águias de gelo podem morrer por ferimentos, mas o mais frequente é perecerem porque a bruxa que as criou... — Ela parou, sufocando um soluço.

— Nara? — sussurrou Fênix.

— Acho que ela está morta. — Zenith arfou, enterrando o rosto nas mãos trêmulas.

Widge soltou um murmúrio consternado enquanto Fênix vacilava com o choque.

Não, não podia ser verdade.

— Fênix! Seis! — A voz de Cinco subiu por entre erupções e rodamoinhos de gelo, cortando o choque de todos. — Acho melhor vocês descerem aqui.

— Escutem... — disse o garoto, um momento depois, quando já estavam lado a lado.

Segurando a respiração e forçando os pensamentos sobre Nara para longe, Fênix tentou ouvir. Lá embaixo, havia o som inconfundível de pés

subindo pelas escadas, aproximando-se depressa.

— Podem ser as outras bruxas — sugeriu Zenith, o rosto iluminado de esperança.

Fênix balançou a cabeça, cada vez mais temerosa.

— Seja lá o que está vindo, tem garras — avisou.

Tentou não pensar no que isso significava. Criaturas — pelo som, eram muitas — tinham invadido o Palácio de Gelo. Como tinham passado pelas bruxas? Por que não foram impedidas?

Em silêncio, ela teve um acesso de raiva contra si mesma. Estava presa no cume dos Jardins de Gelo, incapaz de chegar à Fissura Sombria. Nara contava com ela. *Todo mundo* contava com ela. E se tivesse perdido a chance de destruir aquela coisa, e agora os Jardins de Gelo — junto com todo o Ember — teriam que pagar o preço? Já quebrara sua promessa a Poppy? Como podia ter sido tão burra?

Decepcionada, Zenith empurrou Thea e Libbet para trás, instruindo:

— Vão se esconder em algum lugar.

— Se virem ou ouvirem qualquer coisa que não somos nós, teçam um V-Véu para se cobrir — completou Sete.

Thea arregalou os olhos, e Libbet soltou um guincho assustado. Zenith levantou as sobrancelhas para Sete.

— Você quer que Libbet teça um Véu? Ela só tem oito anos, essa é uma das magias mais complicadas que existem!

O som de pés com garras estava muito próximo.

— Façam o que Zenith mandou — Fênix instruiu Thea e Libbet, forçando-se a parar de pensar na Fissura Sombria. — Vão se esconder. Rápido. — Widge soltou um guincho de concordância, olhando preocupado para as garotas. Fênix respirou fundo. — Sete, você também.

A amiga já parecia esperar isso e se endireitou visivelmente.

— Estou com minha adaga. Eu não sou inútil. Posso ajudar.

— Se a gente precisar de você, a gente grita — respondeu Fênix, sem papas na língua.

Elas se encararam, e o rosto de Sete estava muito pálido. Por um momento, Fênix achou que a amiga fosse discutir, mas ela se virou e saiu andando de cabeça erguida.

— Obrigada — sussurrou Seis, obviamente aliviado. — Então, qual é o plano, exatamente?

Fênix assentiu rápido, a cabeça girando.

— Não temos para onde recuar — admitiu. — Defender esta passagem

é crucial.

— Podermos arriscar uma outra águia de gelo? — perguntou Seis.

— Só se estivemos confortáveis com a ideia de mergulhar para a morte — desdenhou Cinco. — E, para deixar claro, eu *definitivamente* não estou.

— Seria um último recurso, mesmo — concordou Fênix, o estômago embrulhado.

Lá em cima, os brilhaças não estavam mais em silêncio; seus gritos rasgavam o ar, deixando Fênix com os nervos à flor da pele. Uma chuva fraca e contínua de poeira de gelo cintilante caía sobre eles. As águias das bruxas estavam morrendo. Seria porque estavam sendo mortas pelos brilhaças, ou porque suas bruxas estavam morrendo dentro do Palácio de Gelo?

Zenith também notou. Lágrimas silenciosas escorriam por suas bochechas, mas ela assentiu, notando o olhar de Fênix sobre si.

— Não deixem nada passar. Entenderam? — falou, a voz firme.

Seus olhos foram para onde Thea e Libbet tinham corrido enquanto sussurrava feitiços defensivos, muitos, na direção delas.

— Vamos fazer tudo o que pudermos — garantiu Fênix. — Estrategicamente, é uma boa posição. Não dá para subir mais de duas ou três criaturas por vez pelas escadas. Podemos abater uma a uma. — Ela levantou a cabeça. — Mas também teremos que ficar de olho lá em cima. — Ela hesitou, aí prosseguiu: — Quando tiver uma pausa, preciso ir até a Fissura Sombria. Preciso destruir essa coisa. Você fica aqui com Cinco e Seis? Vai ser mais seguro assim.

Antes de Zenith responder, a primeira criatura surgiu na curva das escadas abaixo. Uma ruivona, molhada e cheia de algas, rastejou na direção deles com velocidade surpreendente, deixando um rastro de água.

O arco de Seis vibrou, e a criatura caiu. Na mesma hora, foi substituída por um lobo-do-inverno, que uivou ao sentir o cheiro do grupo. Um dos feitiços defensivos de Zenith resolveu isso.

Logo, não havia mais tempo para nomear as criaturas que apareciam, saltavam por cima dos corpos caídos das que tinham vindo antes e eram mortas pelas flechas de Seis ou os feitiços de Zenith. Cinco e Fênix ficaram parados, armas em punho, prontos para despachar qualquer coisa que passasse.

Então, de repente, Zenith se virou, agarrou o pulso de Fênix e a puxou para a frente, para substituí-la.

— Tem uma águia de gelo que *seria* segura para Thea e Libbet —

ofegou, os olhos febris e um leve brilho de suor grudado na testa.

Instintivamente, Fênix soube do que ela estava falando.

— Você quer fazer o feitiço de Emplumar agora, né? — indagou.

Zenith fez que sim.

— Se eu conseguir, saberemos que é seguro voar nela enquanto eu estiver viva.

— Achei que fosse para você descansar, não usar magia e tomar todas aquelas poções fortificantes antes de tentar isso — falou Fênix, de repente com muito medo.

Zenith assentiu.

— Mas é agora ou nunca. Senão, como vamos sair daqui?

Fênix apontou para as várias criaturas das sombras abaixo.

— Nós podemos cuidar disso, Zenith — disse ela, baixinho. — É para isso que somos treinados. Você não precisa se arriscar.

A jovem bruxa balançou a cabeça, um sorriso nos lábios.

— Não sabemos quantas criaturas tem lá embaixo. Precisamos supor que tem mais um monte. O que acontece quando acabarem as flechas de Seis, quando Cinco não conseguir mais levantar a espada?

Fênix abriu a boca, mas Zenith a interrompeu.

— Não. Eu sei que você vai lutar enquanto puder. Duvido que alguém vá lutar mais do que você. Sei que, quando não conseguir mais usar os machados, vai soltar seu fogo. Mas e depois que estiver esgotada? Depois que eu estiver exausta demais para lançar um feitiço? E aí? Sei que agora você se sente forte, mas e daqui a uma hora? Duas? Um dia?

Ela sacudiu a cabeça, e Fênix viu que estava decidida.

— Se quero ter alguma chance de sucesso, tem que ser agora, enquanto ainda tenho força e você tem energia para me defender.

Seus olhos buscaram os de Fênix, cheios de medo e determinação.

A Caçadora só conseguiu assentir, sem voz.

Foi Cinco quem falou, sério:

— Faz sentido, Zenith. Vamos proteger você enquanto pudermos.

A jovem bruxa assentiu para ele, agradecida, e saiu correndo.

— Boa sorte — sussurrou Cinco para as costas de Zenith; o desejo foi ecoado por Seis e, finalmente, por Fênix.

Capítulo 46

— Fênix! Se concentre! — gritou Seis quando dois lobos-do-inverno apareceu, lado a lado.

O primeiro já tinha se jogado em cima dela, a mandíbula apontada para seu pescoço. Girando para o lado no último segundo possível, Fênix cravou os dois machados com firmeza na nuca da criatura. O lobo morreu antes de cair no chão, e o impulso o lançou para além de Cinco, deslizando pelo gelo numa trilha macabra.

Fênix respirou, trêmula. Tinha sido por muito pouco.

— Isso não pode acontecer de novo! — gritou Seis.

Ela assentiu, forçando o olhar para a escuridão da escada.

— Não vai.

Mais do que tudo, porém, queria olhar para trás e ver como Zenith estava se saindo.

— Sinceramente — rosnou Cinco, agarrando sua mão e puxando a amiga para trás, para assumir o lugar dela —, olha logo, se precisar.

Fênix não discutiu, só se afastou, agradecida, e se posicionou entre os dois grupos, se dividindo entre olhar a entrada e Zenith. Seu coração batia rápido no peito, a boca estava muito seca.

Thea e Libbet saíram do esconderijo rastejando, claramente cientes do que estava prestes a acontecer. Ambas ficaram bem para trás, agarradas uma à outra. Zenith estava bem na frente do bloco de gelo reservado para

ela. Era gigante em comparação, com o dobro da altura da jovem. À luz embotada da manhã, parecia cinza e sólido e inabalável. Um desafio impossível. Como transformar uma massa de gelo em uma criatura viva e pulsante? Fênix não conseguia compreender.

Com um rugido intenso, Cinco balançou a espada para uma criatura ainda fora de vista, na escada.

Zenith não se moveu, nem pareceu escutá-lo. Toda a sua energia estava concentrada para dentro, a mão estendida. A bruxa deve ter falado alguma coisa e, de repente, o ar se encheu de magia selvagem e estrondosa. Uma resplandecência salpicada de dourado surgiu ao redor dela, feroz e assustadora, prendendo-a com grossas cordas de luz.

O feitiço sussurrou para o fogo no sangue de Fênix, provocando-o até a superfície, fazendo seus dedos começarem a formigar. Ela assistiu, o coração na boca, à magia se enrolando no peito de Zenith e se curvando como um laço em seu braço estendido. Fênix mal conseguir respirar. Parte dela queria desviar o olhar, mas estava hipnotizada.

O feitiço trançou o pulso de Zenith e foi na direção dos dedos. Fênix notou que a amiga estava começando a tremer, e os tremores logo se tornavam mais óbvios conforme o esforço de controlar o poder a afetava.

Inconscientemente, Fênix chegou mais perto, a força da magia de Zenith era magnética, chamando-a.

Um filete de sangue deslizou de uma das narinas da bruxa enquanto o feitiço saía de seus dedos, cobrindo timidamente o espaço entre ela e o grande bloco de gelo. A tensão ficava cada vez mais evidente: as pernas de Zenith estavam trêmulas, os nós dos dedos da mão direita se destacavam, tensos. Parecia que a bruxa estava se esforçando para ficar de pé, até mesmo para se manter consciente. Seus olhos, porém, queimavam de pura determinação. Fênix sentia que, mesmo que o mundo acabasse, Zenith não notaria, de tanto que estava presa no feitiço, de tão monumental que era seu desejo de conseguir.

Fênix prendeu a respiração: seria suficiente?

Os joelhos da bruxa cederam, e sangue começava a pingar de seu queixo, mas, mesmo assim, a magia fluía por ela, dobrando-se sobre si mesma, avançando na direção do gelo.

Thea soluçava baixinho, um braço em torno de Libbet, suas lágrimas caindo no cabelo da jovem companheira. Sete chegara mais perto das duas, com os olhos esbugalhados.

Fênix não conseguia se mover, e Widge se apertou contra sua bochecha,

oferecendo todo o conforto que podia.

Quando a magia de Zenith tocou o gelo, o fluxo aumentou e virou uma torrente uivante. Fênix mal conseguia ver a amiga em meio à explosão de luz. O pouco que conseguia discernir a fez sufocar de medo: Zenith, mal uma sombra no centro da fúria da magia, estava pendendo para um lado, quase sem forças para manter o braço erguido. Mesmo assim, seus olhos focavam o feitiço, tentavam marcar o gelo com vida, mesmo que ela começasse a vacilar.

Lenta e impossivelmente, Fênix viu que o gelo *estava* começando a mudar. As pontas afiadas se suavizaram, a forma borrava conforme o rugido da magia crescia sem parar, jorrando de Zenith como uma torrente.

Fênix sentia o feitiço se formando; percebeu isso com um sobressalto, e a conexão fez seu sangue arder. Sentia a magia se tecendo: vasta, complexa, incompreensível, tornando-se mais intrincada a cada momento, conforme a águia de gelo começava a tomar forma. Sob a superfície congelada, sentia os músculos se entrelaçando, as veias se multiplicando através de órgãos delicados, as funções corporais pairando no ponto da gênese.

Fênix transmitiu força a Zenith com cada fibra de seu ser. Uma última onda: era só o que precisava para finalizar o feitiço, sem dúvida. Mas, em vez de aumentar, sentiu a mágica desacelerar e viu, horrorizada, a amiga cair no chão, quase inconsciente, a magia apenas um fio.

— Zenith! — ouviu-se gritar.

— Zenith! — guinchou Libbet, chacoalhada por soluços.

Thea segurou a garota mais nova, que tentava correr para o brilho de magia, e Sete pulou à frente para ajudar.

Detalhes floresceram diante dos olhos de Fênix: a curva de um bico, a forma graciosa de uma ave, garras poderosas. A magia a repuxou, e ela sentiu algo grande se ajuntando dentro da estátua até, como o pico repentino de uma onda, a mudança varrer o gelo.

Penas esculpidas com delicadeza ganharam um novo esplendor vivo, garras se curvaram e estenderam até, enfim, o olho congelado se iluminar e piscar na direção de sua criadora.

Uma águia de gelo tinha nascido.



Capítulo 47

Por um momento, ninguém se moveu. A águia olhou para Zenith, que olhou de volta.

Com um som suave, a ave chegou mais perto, agitando as asas e abaixando a cabeça para olhar de perto a garota no chão.

— Xena — sussurrou Zenith, a voz rouca.

Ela estendeu a mão trêmula e acariciou as penas sob o olho da ave, que aceitou o toque, observando-a com atenção.

Numa explosão, Thea e Libbet se jogaram para cima de Zenith.

— Achei que não fosse dar certo. — Thea soluçou. — Achei que você estivesse cansada demais.

Libbet estava chocada demais para falar e só agarrou a bruxa mais velha com uma ferocidade que falava mais alto que as palavras.

Sete não se mexeu, havia um anseio no rosto dela, que olhava de Zenith para a águia de gelo recém-emplumada.

Fênix ficou para trás, sem conseguir tirar os olhos do pássaro enorme à sua frente. Xena era gigante, ainda maior do que Chiara.

Não conseguia encaixar o assombro em palavras. Nada parecia certo e, para seu horror, sentiu lágrimas ardendo nos olhos. Era coisa demais para absorver. Zenith tinha conseguido. Tinha mesmo.

— Xena — repetiu Zenith, baixinho.

— Zenith — respondeu a águia. Sua voz era mais firme do que a de

Chiara, mas a ternura era inegável.

Antes que Fênix pudesse organizar os pensamentos, ouviu um grito de pânico atrás dela.

— *Fênix!* — berrou Seis.

Deu as costas para a bruxa e sua águia, correndo de volta para as escadas, os machados nas mãos.

Os garotos estavam plantados na porta, ofegantes.

— Escuta — pediu Seis.

Fênix se inclinou para a escada, esforçando os ouvidos, e entendeu na hora. Bem lá embaixo, algo subia depressa na direção deles, o chão vibrando a cada passo. Fosse lá o que estivesse vindo, era enorme.

— Zenith conseguiu — avisou Fênix, arquejando, cambaleando para trás. — A águia de gelo dela se chama Xena. É grande o suficiente para carregar todos vocês.

— Por que você está falando como se não fosse vir junto? — perguntou Cinco.

Fênix olhou para ele, atravessada pelo terror. Por um momento, observando Zenith, esquecera de quem era, do que precisava fazer. Naquele momento, tudo voltava numa enchente nauseante.

— Eu *preciso* chegar à Fissura Sombria. Talvez seja o único jeito de acabar com isto. Se eu conseguir destruir essa coisa, talvez as criaturas das sombras... — Ela não completou.

O que achava que ia acontecer? Os monstros simplesmente iriam embora? Já era tarde demais para isso, talvez tarde demais até para as bruxas e os Jardins de Gelo. Mas talvez ainda pudesse salvar o Ember. Precisava tentar.

— Quê!? — ralhou Seis. — Você só pode estar de brincadeira! A gente não vai largar você aqui!

— *Obviamente* — desdenhou Cinco, parecendo insultado com a ideia. — Fique tranquilo, Seis. Ela já tentou isso nas criptas. Querendo bancar a heroína. — E olhou sério para a amiga. — Idiota.

Fênix engoliu em seco, olhando as escadas.

— Vocês não entendem — explicou. — Estou só tentando...

— Cinco tem razão — falou Seis, encaixando uma flecha no arco e mirando nos degraus abaixo. — Vamos enfrentar o que for juntos. E, se você vai até a Fissura Sombria, nós também vamos.

Fênix conteve um grito de frustração. Por que eles não obedeciam? *Por quê?*

Um atrás do outro, examinaram a escuridão da escada, o chão tremendo sob seus pés conforme o inimigo desconhecido se aproximava.

Seis engoliu em seco e encaixou outra flecha no arco, querendo disparar duas de uma vez. Fênix apertou os machados com mais força, e Widge era uma estátua em seu ombro. Ao seu lado, ouvia a respiração de Cinco ficar pesada.

A criatura chegava cada vez mais perto, batendo os pés na direção deles numa velocidade aterrorizante.

Fênix prendeu a respiração e tentou não se entregar ao medo.

A escuridão na escada se aprofundou quando a criatura fez uma última volta, se lançando pelos degraus superiores na direção deles.

Seis soltou as flechas assim que viu o movimento. Cinco e Seis pularam em sincronia, as armas cortando arcos mortais à frente.

A criatura, mal-iluminada, ganiu e se encolheu quando as flechas de Seis atingiram o alvo.

— FÊNIX!

Por pouco, a garota conseguiu parar os machados a tempo, atordoada pela confusão.

— *Cão?*

Capítulo 48

A alegria e o alívio eram tão intensos que Fênix poderia ter chorado. Ela cambaleou até o amigo.

— CÃO! — Foi mais um berro do que um grito. Em qualquer outro momento, teria se envergonhado da angústia em sua voz, da esperança desbragada.

De repente, o Guardião estava lá. Estava lá de verdade. Cão emergiu da escuridão, os olhos arregalados e as orelhas atentas, correndo em direção a ela em toda a sua enorme glória.

Fênix mal ouviu os gritos de alegria dos outros, só conseguia olhar para Cão, que inclinava a cabeça em sua direção enquanto ela se jogava no pescoço dele.

— Eu estava com tanta saudade! — exclamou a Caçadora.

— Eu também — rosnou Cão. — Tive medo de ter chegado tarde demais.

Um arrepio percorreu o corpanzil dele quando Cinco, Sete e Seis se aglomeraram ao seu redor.

Para o espanto de Fênix, um instante depois, uma faísca brilhante e rodopiante apareceu atrás dele, descendo para encontrá-los.

— Faiscafiada! — gritou a Caçadora, o coração tão cheio de alegria que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Encontrei eles — disse o espírito de fogo a Cão, pousando,

satisfeito, no ombro de Fênix.

No mesmo instante, Widge foi para dentro das peles, soltando um guincho desanimado. O calor que emanava do espírito de fogo causava um formigamento desagradável na cicatriz da bochecha, mas Fênix nunca ficara tão feliz em sentir aquilo.

— O que vocês dois estão fazendo aqui?

— Resgatando vocês, é claro — respondeu Faiscafiada, altivo.

— O que está acontecendo? — A voz era fraca, e Fênix se virou para ver Zenith mancando em direção ao grupo, amparada de cada lado por Thea e Libbet. Ela arregalou os olhos ao ver Cão. — É o Guardião do Pavilhão de Caça! Fênix me falou de você.

Atrás dela, Xena examinou Cão de alto a baixo, a cabeça inclinada para um lado.

— Cão, estas são Zenith, Thea e Libbet. — Fênix apresentou todas depressa.

— E Xena — acrescentou Zenith.

A águia inclinou a cabeça graciosamente para Cão.

— Saudações — murmurou, analisando cada aspecto do Guardião, como se tentasse entender como ele funcionava.

— As outras bruxas — lembrou Libbet, os olhos arregalados fixos em Cão —, e as mães de gelo. Você as viu? Elas estão bem?

Um rosnado profundo ecoou no corpo de pedra, e Thea puxou a garota mais nova para trás, engolindo em seco.

— As mães de gelo são as estátuas? — perguntou Cão.

Libbet assentiu.

— Quebradas — disse ele, os pelos arrepiados. — Por onde entrei, estavam em pedaços.

O lábio inferior de Libbet começou a tremer.

— E as bruxas? — perguntou Fênix, temendo a resposta.

— Não vi nenhuma viva.

Zenith arquejou e se encostou nas pequenas bruxas, e as mais novas choramingaram. A escuridão se espalhava pelas palavras de Cão, e Fênix se recusou a acreditar naquilo. O Guardião estava errado; só podia estar. Algumas das bruxas teriam encontrado onde se esconder. Mas, sob esses pensamentos, havia um sussurro de que isso não era verdade.

— Mas eu vi muitas criaturas — prosseguiu Cão, alheio à agonia de Fênix. — Estão agrupadas em volta dos Jardins de Gelo. Algumas estão escondidas na névoa. Outras vagam pelos corredores. — Seus olhos

estavam voltados para os Caçadores. — Todos nós precisamos partir. Agora. — Ele indicou Xena com a cabeça. — A água de gelo é a saída mais segura. Você voam, eu os encontro no Beiral.

— Que mandão — murmurou Faiscafiada, mal-humorado, do ombro de Fênix.

— Silêncio, Faiscafiada — retrucou Cão, com firmeza. — Você já viu o que se esconde lá embaixo. Você sabe que o céu é o mais seguro para eles.

— Tem brilhaças lá em cima — lembrou Fênix, forçando-se a retomar a concentração, indicando com cabeça as nuvens escuras e inconstantes. — Muitos.

Seu olhar foi para a orelha rasgada de Cão, depois se desviaram. O Guardião já lhes contara que o ferimento tinha sido obra de brilhaças.

Um rosnado tremeu nos lábios de Cão, que também olhava para cima.

Para surpresa de Fênix, Faiscafiada olhou para Cão decidido.

— Eu levo todos ao Beiral, Cão — garantiu ele. — Protejo a todos dos demônios do céu, se precisar.

Cão assentiu, seu alívio era evidente.

— Obrigado.

— Não posso ir — avisou Fênix. — Ainda não. Não antes de destruir a Fissura Sombria.

Atrás deles, Zenith ajudou Thea e Libbet a subirem nas costas de Xena, depois se virou para Cão.

— Quero ajudar — declarou ela.

Fênix sentiu o coração apertado.

— Você não pode, Zenith, e sabe disso. Mal consegue ficar de pé. Fez tudo o que pôde, e eu vou me sentir melhor sabendo que você está longe daqui e em segurança. — Ela balançou a cabeça quando a bruxa abriu a boca para protestar. — E tem a Thea e a Libbet. Se algo acontecer com você, vai ser o fim para elas também. Você prometeu a Nara que cuidaria delas.

A bruxa abaixou a cabeça, os punhos cerrados. Quando ergueu os olhos de volta, estava com o rosto coberto de lágrimas, mas assentiu.

Faiscafiada bocejou e se levantou do ombro de Fênix, indo em direção a Xena.

— Você vai me seguir — disse, imperioso. — E vai voar *exatamente* por onde eu disser.

A água de gelo estreitou os olhos, mas assentiu.

Fênix se voltou para Sete, Cinco e Seis, um turbilhão de pensamentos.

O que poderia dizer para convencê-los a partir com Zenith?

— N-não — falou Sete, de repente, antecipando o que estava por vir. — Não estou n-nem aí para não ser Caçadora. Não vou voar em outro desses pássaros. Não vou a-abandonar todos vocês. Vocês não podem me obrigar. E, de qualquer forma, v-vão precisar de mim.

— Ah, que ótimo — murmurou Cinco, interrompendo a resposta de Fênix. — O que é *aquilo*? — Ele apontou para as escadas.

Um brilho verde vazava da escuridão abaixo, cada vez mais forte. Havia algo de horivelmente familiar naquilo.

Os lábios de Cão tremeram em um rosnado. Um nó de desconfiança crescia dentro de Fênix.

— Não é... Morgren? — sussurrou, o medo ecoando tão alto em seus ouvidos que Fênix mal conseguia ouvir a própria voz.

Seis tinha chegado à mesma conclusão.

— Vão! — gritou ele, virando-se para ver Thea puxando Zenith para as costas de Xena. Com uma olhada no brilho verde, seu rosto se iluminou de horror.

— Vocês vão... — começou Zenith.

— VAI LOGO! — gritou Fênix para Xena quando uma bola brilhante e crepitante de magia de trasgo verde saiu da escada.

Cinco e Fênix conseguiram se jogar para fora do caminho bem a tempo, e o feitiço se chocou contra uma torre de gelo atrás deles.

Com um grito de alarme estridente e de estourar os tímpanos, Xena abriu as asas e levantou voo bem a tempo de evitar um dilúvio de gelo caindo. Era seu primeiro voo, mas as batidas das asas eram poderosas e confiantes. Junto de Faiscafiada, a águia girou para longe, o rosto das jovens bruxas em suas costas diminuindo a cada segundo.

Fênix se levantou de um salto, tendo alguma dificuldade para tirar os olhos de Zenith. Outro raio de magia disparou da escuridão e, dessa vez, ela conseguiu desviá-lo, apesar de seus braços de repente terem ficado trêmulos.

Morgren estava ali.

Não tinha destruído a Fissura Sombria, e agora Morgren chegara para libertar aquele horror.

Era tarde demais.

Capítulo 49

Algo zumbia NA CABEÇA DE FÊNIX, e sua visão estava embaçada. Então, de repente, Sete pulou para a sua frente.

— Quando eu disser para você correr, corra — disse a garota, rápido e com muita calma, com uma compostura surpreendente. — Você precisa chegar à Fissura Sombria e *precisa* destruir aquela coisa. — Ela olhou para Cinco, Seis e Cão. — Não se preocupe em nos deixar para trás. Vamos ficar bem.

Fênix ficou olhando. Nunca tinha visto a amiga tão no comando. Era como se houvesse outra Sete parada ali, na sua frente.

— Sete, você viu...?

— Faça o que ela diz, Fênix — sussurrou Seis, de olho no brilho verde que se aproximava. — Nós conseguimos nos cuidar.

— Isso — concordou Cinco, embora parecesse um pouco menos seguro. — E tente não deixar a Fissura Sombria matar você.

Outro raio de magia disparou da escada, direto para Fênix. Conseguiu desviá-lo a tempo, mas logo atrás havia outro. Antes que ela percebesse o que estava acontecendo, Cão saltou para protegê-la, e o impacto da magia o jogou no chão.

O grito de dor do Guardião era um tormento para ela e, quando Fênix correu até ele, sentiu cheiro de queimado.

— Fênix, cuidado! — gritou Seis, mas era tarde demais.

De tão preocupada com Cão, o outro feitiço de Morgren passou despercebido. A luz verde foi com tudo em seu peito, deixando-a sem fôlego, arremessando-a pelo gelo. Por um momento, ela ficou atordoada, no limite da consciência, até que os gritos de horror de seus amigos a chamaram de volta.

A primeira indicação de que algo estava errado foi uma sensação quente, furiosa e efervescente que se espalhou por seu peito e suas costas, e então um aperto doloroso. No mesmo instante, Widge deu um grito de pânico e escapou das peles, agarrando-se aos cabelos dela. Com dificuldade, Fênix levantou a cabeça e viu a magia verde de Morgren se enrolando em torno de seu corpo como uma corda. E espremendo o ar de seus pulmões. Com força.

— Fênix! — gritou Cinco, o pânico evidente, correndo até ela, com Seis e Sete logo atrás.

Antes que os amigos pudessem alcançá-la, a magia se apertou outra vez, esmagando até a garota sentir as costelas rangerem; depois, ela foi puxada para cima, sobre os amigos, os braços presos junto ao corpo, as pernas chutando em desespero. Widge se agarrava ao seu cabelo, gritando loucamente, as garras cravadas no couro cabeludo. Fênix subiu e subiu até que de repente parou de se debater: cair daquela altura causaria, no mínimo, ferimentos graves, possivelmente até a morte. Foi tomada pelo desespero. Morgren a derrotara sem nem pôr os olhos nela.

A risada cruel que escutou um momento depois foi um tormento.

— Ora, ora, ora — comentou o mago, por fim aparecendo no topo da escada, os olhos violetas em Fênix, erguida logo acima. — A grande e terrível elementar, presa com tanta facilidade. Estou quase decepcionado. — Seus olhos se voltaram para Cão, que ainda tentava se levantar com dificuldade, e seus lábios se curvaram em um sorriso ao ver a marca de queimadura na lateral do corpo do Guardião. — E aqui está Cão, também abatido. Hoje eu realmente me superei.

Em um instante, Seis encaixou uma flecha e a apontou para o mago, gritando:

— Solte a Fênix!

Seis parecia assustado, e Fênix sabia o quanto ele estava tentando esconder o sentimento.

Morgren apenas sorriu.

— Garoto bobo. — Ele apontou com a cabeça para Fênix, suspensa acima. — Não é em mim que você precisa mirar.

Mesmo em meio à dor, Fênix se perguntou o que ele queria dizer. Foi Widge quem a alertou, descendo até seu peito e colocando as patas em seu queixo, empurrando sua cabeça para trás até que ela olhasse para as nuvens.

Com um som parecido com o de seda se rasgando, os brilhasas mergulharam do alto, com penas brilhantes das águias de gelo ainda presas nos bicos e nas garras, as asas escuras ondulando no ar. Tudo que Fênix via eram aqueles pássaros mergulhando em sua direção, seus gritos de empolgação sanguínea de repente eram a única coisa que conseguia ouvir. Ela contorceu os braços o máximo que pôde, tentando desesperadamente agarrar a adaga no cinto, mas não adiantou: os laços mágicos a magia de Morgren se manteve firme.

Lá embaixo, seus amigos gritaram, horrorizados, quando a primeira criatura a alcançou em uma rajada de asas apodrecidas, garras afiadas e cheiro de carniça. Fênix engoliu um grito inútil, ainda se esforçando para soltar as mãos, para proteger Widge, mas as garras malignas iam na direção deles.

Então, sem aviso, no último instante, o brilhasa se afastou bruscamente com uma flecha cravada fundo em seu peito.

Lá embaixo, Seis soltou um rugido de triunfo, disparando uma flecha atrás da outra, cada uma encontrando um alvo, afastando outra criatura dela.

A ira se espalhou pelo rosto de Morgren, e Fênix estava prestes a gritar um aviso para Seis, mas Vitória apareceu nas escadas atrás do mago, inesperada como uma tempestade, de espada em punho, tão alta, fria e orgulhosa como sempre.

Até que ela viu o que estava acontecendo.

— Morgren! — rugiu a Mestre de Armas, os olhos arregalados. — O que você está fazendo?

Outro brilhasa mergulhou na direção de Fênix. O mago arreganhou seus dentes afiados para Vitória, e a corda sibilante ao redor da garota redobrou a tentativa de esmagá-la, arrancando o ar de seus pulmões.

— *Morgren!* — gritou Vitória, outra vez.

No instante em que sua visão começou a vacilar e Fênix teve a certeza de que suas costelas iriam quebrar, a pressão cruel diminuiu, e ela buscou por ar, desesperada, e foi abaixada até o chão, para longe dos brilhasas.

Olhou para os inimigos, fúria e repulsa queimando dentro dela. Aquelas eram as pessoas responsáveis por tanta morte e miséria em sua vida e em

muitas outras.

— Só estava me divertindo um pouco. — Morgren fazia cara feia para Vitória.

— Sério? — perguntou a antiga Mestre de Armas, levantando uma sobrancelha. — Parecia que você estava tentando matar a garota.

— Na verdade eu só ia machucar — retrucou Morgren. — Quando eu matar, vai ser com a Pele. — Ele tirou a faca curta de esfolar do cinto e acenou com ela para Vitória, parecendo tão feliz com a ideia que chegava a ser doentio.

Um movimento chamou a atenção de Fênix: Sete estava ao lado de Cão, sussurrando algo em seu ouvido. A cabeça do Guardião estava inclinada para a dela, e Fênix não pôde deixar de notar que a marca de queimadura na lateral do corpo dele já estava muito menor. Juntos, os dois se viraram para Fênix, que se levantava, trêmula.

Não, não, não, ainda não.

Mas Sete não conseguia ler sua mente e, antes que Fênix pudesse sinalizar que não estava pronta, a garota abriu a boca e gritou a plenos pulmões:

— Agora!

No mesmo instante, Cão saltou para cima de Morgren e de Vitória, derrubando o mago no chão, a mandíbula se fechando a poucos centímetros do braço com que Vitória segurava a espada. A Mestre de Armas conseguiu se esquivar por pouco, soltando um grito de surpresa.

— Corra, Fênix! — berrou Sete, agarrando a adaga com ambas as mãos, a ponta da lâmina tremendo. — *Agora!*

Não havia tempo para pensar. Os amigos estavam se arriscando por ela, para que tivesse a chance de fazer o que tinha ido fazer ali: destruir a Fissura Sombria de uma vez por todas, e salvar o Ember. Sentiu medo pelos amigos, mas não podia desperdiçar a oportunidade preciosa que tinham proporcionado. Poderia ser a última chance do Ember.

Cada respiração fazia doer as costelas machucadas, mas, mesmo assim, Fênix correu o mais rápido que podia, direto para as escadas, balançando bem os braços ao lado do corpo, incitando as pernas a acompanharem o movimento. Widge guinchou em seu ombro, cravando as garras na pele de urso para não cair. Fênix corria como se estivesse fugindo da perseguição de Croke por todos os seus pesadelos, como se pudesse superar o horror de deixar os amigos para trás.

Os pensamentos saltavam feito grilos, a adrenalina percorria as veias, o

fogo formigava na ponta dos dedos, e uma esperança terrível crescia dentro dela.

Talvez não fosse tarde demais.

Capítulo 50

Fênix desceu à toda pelas escadas, por corredores de gelo que logo escureceram. A influência da Fissura Sombria tinha se espalhado. Então, sem aviso, o chão deixou de existir e, de repente, ela estava caindo. Água gelada se fechou sobre sua cabeça, enchendo a boca e o nariz da garota. Ela soltou um grito silencioso, as peles encharcadas a puxando cada vez mais para baixo. O pânico foi imediato, os pulmões ardiam em busca de ar, os braços e as pernas se debatiam, impotentes.

Sentiu Widge se soltar da pele de urso e se debater até a superfície, mas não conseguia segui-lo; era como se o frio tivesse congelado sua habilidade de pensar, de se mover.

A voz de Poppy.

— *Shh, ela vai te ouvir!*

Starling parou de se debater e começou a afundar. Quando conseguiu lutar até voltar para a superfície, estava tossindo, furiosa. Poppy e Reed espiavam do exato mesmo esconderijo que ela usara para espiá-los antes.

— *Você está conseguindo, Starling!* — *Poppy abriu um sorriso ao perceber que tinha sido vista, então foi se sentar na margem, os pés mergulhados na água fria. — Eu sabia que você conseguiria, se tentasse.*

Reed ficou ao lado de Poppy, igualmente satisfeito.

— *Chute, puxe, respire — instruiu. — Você está indo superbem!*

Para sua irritação, Starling percebeu que o elogio estava mesmo funcionando; nem ligou para as dicas que Reed gritou, nadando para lá e para cá na frente deles.

Chutar. Puxar. Respirar.

Respirar.

O cérebro gritou a palavra para ela. Debaixo d'água, seus pés tocaram algo mais ou menos sólido, e Fênix se impulsionou com tudo o que tinha, forçando-se a lutar contra o peso das roupas que a puxavam para baixo.

Quando finalmente emergiu, os pulmões doíam; ela puxou o ar, assolada pelo terror. Widge subiu em sua cabeça com um guincho descontente, cravando as garras dolorosamente em seu couro cabeludo.

Fênix avançava pela água. Por um breve instante, pareceu que Poppy estava muito perto.

— *Acho que pode ser útil* — dissera a irmã, três anos antes, sobre aprender a nadar.

Fênix quase chorou ao perceber como ela estava certa. Como nunca notara a inteligência de Poppy? Até Sete comentara a respeito, e a amiga nem tinha conhecido Poppy.

De repente, levou uma mordiscada de Widge, que guinchava incentivos para que ela se concentrasse naquele momento difícil. Nadando, Fênix se forçou a olhar ao redor, horrorizada ao perceber o que tinha acontecido. A passagem quase não existia mais, o chão todo voltara a ser água. Reparou como as paredes se esforçavam para se manter erguidas, curvando para dentro, o peso do oceano esperando para afogá-la.

Cerrando os dentes, Fênix olhou para a frente, batendo as pernas para se manter à tona. A Fissura Sombria ainda estava lá, esperando por ela. Mesmo que caminho estivesse mais estranho e perigoso, não podia voltar atrás. E, se não podia andar, teria que nadar. A garota se lançou em direção à Fissura, sua respiração era ofegante, o som de suas braçadas, ensurdecedor. Parecia que Reed e Poppy ainda estavam lá; quase podia ouvir as instruções e os incentivos deles, ainda que as peles encharcadas tentassem puxá-la para baixo.

O ar alternava entre quente e frio conforme Fênix passava com dificuldade pelas tochas ainda acesas, sabe-se lá como ainda agarrada às paredes, o coração acelerado devido ao esforço.

Por um instante, Fênix torceu para encontrar Nara ali, esperando por ela, como o prometido. Então lembrou que Nara estava morta; não conseguiu conter o soluço de horror. Não tinha percebido o quanto estava contando com o apoio da bruxa.

Mas não podia parar, não podia correr o risco de perder essa chance, não com tanta coisa em jogo.

Em parte, esperava ser perseguida, achava que Morgren, Vitória ou, pior ainda, Croke saíam de repente da escuridão para detê-la. Mas ali estava, contra todas as probabilidades.

Com o coração apertado, Fênix atravessou o arco a nado, tentando manter a mente vazia, sem pensar no que viria a seguir. Seus pés tocaram algo sólido; aliviada, percebeu que conseguia ficar de pé. A água batia na cintura dela, as ondulações constantes da brisa do óculo arrepiavam seu pescoço. Widge subiu em seu ombro e se sacudiu com tudo.

Quando ergueu o rosto para a Fissura Sombria, Fênix estava calma: afinal, teria sua chance de destruí-la. Era tudo o que podia pedir.

Capítulo 51

Só alguns passos à frente, a escuridão estava enfurecida dentro do óculo, uma tempestade noturna presa em um frasco. Widge soltou um guincho baixo de medo, e Fênix ergueu a mão trêmula para acariciá-lo, torcendo para que isso acalmasse os dois. Mas seus olhos não desgrudavam da Fissura.

Yelara tinha dito que aquela coisa não estava viva, mas, para Fênix, a Fissura parecia estar ciente de sua presença. A escuridão se contraiu à sua frente, tornando-se mais densa e espessa, a superfície ondulando como o piche que mantinha as tochas acesas no Pavilhão de Caça. Havia um reflexo corrompido e distorcido na água em volta. A garota podia jurar que a temperatura estava mais baixa, e seus dentes começaram a bater.

Com a rapidez de um relâmpago, um fio de sombra se formou e se lançou em sua direção com uma velocidade chocante. A magia do óculo mantinha aquela coisa sob controle, mas Fênix via como o feitiço se afinava e se esticava quando a escuridão se lançava contra a barreira.

Fênix sentia a boca muito seca, o coração disparado no peito. Era hora: estava ali, pronta para enfrentar a Fissura Sombria.

Só que não se sentia nem um pouco pronta.

Sacudiu o corpo com força, conteve o tremor e cerrou os punhos, forçando o olhar para a escuridão contorcida e cruel da Fissura. Já começara aquele confronto hesitando, o que talvez tivesse custado a vida

das bruxas e colocado todo o Ember em risco. Outra onda de tremores assolou seu corpo, mas dessa vez não tinha nada a ver com o frio.

Respirou fundo e tentou colocar os pensamentos em ordem, tentou pensar como uma Caçadora. Quais eram os pontos fortes da Fissura? Quais poderiam ser os pontos fracos? Qual seria a estratégia?

Essa coisa vai matar você.

Foi o único pensamento que conseguiu formular, porque era verdade. A Fissura Sombria era mais forte do que ela; Fênix sabia disso com cada pedacinho de seu ser. Poderia jorrar seu fogo para cima daquela coisa até o limite, até que seu coração não tivesse energia para bater, mas não faria diferença. Aquela batalha ela não venceria.

A atração perigosa da magia da Fissura fazia o corpo formigar, e o fogo dentro dela pulsou em resposta, chegando mais perto da superfície, trazendo, para variar, um calor bem-vindo.

No entanto, o terror daquela monstruosidade se recusava a ser esquecido ou ignorado: gritava os riscos para Fênix, golpeando-a com tudo o que ela poderia perder a ponto de deixá-la enjoada.

Fênix fechou os olhos, apagou a escuridão e, em vez disso, pensou nos amigos: em Sete, Seis, Cinco, Widge e Cão; as pessoas que tinham lhe trazido esperança quando achava que não havia mais o que fazer, que tinham feito com que ela voltasse a se importar, fosse com eles ou consigo mesma. Depois de perder a família, sua existência tinha se tornado um crepúsculo cinzento, sua conexão com o mundo estava por um fio, sustentada apenas por Widge e pela fome feroz de vingança. Mas os amigos a ajudaram a ver que a vida era possível, mesmo depois de uma tragédia e de um luto furioso que não deixaram nenhuma faceta dela inalterada. Aquelas eram suas âncoras, e não havia nada que não fizesse por eles. Naquele momento, estavam todos lutando contra Morgren e Vitória, fazendo hora para que ela enfrentasse a Fissura Sombria. Não podia decepcioná-los.

Não podia decepcionar *o Ember*, cheio de milhares de pessoas que não conhecia, mas cuja vida estava perigosamente ligada à dela: se tivesse sucesso, todas viveriam; se falhasse, morreriam.

E havia ainda Poppy. Fora a irmã que abrisse os olhos de Fênix para as maravilhas do mundo, para todos aqueles lugares além do clã em que tinham crescido. Poppy queria conhecer tudo. Mas a irmã se fora, e a única coisa que Fênix podia fazer era tentar preservar esses lugares para ela.

Tantas vidas dependiam dela. Não podia decepcionar ninguém.

Respirando fundo, Fênix encarou a escuridão que se contorcia e afastou o desejo desesperado de não ter que fazer aquilo sozinha, afastou o pensamento de que nunca se sentira tão pequena ou tão sozinha. Como se a ouvisse, Widge começou a mastigar seu cabelo, com pequenas puxadinhas, como se quisesse lembrá-la de que ele também estava ali.

Fênix engoliu um soluço que era uma mescla de gratidão e de medo pelo esquilo; com certeza o empurraria para longe se achasse que ele iria embora. Mas já sabia que ele não iria.

A respiração vinha aos trancos, o terror a deixou lenta. Ainda assim, Fênix convocou suas chamas, que saltaram para a superfície, ávidas e famintas.

A Fissura Sombria se juntou diante dela, dentro do óculo, se preparando. Fênix a encarou, se acalmou, então levantou a mão e abriu com tudo a porta de seu poder.

Fogo irrompeu de dentro dela, atravessou o óculo e foi direto para a escuridão faminta. Quando se chocaram, uma onda elétrica reverberou pelo óculo. Por um momento aterrorizante, Fênix viu a proteção ficar incrivelmente fina, testada até os limites, antes de se recuperar, ainda contendo a Fissura, mas por pouco. Cerrando os dentes, Fênix impeliu mais força, lançando mais e mais fogo contra a escuridão.

Widge estava com o corpinho tenso, e seus olhos se estreitaram, observando o que estava acontecendo; Fênix estava incrivelmente grata por seu calor e sua presença.

De repente, não havia espaço para qualquer pensamento, só para a batalha. A Fissura deu um jeito de agarrar seu fogo, se arrastando sobre as chamas com uma força inimaginável. Fênix se esforçou para manter o controle do poder, manter o ritmo, manter o fluxo estável e, ao mesmo tempo, para conter o pânico crescente.

Não sabia há quanto tempo estavam nessa luta, até que finalmente sentiu as chamas se prenderem em alguma coisa, alguma parte invisível da Fissura, agarrando-se ali e começando a causar dano. Mas, em troca, a entidade só se enfureceu ainda mais, puxando cada vez mais forte. Algo estranho estava acontecendo: a Fissura Sombria estava pouco a pouco apagando a cor de seu fogo. Dentro do óculo, as chamas eram um turbilhão confuso e acinzentado.

Fênix redobrou os esforços, sempre aumentando a torrente de fogo, até que toda a caverna estivesse dourada e reluzente.

Dentro do óculo, a Fissura Sombria se contorcia e se revirava, depois se condensava em si mesma, tornando-se mais compacta e malévola. Fênix enfim sentia sua verdadeira força. Com um poder inegável, a Fissura se agarrou outra vez ao seu fogo, arrancando as chamas dela com tanta força que a garota sentiu algo se romper no fundo do peito. Seu coração começou a bater num compasso estranho, e um frio novo a invadiu.

Em meio à dormência, ouvia Widge guinchando. A cada respiração, a Fissura Sombria tirava mais do seu comando, arrancando seu fogo aos feixes. O coração de Fênix começou a desacelerar, as pernas, a tremer. De repente, era uma dificuldade manter-se de pé na água.

Manchas escuras dançaram diante de seus olhos, confundindo o que ela via. A Fissura estava mesmo menor, ou era um truque da luz? Talvez não importasse, fosse o que fosse. Fênix não tinha mais energia para terminar aquilo. A Fissura Sombria tinha vencido.

As manchas escuras se espalharam, e sua visão se estreitou. A torrente de fogo começou a vacilar e seus joelhos quase cederam, as ondulações da água batendo contra suas pernas, o medo expulsando qualquer pensamento.

Fênix se viu de fora do corpo, resistindo na frente da Fissura Sombria, banhada pela escuridão, mal conseguindo sustentar o braço erguido.

Em seguida, a imagem cintilou para a Emplumação de Zenith, com a bruxa banhada pela luz, um contraste de como Fênix estava atolada na sombra. Quase riu alto com aquilo, a mente de repente livre, girando e selvagem: ela era uma inversão sombria de Zenith, uma impressão negativa; destruição em vez de criação; fracasso contra sucesso.

O pensamento a despertou, a fez recuperar o chão.

Como Zenith encontrara forças para aquele último impulso, aquela última onda desesperada de magia que garantira seu triunfo?

E, se Zenith conseguira, por que ela não podia? Por que não podia fazer isso pelos amigos que confiavam nela, pelas bruxas que tinham pedido sua ajuda, pelo povo de Ember, com todos os seus sonhos desconhecidos? Por que não podia fazer isso por Poppy?

A urgência soltou faísca e se abrigou, e Fênix forçou a cabeça a se erguer, procurando desesperadamente dentro de si por alguma coisa, *qualquer coisa* que pudesse ajudá-la. Onde estava sua fúria? Onde estava sua raiva fortificante? Parecia tão inesgotável, eterna... não era por isso que tinha recebido aquele dom ardente, para começo de conversa?

E se não estivesse lutando contra a Fissura Sombria, mas contra

Morgren? E se pudesse lutar contra o que ele, Vitória e Croke tinham feito contra sua família? E se pudesse lutar contra a lembrança da última noite em Poa, de encontrar a família assassinada? Lutar contra a ideia de que nunca mais veria, nunca mais abraçaria, ouviria ou beijaria sua família? E se pudesse até lutar contra aquelas mortes?

Se pudesse fazer isso, se tivesse essa chance, não tinha dúvidas de que venceria.

Fênix ergueu o olhar para a Fissura Sombria e levantou a outra mão.



Capítulo 52

Superado o medo, Fênix sentiu o coração voltar a bater mais rápido, de repente cheio e seguro. Podia fazer aquilo. *Ia fazer* aquilo. Não notou mais o frio nem a água. Só havia fogo e certeza. As chamas jorravam cada vez mais rápido, agora de ambas as mãos, a visão clareando o suficiente para revelar que a Fissura estava, de fato, encolhendo. Ainda resistia com fúria, tentava agarrá-la, mas, mesmo assim, estava encolhendo.

Então, sentiu a Fissura mudar, recuar. Em vez de puxar seu fogo, agora tentava fugir. Com só uma fração do tamanho de antes, a escuridão se debatia dentro do óculo, desesperada, sem conseguir sair do alcance das chamas, ainda tentando, mas... Fênix franziu a testa, os sentidos brutos e mais afiados do que o normal. A Fissura Sombria não estava tentando alcançar *Fênix*, e sim algo além dela.

Escutou um grito de batalha escapar de seus lábios no mesmo instante em que um guincho feroz de encorajamento irrompia de Widge. O sucesso estava ao alcance; nada poderia pará-la. Redobrou os esforços, mais uma vez lançando tudo o que tinha contra a escuridão até que, com um som terrível de algo se rasgando, a Fissura Sombria se partiu em dois, três, quatro... inúmeros pedaços, até desaparecer.

Fênix caiu, alívio e descrença se mesclando dentro de si. Mal conseguia levantar a cabeça, mas não conseguia tirar os olhos do óculo vazio. Tinha mesmo feito aquilo? Sentiu o movimento do gelo, que mudava, a água

recuando e voltando a congelar. Ficou olhando em volta, num espanto silencioso, conforme a magia dos Jardins de Gelo se reestabelecia.

De repente, estava de pé, pingando, o chão estava sólido. E, diante de seus olhos, o gelo voltou a reluzir, no começo um brilho suave, então foi se intensificando até seus olhos doerem, desacostumados à luz. Ficar de pé parecia esforço demais, e Fênix meio que se sentou, meio que caiu, baixando a testa para o gelo recém-formado, as tochas faiscavam e dançavam ao redor, sua luz de repente desnecessária.

Widge deu uma leve cabeçada em sua bochecha, guinchando em profundo alívio.

Tinha conseguido. Depois de tanta dúvida, tanto medo, tinha vencido a Fissura, salvado Ember, frustrado Morgren e Vitória. Fênix sabia que devia se levantar, voltar aos outros para contar a novidade, garantir que estivessem seguros, mas a exaustão, mais pesada do que qualquer coisa que já sentira, a mantinha no chão.

Ouviu passos ao longe, se aproximando.

Ao seu lado, Widge grunhiu e se escondeu na pele de urso ensopada. Fênix mal conseguiu levantar a cabeça para ver quem o incomodara.

Vitória estava com a espada na mão, os olhos fixos no óculo vazio. Sua expressão era de pura satisfação.

Fênix não conseguia se mexer, não conseguia nem pensar direito, mesmo quando a Mestre de Armas se agachou ao seu lado.

— Eu sabia que você não iria me decepcionar, Fênix — murmurou ela, com um raro sorriso nos lábios.

A garota empenhava cada célula do corpo para se manter consciente, mas a escuridão rastejava nos cantos da visão. O que estava acontecendo? Por que Vitória estava tão feliz?

A última coisa que ouviu foi o sussurro exultante de Vitória enquanto a levantava com cuidado do chão:

— Nosso mestre vai ficar muito satisfeito com você, Fênix. Muito, muito satisfeito.

Depois, tudo ficou preto.

Capítulo 53

— ... não precisa amarrar a garota, ela está exaurida.

Fênix abriu os olhos, sons e imagens rodopiavam ao seu redor.

— E a Fissura Sombria? — A voz era inegavelmente de Morgren, soando faminta, ansiosa.

— Se foi. — Vitória abaixou a voz. — Não graças a você. O que estava pensando, Morgren? Atacando a garota *antes* da coisa ser destruída? É bom torcer para o mestre não ter...

— Fênix! — gritou Seis e, um momento depois, as vozes de Cinco, Sete e Cão se juntaram à dele, até a garota sentir os ouvidos zumbindo.

Seus olhos não enxergavam muito bem, mas ela forçou os músculos que berravam em protesto até conseguir sentar, examinando os arredores. Widge saiu da pele de urso e se pressionou contra sua bochecha, os tremores em seu corpinho indicando o quanto estivera preocupado.

— Está tudo bem, Widge — sussurrou Fênix, sem saber se era verdade.

Aos poucos, a visão clareou o bastante para ela notar que estava de volta ao ninho de águias, com Morgren e Vitória ali perto, ambos encarando-a com cautela. Um cinza fraco e ralo se espalhava pelos Jardins de Gelo até onde Fênix podia ver, as nuvens no céu e a neblina no chão se unindo num borrão, difíceis de discernir. O mundo tinha virado um vazio sem forma.

Mas onde estavam seus amigos? Ouvia as vozes deles, mas não os via

em lugar nenhum.

— Aqui em cima! — chamou Cinco, sem fôlego.

Fênix levantou a cabeça e soltou um urro de raiva. Os amigos estavam pendurados em cima dela, suspensos com cordas mágicas, da forma como ela estivera mais cedo. Até Cão estava preso, e dava para ver que estava lutando com cada grama de sua força considerável. Por todo lado, em cada canto de gelo, os brilhasas estavam espalhados, os olhos seguindo cada contração e contorção de seus amigos com cobiça inegável.

— Solte meus amigos! — gritou Fênix, se levantando com dificuldade e dando um passo cambaleante em direção a Morgren.

Ela levou a mão até a adaga no cinto, mas viu que tinha desaparecido.

Vitória balançou a arma para ela, parecendo feliz.

— Eu não sou idiota, sabe? — Ela abriu um sorriso que ficou ainda maior quando se virou para o mago. — Mas talvez a gente devesse conceder esse pedido, Morgren. Depois de ela ter nos ajudado tanto, é o mínimo que podemos fazer.

Fênix ficou confusa.

— Do que você está falando? — questionou Cinco, o rosto vermelho de tanto lutar contra as amarras. — Fênix *nunca* ajudaria vocês. Nunca.

Fênix não pôde deixar de se sentir tranquilizada pela certeza na voz do amigo. Os olhos dele, quando o fitou, estavam cheios de convicção e indignação por ela.

Vitória deu risada.

— Ah, mas ajudou, sim.

Fênix nunca tinha visto a Mestre de Armas sorrir tanto, o que estava começando a assustá-la. Sua mente revirou, mas não conseguia entender o que estava acontecendo. Tinha destruído a Fissura Sombria, salvado o Ember, arruinado todos os planos deles... Certo?

A menos que...

— A Fissura Sombria não era o que pensávamos, né? — perguntou Seis, a voz trêmula.

Ele não estava mais lutando contra as amarras, estava só pendurado ali em cima, seu rosto esculpido com desespero. Cão e os outros também ficaram quietos, horrorizados.

Vitória riu, um escárnio que deixou Fênix com vontade de lançar os machados na direção dela. Se ao menos as armas estivessem por perto...

— Não mesmo! — exclamou Vitória, lágrimas de alegria brotando em seus olhos. — Fênix... ela só foi lá e... — Vitória não conseguiu terminar a

frase.

Os cantos dos lábios de Morgren se contraíram, observando a mulher.

— Seus planos são mesmo excelentes, Vitória — concedeu o mago, a contragosto.

— Do que vocês estão falando? — gritou Cinco, o medo sendo substituído por raiva.

— Da Fissura Sombria. — Morgren sorriu. — Deixe-me adivinhar: vocês acharam que era uma entidade sombria sob nossas ordens, que queria devorar os Jardins de Gelo e talvez até destruir o Ember? Acharam que a Fissura estava atraindo as criaturas das sombras para o Palácio de Gelo? — O mago riu da confusão generalizada. — Tudo isso estava errado. Aquela *coisa* só estava crescendo porque nosso mestre estava por perto.

— Não entendo — murmurou Seis.

Ao lado dele, Cão ganiu.

— É claro que não entende — zombou Morgren. — Como você poderia compreender a genialidade da maior magia de trasgos já criada?

— Cuidado, Morgren — alertou Vitória, olhando em volta como se tivesse medo de que alguém ouvisse.

— A Fissura das Sombras era uma porta para um mundo vazio — continuou Morgren, ignorando Vitória. — O feitiço para abri-la foi criado por meus ancestrais para prender o Mestre naquele lugar escuro, longe do Ember.

— A Fissura era um portal? — sussurrou Sete.

— *Muito* mais do que apenas um portal — retrucou Morgren, um orgulho feroz brilhando no rosto. — Era tanto uma porta quanto uma armadilha; à sua maneira, tinha consciência própria. Buscava pelo Mestre, pela coisa que foi criada para prender. Se tivesse conseguido alcançá-lo, teria arrastado o Mestre para dentro de si mesma e se fechado. Foi mesmo uma sorte — Morgren soltou uma risada maldosa —, as bruxas terem sido tão gentis de prendê-la naquele óculo. E foram quarenta anos de vigília, na esperança de aprisioná-lo outra vez. Agora era a maior chance. Se vocês tivessem deixado, a Fissura Sombria teria salvado a todos.

Fênix sentiu como se tivesse pisado em falso, como se estivesse caindo em um abismo que nem percebera que existia.

Não. Impossível.

Tinha encarado a Fissura de frente, tinha *sentido* sua malevolência. Não tinha?

— Mas... — Cinco franziu a testa. — Por que os trasgos queriam prender esse Mestre? *Você* está ajudando ele!

Pela primeira vez, Morgren pareceu desconfortável.

— O Mestre andou por este mundo há muito tempo — explicou. — Quase todos os meus ancestrais o adoravam como um deus, mas alguns... não. Eles criaram o feitiço da Fissura Sombria para aprisionar o Mestre, para bani-lo para um lugar onde ele nunca mais poderia voltar. A menos que... — O sorriso de Morgren se intensificou. — A menos que algum idiota decidisse usar o feitiço de novo para reabrir a porta e permitir que ele escapasse.

— Então... não foi uma doença que matou as bruxas, quarenta anos atrás, foi? — perguntou Seis, o rosto pálido.

Morgren deu risada.

— Não, foi nosso mestre, que finalmente escapou da prisão e pôde se alimentar pela primeira vez em muitos séculos.

Fênix não conseguia respirar. A tontura a invadiu em ondas.

— Se alimentar? — rosnou Cão, a voz cheia de nojo.

— Presumo que a bruxa que abriu a Fissura Sombria não tinha ideia do que aquilo realmente era — continuou Morgren, dando de ombros. — Nosso mestre precisou lutar para escapar. A Fissura tentou segurá-lo, claro, e ele perdeu muito de si para escapar, mas, quando chegou aqui... — Morgren mostrou os dentes afiados. — Aquela bruxa o ajudou e prendeu a Fissura, mantendo-a separada dele. Então o Mestre se alimentou e cresceu, se alimentou e cresceu. — O sorriso do mago era de pura satisfação. — As bruxas foram sua primeira refeição. Mas muitos anos se passaram. Ele agora está forte.

— E, com o desaparecimento da Fissura Sombria... — sussurrou Vitória.

Morgren assentiu, prático.

— Ember será nosso.

— Não. Ember será dele. — A voz que vinha da escuridão era seca e sem vida, parecia sussurrar medo e dor em cada ouvido que escutava. Em seu rastro, um silêncio pesado se abateu, sufocando gargantas e amordaçando bocas.

Fênix sentiu o corpo pinicar e coçar, tornando impossível acompanhar o que estava sendo dito. O peito se apertou dolorosamente, as palmas das mãos ficaram suadas e a pele se arrepiou toda. Encolhido entre as peles, Widge tremia. Um soluço se formou dentro da garota, que o engoliu com

raiva, cerrando os punhos para conter o tremor.

Não conseguia tirar os olhos da escada atrás de Morgren: a escuridão ali parecia viva, exalando ameaça. Mesmo com o feitiço de calor de Zenith, uma frieza terrível se infiltrou no corpo de Fênix, e ficou ainda mais difícil respirar à medida que a pressão ao seu redor se intensificava. Já sentira aquilo antes, sonhara com aquilo durante meses, sabia o que significava.

— Croke está aqui — avisou Vitória, seguindo o olhar de Fênix por cima do ombro de Morgren. O humor desapareceu do rosto da Mestre de Armas, que se afastou, atenta.

Croke não emergiu da escuridão, ele atraiu a escuridão para si. O manto preto, o capuz vazio, sem rosto, os movimentos sinistros: Fênix percebeu tudo de uma vez e sentiu que sua determinação minguava, o pânico a dominando por completo. Escutou um soluço abafado de Sete, e percebeu que não era a única se sentindo assim.

O desejo de fugir era quase irresistível, mas suas pernas mal tinham força o bastante para sustentá-la; sem falar que nunca abandonaria os amigos, amarrados e presos lá no alto. Assim, cambaleou para longe de Croke, tremendo de medo, até as costas estarem pressionadas contra um pilar de gelo.

— Acho que ela está com medo — comentou Morgren com Vitória, apontando para Fênix com a cabeça, abrindo um sorriso presunçoso.

— É claro que está — soou a voz sem emoção, mais uma vez. — Eu sou o pesadelo dela. Eu me certifiquei disso, invadi seus sonhos todas as noites desde muito antes de ela sequer chegar aqui.

Fênix se enrijeceu e tentou entender o que acabara de ouvir. Croke estava mesmo dentro de seus pesadelos? O horror a agarrou e não queria soltar.

Vitória notou como o terror a abalava e balançou a cabeça, enojada.

— Você está mais fraca do que nunca, Fênix — murmurou ela.

— Deixe ela em paz! — gritou Cinco.

Vitória voltou a atenção para ele, zombando:

— E você, fingindo que tem coragem? Você não me engana. Seu nome de Caçador devia ser Verme.

— Cale a boca — rosnou Seis, e Fênix se assustou com a raiva em sua voz. — Não fale com ele assim. Não conheço ninguém com menos direito de zombar do nome alheio, *Vitória*.

Ela sorriu.

— Ah, não sei, não — retrucou, então jogou a cabeça para trás

e inspirou uma lufada de ar sob o céu que redemoinhava. — Olhe só para mim, no topo dos Jardins de Gelo, com as bruxas derrotadas lá embaixo. Vitoriosa. — Seus lábios se curvaram em um sorriso verdadeiro. — Como meu nome.

— Nosso mestre está ficando impaciente.

A voz de Croke era puro desespero. Queimava a esperança, a força e a felicidade, deixando só a escuridão em seu rastro. Fênix viu os outros se encolherem e tentou sentir raiva, ou qualquer coisa que não fosse o entorpecimento terrível que a preenchia. Precisava haver uma maneira de resistir. Mas o pensamento era distante, apenas um sussurro.

Croke se afastou dos outros, o capuz virado para o vazio cinzento dos Desertos Congelados.

— Ele está vindo.

Capítulo 54

Fênix observou os arredores. Havia meses que se perguntava quem ou o que poderia ser o tal “Mestre”. Não queria admitir, mas uma curiosidade ardia forte dentro dela. Quem conseguira unir as criaturas das sombras, devolver a magia aos trasgos, recrutar Vitória? O que é que espalhara tal inquietação pelo Ember durante anos, sem que ninguém percebesse?

A risada de Vitória estava distorcida, cruel.

— Você está procurando no lugar errado, Fênix. — Sua voz tremia de fervor. — Olhe além, amplie o pensamento. Ele é mais poderoso do que você pode imaginar.

Olhar além? Fênix ignorou o terror que percorria sua espinha e, em vez disso, examinou o céu, mas não viu nada.

— A névoa — sussurrou Sete do alto, a voz embargada. — O-olhe para a névoa.

Fênix encarou o nevoeiro, mas não entendeu o que via. O cinza cobria o horizonte, e de repente cada centímetro da névoa fervilhava, fervia, borbulhava sobre si mesma, avançando em direção ao Palácio de Gelo.

Cão deu um latido de alerta quando um aglomerado de névoa cobriu os Jardins de Gelo. O nevoeiro foi até Croke, primeiro devagar, depois mais rápido, acumulando-se em redemoinhos que se enrolavam sobre a figura encapuzada. Então, de repente, um fio se lançou para a frente, como uma

cobra, empurrando-se para o vazio onde deveria estar o rosto de Croke.

Cinco soltou outro grito de alerta, e Fênix sentiu o coração quase sair pela garganta.

Croke, a figura de seus pesadelos, de repente pareceu indefeso, preso firmemente sob a neblina, torrentes intermináveis de névoa cinzenta se derramando sobre ele. E isso continuou, toda a névoa dos Desertos Congelados adentrando o Palácio de Gelo, até que, de repente, do nada, tudo acabou. A névoa mergulhou para dentro de Croke e desapareceu.

No espaço entre uma respiração e outra, Fênix observou a cena diante de si. Algo na postura de Croke tinha mudado, uma alteração suficiente para convencê-la de que aquela coisa talvez naquele momento abrigasse uma entidade totalmente diferente. Morgren e Vitória deram um passo para trás, assumindo uma postura nova, mais atenciosa e vigilante. Lá em cima, os amigos estavam paralisados de medo, olhando para baixo em um terror silencioso.

Fênix folheou mentalmente todas as páginas de *Um bestiário mágico*, comparando o que tinha visto com cada entrada. Mesmo com a memória curta, sabia que não encontraria nada; o Mestre era uma criatura desconhecida. Em parte, já suspeitava que seria o caso, mas isso não a preparara para a verdade: não tinha ideia do que aquela coisa era, não tinha ideia de seus pontos fortes e fracos, não tinha ideia de como derrotá-lo.

— Mestre — começou Morgren, abaixando a cabeça em respeito diante da figura imóvel de Croke. — Tomamos os Jardins de Gelo. A elementar destruiu a Fissura Sombria. O Ember é seu.

— Você não precisa me contar isso. Eu vejo tudo.

Fênix quase vomitou. Duas vozes emanavam de Croke: a primeira era a voz inexpressiva que Fênix já conhecia, a segunda era completamente diferente. As palavras eram como cobras, tão macias e escorregadias que dava ânsia, se tecendo em sua cabeça e distorcendo seus pensamentos até não poder mais se prender a nenhuma ideia. A voz da criatura criou um vácuo, sugando tudo para dentro de si.

Um tremor terrível tomou conta de Fênix. Olhou para os amigos, tentando se fortalecer, mas só viu o terror e a dor deles. A fala da criatura, com suas duas vozes, trouxe uma maré de sofrimento. As piores lembranças vieram à tona: Fênix reviveu a descoberta do assassinato de sua família em Poa, o confronto com Martelo de Carvalho, a morte de Prata, o ygrex que usara o rosto de sua irmã. Tudo de que se envergonhava aflorou dentro dela, cada arrependimento clamando por atenção.

A garota sentiu uma lágrima deslizar pela bochecha, mas não levantou a mão para secá-la. Tudo era desesperador.

Por baixo da camada de peles, sentiu Widge se remexer e se contorcer, agitado. O esquilo a mordiscou com força, os dentes rompendo a pele macia da clavícula. Uma dor lhe atravessou e, por um instante, Fênix conseguiu pensar com clareza.

Quanto mais violência, mais caos e destruição, mais forte ele fica.

Palavras de Morgren sobre o Mestre, meses antes.

Era esse o poder dele, Fênix percebeu, estremecendo. Tirar tudo de bom e deixar só a podridão. Terror, vergonha, arrependimento, ódio: ele se alimentava desses sentimentos, ficava mais forte quando os encontrava.

O Mestre se virou para encarar Morgren, e Fênix viu o mago ficar imóvel sob aquele olhar, mais inquieto a cada instante.

— Eu vejo tudo — repetiu o Mestre.

— Mestre — começou Morgren, olhando ao redor como se buscasse uma saída —, eu...

— Você teria matado aquela elementar. Você se importou mais com o ódio que sente dela do que comigo.

Morgren balançava a cabeça, e dava para ver que estava com medo. O rosto de Vitória parecia tenso e dolorido.

— Não — sussurrou Morgren. — Mestre...

— Depois de tudo o que fiz por você. Dos presentes que lhe dei.

— Eu sempre fui fiel. Eu...

— Foi, até hoje — concedeu o Mestre —, então, farei sua morte ser indolor. — Uma pausa. — Relativamente, pelo menos.

— Por favor! Eu servi o senhor por anos! — Morgren ofegou, os olhos arregalados. Ele olhou em volta, desesperado, e sua atenção recaiu sobre Fênix. — Eu nunca teria *matado* a garota! Só queria assustá-la. Eu só...

— Eu vejo tudo.

Morgren cambaleou um passo para trás, parecendo prestes a fugir, mas uma estranha rigidez o dominou de repente.

— Tolo. Você sabe que não tem para onde fugir. Não tem onde se esconder. Não de mim.

Parecia que Morgren estava tentando falar, mas não conseguia. Só seus olhos se moviam, piscando ensandecidos de um lado a outro, com um desespero terrível. Quando as chamas verdes surgiram nas mãos dele, Fênix achou que o mago estivesse tentando revidar. Então sua manga pegou fogo.

Cinco soltou um grito horrorizado lá de cima, e Cão latiu furiosamente. Seis e Sete pareciam chocados demais para emitir qualquer som. Fênix sentiu o coração disparar, e se envolveu nos próprios braços, sentindo os joelhos começarem a tremer.

O fogo dos trasgos avançou depressa, o calor aumentando até um nível feroz. Em poucos instantes, Morgren estava envolto em um pilar imponente de chamas verdes.

Dentro da pele de urso, Widge soltou um ganido de terror.

Quando o fogo se apagou — quase tão rápido quanto surgira —, Fênix viu o mago novamente, queimado, mas ainda de pé, os olhos bem fechados, as mãos cerradas em punhos. Por um momento, ela se perguntou se tudo aquilo não teria sido só um truque para dar uma lição nele. Até que uma brisa soprou sobre o ninho de águias, e Morgren se dissolveu em penas de cinzas, levantadas pelo vento e levadas para o Oceano Infundo.

Vitória deu as costas para a cena de repente, os punhos cerrados junto ao corpo, os ombros tremendo, respirando com dificuldade. Estava em choque, o sentimento tão palpável quanto Morgren era, momentos antes. Talvez só agora a Mestre de Armas tivesse percebido o quanto era dispensável. Fênix quase sentiu pena dela. *Quase*.

De repente, a magia que prendia Cão, Sete, Cinco e Seis vacilou, e todos caíram no chão ao redor dela com gritos e choros de surpresa. Cão aterrissou com um baque tão pesado que todo o Palácio de Gelo estremeceu, mas ele se levantou e se sacudiu na hora, parecendo ileso. A primeira coisa que fez foi se colocar entre o Mestre e Fênix, os pelos de pedra eriçados, os lábios tremendo em um rosnado.

O capuz de Croke se voltou para ele, e Fênix viu um arrepio terrível percorrer o corpo de Cão, que se esforçava para se manter firme sob o olhar do Mestre.

— Guardião. — O Mestre parecia satisfeito. — Ouvi falar muito de você. E, mesmo assim, vejo que não é nada como eu esperava.

Ele se aproximou, as vestes de Croke ondulavam ao seu redor.

— Você não fará mal a essas crianças — rosnou Cão.

— Crianças? Pensei que fossem Caçadores, não? — zombou o Mestre.

— Não a Vidente — disse Vitória, recuperando a compostura e se voltando para eles, fazendo uma careta familiar ao olhar para Sete. — Essa nunca poderia ser Caçadora.

Fênix viu a amiga se encolher sob o olhar da Mestre de Armas e sentiu um pouco da raiva retornar.

— O que você quer de nós? — perguntou Fênix, odiando o fato de sua voz soar tão pequena.

— Você tinha razão, Vitória — O Mestre voltou a falar, as duas vozes se enroscando uma na outra. O vazio sem rosto se virou para Fênix. — Esta aqui tem coragem, poderia ter sido formidável. Você foi sábia de notá-la.

Quando a atenção do Mestre se concentrou nela, Fênix forçou cada célula do corpo a se agarrar a algo que valesse a pena: Widge aconchegado em seu peito; Cinco se recusando a deixá-la nas criptas; Cão atravessando os Desertos Congelados por ela. Claro que carregava muitas vergonhas, mas também tinha coisas de que se orgulhava. Os amigos eram prova disso.

Ela cerrou os dentes e ergueu o olhar para o vazio sob o capuz de Croke.

— O que você quer de nós?

— Tudo, Fênix. Estou faminto. Sempre. Eu quero tudo.

Não havia resposta para isso, e Fênix só ficou encarando aquela figura, aterrorizada. Quando era pequena e tinha medo do escuro, fechava os olhos e escondia a cabeça debaixo dos cobertores até que os pais chegassem. Agora, ansiava por esses momentos com uma urgência que a abalava.

Cão percebeu que Fênix estava tremendo e compensou isso ficando ainda mais alto, os pelos de pedra eriçados. O Guardião se aproximou um pouco mais do Mestre; seu rosnado era uma ameaça, e Fênix se maravilhou com a coragem dele. Aquilo lhe deu esperança, fez com que endireitasse a própria postura, e viu o mesmo efeito replicado em seus amigos.

— Você não fará mal a essas crianças — rosnou Cão, mais uma vez, agora mais alto e mais ousado.

Vitória abriu um sorriso maligno, olhando para Cão e o Mestre. Por um momento, houve um silêncio mortal e, em seguida, todos juntos, os brilhaças abriram as asas e desceram sobre o Guardião, seus gritos sacudindo o cérebro de Fênix dentro do crânio. Cão desapareceu sob um turbilhão de penas e dentes podres e fedorentos, e seus rosnados e latidos logo se transformaram em gritos e uivos.

— PAREM! — gritou Fênix, sem suportar os gritos de dor.

Por um momento, achou que, de algum jeito, tinha controlado as criaturas. Todos de uma vez, os brilhaças saíram de cima de Cão, que ficou caído no chão, ofegante, e voltaram a se empoleirar ao redor do ninho. Então, Fênix sentiu a atenção do Mestre sobre si.

— Por você, eu paro — falou aquela criatura. — A Fissura Sombria nunca teria parado, nunca teria desistido. Teria me arrastado de volta para aquele lugar morto e vazio. — A pressão do ar em torno de Fênix ficou insuportável. — Você me salvou disso. Eu recompenso aqueles que me ajudam.

Fênix sacudiu a cabeça, horrorizada.

— Eu... Eu *nunca* ajudaria você. É por sua causa que minha família está morta. Vitória matou minha família, massacrou minha aldeia inteira por ordens suas.

Ela suprimiu um soluço, de medo, de angústia. Como tinha errado tanto?

— Foi mesmo. — O Mestre deu risada. — Eu estava com tanta fome. Fui muito bem alimentado graças ao empenho assassino de Vitória naquele dia. O terror, a dor, o desespero: uma glória. Sonho bastante com esse momento.

Fênix estremeceu, completamente enojada. Buscou a raiva, mas só achou luto e terror paralisantes.

— Não se desespere, Fênix — disse o Mestre, uma falsa ternura ecoando na voz. — Você ganhou a vida de seus amigos. Isso com certeza vale alguma coisa, não?

— Você vai deixar a gente ir embora? — perguntou Cinco, e Fênix nunca ouvira a voz do amigo tão cheia de dúvida.

— Claro — cantarolou o Mestre. — Senão, como minha mensagem chegará ao Ember?

Fênix forçou o corpo a se mover, aproximando-se discretamente de Cão. Apavorada, notou que a lateral do corpo dele tinha sido destroçada pelos brilhasas, e dava para ver feridas profundas.

— Consegue se levantar? — sussurrou.

Por um momento, Cão não respondeu, e o medo pulsou nela. Então, o Guardião se levantou com dificuldade, balançando de leve. Fênix sentia o quanto ele estava tenso, quanta dor estava sentindo.

— Encantador. — A risada do Mestre era asquerosa. — Venham.

Vitória sinalizou para os outros seguirem em fila única. Sete caminhava à frente de Fênix, que tentou chamar sua atenção, mas a amiga parecia isolada, trancada bem fundo em uma infelicidade particular.

Os passos do Mestre avançavam à frente do grupo, o gelo do palácio iluminando seu caminho.

— Mais rápido — mandou Vitória, com aspereza, empurrando as costas

de Seis. — Andem. — Ela estava com a espada na mão. — E não tentem nada — completou, o olhar se fixando ainda mais em Cão. — Posso não ter magia, mas minha espada mata mais rápido do que qualquer feitiço.

— Não há necessidade de desobediência — lembrou o Mestre, as vozes em uníssono. — Não quando estão prestes a ser libertados.

Cambaleando de leve, Fênix seguiu o Mestre, incapaz de acreditar no que estava acontecendo. Tinha certeza de que era algum truque. Desesperada, tentou evocar o fogo mais uma vez, a única arma a que tinha acesso, mas sua energia estava gasta, as chamas ecoando tão fraquinhas e tão lá no fundo que sabia que levaria um tempo até que pudesse usá-las de novo. Em vez disso, levantou a mão para acariciar Widge, na esperança de acalmar alguns dos calafrios que assolavam seu corpinho.

Cão bateu de leve com a cabeça nela, rosnando:

— Você está bem? Quer montar em minhas costas?

Não havia nada que Fênix quisesse mais, mas balançou a cabeça, vendo como ele mancava. Em vez disso, murmurou para Vitória:

— Para onde estão nos levando?

— Para a entrada, claro — grunhiu a Mestre de Armas. — A única maneira de entrar e sair deste lugar.

— Onde estão todos? — sussurrou Seis, enquanto caminhavam. — Cadê as bruxas?

— E as criaturas das sombras — murmurou Cinco. — Parecia que havia um exército delas. Onde estão todas?

A pergunta de Cinco foi respondida um momento depois, quando chegaram à base da árvore dos banquetes.

Um suspiro terrível escapou dos lábios de Sete, e Fênix não conseguia parar de tremer. Os Jardins de Gelo estavam quebrados: as grandes portas tinham sido arrancadas das dobradiças, as rachaduras nas paredes deixavam entrar rajadas de vento. O lago estava completamente congelado — como aquilo tinha acontecido? —, os peixes coloridos estavam sepultados sob a superfície. E, acima do gelo, estavam as criaturas das sombras. Ocupavam todo o espaço, lado a lado. Criaturas que não deviam estar tão ao norte, que no geral não toleravam a presença de outro ser vivo. Nos olhos de cada uma, sombras oleosas se aglomeravam.

Fênix precisava saber.

— É você? — sussurrou. — É você que coloca as sombras nos olhos deles?

A risada do Mestre a fez querer se encolher, mas ela se forçou

a levantar a cabeça.

— Claro que sou eu. É meu maior dom: incutir minha vontade no corpo das criaturas das sombras e das coisas mortas. São todas minhas.

Fênix pensou no reluz, morto e depois com vida, e estremeceu, forçando-se a continuar falando:

— E as estátuas? Nas criptas?

— Cada estátua é feita usando uma gota de sangue da bruxa que homenageia. É assim que ficam tão realistas. E foi isso que me permitiu entrar dentro delas: cada uma contém uma parte minúscula da morte daquela bruxa.

A atenção dele estava voltada para Fênix, e parecia que estava pressionando os ombros dela, apertando seu peito. Widge se enfiou de volta entre as peles, incapaz de suportar aquilo.

— Gostei tanto delas, e você? Torci para que acelerassem o controle do seu fogo, melhor do que aquelas aulas ridículas. Estava começando a ficar preocupado de você nunca conseguir destruir a Fissura Sombria. — A risada terrível encheu toda a caverna, fazendo tremer os galhos da árvore dos banquetes. — Sorte a nossa que eu sou tão bom professor.

Fênix tentou não temer nem se entregar ao desespero. Mas era muito, muito difícil. As efígies animadas, o reluz, o skryll, o wheever: o Mestre estivera por trás de tudo. Nunca tinha sido a Fissura Sombria. Ainda pior, ele estava usando aqueles terrores para manipular Fênix... e tinha dado certo. Sentiu uma vontade repentina de vomitar e respirou devagar e fundo até passar.

— Também era você que estava drenando a magia dos Jardins de Gelo? — perguntou Seis, a voz tremendo.

A risada do Mestre se redobrou.

— Sim. É por isso que a Fissura estava crescendo: eu estava tão perto pela primeira vez em décadas, e aquela coisa estava desesperada para me capturar. A magia dos Jardins de Gelo era tentadora demais para eu resistir. Se bem que... eu não queria ver o Ember levado pela água só por minha causa. Eu teria parado antes de chegar a isso, devolvido um pouco da magia, como fiz quando você destruiu a Fissura. Quando eu destruir o Ember, vai ser uma família, uma pessoa por vez. Vou saborear cada pedacinho, e vai ser delicioso.

Fênix permitiu que seus olhos se fechassem. O Mestre estava brincando com ela, com todos eles, desde o início. Estava por trás de tudo. A Fissura Sombria só *parecia* assustadora. Era apenas uma forma de

capturá-lo, de arrastá-lo para uma prisão que o teria contido. E Fênix a destruíra.

Tinha entendido tudo errado; tudo o que fizera tinha sido em vão. Em vez de salvar o Ember, tinha ajudado seu inimigo mais perigoso. Graças a ela, o mundo nunca correria tanto perigo. Tinha decepcionado a todos: os Caçadores, os clãs, as bruxas, seus amigos...

E Poppy. Tinha decepcionado sua irmãzinha. Mais uma vez.

O desespero era um abismo com paredes escorregadias demais para escalar.

Sentiu Sete se aproximar e segurar sua mão, num gesto reconfortante. Dentro das peles, Widge se apertou contra seu coração.

— Onde estão as bruxas? — perguntou Cinco.

Ninguém respondeu e, quando Fênix ergueu o olhar de novo, pôde ver, assustada, que algumas das criaturas das sombras usavam capas de bruxa. Antes brancas como a neve, imaculadas e reluzentes, as penas estavam sujas e sem brilho. Fênix olhou em volta com um desespero crescente. *Onde* estavam as bruxas? Não via nenhuma.

Fênix engoliu um soluço, pensando em Nara. A bruxa a ajudara e treinara, e tudo isso com bondade e boa vontade. Ela não merecia aquele fim terrível.

O Mestre apontou com o capuz para as portas, arrombadas, penduradas pelas dobradiças. Em uníssonos, todas as criaturas das sombras diante deles se moveram, abrindo passagem para o lado de fora. Milhares de olhos cheios de sombras pousaram sobre o grupo, mas nenhuma criatura se moveu.

— Vamos — murmurou Cão, empurrando Fênix com o focinho. — Temos que ir. Rápido.

Fênix tropeçou atrás dele às cegas. Os outros tentaram segui-la, até que, de repente, um dos braços finos do Mestre saiu de debaixo da capa para agarrar Sete.

A garota gritou, tentando se afastar, mas, tão rápido quanto aconteceu, acabou.

— Seus poderes não são o que pensei — comentou o Mestre, e Fênix ficou se perguntando se havia uma ponta de irritação nas vozes. — Você é fraca e está ficando ainda mais fraca.

— Eu... — As lágrimas escorriam pelo rosto de Sete, que não conseguia falar, só balançar a cabeça.

Tudo em Fênix se solidarizou com a amiga. Ser tocada por Croke era

uma invasão de horror sem precedentes; o Mestre devia ser cem vezes pior.

— Vão, então — disse o Mestre. — Voltem ao Beiral. Contem aos Caçadores o que viram aqui, contem que o Ember é meu... a não ser que queiram me impedir. — Ele soltou uma gargalhada de revirar o estômago. — Nem sei dizer o quanto torço para que tentem.

Do outro lado do lago congelado, milhares de criaturas das sombras se moviam, o ar pulsando com sua fome.

O Mestre se voltou para a árvore dos banquetes, e Vitória o acompanhou.

Então, num tom quase casual, acrescentou:

— Mas preciso de um de vocês. Achei que a Vidente seria a mais útil, mas ela mal merece o título. Então pegue um dos garotos.

Os lábios de Vitória se apertaram em uma linha fina, mas ela assentiu uma vez, girando para trás para agarrar Seis. Antes que alguém pudesse reagir, a antiga Mestre de Armas o arrastou para longe dos outros.

— O quê?! — disse Seis, tentando se soltar, mas sem conseguir se desvencilhar do aperto firme de Vitória.

Fênix estava chocada demais para se mover, não conseguia pensar, mal conseguia respirar. As fileiras de criaturas das sombras se deslocaram, passando pelo espaço entre o grupo e Vitória, separando-os de Seis. Sob as peles, Widge soltou um guincho baixo de terror.

Sons e formas se movimentaram em torno de Fênix, que se sentia cambaleante. Aquilo não podia estar acontecendo. Desesperada, buscou seu poder outra vez, mas ainda estava esgotado, só sentia uma faísca apagada muito profunda dentro dela, longe demais para ser invocada. Estava indefesa.

— Seis — sussurrou, vendo Vitória arrastar o amigo para longe deles, de volta para a árvore dos banquetes. *Não*.

Sete gritou, e Cinco tentava abrir caminho entre as criaturas das sombras, enfrentando espinhos, garras e presas para alcançar o amigo. Mas não adiantava; os monstros, imóveis, eram como estátuas de pedra.

— Seis! — berrou Cinco, e o pânico na voz dele era de cortar o coração. — SEIS!

— Vocês têm apenas alguns segundos para irem embora antes de eu soltar meus bichinhos — avisou o Mestre, virando-se para ir atrás de Vitória e Seis. — Vão embora. Alertem os Caçadores. Digam que se preparem para mim... se puderem.

— Ou fiquem, se preferirem — respondeu Vitória, cheia de maldade. — Vão conhecer a fome do exército do Mestre.

Um arrepio pareceu percorrer as criaturas, que avançaram mais para perto de Fênix e os amigos.

Seis lutava contra Vitória, brigando com tudo o que tinha para voltar para os amigos — até que a antiga Mestre de Armas acertou o rosto dele com tudo, com o punho de sua espada. A cabeça de Seis acabou inclinada para trás e ele caiu no chão, imóvel. Vitória o carregou sem dificuldade.

— Não! — gritou Sete, lançando-se à frente para tentar ajudar Cinco a passar por um reluz. — Isso não está certo! — gritou. — N-não era para ser assim!

Vitória, Seis e o Mestre começaram a subir a árvore dos banquetes, e a atenção das criaturas das sombras se intensificou. Fênix quase podia sentir a vontade delas voltando.

Um lobo-do-inverno rosnou, sacudindo-se antes de olhar em volta, confuso. Sombras escorriam de seus olhos como cera quente, até que a íris de um azul sobrenatural voltou a brilhar. Um fio de saliva escorreu da boca da criatura, que fixava o olhar em Sete.

Outras criaturas também estavam começando a voltar a si. Nas profundezas das fileiras sombrias, um grim se agitou: o pelo começou a esvoaçar, os dedos se contorceram para ganhar vida. Em silêncio, bem devagar, a criatura alcançou o sondasma ao seu lado, sugando sua vida sem ser notado.

— Temos que ir! — latiu Cão, olhando em volta, horrorizado. — Agora!

— Não! — gritou Cinco, saltando à frente, redobrando seus esforços para alcançar Seis.

O reluz diante dele se contorceu, uma linha de baba escorrendo por entre os lábios.

A contragosto, Fênix agarrou o amigo pelas peles e o arrastou para longe, ainda se debatendo, em direção a Cão. Não tinham tempo. O espaço enorme estava se enchendo com os rugidos e rosnados das criaturas das sombras que despertavam. Cada centímetro do corpo dela tremia com o perigo terrível que aquelas criaturas representavam. De dentro das peles, Widge gritava um alerta.

— O que você está fazendo? — berrou Cinco, se debatendo, tentando resistir. — Você está louca? Não podemos deixar ele lá! Saia de cima de mim!

Lágrimas de tristeza e fúria escorriam pelo rosto dele.

Cão tirou Cinco dos braços de Fênix e, com força que não sabia que tinha, a elementar jogou a Sete, que estava com o corpo mole por causa do choque, nas costas do Guardião. Em seguida, subiu logo atrás dela, arrastando Cinco.

Ela se virou para Seis, e a dor era tão grande que achou que fosse desmaiar. Vitória tinha pendurado o garoto inconsciente no ombro e estava subindo as escadas na frente do Mestre.

— Seis! — gritou Fênix, a voz carregada de desespero.

Seis não se mexeu, não a ouviu. O que estava acontecendo com certeza era impossível: ela teria alguma ideia; Seis iria acordar; seu fogo voltaria para que ela pudesse lutar e abrir caminho até ele. *Alguma coisa* aconteceria para que eles voltassem a ficar juntos.



Mas nada aconteceu.

Cinco e Sete estavam inertes, só o aperto de Fênix os mantinha nas costas de Cão, que se virava com um ganido de lamento.

A luz foi diminuindo conforme o Mestre sumia de vista. O ar ficou ainda mais frio e muito, muito quieto. O mundo prendeu a respiração. Então, com uma cacofonia de gritos, rosnados e uivos, as criaturas já não tinham mais sombras dos olhos e avançaram em direção a Fênix.

Capítulo 55

Cão se lançou para a frente e, um instante depois, atravessou a multidão de monstros, o caminho aberto para as portas desaparecendo diante de seus olhos.

Sete tremia, alheia às mãos, garras e dentes que os rasgavam. Cinco também estava paralisado, em choque.

— Se segurem! — latiu Cão, avançando cada vez mais rápido em direção às portas quebradas.

Fênix gritou quando um ygrex atacou Cinco, quase afundando os dentes na perna do garoto antes que ele pudesse chutá-lo para longe. Forçou os amigos a manterem a cabeça baixa, fragmentos de skryll passavam assobiando. De repente, estavam do lado de fora, afastando-se do Palácio de Gelo o mais rápido que Cão podia correr.

O feitiço de calor de Zenith já estava se esgotando, e o frio os atingiu como um tapa, com um impacto quase suficiente para derrubar Fênix de cima de Cão. Dentro das peles ainda úmidas, Widge ficou tenso.

— Segurem uns nos outros! — exclamou Fênix, batendo os dentes.

Com gratidão, sentiu Sete e Cinco apertarem mais forte. Estava cansada demais para sustentá-los por mais tempo.

— Isso! — gritou Cão. — Segurem firme!

Ele acelerou o passo, as passadas enormes ecoando no gelo.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Fênix e, na sua frente, Cinco tremia,

tentando conter os soluços. Tinham abandonado Seis. Essa era uma ferida dolorosa demais para encarar, ia contra tudo o que tinham aprendido como Caçadores.

Fênix olhou por cima do ombro e reparou que nenhuma criatura os seguira. Em vez disso, estavam paradas do lado de fora do Palácio de Gelo vazio, sentinelas escuras na luz que se esvanecia. O Mestre ia mesmo deixar que escapassem.

O pequeno grupo seguiu em um silêncio miserável, cada um tomado por sua própria infelicidade, e o sol fraco surgia de trás das nuvens pesadas, mergulhando no oceano. Por um momento, o gelo ao redor assumiu um tom dourado pálido delicado, então a cor se esvaiu de volta para o oceano, deixando só o cinza.

— Como vamos voltar? — perguntou Cinco, um pouco depois, o primeiro a falar, a voz rouca e sem brilho. No alto, as nuvens estavam se espalhando, e uma ou outra estrela despontava no céu.

Sete estremeceu, e Fênix sabia exatamente o que ela estava pensando: estavam a semanas de distância do Beiral, não tinham comida nem armas e teriam que atravessar a Floresta Congelada.

— Eu vou carregar vocês, é claro — declarou Cão, com firmeza. — E proteger.

De repente, Fênix teve vontade de chorar. Como é que as coisas tinham chegado a esse ponto? Widge lambeu sua bochecha.

Cão diminuiu a velocidade e olhou para eles. Pela primeira vez, Fênix sentiu como o corpo do Guardiã se movia debaixo dela, quase como se estivesse ofegante, só que ele não precisava respirar.

— Você está bem? — perguntou. — Quer descansar?

— Não — rosnou Cão. — Quase nunca preciso descansar. Mas vou segurar o passo. Aqueles brilhasas me machucaram. Essa jornada vai testar até a minha resistência. — Depois disso, ele passou a caminhar, às vezes se lançando numa corrida longa para cobrir uma boa distância. — Vamos seguir pela costa até passarmos pela Floresta Congelada — avisou —, aí vamos atravessar as Caninas em direção à nascente do Ilara. De lá, a jornada vai ser mais fácil.

Cinco riu sem humor.

— Eu que o diga. Só antes teremos que encarar os pequenos desafios da Floresta Congelada e das Caninas.

— Não dá para só esperar que os desafios desapareçam — retrucou Cão, hesitante. — Essas coisas precisam ser enfrentadas. Vamos conseguir

porque temos que conseguir. As notícias do que aconteceu nos Jardins de Gelo precisam ser levadas até o Beiral. Gear precisa saber. Os clãs precisam ser avisados, para que possam se preparar para o que está por vir.

Cão tinha razão, Fênix compreendeu. Havia uma chance de Zenith encontrar o caminho até o Beiral, mas e se não conseguisse chegar lá? Ou se não acreditassem nela? Há décadas não se viam bruxas em Ember, e elas não eram muito queridas por lá.

— Vamos conseguir — disse Fênix, mas seu tom era sombrio.

— Vamos, sim — sussurrou Sete.

Fênix tentou desesperadamente não tirar conclusões precipitadas sobre a afirmação do amigo.

A noite foi chegando, e Cão pediu a Fênix que usasse a pedra da lua para iluminar o caminho. O brilho foi a primeira esperança que ela sentiu desde que tinham deixado os Jardins de Gelo. Cinco virou o rosto para ela, e Fênix sabia que Sete fazia o mesmo.

— Pelo menos ainda temos a pedra da lua — comentou Cinco, depois de um tempo. Fênix ficou aliviada ao ouvir sua voz mais firme, um pouco da antiga firmeza de volta. — Vai ser útil na Floresta Congelada.

Fênix assentiu, examinando as profundezas flamejantes da pedra. Até Widge pareceu se confortar com aquilo, correndo pelo seu braço para colocar as patas sobre a pedra, a luz deixando seus bigodes prateados.

Mas, por mais que tentasse desviar os pensamentos de Seis, não conseguia. Abandonara o amigo, deixara Seis com os inimigos. A terrível culpa cresceu dentro dela sem parar, até que respirar ficou difícil. Onde estaria Seis? O que estaria acontecendo com ele?

— Não devíamos ter abandonado Seis — sussurrou Cinco. — Devíamos ter ficado.

— Todos vocês estariam mortos — murmurou Cão.

Cinco ficou quieto por um tempo.

— *Não devíamos ter abandonado Seis.*

Cão olhou para as crianças em suas costas, o rosto gentil.

— Tentem descansar. Agora não é hora para... — Ele parou de falar de repente, uma nova tensão percorrendo seu corpo, as orelhas aguçadas.

Os outros caíram num silêncio imediato, cada um também apurando os ouvidos.

— São eles? Tem certeza? — disse uma voz ao longe.

— Como *ousa* me questionar? — A segunda voz era baixinha, mas bem

distinta.

Widge soltou um guincho agudo e horrorizado de reconhecimento e mergulhou nas peles de Fênix. A menina se levantou sobre as costas de Cão, o rosto voltado para o céu, tomada por um lampejo de esperança.

— Faiscafiada! Zenith! — gritou. — Aqui!

— Estamos vendo vocês! — berrou a bruxa.

E, de repente, o céu se encheu do barulho de asas, com três rostos pálidos e um rostinho pequeno, ardente e furioso os encarando de cima.

Momentos depois, Xena aterrissou no gelo à frente de Cão, e os dois grupos caíram nos braços um do outro, lágrimas rolando pelo rosto enquanto o terror dava lugar ao alívio. Faiscafiada voou direto para Cão, e Fênix notou, com espanto, como ambos pareciam satisfeitos em se ver.

Algumas horas tinham feito toda a diferença para Zenith, que parecia muito mais forte do que quando saíra do ninho de águias. Depois de alguns abraços e exclamações animadas, a jovem bruxa se afastou, uma pequena careta no rosto enquanto examinava o grupo, e perguntou:

— Mas... cadê o Seis?

Capítulo 56

Pouco depois, o grupo tinha se acomodado no gelo. Zenith ainda estava fraca demais para usar magia, mas, sob suas instruções, Thea tinha transfigurado uma das penas de Xena num tronco enorme que Faiscafiada ficou mais do que feliz de transformar em fogueira. Libbet conseguiu conjurar um escudo de vento simples, e o grupo se sentou sob sua proteção, ao redor das chamas, a sensação voltando aos dedos, e a cor, às bochechas. Mas o clima era muito sério. Fênix tinha contado tudo o que acontecera depois de Xena levantar voo, incluindo as prováveis mortes das bruxas.

— Mas você não *viu* nenhuma delas? — perguntou Thea, pela terceira vez.

Fênix fez que não a contragosto, sabendo que a resposta estava condenando a garota a se apegar a uma esperança de que alguém tivesse sobrevivido, escapado, para talvez um dia reaparecer. Uma esperança que Fênix não tinha.

A Caçadora viu a quantidade de criaturas das sombras que estavam no palácio, as muitas capas de bruxas usadas como troféus. A tristeza por Nara ameaçou sufocá-la. Apertou os lábios, incapaz de dizer mais alguma coisa.

— E Seis? — sussurrou Libbet, com rastros visíveis de lágrimas prateadas nas bochechas reluzindo à luz da lareira. — O que vai acontecer com ele? — Essa última parte foi mais para si mesma, e Fênix sentiu o

peso de uma tristeza imensa ao olhar para a menina. Ela já parecia muito mais velha do que quando se conheceram.

— Não sabemos — respondeu Cinco, instável. — O... o Mestre disse que precisava de um de nós para alguma coisa. — Ele levantou a cabeça, os olhos selvagens. — O que poderia ser?

Fênix balançou a cabeça em silêncio.

Sete abafou um soluço, abaixou a cabeça para esconder o choro, então se levantou e foi para longe da luz da fogueira, para a escuridão além do escudo. A amiga sabia se tornar pequena e imperceptível, de modo que Fênix quase não notou, mas, quando viu sua cabeleira reluzente desaparecer, sentiu medo. Sete acabara de perder o que restava da família. Não havia sentimento que Fênix conhecesse melhor do que o desespero terrível e solitário que vinha depois de um acontecimento como esse. O que Sete estaria fazendo?

Fênix se levantou e correu atrás da amiga, o pânico se intensificando ao vê-la na beira do penhasco, o oceano batendo na parede de rocha lá embaixo.

— Sete! — chamou.

A amiga se virou e deu de ombros quando viu Fênix.

Ficaram lado a lado, olhando a água turva e agitada, Fênix desesperada em busca do que dizer para confortar Sete. Tudo parecia errado, e o silêncio se estendeu entre as duas.

— Eu não v-vi que ele seria levado — sussurrou Sete, e Fênix pulou de susto. A amiga cerrava os punhos junto ao corpo, e o luar que banhava seu rosto lançava sombras ferozes ao redor dos olhos. — Como eu não v-vi isso?

— Você não pode se culpar — argumentou Fênix, calma, pegando a mão da amiga.

— C-claro que posso — sibilou Sete, os olhos fixos no horizonte banhado de luar. — Devia estar nos Caminhos dele. Eu só não conferi.

O coração de Fênix doeu pela amiga.

— Seu dom é incrível — falou, hesitante. — Mas tem muita coisa que ele não lhe mostrou. — Ela engoliu em seco, sentindo-se despreparada para aquilo. — Sei que não entendo seu poder, mas você não pode se culpar pelas coisas que não vê.

— Não posso?

Sete estava de lado, a noite dando toques de estranheza ao seu rosto. O vento tinha diminuído, e, na quietude repentina, a amiga parecia uma

estátua com um reflexo do oceano nos olhos. Naquele momento, havia nela algo estranho e sobrenatural.

Fênix estremeceu e teve que resistir ao impulso de se afastar.

— Sete?

A garota piscou, se sacudiu e voltou a ser a amiga que Fênix conhecia, com lágrimas brilhando nos olhos.

— Você está errada, Fênix. — Ela ofegou. — Eu poderia ter visto isso. Eu deveria ter visto. Só não estava o-olhando para os Caminhos dele... estava o-olhando para os seus.

Sete cambaleou de volta para o acampamento, encolhida nos próprios braços, deixando Fênix paralisada em meio ao estrondo das ondas e a trovoadas do próprio coração.

Isso é tudo culpa sua.

Por que deixara aquilo acontecer? O que tinha feito?

A noite estava muito fria e muito silenciosa. Fênix olhou para as ondas implacáveis que quebravam na base do penhasco, tonta com a vertigem.

Tinha tentado ser uma pessoa melhor, tentado dominar sua magia, torcendo para que isso salvasse o Ember e as bruxas. Na verdade, ajudara os inimigos, fechara a porta da única coisa que poderia capturar o Mestre e quebrara a regra mais importante do Pavilhão: Caçadores nunca deixavam ninguém da equipe para trás. *Nunca*. Mas tinha feito isso. Tinha deixado Seis. O ódio que sentia de si mesma só cresceu.

Pensou em tudo o que ela e Seis tinham passado juntos. O amigo salvara sua vida, lutara ao seu lado, fora o primeiro a estender a mão para ela.

Seis tinha mudado sua vida.

E Fênix o abandonara.

Sua cabeça doía, os braços e as pernas estavam fracos. Ficou lá, sentada, as pernas balançando no penhasco, repassando aqueles últimos momentos várias vezes. O que deveria ter feito de diferente? Como poderia ter salvado o amigo? Perguntas e possibilidades insanas giraram na sua cabeça até deixá-la tonta, enjoada. Nem mesmo as lambidinhas de Widge em sua bochecha conseguiram mudar o curso de seus pensamentos.

Fênix se levantou e voltou para a fogueira, caminhando devagar até o grupo.

Sete estava sentada perto das chamas, abraçando os joelhos. Quando notou que Fênix a encarava, desviou o olhar. Será que Sete a culpava? Ela merecia aquilo. Cinco estava sentado afastado dos outros, o olhar distante.

As jovens bruxas estavam amontoadas, os rostos manchados de lágrimas, conversando baixinho.

Cão se aproximou e a cutucou de leve com o nariz. Fênix se inclinou contra ele, agradecida.

— Zenith talvez tenha uma solução para o nosso problema — comentou ele.

— Seis...? — sussurrou Fênix, voltando-se para a bruxa, de repente esperançosa.

Zenith estremeceu.

— Desculpa, não é isso — respondeu ela. — Estávamos falando sobre voltar para o Beiral. Cinco disse que vocês viajaram por um portal para chegar aos Jardins de Gelo. E que Nara disse que deixou esse portal aberto?

Ah. Fênix tentou entender o que a amiga bruxa estava dizendo, mas o nome de Nara ecoava sem parar em seus pensamentos. Nara, que estava morta. Morta como sua família, morta como Prata.

Uma dor sufocante se apoderou dela, e Fênix prendeu a respiração para não chorar alto. Seis, Nara, todas as bruxas que os receberam tão bem... era uma enorme pressão, era demais para suportar. Queria se enrolar no chão e fingir que nada daquilo era real.

— ... o problema é conectar os portais — continuou Zenith. — Vale a pena tentar. Se eu conseguir, vamos economizar muito tempo.

À luz do fogo, ela parecia um tanto frágil, como se um sopro de vento pudesse levá-la embora. Fênix suspeitava que a amiga só estava se mantendo firme por Thea e Libbet, e por sua força de vontade extraordinária.

— Isso também nos salvaria do perigo — acrescentou Xena, a águia de gelo, falando com ela pela primeira vez desde que tinham partido.

— Você consegue tentar agora? — perguntou Fênix, levantando-se para olhar a jovem bruxa.

Zenith hesitou.

— Não consegue — disse Xena. — Ela está perigosamente esgotada. Talvez amanhã. Talvez depois de amanhã.

Zenith relaxou o corpo, obviamente aliviada.

Cão rosnou.

— Ainda estamos perto demais dos Jardins de Gelo para o meu gosto. Temos que continuar andando.

— Por quê? — perguntou Fênix, a voz fraca. — O Mestre quer que a

gente espalhe o que aconteceu nos Jardins de Gelo. Por que ele machucaria os próprios mensageiros?

Dizer aquelas palavras em voz alta a deixou enjoada. Cão se aproximou mais e a cutucou de leve com o nariz.

— Deixe que eles descansem — falou Xena, com delicadeza, desviando o olhar de Fênix para observar o grupo inteiro. — Posso patrulhar o céu. Não tem nenhuma cobertura de floresta por quilômetros, não há nada que possa se aproximar de fininho.

Cão concordou, e as bruxas pareceram tão aliviadas quanto Fênix. O chão não era confortável, mas, com o escudo e os feitiços de calor, pelo menos não estavam com frio. Um a um, todos foram caindo num sono inquieto; até Faiscafiada estava enrolado e quieto entre as chamas.

Só Fênix permaneceu acordada, atormentada pelos pensamentos.

E se nunca mais visse Seis?

Widge encostou a pata em sua bochecha, mas nem ele conseguia confortá-la.

A garota deitou de barriga para cima e ficou olhando as estrelas, nítidas e vigilantes, mas que não traziam nenhuma resposta.

Capítulo 57

Cão ficou deitado junto do fogo, observando Fênix se revirar. Sentia a angústia dela, seu arrependimento, sabia que estava pensando em Seis. Queria confortá-la; várias vezes, quase disse alguma coisa, mas parou logo antes de falar, incapaz de encontrar as palavras certas.

A culpa pesava muito sobre ele. Que tipo de Guardião era, para deixar um Caçador novinho em folha ser levado bem debaixo de seu nariz? Por que não lutara até chegar a Seis, arrastando-o das mãos de Vitória com os próprios dentes?

Você estava com medo.

Cão examinou o pensamento com atenção. Era verdade: seu tamanho e sua força nunca garantiram imunidade ao medo. Já *sentira* medo, mas isso nunca o impedira de alcançar seu objetivo. Havia algo mais em jogo.

O Guardião se remexeu, tentando se acomodar no gelo. A barriga ainda estava desagradavelmente fria, apesar dos feitiços de calor da bruxa. Seus sentidos estavam mais aguçados a cada dia, e Cão não tinha certeza se isso era bom: duas semanas antes, poderia ter se deitado no gelo sem sentir nada. Mas isso tinha sido antes da lutra. Torrente tinha dito que o toque da lutra concedia saúde, que curava todos os males. Até o momento, parecia ter feito o oposto: Cão estava mais desconfortável do que em qualquer outro momento de sua longa, longa vida.

Ainda assim, agora sentia gostos. E, quando Fênix e os outros se

sentaram em suas costas, sentiu o calor deles. Nunca experimentara nada parecido; antes, só percebia o peso deles.

Apoiou a cabeça nas patas, estremecendo de leve. Uma delas ainda doía, a que havia machucado quando Morgren morreu. Lambeu a pata, meio sem jeito, e descobriu que isso aliviava um pouco o latejamento. Várias outras dores também pediam sua atenção.

Achava que tinha escondido bem a dor antes, e ainda assim conseguira carregar Cinco, Sete e Fênix até um lugar seguro. Em meio ao choque, ninguém tinha notado que ele desacelerava, como cada passo parecia difícil. Houve alguns momentos em que duvidou que conseguiria seguir em frente.

E lá estava.

A dúvida.

Cão compreendeu, horrorizado, o motivo para não ter tentado recuperar Seis. Dissera a si mesmo, no calor do momento, que não poderia deixar Fênix, Cinco e Sete cercados por tantas criaturas das sombras ao lutar para chegar ao garoto. Mas a verdade era muito pior: não *acreditava* que conseguiria. Chegar até Seis, quanto mais trazê-lo de volta, parecia uma tarefa impossível. Aquela constatação o atingiu como um soco. Nunca tinha questionado a própria força.

Algo dentro dele tinha mudado naquele lago congelado. O medo e a dor tinham sido terríveis e muito fortes e, de alguma forma, juntos, o privaram de sua confiança. Cão se sentira pequeno e fraco. Mas, pior ainda: permitira que esses sentimentos o convencessem de que era pequeno e fraco. E isso era muito, muito mais perigoso.

O que estava acontecendo com ele?

Não conseguiu conter um ganido.

Na mesma hora, Fênix rolou para encará-lo.

— Cão? Você está bem? — sussurrou ela.

Ele só hesitou por um instante antes de mentir:

— Claro — mentiu ele. — Tente dormir um pouco.

Fênix se virou de costas com um suspiro e fechou os olhos com força.

Cão a observou por um momento, o coração repleto de uma ternura que se transformou em uma determinação dura feito pedra. Tinha decepcionado a garota, e muito, mas isso nunca mais aconteceria. Ember estava prestes a ser arrastado para um conflito que provavelmente seria tão cruel quanto a Guerra Sombria. Sua força seria necessária, talvez mais do que nunca. O Pavilhão de Caça contaria com ele, como sempre. Fênix

contaria com ele; porque eram — ele quase tropeçou na palavra — amigos.

Ele era o Glorioso Guardião do Pavilhão de Caça, e nada, nem o medo, nem a dor, nem o toque da lutra, com seus efeitos estranhos, faria com que se esquecesse disso outra vez.

Seria a arma que todos precisavam que fosse.

Cão voltou a lambar a pata dolorida e, embora ainda sentisse dor, seu coração estava muito mais leve.

Capítulo 58

— Eu consigo — anunciou Zenith, no dia seguinte, apoiando a mão nas penas macias e nevadas de Xena. O olhar da águia de gelo para ela era afiado e analisador. — Vou abrir dois portais aqui, um no chão e um no céu. Xena e vamos voar pela janela que Nara deixou em frente ao Beiral, pousar e fazer uma conexão com o portal do chão, para vocês poderem atravessar a pé até mim.

Fênix se forçou a assentir, a dar um sorriso encorajador, apesar da exaustão pesar em seu corpo. Ficou olhando Sete do outro lado da fogueira; a amiga parecia tão mal quanto ela: encurvada e pequena, parecendo que estava quase acinzentada. Apoiava a testa nos joelhos e não mostrava o menor interesse no que as bruxas diziam.

— Tudo isso parece ótimo. — Thea franziu a testa. — Só que você só Emplumou ontem, Zenith. Precisa descansar.

— Se pudesse, descansaria — respondeu Zenith, paciente. — Mas temos que sair daqui o mais rápido possível, para nossa própria segurança, para alertar o Ember do que está por vir. — Ela se virou para Xena com súplica no olhar.

— Concordo — aquiesceu a águia, por fim, abaixando a cabeça cheia de penas para as meninas mais novas. — Precisamos pelo menos tentar. Estarei com Zenith o tempo todo. Se a magia for esforço demais, posso voltar aqui para baixo em segurança.

Fênix olhou para Xena. Na verdade, era difícil tirar os olhos dela. Ontem, aquela criatura não existia. Hoje, estava parada diante deles, um ser vivo, inteligente e consciente. O feitiço de Emplumar era de tirar o fôlego. Xena era a única centelha de alegria que lhes restava — Fênix via como as jovens bruxas a olhavam com admiração, a tocavam como um talismã, um símbolo de esperança em tempos de desespero sombrio.

— Estou com medo — sussurrou Libbet. — Como vai ser esse tal de Beiral?

Zenith engoliu em seco antes de responder:

— Sempre achei lindo nos desenhos. Imagine centenas de casas saindo de uma encosta de penhasco enorme. Não é mágico, mas parece. E... E as bruxas deram penas de águia de gelo de presente para o Beiral fazer seu primeiríssimo par de asas. Nós também ajudamos a construir o galpão de asas acima da aldeia. Espero que sejamos bem-vindas lá, se... se lembrarem essas coisas.

Fênix nunca a vira tão insegura.

Cinco, que não tinha falado uma só palavra a manhã toda, levantou a cabeça e notou o medo no rosto da bruxa.

— Eles vão lembrar — disse ele, baixinho. — Nem que eu mesmo tenha que fazer com que lembrem. Mas vão lembrar.

Zenith assentiu. Ver Cinco falando de novo deixou o coração de Fênix ficou um pouco mais leve.

Quando se voltou para Zenith outra vez, viu um sussurro de silencifala deslizando dos lábios da bruxa. O ar à frente dela ondulou, então ficou imóvel, parecendo igual a antes.

Fênix ficou olhando, em dúvida. Será que o feitiço tinha funcionado?

— Só vai abrir quando eu conectar no Beiral do outro lado — explicou Zenith, notando seu olhar de dúvida enquanto subia nas costas de Xena.

— Desejem-me sorte — adicionou, enquanto a águia de gelo abria as asas.

— Você precisa? — perguntou Fênix, um medo nascendo de repente. Então, mais do que depressa: — Boa sorte!

— Fiquem tranquilos — falou Zenith, subindo para o céu. — Vejo vocês no Beiral.

Em silêncio, o grupo observou as duas subirem bem alto antes de se virar e...

— Elas sumiram — arquejou Thea.

— Funcionou! — chiou Libbet, se balançando nas pontas dos pés.

Cão e Fênix trocaram olhares, e ela desviou o rosto, andando de lá para

cá em frente ao que restava do fogo, com Widge apoiado em sua bochecha.

Os minutos foram se passando, e a tensão da espera cresceu. Fênix ficou olhando o Oceano Infundo, tentando não notar o suor que brotava nas palmas, o coração se acelerando no peito.

— Quanto tempo levaria para ela achar um lugar onde pousar? — sussurrou Thea. — Talvez demore um pouco?

O medo de todos já era palpável.

— Temos que dar uma chance a ela — disse Cão, muito calmo, mas Fênix notou que ele tremia de preocupação. — Ela talvez precise de um tempo para se recuperar antes de tentar o feitiço de novo.

Thea logo assentiu.

— É verdade.

Fênix voltou a andar de lá para cá, mantendo o foco firme em seus pés, qualquer coisa para se impedir de pensar em tudo o que podia ter dado errado.

Foi Cinco quem notou primeiro.

— Olhem! — gritou, se levantando de um salto, apontando.

Algo se movimentava onde Zenith fizera seu feitiço, uma distorção que ondulava e rodopiava como uma xícara de chá mexida com colher. Uma luz começou a vazar daquele espaço; em seguida, estavam olhando uma janela de luz do dia perfeitamente redonda, o chão cheio de pedras cobertas de neve e, mais além, finas eram visíveis.

E Zenith. Ela apareceu na janela, cambaleando de leve, mas quase reluzindo de satisfação.

Fênix voltou a respirar com um enorme alívio. Apesar de tudo o que tinham sofrido, deu um sorriso.

Alguns momentos depois, estavam todos parados na encosta da montanha abaixo do Beiral, tomados pelo cheiro de tomilho, frouxos de alívio, e Zenith fechava os dois portais mais atrás. O grupo ficou parado em silêncio, as bruxas maravilhadas com a luz do dia e o fato de que a terra ali tinha formas, ao contrário dos Desertos, que eram planos.

— Se vocês gostaram disso aqui, vão amar a vista lá de cima do Beiral — comentou Cinco; era impossível ignorar o encanto de Libbet.

— Vamos — chamou Cão, guiando o caminho. — Temos que encontrar Gear o mais rápido possível. Talvez não tenhamos muito tempo para preparar os clãs, e não vai ser tarefa fácil.

A urgência na voz dele botou todos para andar.

— Pelo menos de uma coisa Gear vai ficar orgulhoso — comentou Cinco, os punhos cerrados. — Escolhi meu nome de Caçador.

Fênix levou um susto e se virou para encará-lo.

— Sério?

— Espinho — anunciou, curto e grosso.

— Não entendo...

— Vou ser um espinho para deles — explicou o garoto, com uma expressão sombria. — Vou fazer com que desejem nunca sequer ter olhado para nós. Nunca ter levado Seis...

Com o coração apertado, Fênix comprimiu os lábios para se impedir de falar. Há alguns meses, teria dito que era o nome perfeito para Cinco, mas, agora, o conhecia melhor. O amigo *tinha mesmo* um lado afiado e difícil, mas era tão mais do que isso. Aquele era um nome escolhido na agonia da perda: não lhe fazia justiça.

— Vamos trazer ele de volta — declarou Cinco, ou Espinho. Sua voz estava firme, os punhos, cerrados. Ele assentiu para si mesmo. — Temos a magia dos Jardins de Gelo em Zenith, temos a sua magia elementar. Vamos reunir os chefes dos clãs, vamos *forçar* todos a trabalharem juntos, para variar, pelo bem de todos. — Ele levantou a cabeça. — E temos Cão, claro. Ele é invencível.

Fênix pensou ter visto o Guardião se encolher, mas, um momento depois, teve certeza de ter imaginado; Cão continuava enorme, forte e poderoso como sempre. Mas as memórias do ganido e de vê-lo lambendo a pata a atormentavam: nunca o vira fazer nada parecido. Mas olhando agora, com mais atenção, teve certeza de que estava tudo bem.

Cão rosnou baixinho.

— Você tem razão de ter esperança, Cinco. — Ele se sacudiu. — Quer dizer, Espinho. O Mestre tem um poder inegável. Mas, se conseguirmos unir os clãs, tudo é possível.

Essas palavras atravessaram Fênix como um bálsamo e, pela primeira vez desde que destruía a Fissura Sombria, sentiu a esperança nascendo.

Cão a mirou com olhos gentis.

— Não foi culpa sua — disse ele, com firmeza, como se pudesse ler seus pensamentos confusos. — Você não sabia o que era a Fissura Sombria. Ninguém sabia.

Fênix engoliu em seco, sem conseguir olhá-lo nos olhos. Quem dera conseguisse se convencer a acreditar naquilo. Ainda assim, o grãozinho de esperança dentro dela cresceu, se fortaleceu. Não era o fim; aliás, era só o

começo. O Mestre tinha se revelado, mas ainda não tinha vencido. Longe disso. Fênix ainda teria a chance de corrigir seus muitos erros.

— Unir os clãs — disse ela, baixinho, meio ofegante com a subida rumo ao Beiral. — Só precisamos superar milênios de ódio e preconceito.

Espinho fez que sim.

— E talvez só tenhamos algumas semanas para isso. — Um sorriso surgiu no rosto dele pela primeira vez desde que haviam abandonado Seis. — A gente gosta mesmo de um desafio.

— Gosta, sim. — Fênix sorriu de volta, o coração ficando ainda mais leve de ver que o amigo também tinha esperança. Segurou a mão dele, apertou de leve e completou, num sussurro: — E *vamos* trazer Seis de volta.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Cinco, e ele retribuiu o gesto com outra apertadinha da mão.

— Vamos.

Acima, Faiscafiada voava veloz para frente e para trás, observado por Cão. O ar estava muito imóvel, e os primeiros sons do Beiral desceram fluando até eles: gritos de espanto quando Xena levantou voo de novo. Na frente de Fênix, iam Zenith, Thea e Libbet, de braços dados, vibrando de luto, medo e empolgação.

Só Widge parecia desanimado. Estava sentado de costas no ombro de Fênix, olhando o lugar de onde tinham vindo, a cauda pendendo, murcha.

— O que foi, Widge? — perguntou, olhando para trás, confusa.

Então franziu a testa. Parou.

Um pânico se assomou.

— Cadê a Sete?

Capítulo 59

O portal se fechou.

Sete permitiu que o Véu caísse de cima dela, a magia se esvaindo no vento dos Desertos. Aprendera esse feitiço e alguns outros na biblioteca nos Jardins de Gelo, mas não tinha percebido o quanto seria desgastante usá-lo de verdade. Foi tomada por uma onda de tontura, fechou os olhos e engoliu em seco. Fênix quase conseguira vê-la, quase se lembrara dela, e tinha precisado investir tudo no feitiço de invisibilidade para ficar escondida, esquecida.

Agora estava sozinha. Uma brisa gelada envolveu seus pulsos e tornozelos, levantou seus cabelos, então os soltou. O silêncio era esmagador.

O que tinha feito?

O que você sempre soube que teria que fazer!

Sete forçou os olhos a se abrirem, forçou-se a repassar os acontecimentos recentes.

O exército das sombras chegara exatamente quando ela esperava. Fênix fechara a Fissura Sombria, exatamente como tinha previsto. Então o Mestre tentara pegá-la, como sabia que aconteceria. Sete passara dias se preparando para aquele momento, comendo grandes quantidades de folha de érebo do armazém de ingredientes para entorpecer sua Visão. Quando ele a tocou, parecia fraca, quase sem poder, com certeza não o suficiente

para ajudá-lo a conquistar o Ember.

Mas, em vez disso, o Mestre levava seu irmão. Depois de todo aquele planejamento cuidadoso, como não tinha visto isso?

Foi dominada pelo pânico. Como deixara passar algo tão grande?

A resposta era óbvia: os Caminhos eram diabolicamente complexos, impossíveis de navegar por inteiro. Tinha se concentrado naquele que parecia ser o mais importante: o de Fênix. Nas últimas duas semanas, não conferira o Caminho do irmão uma única vez.

Preguiçosa. Descuidada.

Estava até com medo de olhar para os Caminhos naquele momento, com certeza estariam irreconhecíveis. Continuavam lá, como sempre, no limite de sua visão. Bastava um leve ajuste para alcançá-los, um redirecionamento do olhar, uma mudança de atenção, um passo para o lado. E, de repente, não estava mais nos Desertos Congelados, e sim na paisagem complicada e sempre mutável do destino.

Uma multitude de Caminhos se estendia para longe dela, cruzando uns com os outros, circulando, alguns se fragmentando, formando um caleidoscópio em um oceano de possibilidades.

Sete girou... então franziu a testa. Tudo parecia igual.

Piscou algumas vezes, balançou a cabeça, então afastou a confusão e procurou seu próprio Caminho. Parecia inalterado: ainda era uma trilha perigosa e estreita escavada na encosta de uma montanha impossivelmente íngreme. Reuniu coragem e seguiu pela trilha, tremendo e tropeçando conforme a via ficava cada mais íngreme e estreita. Imagens do futuro reluziam como relâmpagos sobre seus olhos.

Uma cachoeira na lua cheia.

Uma praia de cascalho negro, bem no subsolo.

Fileiras de guerreiros em silêncio, olhares aterrorizados sondando a escuridão vigilante.

Sete engoliu em seco. Como sempre, seu Caminho a deixava petrificada. Mas era o mesmo que tinha visto antes, inalterado pelo fato de seu irmão ter sido levado. Como poderia ser? Como o irmão podia ter ido embora, mas seu Caminho permanecia o mesmo?

Olhou com mais atenção, seguiu seu Caminho até ter certeza: tantos pontos de perigo, tantos lugares para cair.

As coisas que precisaria fazer.

Mas eram as mesmas coisas que sempre soube que teria que fazer.

Suas unhas esculpiram luas crescentes nas palmas das mãos, e ela se

afastava dos Caminhos e voltava para os Desertos.

Por um longo tempo, ficou imóvel, tentando compreender o que vira. Seu Caminho continuava claro, como sempre esteve. Seu destino era o mesmo.

Mas, se não vira o próprio irmão ser levado, o que mais poderia ter passado despercebido? De repente, tudo parecia impossível, seu plano vasto e frágil balançando no fio da navalha mais afiada, puxado de lá para cá por forças que não conseguia enxergar por completo.

Seu caminho está claro. Você sabe o que deve fazer agora, para onde deve ir.

Mas o que dizer de seu irmão, o que restava de sua família, aquele que sempre estivera ao seu lado, protegendo-a?

Sete ouvia as ondas batendo contra o penhasco, o sussurro do vento que gelava a alma. Ainda conseguiria seguir com aquilo? Mesmo agora? Mesmo com Seis tendo sido levado, mesmo com sua fé em si mesma tão intensamente abalada?

Não havia escolha: *tinha* que seguir em frente; era o único Caminho que existia.

Então faça um novo Caminho!, o pensamento angustiado surgiu dentro dela como um grito, e Sete fechou os olhos, tentando recuperar a coragem.

Ela se manteria fiel ao plano frágil e impossível. Faria o que precisava ser feito. Se não...

Sete estremeceu, se encolheu no próprio abraço e começou a andar.



Agradecimentos

Dizem que é difícil escrever um segundo livro, e este aqui com certeza parece comprovar que é verdade. Um agradecimento muito especial ao meu marido, Ben, e à minha agente fantástica, Claire, que me orientaram durante o primeiro rascunho desastroso e me convenceram de que eu ainda sabia escrever. Não sei o que seria de mim sem vocês!

A série *Nascida do fogo* é abençoada com equipes tão dedicadas de cada lado do Atlântico. Muito obrigada aos meus editores fantásticos: Nick, Kristen e Megan, cujas percepções melhoraram a história imensamente. A todos das equipes de Marketing, Relações Públicas, Design e Direitos Autorais: um enorme obrigada por tudo o que fazem para ajudar a série a encontrar seus leitores. Um agradecimento especial a Tina Mories, que todo dia é simplesmente genial.

Obrigada a Sophie Medvedeva pela arte maravilhosa de capa e das ilustrações de miolo.

Muito, muito obrigada a todos os livreiros, bibliotecários, professores e blogueiros de livros que defenderam e continuam defendendo esta série continuando fazendo isso. Vocês são maravilhosos.

A todos os amigos e familiares que me apoiaram durante os altos e baixos de escrever em uma pandemia, sou eternamente grata e valorizo cada um de vocês. Agradecimentos especiais a Jo, Claire, Miguel, Laura, Dashe e Annabel, que leram os primeiros rascunhos desta história e deram

um feedback inestimável.

Editei este livro em Sidney, onde tive a incrível sorte de conhecer um grupo maravilhoso de escritores. Obrigada a Roger, Triona, Beth, Tom, Erik, Jesse e a toda a equipe de Marrickville por me receberem com tanto carinho.

Por último, mas não menos importante, obrigada a você, caro leitor, cara leitora. Tem sido uma jornada e tanto, mas ainda temos mais caminho a percorrer... Espero que você se junte a mim e a Fênix para o terceiro livro.



JENNIFER BLAU

AISLING FOWLER nasceu em 1985 e queria ter crescido em um mundo mágico, mas foi criada em Surrey à base de livros e Buffy: a Caça-vampiros. Ela é bacharel em Biologia e trabalhou como cuidadora e enfermeira antes de escrever a série Nascida do fogo, A Floresta Congelada foi seu primeiro livro. Ela mora em Hackney e, quando não está escrevendo, ama cozinhar e planejar aventuras (para si mesma e para seus personagens fictícios).